

CPAD

Silas Daniel

A Sedução das Novas Teologias

O perigo por trás de modismos como Igreja Emergente, Teologia Narrativa, Teísmo Aberto, Teologia Quântica, Ortodoxia Generosa e Evangelho da Auto-Ajuda

Silas Daniel

A Sedução das Novas Teologias

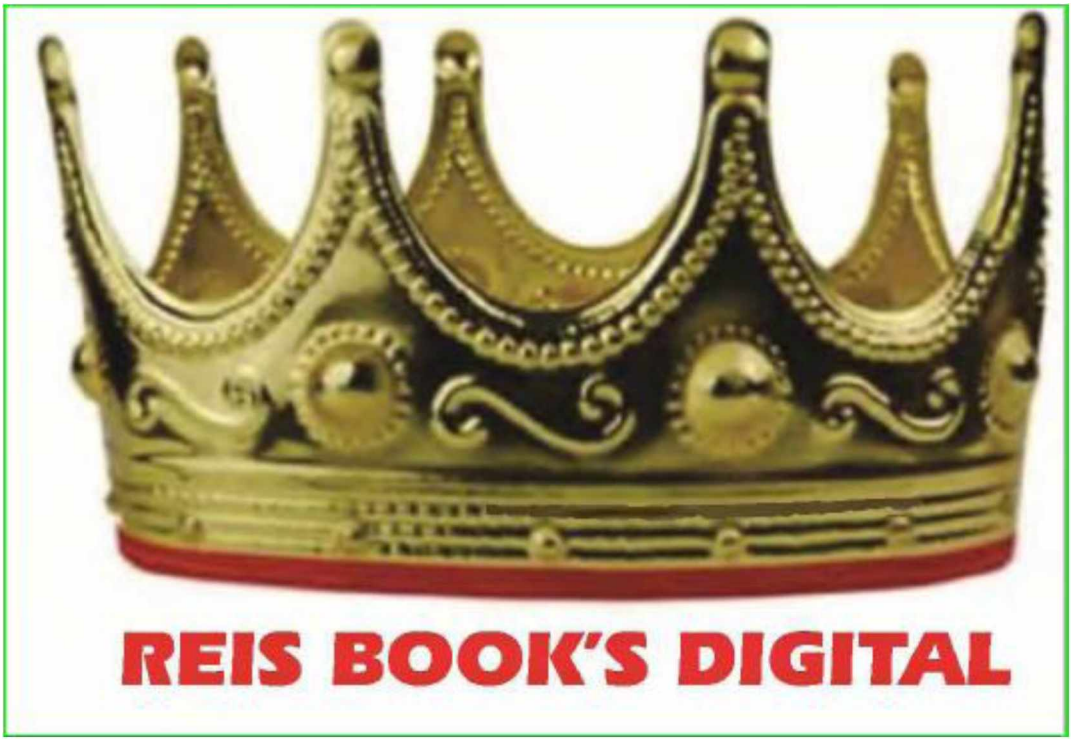
O perigo por trás de modismos como Igreja Emergente, Teologia Narrativa, Teísmo Aberto, Teologia Quântica, Ortodoxia Generosa e Evangelho de Auto-Ajuda

1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro

Digitalização



Edição



Todos os direitos reservados. Copyright© 2007 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais e revisão: Ciro Sanches Zibordi e Silas Daniel Capa: Rafael Paixão
Projeto gráfico e Editoração: Natan Tomé

CDD: 239- Apologética Cristã ISBN: 978-85-263-0894-7

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995 da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-21-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1ª edição/2007

A todos os verdadeiros bereanos (At 17.11), que como o salmista exclamam: "Oh! Quanto amo a tua Lei! E a minha meditação em todo o dia!" (Sl 119.97).

Apresentação

Vivemos numa época de modismos em todos âmbitos: da pregação, do louvor congregacional e da te ologia infelizmente, não é somente nos púlpitos — o que já é gravíssimo —que as doutrinas falsificadas têm sido propagadas. Elas também tem vindo de onde nunca deveriam advir: dos institutos teológicos, dos quais deveria emanar somente a verdade. Os sem seminários estão para a igreja assim como os mangues estão para o mar. E. se o problema está no nascedouro, como serão esses "peixes"

Em *A Sedução das Novas Teologias,* o autor define e refuta boa parte das teologias pós-modernas. demostrando que o verdadeiro cristianismo não se rende ao espírito do nosso tempo, o qual abarca filosofias anti-bíblicas e anti-cristãs, como a relativização dos valores morais, a aversão a instituições e o hedonismo. Tais pseudo-teologias, baseadas em argumentações meramente racionais são apresentadas com novas roupagens, como é o caso da Igreja Emergente e seus enganosos pressupostos.

A Igreja Emergente nasceu no final do século XX e começa a flo- rescer agora, no início deste milênio. Um dos principais proponentes dessa "nova teologia", o "pastor" americano Dan Kimball — autor do livro *The Emerging Church: Vintage Christianity for New Generations*, editado nos EUA pela Zondervan —. prega a necessidade de uma nova compreensão do evangelho e da espiritualidade, e de uma nova teologia, com uma nova abordagem da Bíblia. Tudo é "novo", diferente, sofisticado, contextualizado...

Mas não nos esqueçamos do que diz a Palavra de Deus: "Se alguém ensina alguma outra doutrina e se não conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com a doutrina que é segundo a piedade, é soberbo e nada sabe, mas delira acerca de questões e contendas de palavras..." (1 Tm 6.3,4).

No texto bíblico acima, chama-me a atenção a expressão "outra doutrina", que denota outra doutrina mesmo, dessemelhante (gr. *heteron*), diferente da verdadeira. Quando Jesus falou do "outro Consolador", em João 14.16, o termo diz respeito a "outro" (gr. *allon*) do mesmo nível, semelhante. O termo *heteron* também ocorre em Galatas 1.6, quando o apóstolo Paulo, inspirado por Deus, se refere a "outro evangelho".

Precisamos atentar para textos como Atos 20.30 e 2 Pedro 2.1. Igrejas, seminários, editoras, pastores, teólogos, escritores "evangélicos", surgidos "entre nós mesmos", introduzem sorrateiramente heresias de perdição na igreja evangélica. Infelizmente, o evangelho emergente tem sido a "salvação" dos cristãos sem igreja, desiludidos, generalistas, insatisfeitos com as denominações e revoltados contra o que chamam de legalismo.

Julgando-se superiores aos "legalistas", esses — que são sim uma espécie de desviados (cf. 2 Pe 2.21) — vivem à margem do cristianismo organizado e rejeitam qualquer título denominacional. Eles querem ter liberdade para fazer a sua própria teologia, livres de todo tipo de "legalismo" e "ortodoxia inflexível". Como se vê, o problema dos emergentes é que eles estão imergindo, sofrendo naufrágio na fé, posto que embarcaram numa canoa furada. Que Deus nos ajude a nos mantermos no grande navio da salvação, seguindo ao verdadeiro evangelho (1 Co 15.1,2; G1 1.8). E que esses imergentes venham à tona antes que seja tarde demais...

Silas Daniel trata das "novas teologias" com muito equilíbrio. Ele combate, sim, a falsa contextualização pregada por Kimball e seus imergentes, mas também deixa claro que é necessária, nesses últimos dias, uma contextualização saudável. Afinal, até Jesus se contextualizou! Ele se valeu de elementos do dia-a-dia para ilustrar suas pregações, falando diversas vezes por parábolas. O que é contextualizar de maneira sadia? E modificar levemente a forma de apresentação da mensagem cristã, sem alterar o seu conteúdo.

A contextualização em si não é um erro, e sim uma necessidade

(1 Co 9.22). No entanto, o autor desta obra faz um alerta: "O grande perigo da contextualização está justamente na má influência da teologia liberal, ainda em voga em nossos dias". E os liberais — que, sem dúvidas, seguem ao grande teólogo Lúcifer, também conhecido como Diabo — vêem na contextualização uma ótima oportunidade para incutir na consciência dos evangélicos os seus princípios destruidores. Oh, Senhor, proteja-nos desses "ministros da justiça", discípulos do "Anjo de luz" (2 Co 11.13-15).

Você já ouviu falar da Ortodoxia Generosa? Trata-se de uma ortodoxia que, na verdade, é uma grande heterodoxia! Não entendeu? Bem, há um exemplo que dirimirá qualquer dúvida, contido em 1 Pedro 2.2: "desejai afetuosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional, não falsificado, para que, por ele, vades crescendo".

Enquanto eu escrevo este prefácio, o Brasil vive a chamada crise do leite. Marcas famosas, como a Par... Ops! Bem, não vem ao caso citar as empresas que estão sendo acusadas de pôr no mercado leite falsificado, que contém soda cáustica, água sanitária, etc. Pobres das nossas crianças e dos cidadãos da melhor idade, os que mais precisam de um puro leite!

Mas, você sabia que o Diabo tem uma grande empresa de leite falsificado? É claro que ele também produz e distribui leite falso (que é diferente do falsificado), para atender aos descrentes. Para os evangélicos, ele fornece, com grande facilidade de pagamento, o Generosolat, um leite aparentemente saudável, porém cheio de rebeldia à ortodoxia bíblica, questionamentos à inerrância da Palavra de Deus e outros ingredientes destruidores da fé.

Os "emergentes" — principais consumidores desse leite adulterado — se dizem seguidores da Palavra de Deus. porém afirmam que a teologia cristã deve ser flexível, e a Bíblia relida e reinterpretada... O Ministério do Espírito adverte: "Leite falsificado faz mal à saúde espiritual e impede o crente de crescer, tornando-o um contextualizador, generoso ao extremo". Por isso, tais "emergentes", conquanto anões espirituais, podem estar avançando a passos largos para o Inferno.

E os cultos das igrejas emergentes? Ah, estes são uma festa! O autor desta obra denuncia que as aludidas igrejas "não têm uma postura doutrinária definida ou uma exposição doutrinária definitiva, até em relação às doutrinas bíblicas fundamentais. Praticamente, os únicos

pontos sólidos em seu pensamento são a existência de Deus e a salvação por meio de Jesus, e neste último ponto ainda há muita contradição, truto de sua tendência ecumênica". Viu o que o Generosolat faz? Cuidado!

Outra indústria de leite falsificado é a Relacionalat, que produz o Teísmo Aberto (ou Teologia Relacional), um dos modismos teológicos que mais crescem em seminários, publicações, igrejas e púlpitos. Muitos têm consumido esse leite adulterado sem perceber, confiando cegamente em seus produtores, que pensando ter uma mente privilegiada, vêm sendo influenciados pelo dono do grupo que abarca todas as indústrias de leite falsificado, o Diabolat.

O autor deste livro explica por que e como surgiu essa "nova teologia": "O Teísmo Aberto surgiu em meio ao debate entre duas correntes teológicas: o arminianismo e o calvinismo. Na ânsia de defender o arminianismo, alguns teólogos, líderes e pensadores evangélicos descambaram para essa teologia liberal, que não honra a Deus nem a Bíblia, e têm influenciado muitos com seu discurso". Como se vê, é perigoso ser excêntrico, isto é, estar fora do centro. A Palavra de Deus não apóia nem o predestinalismo elitista e fatalista nem o que está na outra extremidade.

Também adepto da teoria do aniquilamento ou esvaziamento, o Teísmo Aberto baseia-se em passagens fora de seus contextos, como Filipenses 2.7. Aqui, a Palavra de Deus afirma que Jesus "aniquilou- se a si mesmo" (gr. *heauton ekenosen),* mas os defensores da teoria em apreço interpretam essa frase de maneira errada. Para eles, a *ekenosen* não se deu como diz a Bíblia e ela ocorreu não apenas na encarnação de Cristo, e sim ao longo da História, como nos casos dos "arrependimentos de Deus". Bem, vou parar esse assunto por aqui... Leia este livro para saber por que a Teologia Relacional é falaciosa.

O autor também menciona a Teologia Quântica. Você sabe o que é isso? Não?! Então não pode deixar de ler este tratado de falsas teologias. Neste você verá como a aplicação distorcida da ciência é prejudicial à teologia (1 Tm 6.20). Sabia que, hoje, certos teólogos — que se estribam em seu próprio entendimento — questionam inquestionáveis atributos exclusivos da deidade, como a onipresença?

Bem, são muitas as falaciosas teologias que, qual leite contami-

nado, prejudicam o crescimento dos crentes e, em última análise, os levam à morte espiritual. E o caso também do evangelho da autoajuda, em que o homem é centro das atenções. Isso, em filosofia, é chamado de antropocentrismo. Daí esse desvio também ser chamado de teologia antropocêntrica, cuja denominação em si já é contraditória. Como estudar a Pessoa Divina valorizando-se ao extremo a pessoa humana?

Mas essa aberração teológica faz com que os crentes sigam a um deus que mais se parece com o Papai Noel do que com o Senhor dos senhores, a quem devemos servir, haja o que houver. Os pastores, quais *elfos*, começam o culto (culto?) perguntando: "Quantos vieram buscar uma bênção?" E os "recém-nascidos" espirituais bebem desse leite falsificado, sem se aperceberem de que, a cada dia, ficam mais vulneráveis aos ataques do Maligno.

Louvo a Deus porque ainda há um grupo de pregadores, ensinadores, escritores e articulistas que não se deixaram seduzir pelas falsas teologias em apreço. Não estamos sozinhos, caro leitor! Nós podemos fazer a diferença. "Não deixe amordaçarem a sua fé", diz o autor desta obra. Não aceitemos a intolerância dos "tolerantes", que chamam de legalistas os crentes que procuram andar segundo a Palavra de Deus. Eles zombarão de nós; chamar-nos-ão de "fundamentalistas cristãos". Mas não abra mão das verdades eternas.

Junte-se a Silas Daniel, a este prefaciador, ao apóstolo Paulo e a todos os defensores do evangelho de Cristo. E não tenhamos medo de combater o erro, pois "... já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?" (1 Pe 4.17).

Ciro Sanches Zibordi
Editor de Obras Nacionais da CPAD

sumario

Dedicatória *05*

Apresentação *07*

Fé sobre o promontório *15*

Parte I — Teologias pós-modernas: o cristianismo que se rendeu ao espírito de nosso tempo 19

1 - Fervidos em fogo brando 21

2 ..... - A Igreja Emergente e seus pressupostos enganosos 29

3 ..... - A Teologia Narrativa e a desconstrução da Bíblia 75

4-0 que é uma contextualização saudável? 95

5 - Ortodoxia Generosa: novo nome para heterodoxia 105

6 - Teologia Quântica: aplicação distorcida da ciência à reflexão teológica 139

7 - Teísmo Aberto: alternativa sadia ou heresia? 155

8 - Os erros de interpretação da chamada Teoria de Kenosis. 177

9 - A falácia do evangelho da autoajuda 183

10 - Princípios para uma reflexão teológica sadia 191

Parte II — Confrontando o fundamentalismo liberal 205

12 - Não deixe amordaçarem a sua fé 207
13 - A intolerância dos "tolerantes".....217
14 — Não tenha medo de ser taxado de "fundamentalista cristão".....227
15 - Só uma fé engajada e sob o poder do Espírito Santo pode impactar a sociedade.....235

Apêndice 1.....253
Apêndice 2.....269
Apêndice 3.....273
Apêndice 4.....277
Apêndice 5.....289
Apêndice 6.....295

Fé sobre o promontório

Você já ouviu falar de promontório?

Promontório é uma ponta de terra elevada que avança para o mar. É aquela formação rochosa que invade as águas, às vezes como um grande dedo apontado para cima e sobre o qual as pessoas podem ficar olhando o horizonte com a brisa do oceano a acariciar o seu rosto.

Uma pessoa no cume de um promontório é uma cena clássica que ilustra bem alguém que vive em um momento crítico ou de profunda reflexão; alguém que está encurralado, que não tem mais para onde ir, mas que, por outro lado, tem o infinito diante de si, representado pelo imenso mar diante de seus olhos. Não é à toa que muitas pessoas do passado faziam suas preces e adoravam em promontórios. O cenário é inspirador.

Mas, porque começar este livro sobre o perigo de novas teologias evocando a imagem do promontório? A razão é simples: ela tem tudo a ver com o momento que o cristianismo está atravessando em nossos dias.

Vivemos, no Brasil e no mundo, um período histórico que nos remete a uma situação limite. Estamos inseridos em uma conjuntura que exige dos cristãos hodiernos uma profunda reflexão e uma atitude concreta de retorno às raízes da genuína fé cristã.

Quais são os elementos que têm levado o cristianismo no Ocidente ao "topo do promontório", ou seja, a essa situação limite?

Do lado de fora, o fundamentalismo liberal, que tenta varrer a todo custo a influência cristã na sociedade. Do lado de dentro, além dos modismos neopentecostais, o avultamento do liberalismo teológico camuflado por um discurso

pós-moderno que apresenta uma espiritualidade aparentemente mais sadia, mais coerente e mais honesta.

As teologias pós-modernas têm seduzido muitos cristãos sinceros que, frustrados com o avanço das bizarrias neopentecostais e com a incoerência teológica e comportamental de muitos evangélicos, acabam tentados a ver essas novas teologias como uma alternativa sadia. Não percebem que, ao abraçá-las, estão esquivando-se de uma patologia para cair em outra. Enquanto isso, o verdadeiro avivamento continua distante.

Por todos esses fatores, o cristianismo no Ocidente está em um promontório. O que não significa o fim da linha. Essa situação limite pode culminar, dependendo de nossa reação diante dela, em uma total derrocada espiritual ou em um avivamento. Pode resultar em um avivamento genuíno ou em um cristianismo totalmente morto, posto que esvaziado do seu verdadeiro conteúdo.

Alguém que é arrastado a um promontório possui diante de si apenas duas opções: render-se no topo do promontório ou mergulhar; entregar-se ou saltar para perfurar a superfície das águas em busca de saída e profundidade. Assim, o que parecia ser o fim tornar-se-á o começo.

Essas crises por que passam o cristianismo em nossos dias não devem nos levar a capitular, mas, sim, nos impulsionar ao oceano que sempre esteve à nossa disposição e que talvez só agora chama a atenção de alguns cristãos, se tornando uma urgência para eles.

Como já foi repetido tantas vezes na História, a crise é ao mesmo tempo uma oportunidade. Se estamos chegando ao que parece ser o "fim da linha", por outro lado, há o infinito diante de nós. O promontório, repito, significa que o fim de algo pode ser o começo de outro muito maior. Pode ser o início de um avivamento.

O oceano está diante de nós!

Se, infelizmente, alguns cristãos já cederam às pressões do fundamentalismo liberal ou caíram no canto de sereia das neoteologias, estando hoje ou amordaçados ou iludidos por miragens que se fazem passar pelo verdadeiro evangelho, ainda há, porém, outros cristãos que não se renderam e lutam bravamente contra as mordaças do mundo e as teias liberais. Estes sabem que, mais do que nunca, é hora de enfatizarmos a necessidade de um retorno genuíno às bases bíblicas da fé cristã. A crise nos arrasta em direção ao oceano.

Precisamos refletir sobre a efetividade da influência dos valores cristãos na sociedade de hoje. Devemos também nos precaver contra as armadilhas deste século que tentam ou emudecer ou distorcer o testemunho cristão,

transformando-o cm algo "inofensivo", subjugado pelo espírito do nosso tempo; e buscarmos mais de Deus por meio de Sua Palavra. Para isso, é preciso identificarmos os nossos problemas, pois só depois do diagnóstico, podemos aplicar a cura; só depois de desfeitos os grilhões, podemos saltar em busca de profundidade. Quem mergulha amordaçado e agrilhoado encontra a morte, mas quem mergulha sem grilhões encontra a liberdade do oceano.

Este livro é um convite à reflexão e ao avivamento. É um convite para que os cristãos de nossos dias não negociem seus valores, seus princípios e sua fé, pois "a vitória que vence o mundo é a nossa fé" (1 Jo 5.4); e um convite também para que nos joguemos nos braços de Deus sem reservas, clamando por um autêntico mover de Deus em grande escala, posto que nenhum cristão conseguirá impactar a sociedade sem o engajamento necessário somado a um derramamento genuíno do Espírito Santo.

É hora de mergulharmos em busca de profundidade.

Lancemo-nos em busca de mais de Deus à luz da Bíblia, de relevância e de avivamento. Em nome de Jesus.

TEOLOGIAS PÓS-MODERNAS:

O CRISTIANISMO QUE SE RENDEU AO ESPÍRITO DO NOSSO TEMPO

CAPÍTULO 1

Fervidos em Fogo Brando

A comunidade cristã de nossos dias está cercada por um redemoinho de mudanças que tiveram seu nascedouro no século passado c estão sendo radicalizadas nas últimas duas décadas, sendo-nos impostas sob a bandeira da pós-modernidade. Essas mudanças as quais me refiro são apresentadas como "demandas de nossa época", "necessidades inescapáveis de nosso tempo" e, infelizmente, têm seduzido muitos cristãos incautos em sua reflexão teológica.

Para entendermos que "demandas" são essas que estão influenciando perniciosamente a teologia e desfigurando o evangelho, precisamos antes entender o que é a pós-modernidade.

A pós-modernidade é difícil de se definir. Alguns datam seu início no final do século XIX e outros o colocam entre o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da década de 50. Uns acreditam que o que chamamos de pós-modernidade é um rompimento total com a Modernidade, assim como a Modernidade

foi o rompimento com os princípios que nortearam a Idade Média. Outros, porém, crêem que a pós-modernidade não é um rompimento completo com os princípios da Modernidade, mas, sim, a radicalização de alguns desses princípios, ou seja, um desdobramento radical da Modernidade.

Seja como for, fato é que estamos atravessando uma fase da História com nuances particulares. Disso ninguém tem dúvidas. Ademais, particularmente creio - e não só eu, mas boa parte dos cientistas sociais de nossa época - que a segunda posição é um pouco mais coerente; ou seja, que a distinção entre a Modernidade e essa nova fase. batizada de pós-modernidade, reside basicamente, não em uma dissociação absoluta entre elas, mas, sim, na ânsia que a pós-modernidade tem de radicalizar alguns pressupostos nascidos e gestados na Modernidade. Há rompimentos claros, mas há mais radicalizações do que rompimentos. Há desencantos e rupturas, mas nem tudo é descontinuidade.

A pós-modernidade, como define a maioria dos teóricos, é caracterizada tanto por uma anti-modernidade quanto por uma sobre-modernidade. Ela tanto rompe com algumas idéias modernistas (como a utopia de que o progresso tecnológico, científico e industrial é garantidor de um mundo melhor) quanto procura valorizar algumas das conquistas modernistas, propondo a elas apenas um desdobramento maior, um passo a mais. Aliás, o termo "pós" indica tanto continuidade como descontinuidade. "Pós" não significa necessariamente "anti".

Por exemplo, se na Idade Média o centro era supostamente Deus (digo supostamente porque, na verdade, como sabemos, era a religião) e na modernidade o centro passou a ser o homem (teocentrismo substituído por antropocentrismo), na pós-modernidade o centro passou a ser "qualquer coisa, menos Deus". Ou seja, a pós-modernidade foi mais além com os pressupostos da modernidade, aumentando o abismo entre a sociedade e os valores judaico-cristãos (que já haviam sido tirados do centro pela onda modernista). Ela deu um passo a mais em relação àquele que a Modernidade já tinha dado. E com esse passo, é importante que se diga, alargou a sensação de falta de sentido na existência, já que os valores utópicos (antropocentrismo), que já tinham substituído os valores absolutos (teocentrismo), dão lugar agora à indefinição de valores.

Não é à toa que já constatava o escritor francês e crítico cultural André Malraux (1901-1976) antes de falecer: "Nossa civilização é a primeira na história que à pergunta A vida tem um sentido?' responde 'Não sei'" *(Deus é necessário?,* Roger Garaudy, Jorge Zahar Editor).

RELATIVIZAÇÃO, AVERSÃO A INSTITUIÇÕES, DESCONSTRUÇÃO E HEDONISMO

Nessa esteira ideológica de nossa época, as quatro palavras-chave ou palavras de ordem são: relativização, aversão frustração (em relação às instituições), desconstrução e hedonismo.

A relativização dos valores e dos dogmas *é* um princípio basilar pós-moderno, a ponto de a afirmação "Tudo é relativo ter se tornado, contraditoriamente, o único dogma não relativizável.

A frustração e a aversão cm relação a tudo o que se apresenta como institucional , oficial e organizado formam outra tendência comum. As pessoas confiam cada vez menos nas instituições. sejam elas o Estado ou igrejas, e os institutos morais também estão sendo atacados. virou moda a ideia de desconstrução ou fluidificação de absolutos de sentidos e de valores.

Como consequência de tudo isso. chegamos à quarta palavra-chave: o hedonismo, que é a crença de que o prazer é o maior fim da vida, o maior bem da existência. Essa filosofia tem se tomado o único padrão ético de nossos dias.

O IMPERIO DO ETHOS HEDONISTA

Devido à relativização, à frustração e à desconstrução, o axioma da humanidade passa a ser a orientação do gato à pequena Alice, no clássico *Alice no País das Maravilhas*, do inglês Lewis Carroll: "Quando não se sabe para onde ir, qualquer caminho serve".

Mas, você há de convir que, mesmo nessas condições, deve haver um padrão mínimo de escolha dos caminhos. E há. Ele se chama auto-satisfação, posto que onde não há mais valores absolutos, o prazer se torna a única referência. Como diz o personagem Ivan Karamazov a seu irmão Aliocha, "se Deus não existe, logo tudo é permitido" *(Os irmãos Karamazov*, Fiódor Dostoiévski). Ou seja, onde não há referências, onde não existem absolutos, cada um segue o seu *feeling*, seu sentimento, sua intuição. O mote passa a ser a famosa recomendação dada aos heróis dos filmes pelos seus mentores nos momentos em que os heróis precisam tomar alguma grande decisão: "O que diz o seu coração? Siga o seu coração!"

Na lógica hedonista que rege a pós-modernidade, se algo provoca prazer ou emociona, então conclui-se que é bom. Ou seja, a ética da pós- modernidade é o prazer e a satisfação. O resultado disso pode ser visto, por exemplo, na atual obsessão em retirar limites. Já notou que a maioria das leis de hoje não tem por objetivo criar limites, mas retirar limites?

Outro exemplo: quando confrontamos os atos errados de algumas pessoas com os princípios morais e bíblicos, aqueles que ouvem nossa crítica e estão impregnados pelo espírito desta época geralmente tentam rebater dizendo: "As pessoas têm o direito de procurar a sua felicidade". É verdade, todos têm esse direito, mas nossa procura pelo prazer, pela felicidade e pelo bem-estar deve ser pautada pelos valores morais e bíblicos. O prazer não deve ser um fim em si mesmo, não deve ser o único e definitivo critério legitimador.

Mas, será que tudo que acontece no mundo de hoje é impregnado pela ética hedonista? Alguém pode questionar que o crescente engajamento mundial em prol da preservação do planeta e o aumento de investimentos em causas sociais por parte de grandes grupos capitalistas seriam fenômenos na contramão, provando que nem tudo na sociedade pós-moderna é guiado pelo princípio hedonista, princípio este que sugeriria sempre a ideia de egoísmo.

Mesmo sendo de grande importância, esses dois fenômenos pós- modernos, na verdade, têm em sua base, garantindo o seu sucesso, o *ethos* hedonista. Eles poderiam acontecer sem a influência desse princípio, mas uma análise mais atenta mostra que seu principal combustível é justamente a lógica hedonista. Se não, vejamos.

Até algumas décadas atrás, ainda era bem aceita na sociedade a ideia de se sacrificar em prol do grupo sem receber nada em troca, sem interesses meramente pessoais e sem a garantia de algum resultado imediato. Até pouco tempo, ainda se tinha a ideia de que os princípios morais e os valores transcendentes faziam valer a pena qualquer sacrifício, mesmo que deste não resultasse nenhuma compensação imediata para os que se sacrificavam. Nos anos 70, os sociólogos chegaram até a cunhar o termo "satisfício" para se referir à disposição das pessoas de sacrificarem seus desejos objetivando possibilidades maiores. Todavia, hoje a mentalidade é outra.

A atual tendência, predominante a partir dos anos 90, é a de que só devemos nos sacrificar em prol de uma causa que traga uma compensação imediata ou em prol de causas "charmosas" como as que se baseiam no conceito de politicamente correto e, por isso, trazem um benefício à imagem de quem se envolve. É esse o espírito prevalecente em nossos dias.

Além de ser extremamente impopular na pós-modernidade o sacrificar-se por algo que exige paciência para que dê frutos, a lógica hodierna determina que não basta que o propósito do sacrifício seja correto; ele deve ser também politicamente correto. Mesmo que o resultado seja parcialmente imediato, basta ser politicamente correto para ser aprovado e apreciado. E se houver um componente quase religioso somado a um terrorismo psicológico para compensar a ausência do retorno imediato, melhor ainda. A popular onda ecológica que o diga. Seu sucesso está firmado na ditadura do politicamente correto e nesse componente psicológico apelativo.

E necessário, porém, frisar que, apesar do tradicional discurso "carregado de tinta" dos ecologistas, que promovem um verdadeiro terrorismo (que é criticado por vários ecólogos de renome no mundo - ver Apêndice 2), devemos, sem dúvida, lutar pela preservação da natureza. Essa é, inclusive, uma inferência bíblica (Ap 11.18). Entretanto, em contraposição a esse senso sadio, o que se vê hoje é a maioria das pessoas que se engajam em causas ecológicas se comportando de uma forma devotada, religiosa (como se estivessem aderindo a uma nova e revolucionária filosofia de vida, a uma "seita ecológica"), e tendo seu modo de vida determinado pelo apelo emocional da pregação ambientalista.

Há uma verdadeira *glamourização* da ideia de ser "verde". Muitas propagandas pró-movimento ecológico exploram a lógica hedonista para atrair mais adeptos e incentivar os que já vestiram a camisa. E mais: cristãos adeptos desse movimento já estão vivendo uma verdadeira relação emocional- religiosa com a natureza, bem ao estilo de algumas religiões orientais.

Por sua vez, a crescente participação de empresários e artistas em causas nobres também tem como força motriz a ética hedonista. Essa participação avultada não é fruto de um repentino e inexplicável *boom* de conscientização das pessoas em relação à necessidade de ajudar o próximo (como se, de repente, "caísse a ficha" de todos os empresários e artistas para o fato de que devem investir em causas sociais). Que há dentre eles alguns que o fazem desinteressadamente é fato, mas, infelizmente, a maioria o faz devido à ditadura do politicamente correto, isto é, por causa da necessidade de aparentar ser correto para o bem de sua própria imagem e não porque haja realmente algum interesse cândido em ajudar as outras pessoas.

Assim, em última análise, até mesmo nesta moda crescente de pessoas que investem em causas sociais nobres, o que predomina é a ética hedonista, pois a maioria faz o bem pensando em si mesma, e não no próximo. É a lógica hedonista que determina o ato, a escolha: "Vai fazer bem para mim?

Vai lustrar minha imagem? Aumentará minha credibilidade? Vou ganhar com isso? Vai dar retorno? E ainda vou ganhar elogios que darão prazer a meu ego? Então, vou ajudar".

Tal mentalidade choca-se com o ensino bíblico: "Ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria" (ICo 13.3). Sentenciando: devemos fazer o bem desinteressadamente e não influenciados pela ética hedonista.

O fim do "satisfício" e o *boom* da solidariedade baseada na lógica da compensação e na ditadura do politicamente correto só reforçam a percepção da predominância do *ethos* hedonista na nossa sociedade, demonstrando um "ensimesmamento" camuflado de bondade. Mas, gostaria de chamar a sua atenção para o fato de que podemos ver também esse *ethos* em circunstâncias mais sutis, que envolvem situações onde um cristão desatento pode confundir o *ethos* hedonista com manifestação do amor cristão. Do que estou falando?

É cada vez mais comum cristãos atentarem menos para o que a Bíblia diz sobre determinada situação ou assunto, preferindo dar mais valor à sua intuição, à sua emoção e ao seu *feeling*, enfim, ao seu coração como definidor de certo e errado, e dar a isso o nome de "espírito cristão" ou "amor cristão". Como consequência, está se tornando igualmente comum a leitura da Bíblia a partir de interpretações condicionadas. Isso significa que as pessoas estão deixando cada vez menos a Bíblia falar por si mesma e cada vez mais fazendo com que a Bíblia diga o que elas querem que ela diga.

A coqueluche do momento é a leitura subversiva da Bíblia, que geralmente começa com colocações do tipo "E se o escritor bíblico não quis dizer isso, como todos imaginam? E se ele quis dizer outra coisa e ninguém percebeu até agora? E se essa coisa que ele realmente quis dizer e ninguém percebeu fizer mais sentido para você (ou seja, mais sentido para o que diz o seu coração) do que tudo que já foi dito até então a você sobre essa passagem?

Em outras palavras, não é mais tão importante se algo é verdade ou não, mas se esse algo faz sentido ao coração das pessoas, se o coração delas aprova ou não esse algo. Se aprova, está tudo bem. Se não, vejamos uma nova interpretação que possa ser aceita pela ditadura do "politicamente correto", que possa ser aprovada com louvor pelo coração.

É o *ethos* hedonista influenciando o meio cristão, supervalorizando o *feeling* pessoal em detrimento de uma leitura verdadeiramente honesta da Bíblia. Mas as Sagradas Escrituras alertam: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas" (Jr 17.9).

AS "DEMANDAS" TÊM INFLUENCIADO PERNICIOSAMENTE A TEOLOGIA

As chamadas "demandas" da pós-modernidade são exatamente fruto dessas quatro palavras-chave de que falamos: relativização, frustração com as instituições, desconstrução e hedonismo.

Demarcando, as "demandas" de nossa época são: (1) a "necessidade" de relativizar os dogmas: (2) a "necessidade" de romper com as instituições; (3) a "necessidade" de desconstruir os sistemas e (4) a "necessidade" do prazer como sentido da vida.

São essas quatro "demandas" que definem o que é correto e o que seria uma sociedade feliz em nossos dias, e são elas que estão influenciando a teologia de muitos cristãos hodiernos.

NA CHALEIRA: INFLUENCIA SUTIL

Entorpecidos por essas falsas necessidades que nos são impostas, muitos cristãos no Ocidente estão flexibilizando sua fé, mudando sua mentalidade em relação à Bíblia, à Igreja e a Deus, e isso, infelizmente, já está acontecendo também no Brasil. Esses cristãos, cujo número cresce cada vez mais, são os seguidores do que denominamos teologias pós-modernas, que nada mais são do que tentativas de adaptar o evangelho a essas ditas "demandas", ou seja, aos princípios da pós-modernidade.

Essas neoteologias se caracterizam por: (1) tentar relativizar os dogmas cristãos, (2) serem absolutamente avessas a qualquer forma de cristianismo como religião organizada, (3) procurarem desconstruir o que chamam de sistemas teológicos montados para "encapsular o verdadeiro cristianismo" e (4) pregarem uma espécie de cristianismo hedonista, onde o sentimento e a experiência estão acima da doutrina bíblica ou em oposição a ela. A doutrina é adaptada ou reformulada conforme a sensibilidade dos cristãos pós-modernos, de acordo com o *seu feeling* cultural.

O pior de tudo isso é que essas influências muitas vezes passam despercebidas em nosso meio devido à forma paulatina e sutil como elas acontecem.

Em seu livro *The Frog in the Kettle* ("A rã na chaleira"), lançado nos Estados Unidos em 1997, George Barna, fundador da maior companhia americana de pesquisa e marketing para igrejas, analisava como seria a igreja

evangélica do século XXI e afirmava já naquela época: "Estamos sendo hipnotizados pelos engodos da cultura moderna [na verdade, pós-moderna, já que as características dessa cultura que Barna cita em sua obra são todas próprias da pós-modernidade: relativização de absolutos, fim do "satisfício", desprezo às instituições, etc]". Mas, o que mais chama a atenção na análise do pesquisador é justamente a ilustração que ele usa no primeiro capítulo para aludir ao momento que o cristianismo no Ocidente está vivendo.

Diz Barna que a razão de essas mudanças conseguirem enredar muitos cristãos incautos se deve ao fato de que elas ocorrem tão gradualmente que frequentemente não são notadas. "É como a conhecida história da rã na chaleira de água", afirma ele. "Coloque uma rã em água fervente e ela imediatamente pulará para fora, porque sabe que o ambiente é hostil. Mas coloque uma rã numa chaleira com água em temperatura ambiente e ela ficará feliz ali naquele ambiente. Vagarosamente, muito vagarosamente, aumente a temperatura da água e, desta vez, a rã não pulará para fora, mas apenas ficará lá sem perceber que o ambiente está mudando. Continue a aumentar a temperatura até que a água ferva, e nossa pobre rã ferverá também - muito contente, talvez, mas morrerá", arremata Barna.

É isso que estamos vendo no Brasil hoje. Aos poucos, os princípios pós-modernos vão invadindo as igrejas, os púlpitos e os seminários, e poucos se dão conta disso, porque estão sendo "fervidos" a fogo brando.

A sutileza dos discursos que sustentam a necessidade de uma teologia pós-moderna, supostamente mais contextualizada com a nossa época, deixou de estar restrita a pequenos círculos teológicos. É crescente a popularização, para além das salas de aula dos seminários, de neologismos como Teologia Narrativa, Teologia Quântica, Teísmo Aberto (ou Teologia Relacional) e, para outros gostos, do chamado evangelho da auto-ajuda. Por isso, urge trazer à tona o que está por trás desses modismos teológicos pós-modernos, revelando o perigo de seus pressupostos para a saúde teológica e espiritual de cada cristão em particular e da Igreja no Brasil como um todo.

É isso que faremos nos próximos capítulos. E iniciaremos falando de um movimento que já é muito popular nos Estados Unidos e na Europa, e que começa a dar seus primeiros passos em nosso país: a Igreja Emergente.

CAPÍTULO 2

A Igreja Emergente e seus pressupostos enganosos

Como os princípios liberais da pós-modernidade estão entrando nas igrejas ou criando comunidades sincretistas que atraem cristãos frustrados

O modismo denominado Igreja Emergente e muitíssimo novo. Nasceu no final do século XX, mas floresceu no início do século XXI Trata-se de um movimento que prega a necessidade de uma nova compreensão do evangelho e da espiritualidade, e de uma nova teologia com uma nova abordagem da Bíblia. Um de seus mais famosos proponentes é o pastor americano Dan Kimball, que lançou em 2003 o livro *The Emerging Church: Vintage Christianity for New Generations* (Zondervan).

Um pouco antes, porém, pesquisas de institutos cristãos já haviam constatado uma tendência diferente no meio evangélico dos Estados Unidos e que nada mais era do que o movimento já em formação. O livro de Kimball foi apenas o marco para que o movimento da Igreja Emergente finalmente ganhasse corpo, se cristalizasse e se tornasse uma realidade.

Essa tendência, da qual Kimball foi um dos primeiros a expressar e sintetizar (inclusive cunhando o termo ***vintage christianity*** - algo como "cristianismo da vindima" ou "cristianismo da colheita" — que passou a ser usado para definir o movimento), nasceu pela conjunção dos seguintesfatores: muitos cristãos se sentindo insatisfeitos com o tipo de vida espiritual que estavam vivendo e a crescente frustração de muitos deles com a estrutura e a tradição de suas igrejas. Tudo isso catalisado pelos valores da pós-modernidade, massificados todos os dias pela mídia, produziu a Igreja Emergente.

Em síntese, Igreja Emergente ou Igreja Pós-moderna, como também é chamada, é um movimento nascido no meio evangélico e que procura atrair cristãos influenciados pela pós-modernidade, principalmente aqueles cristãos sem igreja ou que se definem como desiludidos ou insatisfeitos com suas igrejas ou com todas as igrejas. Gente que se diz cansada ou frustrada com a organização e a tradição de suas denominações (o que chamam invariavelmente de "legalismo", termo que também tem outros sentidos para os emergentes) e com o "sistema" e "jeito de ser" do meio evangélico.

Viciados em estereótipos, os emergentes têm certa dificuldade para diferenciar os cristãos sérios no meio evangélico daquele evangelicalismo doente que grassa esse meio; via de regra, colocam todos "dentro do mesmo saco". Assim, a Igreja Emergente (a partir de agora passarei a denominá-la em alguns momentos de IE) convida esses cristãos insatisfeitos a viverem sua fé totalmente à margem do cristianismo organizado, seja em comunidades informais, sem qualquer título denominacional e onde a teologia pregada está sujeita a mutações constantes, ou até mesmo em comunidades oficiais, mas que adotem os mesmos princípios de reformulação teológica constante e aversão a todo tipo de "legalismo" e "ortodoxia inflexível", que são dois princípios básicos da IE.

Os adeptos da IE procuram desconstruir e redefinir as crenças cristãs; não aceitam uniformidade e padrões; adaptam seus métodos de expressão do cristianismo conforme a cultura pós-moderna, justificando sempre com a afirmação de que estão em busca de novos significados para a adoração, de uma nova compreensão de Deus fora das "amarras" das teologias sistemáticas do meio evangélico e de uma vida cristã menos legalista e que interaja mais com os anseios do nosso tempo.

Atualmente, as teologias mais atraentes para os adeptos da IE, as mais recorrentes, são o Teísmo Aberto, a Teologia Narrativa e aTeologia Quântica (nos próximos capítulos, vamos falar de cada uma delas).

A IE já é bastante comum nos Estados Unidos, Leste Europeu, Austrália, Nova Zelândia c África, e já aflora no Brasil. Geralmente, os seguidores dessa visão reúnem-se informalmente em casas ou em eventos semanais em lugares variados. Há também igrejas evangélicas que continuam sendo uma organização formal, mas já adotaram os princípios da IE, principalmente nos Estados Unidos.

Outro detalhe é que a IE já provocou muitas divisões em igrejas pelo mundo. Muitos cristãos, influenciados pela ideia do movimento (na maioria das vezes disseminadas pela Internet), abandonaram suas igrejas para se reunir em comunidades informais. Isso já está acontecendo inclusive no Brasil.

Em todos os países onde a IE se encontra, a maior ferramenta usada para disseminar o movimento e suas ideias, criando mais adeptos, é a Internet, principalmente os *blogs*. No Brasil, a utilização desse meio de comunicação entre cristãos é muito comum. Porém, é importante registrar que, devido à proliferação de *blogs* de cristãos emergentes, surgiram nos últimos anos, em resposta, muitos *blogs* de cristãos conservadores para combater, no mundo virtual, a influência dos emergentes.

Os emergentes foram os primeiros a perceberem a importância e o poder dessa ferramenta chamada Internet, mas os cristãos conservadores de várias matizes denominacionais já estão começando a fazer uma bela frente contra a influência dos emergentes, combatendo seus pressupostos com argumentos sólidos baseados nas Sagradas Escrituras.

A ORIGEM DO NOME

Apesar de Dan Kimball ter sido o primeiro a lançar um livro apresentando claramente a proposta da Igreja Emergente, não foi ele o criador do termo para designar o movimento. O título "emergente" surgiu dois anos antes do livro de Kimball e é invenção dos pastores Doug Pagitt e Brian Mclaren, como este mesmo conta em seu livro *Uma ortodoxia generosa — a Igreja em tempos de Pós-modernidade* (Zondervan, EUA, 2004 e Editora Palavra, 2007).

Mclaren, que é considerado o "guru" dos emergentes (vamos falar muito dele ainda neste capítulo), conta que tudo começou quando, em 1996, aos 39 anos, foi convidado para fazer parte do Departamento de Liderança Jovem da Leadership Network dos Estados Unidos (Rede de liderança

dos EUA), também conhecido como Projeto Terranova. Relata ele (que era considerado o "vovô" do departamento por ser o mais velho de todos) que a ideia do termo "emergente" surgiu depois de cinco anos trabalhando no Young Leadership NetWork (YLN), que já desenvolvia a visão da IE mesmo sem ainda usar o termo. A expressão teria surgido pela primeira vez em suas conversas com Doug Pagitt.

Registra Mclaren: "Em 2001, encontrei Doug Pagitt para discutir nossos planos futuros, uma vez que o YLN havia sido lançado pela Leadership NetWork para ter vida própria como uma identidade independente. (...) Um de nós, não consigo lembrar qual dos dois (um sinal de boa colaboração, de envelhecimento ou de ambos), apareceu com um novo nome para o grupo: *emergente* (www.emergentvillage.com). Não tínhamos ideia de como o nome seria apropriado e do quanto seria útil para a continuidade do nosso trabalho".

Nas páginas 304 a 306 de *Uma ortodoxia generosa,* Mclaren dá detalhes sobre os significados do termo emergente em vários contextos e aplica esses significados à proposta da IE. Ele fala, por exemplo, do sentido do vocábulo na silvicultura, onde é aplicado para designar o surgimento de novas florestas a partir da morte das florestas mais antigas. "Em certo sentido, elas [as árvores das florestas emergentes] parecem diminuídas, tolhidas, restringidas pela sombra das árvores maduras, mas, na verdade, estão esperando. Sempre que uma árvore madura morre, as emergentes estão ali, prontas para voar bem alto, preencher a lacuna e se desenvolver sob a luz do que agora está disponível a elas".

Trocando em miúdos: a IE cresce com a morte das igrejas do cristianismo organizado. Logo, ela depende da morte ou do enfraquecimento destas para se desenvolver. Em vez de lutar pela saúde espiritual de igrejas que estão eventualmente morrendo nos EUA e na Europa, os emergentes celebram a morte delas (ou apostam nisso) para que uma nova igreja, radicalmente diferente de todas elas e supostamente melhor (a IE), levante-se e estabeleça-se.

Mclaren ainda cita o caso das plantas semi-aquáticas, "cujas raízes estão no solo sob a água, mas cujos brotos crescem através da superfície da água para absorver por completo o sol não-infiltrado", descreve ele, arrematando em seguida: "Nesse sentido, emergentes são plantas que vivem simultaneamente em mundos diferentes". Isso quer dizer que a IE é caracterizada pelo ecletismo e pela busca por se adaptar a ambientes diferentes para seu desenvolvimento.

Para ser mais específico, é um cristianismo que se rende e se adapta a este mundo diferente, cujas mudanças foram encetadas pela pós-modernidade; e por ser um cristianismo assim, dizem seus adeptos que a IE continuará viva e ativa, enquanto o cristianismo organizado oficial, porque resiste a essas mudanças, porque não se adapta a elas, tenderá a morrer.

Outra inspiração veio do best seller americano *Emergence: The Connected Lives of Ants, Brains, Cities and Software* (Emergência: a vida conectada das formigas, cérebros, cidades e software), de Steven Johnson, publicado em 2001. Mclaren explica a tese da obra e como ela tem a ver com o conceito da IE: "O livro explorou como uma comunidade (de formigas, matrizes de germe de lodo, de habitantes da cidade) pode ser mais astuta que seus componentes, como novos níveis de inteligência emergem da interação entre inteligências menores".

Ou seja, a salada teológica proporcionada por uma "ortodoxia generosa", "flexível", "menos rígida", resultaria em uma igreja mais inteligente, mais evoluída; conforme sugere suas palavras, uma igreja "em um nível acima".

Em seguida, Mclaren conclui sua apresentação do conceito da IE usando como ilustração o que se vê no corte transversal de uma árvore. Diz ele: "O significado de *emergente* conforme usado nesses e em outros cenários é uma parte essencial do ecossistema da ortodoxia generosa. Um simples diagrama pode ilustrar aquilo que queremos dizer com *pensamento emergente*. Pense no corte transversal de uma árvore. Cada gomo representa não uma substituição dos gomos anteriores, não a rejeição, mas uma incorporação, uma abrangência, uma inclusão deles em algo maior. O crescimento anterior da árvore é integrado e, de fato, essencial ao crescimento contínuo e à força dessa árvore".

A ideia, portanto, é de que a IE é uma etapa necessária e inadiável na história da Igreja, pois ela seria fruto de um processo de evolução que a Igreja estaria experimentando durante os séculos.

Para os emergentes, a igreja na antiguidade evoluiu até chegar à igreja medieval, que teria abrigado os avanços da antiguidade e acrescentado a estes outros avanços próprios do período medieval. Em seguida, a igreja moderna teria rompido em relação a algumas coisas e avançado em relação a outras da fase anterior da igreja; e, finalmente, a IE seria a igreja pós-moderna rompendo com alguns posicionamentos da igreja moderna e agregando novas reflexões e posicionamentos àqueles da igreja moderna.

Usando uma visão darwinista (aliás, muitos adeptos da IE creem no evolucionismo e acreditam que Adão e Eva são mitos), a Igreja Pós-moderna ou

IE seria o *homo sapiens* da história da evolução da Igreja, seria o clímax do processo evolutivo da Igreja durante os séculos, agregando de forma bem-sucedida todas as mutações que a Igreja sofreu durante a História. E na tentativa de não soarem tão arrogantes, os adeptos da IE dizem que a Igreja ainda está em evolução e que eles ainda não são o final do processo, mas, sim, o estágio mais avançado dele até agora.

"Cada época abrange, inclui, integra e consolida os ganhos das anteriores e então estende esses ganhos a novos territórios, como o gomo de uma árvore", explica Mclaren. E dois parágrafos adiante, o "guru" dos emergentes volta a enfatizar: "Cada estágio inclui, abraça, integra e revaloriza os ganhos dos estágios anteriores, e, ao fazer assim, se eleva a um nível superior". Note: "a um nível superior".

O que os defensores da IE esquecem ou preferem ignorar é que a história da igreja cristã organizada não é marcada por uma evolução, mas por um gráfico irregular, onde, por exemplo, a Igreja Primitiva estava muito acima, sendo seguida por uma queda vertiginosa na chamada Idade das Trevas, que, por sua vez, foi sucedida pelo período da Reforma Protestante, onde o gráfico voltou a subir e, mesmo assim, só em relação a um grupo, porque a Igreja Católica continuou essencialmente estagnada no tempo.

Ademais, a igreja da Reforma não teve ganhos em relação à da Idade das Trevas. Nesta, houve perdas; na Reforma, houve resgate das perdas na Idade das Trevas. E na sequência, depois da Reforma, houve nova queda, com pungente esfriamento espiritual; mas, tempos à frente, surgiram avivamentos, como o Avivamento Wesleyano. Adiante, entretanto, veio novo esfriamento decorrente do advento do liberalismo teológico e, após este, novo avivamento, até chegarmos à nossa época estigmatizada por tremendas irregularidades.

Quer dizer que, se formos mais honestos, veremos que a história do cristianismo não é um gráfico ascendente, não é um quadro que sugere emergência em nossos dias, mas um quadro repleto de subidas íngremes sucedidas por descidas extremamente depressivas.

Outra observação que não pode ser esquecida é que, em todas as épocas da História, sempre houve grandes homens e mulheres de Deus, cristãos que, mesmo nos momentos mais difíceis do cristianismo organizado, mesmo sendo sempre minoria, foram fiéis a Deus em tudo e por isso são exemplos para nós. É injusto dizer que, nós, hoje, somos melhores do que eles ou mais evoluídos espiritualmente.

Podemos afirmar que os santos do período neotestamentário são mais privilegiados espiritualmente do que os do Antigo Testamento (já que as bênçãos e a compreensão das coisas espirituais são mais amplas no Novo Testamento, na chamada "Época da Graça" - Hb 11.39,40), mas não podemos dizer o mesmo na relação entre os cristãos fiéis de todas as épocas.

Também podemos afirmar que em determinada época da história o cristianismo organizado era melhor ou pior em relação a outros períodos de sua história, mas não podemos dizer que os cristãos fiéis a Deus de um determinado período eram mais incompletos ou menos aperfeiçoados em relação aos cristãos fiéis de outras épocas. Cada época teve os seus desafios, suas conjunturas e dificuldades, e os cristãos fiéis de todas elas foram os que não se deixaram levar pelas influências e modismos de sua geração, e entenderam c mantiveram em suas vidas a pureza do evangelho.

O melhor cristão de hoje não é maior ou mais evoluído do que o melhor cristão da Igreja Primitiva ou dos grandes avivamentos. Afirmar o contrário e ainda defender que uma igreja influenciada pelos princípios da pós-modernidade é mais refinada e de um nível superior em relação às igrejas de todas as fases da História trata-se não apenas de uma ilusão, mas também de uma tremenda injustiça.

O GURU BRIAN MCLAREN

Há muitos nomes entre os proponentes da IE: Dan Kimball, Stanley Grenz, Rob Bell, Tony Jones, Eddie Gibbs, Erwin McManus, John Franke, Stanley Hauerswas, Brad Kallenberg, Doug Pagitt, Nancy Murphy, Stcve Chalke, LeRon Shults, Chris Seay, Spencer Burke, Bill Dahl e Donald Miller. Porém, o nome de maior destaque do movimento, ao lado de Kimball, é, sem dúvida alguma, Brian Mclaren, cujas obras começam a chegar ao Brasil.

Conhecer o pensamento de Mclaren é importante se queremos entender a ideologia dos emergentes, posto que ele é considerado, pela maior parte da IE, o "guru" do movimento (não que Mclaren aceite esse título para ele, mas ele é, de fato, o principal mentor da maioria dos emergentes no mundo).

Brian Mclaren foi professor de Inglês na Universidade de Maryland de 1978 a 1986. Hoje, ele tem se dedicado a dar palestras pelo mundo sobre os seguintes temas: cultura e pensamento pós-modernos, liderança, formação espiritual, diálogo inter-religioso (leia-se ecumenismo), ecologia e justiça social. Ele faz parte da chamada "esquerda evangélica norte-americana"

e foi eleito recentemente pela revista *Times* um dos 25 evangélicos mais influentes dos Estados Unidos. Mclaren é também pastor e fundador da Igreja Comunidade Cedar Ridge, em Spencerville, Maryland, EUA.

As três obras fundamentais para entender Mclaren são seu best seller *A New Kind of Christian* (Um novo tipo de cristão), lançado em 2001; *Uma ortodoxia generosa* (2004) e *A Mensagem Secreta de Jesus: desvendando a verdade que poderia mudar tudo*, lançado nos EUA em 2006 e em 2007 no Brasil pela Thomas Nelson. Neste último livro, já na apresentação, encontramos uma síntese, apresentada de forma retórica, do que defende a ideologia emergente:

> Brian McLaren propõe as perguntas mais relevantes que o Cristianismo poderia enfrentar: Seria possível que a Igreja entendeu tudo errado ou que tenha até mesmo distorcido intencionalmente a principal mensagem de Jesus? Todos acreditamos que Jesus estava certo, mas e se ele estivesse certo de uma forma completamente diferente? E se muitos de nós estivermos praticando uma religião que perdeu seus tesouros mais valiosos que estão escondidos na verdadeira mensagem de Jesus de Nazaré? McLaren nos convida para uma análise dura e uma reflexão profunda, cujos resultados e respostas encontrados poderão mudar radicalmente nossas idéias, prioridades e práticas espirituais.

O que Mclaren propõe em seu livro é a falácia empregada por todas as heresias. A súmula de sua proposta é: "Vou apresentar algo que ninguém nunca percebeu antes, ou apenas poucas mentes privilegiadas, e que é a verdade finalmente redescoberta depois de séculos". E como se não bastasse isso, ao apresentar sua "invenção da roda", o que vemos? Os pressupostos emergentes, cuja base é o pós-modernismo, sendo chamados de verdadeiro regaste dos valores do evangelho.

Já nas primeiras páginas do livro, Mclaren afirma que a resposta a todas as perguntas que ele levanta na apresentação é mesmo "sim" - a igreja, durante quase dois mil anos, sempre entendeu errado o ensino de Jesus - e assevera ainda que se quisermos entender o evangelho como ele realmente é, devemos abandonar tudo o que já foi dito sobre ele antes.

[Alguns] pensam que já entenderam Jesus e a sua mensagem, reduzindo-os a suas próprias fórmulas matemáticas: "São estes três conceitos ou aqueles quatro passos, ou ainda esta simples fórmula composta de cinco pequenas partes - realmente nada mais sofisticado do que uma equação de primeiro grau. São 3 + 4 = 7. São 16 - 9 = 7. São -7 + 7 = 0. Por que Brian está tão confuso ou complica tanto as coisas a ponto de não conseguir simplesmente repetir estas equações e entrar no esquema?" Existem, no entanto, muitas pessoas que parecem compartilhar da minha intuição (...)

Pense em todas as pessoas que em anos recentes leram ou assistiram a "O Código Da Vinci" - não apenas como passatempo popular, mas como uma experiência a mais a partir da frustração partilhada sobre a religião cristã organizada e seu "status quo", dominado pelo masculino, voltado para o poder e propenso a encobrir a verdade. Por que a perspectiva de Jesus aludida no livro de Dan Brown é mais interessante, mais atraente e mais intrigante para estas pessoas do que a versão padrão de Jesus, a respeito da qual se ouve nas igrejas? Por que teriam ficado desapontados ao descobrir que a versão do Jesus de Brown foi amplamente desacreditada como sendo fantasiosa e imprecisa, restando apenas a versão convencional da igreja? Seria possível, apesar de a versão de Brown estar errada sob muitos aspectos, ela ao menos servir para abrir a possibilidade de que a versão convencional da igreja sobre Jesus pode não lhe fazer justiça?

Pense em todas as pessoas que examinaram os evangelhos gnósticos nos últimos anos, na esperança de conseguirem uma perspectiva melhor, mais radical de Jesus e de sua mensagem. E se o problema não for com nossas fontes reconhecidas e autorizadas acerca de Jesus (os relatos que nos foram dados por Mateus, Marcos, Lucas e João em contraste com aqueles alternativos), mas sim com o sucesso que obtivemos em domesticá-los, e com o nosso fracasso em não conseguirmos vê-los a partir de sua natureza e de

> seu vigor originais? E se, caso seja devidamente compreendido, o Evangelho canônico (ou reconhecido) de Mateus for muito mais radical e consistente do que o Evangelho apócrifo de Tomé; ou o Evangelho canônico de João for muito mais penetrante e transformador do que o apócrifo Evangelho de Pedro - se ao menos tivéssemos "ouvidos para ouvir", como Jesus disse?

Bem, mas se os cristãos, ao longo da História e até agora, entenderam tudo errado, quem irá descobrir o que Jesus realmente quis dizer? Quem interpretará o evangelho corretamente para nós, que não entendemos nada direito até hoje? Brian Mclaren, o "descobridor", e seus seguidores, os emergentes. Ou seja: O que seria de nós e do cristianismo sem Mclaren e os emergentes? Viveríamos eternamente no engano...

Basta uma simples análise para vermos que a tese de Mclaren é absurda. Em todos os seus livros, ele defende que o cristianismo verdadeiro deve ser entendido à luz de determinados princípios que nada mais são do que princípios da pós-modernidade. Afirma Mclaren em seu *A mensagem secreta de Jesus* que o verdadeiro cristianismo só poderá "emergir" em nossa época. Por quê? Devido aos princípios de nossa época que favoreceriam o entendimento verdadeiro do evangelho, enquanto que todos os princípios que impregnaram as épocas passadas nublaram o entendimento do evangelho. Segundo ele, o evangelho nunca foi compreendido perfeitamente por ninguém desde o fim do período pós-apostólico até agora.

Falando sobre as pessoas frustradas com toda religião cristã organizada, Mclaren explica que essa frustração delas se deve ao fato de que todas as denominações cristãs de nossos dias não pregam o verdadeiro evangelho, mas apenas versões dele que são fruto da corrupção que o evangelho sofreu nestes quase vinte séculos. De acordo com o "descobridor", o evangelho começou a ser deformado já no segundo século, quando tornou-se uma religião gentílica anti-semita. Em seguida, se enamorou com a filosofia grega. Depois, casou com o Estado na época de Constantino. Na sequência, foi acomodada às tendências filosóficas que se seguiram, até chegar aos nossos dias. No final, para Mclaren, não sobrou quase nada de bom na história do cristianismo, foram 19 séculos de muito desperdício, de desvios, de pouca coisa boa a se aproveitar, e cabe a nós hoje resgatar o espírito do verdadeiro evangelho. Essa ideia, aliás, não tem nada de nova, tendo sido defendida principalmente pelo teólogo alemão e historiador do cristianismo Adolfvon

Harnack (1851-1930) em sua obra, em três volumes, *Manual de História dos Dogmas*.

Bem, mas o que seria esse espírito do verdadeiro evangelho segundo Mclaren? De acordo com o "guru" dos emergentes, uma espiritualidade pluralista, eclética e baseada no sentimento, assim como prega a pós-modernidade. O próprio Mclaren se define como adepto de uma espiritualidade eclética e pluralista. Não é à toa que, cm seu livro *Uma ortodoxia generosa,* se apresenta como "um cristão missionai, evangélico, pós-protestante, liberal/conservador, místico/ poético, bíblico, carismático/contemplativo, fundamentalista/calvinista, anabatista/anglicano, metodista, católico, verde, encarnacional, depressivo- mas-esperançoso, emergente e não-acabado".

No "bom estilo" pós-moderno, Mclaren é uma indefinição ambulante. Ao tentar resgatar a verdadeira mensagem do evangelho, criou ele sua própria versão do evangelho. Um evangelho de mixórdia, mistura, confuso, pós-moderno.

Ora, todos sabemos que, durante esses quase dois mil anos de cristianismo, as pessoas que deturparam o evangelho foram justamente as que fizeram aquilo que o próprio Mclaren faz hoje: adaptar o evangelho ao pensamento e à moda de sua época, quando o evangelho não deve ser adaptado aos nossos pensamentos e aos modismos de nossa época; nós é que precisamos nos submeter sempre, seja qual for a época, ao ensino bíblico como ele é, renovando nossa mente sempre por ele e não renovando ele conforme nossa mente (Os 4.6; Mt 22.29; Rm 12.2; SI 119.105-107).

Além disso, nem tudo na história do cristianismo foi ruim. Houve muita coisa boa mesmo. Muita gente permaneceu fiel às Sagradas Escrituras, mesmo nos momentos mais escuros, e não poucas vezes sendo minoria esmagada; e houve avivamentos espirituais genuínos, abalizados na Palavra de Deus e sob o poder inconfundível do Espírito Santo. Mclaren até chega a reconhecer isso timidamente, mas minimizando o fato. E na página 90 de *Uma ortodoxia generosa*, ainda chega a dizer que é "com tremor" (sugerindo que a declaração que vai fazer a seguir é feita com apreensão) que afirma que acredita que todas as igrejas cristãs se perverteram, fazendo de Jesus seu "mascote" e não seu Mestre. Além de ser uma mentira a perversão generalizada das igrejas, tal afirmação de Mclaren demonstra muito bem a pseudo-humildade dos emergentes. Parecem aqueles políticos que dizem contraditoriamente: "Vossa excelência não presta".

Por exemplo, a Reforma Protestante foi um avivamento, uma bênção (fato que alguns emergentes tentam minimizar realçando ou até aumentando

as fraquezas pontuais de alguns reformadores - ver Apêndice 1). O Grande Despertamento nos Estados Unidos no século XVIII e o Avivamento Wesleyano no Reino Unido na mesma época são outros dos muitos exemplos que poderiam ser citados.

Todos esses avivamentos provam que, mesmo em meio às deturpações do cristianismo ocorridas durante a História (e justamente fruto do anseio de adaptar o evangelho aos modismos passageiros de cada época, assim como faz Mclaren hoje, pensando que está ajudando), o Espírito Santo nunca deixou de operar e houve grandes momentos que mostram-nos que o verdadeiro evangelho ainda estava vivo mesmo nos períodos mais escuros da história do cristianismo. E ainda hoje, há muitos cristãos genuínos que vivem a pureza do evangelho em várias denominações cristãs.

Há muita gente que, entre outras coisas, não caiu na bobagem de confundir o evangelho com os princípios da pós-modernidade, assim como muitos cristãos de séculos anteriores não confundiram os equívocos em nome do evangelho, nem os modismos filosóficos da Modernidade, da Idade Média e da Antiguidade, com o verdadeiro evangelho. Gente que sabe que as doutrinas bíblicas não estão sujeitas a reformulações constantes, que as doutrinas bíblicas fundamentais são claras na Bíblia e que nem mesmo as influencias de cada época poderiam esconder tão perfeitamente a verdade do evangelho de todas as pessoas.

Mesmo nos momentos mais abissais da história do cristianismo, mesmo quando o cristianismo organizado viveu seus momentos mais terríveis, o Espírito Santo continuou operando e a mensagem do evangelho foi entendida plenamente por muitas vidas.

Os últimos dezenove séculos não foram, definitivamente, de engano ou perda de tempo.

Sempre houve homens que defenderam as verdades centrais do evangelho com fervor e inteligência. E nem todas as tentativas de sistematização teológica do passado foram arrogantes, como sugere Mclaren em seus livros (especialmente em *Uma ortodoxia generosa).* Nem todas tiveram o intuito de serem definitivas em todos os pontos doutrinários, nem todas eram arrogantes e nem eram todas mal intencionadas. Nem todas as teologias sistemáticas devem ser vistas como lixo e nem tudo em todas as teologias sistemáticas deve ser visto como mera elocubração filosófica divorciada da Bíblia.

O lato de as teologias sistemáticas serem imperfeitas não deve nos levar a regurgitá-las ou, pior ainda, demonizá-las. Os males que grassam o cristianismo não são frutos das sistematizações teológicas. Conquanto tenham

havido sistematizações esdrúxulas durante a História, a diabolização desse tipo de obra é uma generalização desonesta e que nos leva ao extremo da indefinição teológica, que não tem apoio bíblico. Ter certezas não significa "encapsular a fé". A verdadeira fé, à luz da Bíblia, consiste em certezas, em convicções cimentadas, e não em uma crença nebulosa.

Incerteza não é sinônimo de saúde espiritual, mas de imaturidade. Ter convicções não é heresia. Heresia é defender convicções erradas, sem base bíblica.

A Bíblia fala da necessidade de termos "completa certeza da esperança" (Hb 6.11), "inteira certeza de fé" (Hb 10.22) e da fé como o "firme fundamento" (Hb 11.1). Paulo diz que sabia em quem tinha crido (2Tm 1.12). Paulo não tinha um pingo de dúvida de que a mensagem do evangelho que pregava era de Deus e definitiva (G1 1.6-9). O salmista Davi tinha uma convicção cimentada sobre Deus (Sl 23.6; 51.16,17). João escreveu seu evangelho para que seus leitores tivessem certeza sobre como receber a vida eterna (Jo 20.31). Veja quantas vezes ele fala de conhecer, de ter confiança e afirma "sabemos" só no último capítulo de sua primeira Epístola (1 Jo 5.2,14,15,18,19,20). Nos versículos 13 e 20 da mesma missiva, o apóstolo ainda diz que escreve para que seus leitores tenham a certeza da vida eterna em Cristo e creiam "no nome do Filho de Deus", conheçam "o que é verdadeiro", para que estejam "no que é verdadeiro" e saibam quem realmente é *"o* verdadeiro Deus" e o que é "a vida eterna".

Portanto, não é bíblica a incerteza e a indefinição teológica. Declarar- se sem certeza alguma pode parecer a essência da erudição à luz da pós- modernidade, mas, à luz da Bíblia, é sinônimo de fraqueza, de falta de amadurecimento espiritual.

É verdade que a Bíblia diz que não dá para sabermos tudo sobre as realidades espirituais, mas ela também afirma que podemos saber o suficiente para o nosso crescimento espiritual, pois isso nos está disponível pela Palavra (Dt 29.29; Mt 22.29; 2 Pe 3.18; 2 Tm 3.16,17). Logo, a qualidade de uma sistematização doutrinária deve ser medida pelo nível de comprometimento bíblico do(s) seu(s) autor(es). Trocando cm miúdos, quanto mais filosófica for a sistematização teológica, menos relevância espiritual e qualidade terá. Quanto mais biblicidade tiver, mais relevância espiritual e qualidade terá. A nós cabe comer o peixe jogando foras as eventuais espinhas (1 Ts 5.21).

O verdadeiro cristianismo, como os reformadores afirmaram cm sua época, nunca foi subserviente a sistematizações teológicas, mas cativa à Bíblia. O teólogo alemão Bernhard Lohse, que foi professor de História Eclesiástica

e dos Dogmas na Faculdade de Teologia da Universidade de Hamburgo, ressalta isso em sua obra *Epochen der Dogmengeschichete* de 1963, publicada no Brasil em 1972 pela Sinodal sob o título *A fé cristã através dos séculos:*

> Apesar de Lutero e outros reformadores terem reconhecido prontamente a autoridade das decisões conciliares da Igreja Antiga, eles não o fizeram por emanarem essas decisões de um direito eclesiástico ou de um concílio teologicamente capacitado, ou ainda por decorrerem as mesmas obrigatoriamente do "depositum fidei". Eles reconheceram a autoridade porque, na sua opinião, tais decisões conciliares concordam objetivamente com a Escritura e representam um limite demarcatório contra certas heresias. Consequentemente, Lutero, Zwinglio e Calvino não entenderam as decisões conciliares como dogmas infalíveis [que é a posição católico romana], mas como sendo uma confissão de fé, reassumindo assim, em essência, a própria compreensão das decisões conciliares da Igreja Antiga. Não é por acaso que as formulações doutrinais das igrejas da Reforma não são denominadas de "dogma", mas de "escritos confessionais". Consequentemente, no âmbito das igrejas evangélicas, o termo "dogma" deve ser entendido no sentido de confissão ou também de confissão doutrinal. Somente assim será possível reconhecer-se a estreita relação existente entre o dogma e aquilo que ele testemunha.

Ou seja, para os protestantes, as teologias sistemáticas e as decisões conciliares da Igreja Antiga não são dogmas no sentido romanista, isto é, algo perfeito. São apenas confissões de fé que são válidas na medida em que estiverem coadunadas com o que afirma a Bíblia.

Disse Lutero: "Minha consciência é cativa à Palavra de Deus". Esse é o critério! É isso que Paulo ensina (2 Co 10.5). É isso que o Antigo Testamento ensina (Js 1.8; SI 1.2; 119). É isso que Jesus ensinou e é assim que devemos sempre viver (Mt 7.24-27). E usando esse critério, vemos que é um erro desprezar todas as sistematizações teológicas. Devemos rejeitar apenas aquelas que perderam o foco tornando-se mais especulativas do que bíblicas.

Nenhuma sistematização teológica é má por natureza, isso porque sistematizar nada mais é do que organizar para fins práticos e/ou didáticos. As teologias sistemáticas são apenas apresentações organizadas e didáticas das verdades absolutas da Palavra de Deus. Agora, é claro que alguns se aproveitam escusamente da proposta didática das sistematizações teológicas, porém é fácil de se descobrir quando isso acontece. As teologias sistemáticas só são más quanto menos bíblicas (ou quanto mais especulativas e filosóficas) forem.

Pelas mesmas razões, é igualmente absurdo rejeitar todas as organizações cristãs oficiais ou aceitá-las apenas quando se adaptam aos espúrios princípios pós-modernos. Apesar das divergências doutrinárias entre as igrejas cristãs *sérias* - e sempre em torno de doutrinas bíblicas secundárias - e da fraqueza de alguns que, na defesa de doutrinas bíblicas secundárias (ou na distorção destas em casos isolados de extremismo), excederam-se em sandices, os fundamentos da Palavra de Deus não foram rejeitados nesses grupos. Por isso, o Espírito Santo ainda tem operado por meio do trabalho abnegado de muitos cristãos dessas igrejas.

Rechaçar ou diminuir a relevância e o trabalho espiritual e social dessas igrejas é um disparate (como Mclaren tenta, contraditoriamente, dizer que não está fazendo em sua obra *Uma ortodoxia generosa*, que, aliás, é uma das obras religiosas mais auto-contraditórias já publicadas nos últimos tempos; mais sobre o assunto, leia o capítulo 5).

Como no caso das sistematizações teológicas, jogue-se fora as "espinhas" (os maus exemplos, que sempre há em todo canto, desde a Igreja Primitiva, ainda no período apostólico, quando as heresias foram combatidas contundentemente pelos apóstolos, como vemos nas Escrituras). Combatam-se os erros desses que se desviam e valorize-se o que está coadunado com a Palavra.

Em vez de salientarmos os erros e cairmos na tentação pós-moderna da generalização com o intuito de promover a relativização, rejeitemos os erros e valorizemos o que é bíblico. Mas, o que fez e faz Mclaren e os emergentes? Em vez de combaterem os erros unindo-se aos cristãos de várias denominações que defendem o evangelho em sua pureza tanto no meio evangélico como um todo quanto em suas próprias igrejas, os emergentes rejeitam tudo, refazem tudo e, como não podia ser diferente para quem age assim, criam eles mesmos o seu próprio evangelho à imagem e semelhança de sua época.

COSMOVISÃO PÓS-MODERNA

Ao analisarmos os pressupostos da IE, vemos que os emergentes, que se apresentam como fiéis depositários da pureza do evangelho por terem uma visão supostamente mais aclarada dele, não têm nada de cristãos em sua forma de entender o mundo e a vida. Os emergentes não têm uma cosmovisão (visão de mundo) cristã. O que pregam choca-se frontal-mente com as Sagradas Escrituras. Sua cosmovisão é pós-moderna, isto é, influenciada pelos valores e princípios da pós-modernidade, tais como o relativismo.

Sua compreensão do evangelho não é pura, não é extraída do próprio evangelho, mas fruto de sua visão de mundo impregnada pelos modismos atuais. E quando confrontados com o fato de estarem se conformando com o mundo (Rm 12.2), tentam justificar essa posição argumentando que o cristianismo em nossos dias só se tornará relevante se contextualizarmos a mensagem bíblica às demandas da pós-modernidade. Esquecem, porém, que a sadia contextualizarmos não significa adaptação.

A contextualização sadia consiste na decodificação e na transmissão integral dos conteúdos, axiomas, doutrinas e valores da Palavra de Deus à nossa geração. Já a contextualização doentia, aplicada pelos emergentes, adapta e distorce os princípios bíblicos conforme os sabores de nossa época. Ora, os ensinos da Palavra de Deus não devem ser alterados para se acomodarem aos gostos de uma geração.

É essa visão relativista pós-moderna que leva o movimento a, além de relativizar a própria Bíblia, cometer outros equívocos como:

1) *Ter aversão a qualquer tipo de religião cristã organizada* — além do que já afirmamos alguns parágrafos antes ao nos referimos aos equívocos do pensamento de Brian Mclaren sobre as organizações cristãs formais, os emergentes esquecem também que a organização formal das igrejas e sua estruturação são necessidades naturais. A Igreja Primitiva em Atos dos Apóstolos só não se organizou formalmente porque era forçada a viver assim por causa da perseguição. Ademais, quem conhece a história do cristianismo sabe que o fenômeno do denominacionalismo foi uma resposta sadia à tendência de que a Igreja fosse ligada ao Estado. As igrejas estatais eram a regra na época que as primeiras denominações surgiram, conforme explicam excelentes obras como *C Celeste Porvir — a inserção do protestantismo no Brasil* (Editora ASTE, 1984), do professor e teólogo presbiteriano Antonio Gouvêa Mendonça.

Lembra-nos Gouvêa que tudo começou na Inglaterra: "O puritanismo [na Inglaterra do século XVII] foi o responsável pelo surgimento das igrejas livres, embora muitos puritanos, apesar de perseguidos, tenham continuado sempre na Igreja oficial [estatal]".

Apesar de o denominacionalismo ter surgido na Europa, foi nos Estados Unidos que ele floresceu e foi saudável para o crescimento da Igreja no mundo. Prosseguimos com Gouvêa (os grifos que aparecem a seguir são do próprio autor):

> O protestantismo americano desenvolveu o fenômeno religioso que se chama denominacionalismo, desenvolvimento esse que obedeceu a certos princípios que caracterizaram um modelo novo de sociedade civil-religiosa. (...) A denominação americana é uma "associação voluntária", o que significa a realização do ideal puritano. Na Inglaterra, pertencer à Igreja oficial e frequentá-la era uma obrigação a que ninguém podia furtar-se, a não ser sob severas penas. A denominação era uma igreja desestatizada, composta por pessoas que a ela aderiam espontaneamente e de acordo com suas preferências e convicções pessoais. (...) A denominação americana tinha um propósito "unitivo e ecumênico", isto é, nenhuma denominação se julgava exclusiva dona da verdade.

Vejamos o que o historiador batista Winthrop Hudson, citado por Gouvêa, diz sobre essa última característica:

> A palavra "denominação" sugere que o grupo referido é apenas membro de um grupo maior, chamado ou denominado por um nome particular. A afirmação básica da teoria denominacional de Igreja é que a Igreja verdadeira não deve ser identificada em nenhum sentido exclusivo com qualquer instituição eclesiástica particular (...) Nenhuma denominação afirma representar toda a Igreja de Cristo. Nenhuma denominação afirma que todas as outras são falsas. Nenhuma denominação insiste que a totalidade da sociedade e igreja devem se submeter-se aos seus regulamentos eclesiásticos. No entanto, todas as denominações

reconhecem sua responsabilidade pela totalidade da sociedade e esperam cooperar em liberdade e respeito mútuo com outras denominações e cumprir tal responsabilidade.

"Finalmente", conclui Gouvêa, "a denominação era ***instrumental*** na tarefa comum de cristianizar a sociedade, não somente a República, mas o mundo".

Como vemos, o denominacionalismo veio para impedir a possibilidade de a Igreja se tornar estatal e, assim, se transformasse em uma serva do Estado e não de Deus; e também para evitar que, mesmo não sendo estatal, se corrompesse, tornando-se toda ela um reino humano (vide Igreja Católica Romana) e não uma comunidade onde se constata em seu meio a manifestação visível do Reino de Deus.

Claro que os interesses políticos e carnais de alguns líderes e a exacerbação de divergências em torno de pontos doutrinários secundários pode tornar algumas denominações em pequenos reinos humanos. Porém, note que, se isso acontecer, não há o risco de necessariamente essa corrupção afetar todas as comunidades cristãs. Algumas igrejas-denominações podem cair nessa tentação, mas as outras podem permanecer sadias por serem denominações independentes uma das outras, comunidades livres.

Agora, se a comunidade toda de cristãos estivesse reunida em uma só organização, como antes da Reforma Protestante, como é que seria quando viesse a corrupção? Não seriam casos localizados. Toda a igreja como instituição estaria contaminada e os verdadeiros fiéis dentro dela seriam perseguidos. O cristianismo já viu esse filme antes. Por isso o surgimento do denominacionalismo, que é uma opção sadia e coerente.

Sabemos que nenhum sistema de governo e organização, seja de um país ou de igrejas, é perfeito. Aristóteles, por exemplo, já destacava em sua época que os três principais sistemas de governo têm virtudes e falhas: a monarquia, que é o governo de um só, cujo caráter e valor estão na unidade, geralmente se degenera tornando-se tirania; a aristocracia, que é o governo de poucos, cujo caráter e valor estão na qualidade, degenera-se tornando-se uma oligarquia; e a democracia, que é o governo de muitos, cujo caráter e valor estão na liberdade, degenera-se transformando-se em demagogia. Apesar dessa análise perfeita do filósofo grego, não pensamos duas vezes para responder que a melhor das três opções é a democracia. Isso não porque acreditemos que a democracia é um sistema perfeito, mas porque reconhecemos que é o mais próximo do ideal de ordem e liberdade que podemos conseguir.

Da mesma forma, os sistemas eclesiásticos de igrejas estatais e igreja única, ou mesmo a proposta pós-moderna de igreja não-denominacional (sem uma linha denominacional ou teológica clara), não são as melhores. As duas primeiras já provaram isso contundentemente durante a história. A terceira, já comum nos EUA, tem demonstrado ser um celeiro de heresias por viver em uma não-padronização doutrinária. Já o denominacionalismo, apesar de ter se degenerado nas últimas décadas, resultando no fenômeno da multiplicação absurda de denominações (mais de 30 mil hoje em dia em todo o mundo), ainda assim é o sistema que comporta melhor a diversidade no meio cristão. Lembrando ainda que muitas dessas igrejas contadas como novas denominações nas pesquisas são, na verdade, igrejas não-denominacionais que vivem em constante mixórdia teológico-doutrinária.

Além disso, quando igrejas-denominações se tornam reinos humanos, há a possibilidade de reversão dessa situação por causa do sistema de governo eclesiástico adotado pelas denominações. Basta que haja conscientização dos membros dessas igrejas para que o quadro mude. No caso de uma igreja só (como é a Igreja Católica), onde um grupo define pelo todo, é muito mais complicado.

Mas alguém pode perguntar: "E se não há conscientização dos membros daquela igreja-denominação, mas condescendência geral com o erro e a heresia?" Então essas comunidades já se transformaram em seitas, e a possibilidade de isso acontecer não existe só em igrejas organizadas formalmente. Em igrejas informais isso também acontece. Aliás, muito mais, devido à falta de padrão organizacional e de uniformidade doutrinária.

Perceba que, em nenhum momento, estou dizendo que o denominacionalismo é um sistema perfeito nem que seja impossível haver cristãos salvos em comunidades cristãs informais. Na verdade, o quero dizer é que: (1) a organização formal das igrejas é uma necessidade natural; (2) e que, dentro dessa necessidade, o melhor sistema para a saúde organizacional da igreja em sua manifestação visível não é o sistema de igreja única estatal (sustentada e manipulada pelo Estado, além de engessada), compreensão esta que é praticamente um consenso; nem a utopia de uma igreja única, como se fosse ela própria uma espécie de Estado religioso - como ocorre de fato com a Igreja Católica Romana —, mas, sim, o sistema denominacional.

O fato de o sistema de organização eclesiástica denominacional ser o melhor se deve, de certa forma, à diversidade do Corpo de Cristo e, principalmente e sem dúvida, às questões culturais de cada país ou região e às inevitáveis divergências teológicas em torno de pontos doutrinários secun-

dários (por mais que evitemos, muitas vezes tornam-se inevitáveis, pelo simples fato de sermos humanos; é contingência da nossa humanidade). Nem me deti na questão das igrejas que surgem exclusivamente por motivações heréticas (discussões em torno de pontos doutrinários fundamentais) e/ou financeiras, pois tratam-se de bizarrias.

A unidade da Igreja na Terra não implica necessariamente uniformidade total. Na Igreja do Novo Testamento, havia diversidade de ministérios (1 Co 12.4-6) e variedade de opiniões acerca de assuntos de importância secundária, como vemos de Romanos 14.1 a 15.13. Além disso, "embora houvesse uniformidade nas convicções teológicas básicas (1 Co 15.11, BLH; Jdv.3), a fé comum recebia ênfases diversas, segundo as diferentes necessidades percebidas pelos apóstolos (Rm 3.20; cf. Tg 2.24; Fp 2.5-7; cf. Cl 2.9ss)", lembra o teólogo escocês Bruce Milne, professor de Teologia Bíblica e História no *Spurgeon College* em Londres e ex-pastor na África Oriental e da 1ª Igreja Batista de Vancouver, Canadá *(Conheça a verdade,* ABU, 1987).

Assim como o regime democrático não é perfeito, mas é o melhor siste-ma de organização da sociedade, o denominacionalismo se mostrou o mais saudável sistema de organização eclesiástica. As outras duas alternativas de que já falamos são muito mais suscetíveis de corrupção do que o denominacionalismo. Claro que há exemplos negativos dentro do denominaciona- lismo, mas eles só provam que o sistema é imperfeito porque o ser humano é falho, e não que o sistema denominacional é tão ruim quanto os outros dois ou, muito menos, o pior. A História já provou que, dos três sistemas, o denominacionalismo ainda continua sendo o melhor para acomodar as naturais diferenças humanas e atender a todos aqueles pontos que apresentei no parágrafo anterior.

O sistema de igrejas não-denominacionais, sem padronização doutrinária, como propõem os emergentes, não é a saída, mas um tremendo perigo, uma porta aberta para a fluidificação dos valores da Palavra de Deus na comunidade cristã.

Outro aspecto a ser destacado é que existe auto-crítica no seio denominacional. A auto-crítica não é inexistente como se imagina. Há algumas denominações que relegam a auto-crítica, mas nem todas são assim. As que relegam essa necessidade sofrem um processo de degeneração e as que não relegam mantêm-se equilibradas.

Pensar que não há auto-crítica relevante dentro de denominações sérias é um erro. Basta ver as mudanças positivas que muitas denominações experimentaram durante os séculos ou mesmo nas últimas décadas.

Exemplos de degeneração do denominacionalismo são o que chamo de (1) "denominacionalatria", que consiste na atitude de ver todas as outras denominações como erradas e a sua como perfeita (o que é uma característica, na verdade, própria das seitas e não a proposta original do denominacionalismo); (2) o paroquialismo e (3) as brigas e rusgas denominacionais.

No primeiro caso, as igrejas confundem o ato da evangelização com presbiterianização, metodistanização, batistanização, assembleianização, etc. Dentro dessa visão, existe também a mentalidade equivocada de tentar obsessivamente convencer um crente a sair de sua denominação para outra, por considerar esta mais pura em todos os sentidos do que aquela. Já no segundo caso, as igrejas são do tipo isoladas, não aceitam manter comunhão fraternal com outras. E no terceiro caso, as igrejas se vêem dentro de uma perspectiva mercadológica, onde uma olha para a outra como sua concorrente. Algumas, inclusive, se utilizam de práticas mundanas como a famosa "pescaria em aquário alheio".

Graças a Deus, algumas dessas coisas já diminuíram no meio evangélico, conquanto outras, muito pelo contrário, continuem (em menor ou maior grau, dependendo da região; e na maioria esmagadora dos casos são praticadas por seitas ou denominações nascidas por razões meramente financeiras, mercadológicas). Mas, nem por isso, como já falamos, o sistema denominacional deve ser condenado, como se os maus exemplos representassem o todo (generalização) ou como se não fosse possível Deus operar na Sua Igreja na Terra apesar das diferenças denominacionais, regionais e de tradição; como se Ele só pudesse operar ou num "clube dos iguais" ou tão somente em comunidades e em crentes que vivem totalmente à margem de qualquer denominação cristã e cultivando a indefinição doutrinária como virtude.

Além disso, quem demoniza o sistema denominacional e segue a idéia de que vai encontrar pureza apenas em comunidades à margem do denominacionalismo está perseguindo uma miragem, uma utopia, uma ilusão, vai se frustrar. Nenhuma comunidade cristã, dentro ou fora das denominações, é perfeita, simplesmente porque ela é composta de pecadores, a maioria de regenerados, mas muitos não; e mesmo os regenerados têm seus momentos de fraqueza. Afinal de contas, somos humanos em processo de santificação. Estamos sendo tratados por Deus aqui na Terra, e esse processo inclui a interação uns com os outros como membros do Corpo de Cristo.

Por isso, você vai encontrar falhas dentro das denominações, mas vai encontrar também muita gente de Deus lá, gente que ama o Se-

nhor e segue o evangelho de Cristo. E eles podem, às vezes, em alguns lugares, não ser a "maioria esmagadora", mas também não são a "minoria esmagada".

A distinção que a Antiga Aliança fazia entre todo o povo de Israel e os israelitas fiéis aplica-se também no Novo Testamento à Igreja. No Antigo Testamento, o termo hebraico *edah* era usado em referência a toda a comunidade religiosa nacional israelita, a qual a pessoa pertencia pelo nascimento (Ex 12.3; Nm 16.9; 31.12). Já o vocábulo *gahal* ("congregação") era aplicado em alusão a uma reunião de israelitas que atendiam ao chamado de Deus (Ex 35.1; Nm 16.26; Dt 9.10). Ao usar o termo grego *ekklesia* para se referir à Igreja, os cristãos primitivos tinham em mente *gahal*.

Ao chamar a comunidade de fiéis de *ekklesia*, o Novo Testamento está se referindo a ela como o conjunto daqueles que atenderam ao chamado divino. *Ek* significa "para fora" e *Klesis*, "chamado". Logo, *ekklesia* é "chamados para fora". Não é à toa que esse termo, que aparece mais de cem vezes no Novo Testamento, é usado majoritariamente (110 vezes) para se referir à Igreja de Deus e duas vezes em alusão ao Israel de Deus, aos israelitas que atenderam ao chamado divino (At 7.38; Hb 2.12); e *ekklesia* é usado tanto para a Igreja mundial quanto para a Igreja local, os filhos de Deus reunidos em um local específico (At 8.1; Rm 16.16; 2Ts 1.4).

Escreve Bruce Milne: "Notamos a distinção feita no Antigo Testamento entre a *edah* (toda a congregação visível) e os *gahal* (aqueles dentro dela que respondem ao chamado de Deus). Jesus ensinou que o Reino corresponde a este padrão: o joio está misturado com o trigo (Mt 13.24-30; 36-43). Dentro do grupo identificado com Cristo acha-se o povo de Deus, a verdadeira Igreja. Não existe então uma igreja pura; em meio a cada igreja pode haver pessoas que não professaram a sua fé e outras cuja profissão será desmascarada no último dia (Mt 7.21-23)" (*Conheça a verdade*, ABU Editora).

Por isso, é inútil desprezar as igrejas organizadas e denominacionais pensando que, fora delas, estaremos formando uma igreja pura, pois nas igrejas não-organizadas formalmente ou não-denominacionais também haverá a mesma mistura entre joio e trigo que há nas igrejas denominacionais (e mais ainda, devido à indefinição doutrinária).

Ao lermos Atos dos Apóstolos e as Epístolas, vemos que na Igreja Primitiva (que é o modelo) havia joio e trigo. Jesus disse que isso é uma realidade ines- capável no Reino e que não deveríamos ficar obsessivamente preocupados em separarmos o joio do trigo, porque quem irá fazer isso perfeitamente é Ele, e não nós, no final dos tempos (Mt 13.28-30). Porém, ao proporem uma igreja

à margem das igrejas cristãs organizadas e denominacionais, os emergentes estão, na prática, fazendo exatamente aquilo que Jesus disse para não fazermos. É tolice pensar que uma igreja mais pura só é possível fora daquelas. É por isso que movimentos sadios como a Reforma Protestante e o Avivamento Wes- leyano não propuseram ingenuamente criação de novas igrejas, mas a volta à Palavra e o avivamento para a igreja. Esses movimentos só resultaram em novas igrejas devido à forte rejeição que sofreram por parte das lideranças da Igreja Católica Romana (no caso da Reforma) e da Igreja Anglicana no início (no caso dos metodistas). Os emergentes, porém, já nascem propondo o fim da "velha floresta" para o surgimento da "nova floresta", já surgem pregando o sepultamento do denominacionalismo (de preferência o mais rápido possível) e enfatizando que os cristãos frustrados devem buscar uma igreja nova, não- denominacional, emergente.

É importante esclarecer também que é uma utopia pensar em um ecumenismo evangélico em que todas as denominações se fundem sob uma única bandeira denominacional. Porém, são salutares (1) o respeito mútuo entre as denominações; (2) o olhar os limites denominacionais como linhas tênues e não como muros; (3) a unidade entre os diversos ramos sadios do protestantismo e (4) a luta em conjunto contra os modismos que tentam distorcer a genuína mensagem do evangelho. Tudo isso está no espírito da oração sacerdotal de Jesus por nós em João 17 e é mais do que possível.

"A verdadeira unidade no Espírito Santo de todo o povo regenerado é um fato independente da desunião denominacional exterior. O chamado para a unidade no Novo Testamento é, portanto, uma ordem para manter a unicidade fundamental da vida que o Espírito concedeu através da regeneração (Ef 4.3)" *('Conheça a verdade).*

Somente quando chegarmos ao Céu poderemos viver a unidade no Corpo de Cristo sem linhas denominacionais. Vivenciamos a realidade da unidade em Cristo já aqui na Terra (uma vez que, à luz da Bíblia, a unidade da Igreja *invisível* já é fato consumado desde a Salvação), mas, a partir daquele Dia, não precisaremos mais dos paliativos do sistema denominacional para acomodar a contingência da nossa natureza humana imperfeita.

Tudo será perfeito, "quando vier o que é perfeito" (1 Co 13.10).

2) *Ser contra métodos de ensino proposicionais, que ensinam que existem verdades absolutas* — essa idéia de que ensinos proposicionais (isto é, a exposição doutrinária) são contrários ao "espírito do evangelho" ou ao "espírito da Bíblia" é uma tremenda mentira. Dizer que a Bíblia é, acima de tudo, uma

narrativa e não uma exposição de doutrinas, por isso não deve ser lida como compêndio doutrinário, mas, sim, em forma de narrativa devocional e com flexibilidade interpretativa (é o que defende a chamada Teologia Narrativa, de que falaremos no capítulo seguinte), é uma grande falácia. Afirmar que Jesus nunca se preocupou com ensinos preposicionais é outro engano.

A Bíblia não é "acima de tudo uma narrativa". Ela contém narrativas para mostrar o desdobramento da revelação divina ao ser humano, mas é *igualmente* uma obra com conteúdo preposicional, isto é, com conteúdo claramente doutrinário. Há muita exposição doutrinária nos livros da Bíblia.

Gênesis 9 não tem intenção proposicional? Gênesis 17 não tem intenção proposicional? As afirmações em Gênesis 1 não têm claramente a intenção proposicional, de apresentar verdades absolutas sobre como o universo foi formado? Gênesis 3 é totalmente sem intenção propo- sicional? Êxodo não tem conteúdo proposicional? Levítico, Números e Deuteronômio não têm conteúdo proposicional? Os capítulos 23 e 24 de Josué não têm conteúdo proposicional? Juízes 2.1 não é propo- sicional? Os capítulos 2 e 15 de 1 Samuel não são proposicionais? E 2 Samuel? Não tem nada, em todo o livro, que seja proposicional?

E os livros dos Reis e de Crônicas, não têm nenhum versículo pro- posicional? E os Salmos? E Provérbios? E Eclesiastes? E os livros proféticos? E os ensinos de Jesus nos Evangelhos? Os sermões da montanha e profético não são proposicionais? As parábolas de Jesus não tinham como propósito ilustrar verdades absolutas? E Atos? Só há relatos lá? Não há nada proposicional ali? E as Epístolas? E Apocalipse?

Além dessa constatação de que a Bíblia está permeada de conteúdo propo- sicional, as próprias narrativas bíblicas têm claras implicações proposicionais, doutrinárias, como no caso dos primeiros capítulos de Gênesis.

Muitas histórias relatadas nas Sagradas Escrituras encerram verdades absolutas. Basta lembrar que os primeiros cristãos, e sobretudo o apóstolo Paulo, interpretavam as narrativas históricas do Antigo Testamento com objetivos proposicionais, ou seja, doutrinários. Ele mesmo disse: "Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça" (2 Tm 3.16). O que Paulo está dizendo, ao enfatizar "Toda Escritura", é que mesmo as narrativas bíblicas têm claras implicações doutrinárias.

Paulo assevera isso ainda em Romanos 15.4, quando diz que "tudo que dantes foi escrito [isto é, no Antigo Testamento] para nosso ensino foi

escrito". Tudo! E "para nosso ensino"! Da mesma forma, tudo o que está registrado em Atos e nos evangelhos têm o mesmo propósito. E as epístolas, como já sabemos, são, quase em sua totalidade, em forma proposicional.

Enfim, as narrativas bíblicas são um repositório de verdades teológicas. Elas foram escritas intencionalmente e seu objetivo claro é apresentar e indicar verdades absolutas que são apresentadas no restante das Sagradas Escrituras de forma diretamente proposicional, o que deixa claro que tais verdades não são flexíveis. As narrativas bíblicas não devem ser lidas como romance, mero texto literário ou como simples narrativas devocionais, e muito menos como narrativas devocionais que encerram verdades flexíveis, como afirma a Teologia Narrativa (a ideia de que podemos fazer várias interpretações diferentes de um mesmo texto para adequá-lo à determinada necessidade).

Toda a Bíblia é intencionalmente doutrinária. As Sagradas Escrituras são claramente normativas. Elas apresentam verdades absolutas. Nossa pregação deve, portanto, apresentar as verdades absolutas da Palavra de Deus. Se não, será qualquer coisa, menos uma pregação bíblica, como lemos em 2 Timóteo 3.14,15; 4.1-4: "Tu, porém, permanece naquilo que aprendestes, e de que foste inteirado, sabendo de quem tens aprendido, e que desde a tua meninice sabes as sagradas letras (...) Conjuro-te, pois, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino, que pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda longanimidade e doutrina. Porque virá tempo em que não sofrerão a são doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade voltando às fábulas".

3) ***Ser contra o discipulado bíblico, ou seja, contra evangelismo ou atividades missionárias que procurem ir até às pessoas para esclarecê-las da necessidade de converterem-se a Cristo e tornarem-se discípulos dela em tudo o que Cristo ensinou*** — Dizem os emergentes que devemos pregar apenas com a vida e as pessoas serão naturalmente atraídas. Ou, no máximo, dizem que devemos ajudar as pessoas a serem pessoas melhores e só. Entretanto, a Bíblia diz que é tanto com a vida quanto por meio da comunicação objetiva do evangelho que devemos pregar, e visando à conversão de vidas a Cristo. Jesus mandou seus discípulos pregarem o evangelho às pessoas e também fazerem discípulos, ensinando as pessoas a "guardarem todas as coisas" que ordenou (Mt 28.19-20 e Mc 16.15,20). Ou seja, esse discipulado não é a exposição de meros princípios de autoajuda espiritual para que as pessoas se tornem mais sensíveis e legais, mas continuem em seus erros doutrinários

ou em seus pecados. E a mensagem do evangelho é clara: há a necessidade de arrependimento, de mudança tanto de mentalidade quanto de vida, e a Salvação só é possível em Cristo (Mc1.15 ; Jo 1.12; 14.6; At 4.10-12).

4) *Ser estranhamente "não-legalista"* É importante dizer que ao pregarem uma conduta não-legalista os adeptos da Igreja Emergente não estão se refe-rindo necessariamente à mesma coisa quando, à luz da Bíblia, combatemos o legalismo. A ideia de legalismo para eles tem uma conotação diferente.

Legalismo é, de forma geral e à luz da Bíblia, a ideia de justificação pelas obras, a fixação imprópria de regras de conduta como necessidades para Salvação e a negligência ou ignorância em relação à graça de Deus. Porém, para os cristãos emergentes, legalismo não é isso. Legalismo, de acordo com eles, é qualquer tipo de exortação concernente à conduta moral. Para eles, é proibido proibir. Por isso, muitos emergentes acham, por exemplo, que não há problema em assistir filmes com cenas impróprias. Condenar essas coisas, segundo eles, seria "legalismo", embora a Bíblia claramente as condene (Mt 5.28-29; SI 101.3; IJo 2.15-172; 2Tm 2.22; Tt 2.12; Tg 1.14; 1 Pe 2.11). Eles generalizam dizendo que "tudo depende da consciência da pessoa", quando a Bíblia diz que nem tudo é questão de consciência (Gl 5.19-25).

5) *Ser contra a postura do cristianismo conservador de lutar acirradamente contra matérias como a legalização do aborto e a aprovação de leis pró-homossexu- alismo* - Os emergentes dizem que os cristãos deveriam se preocupar em lutar contra a pobreza do mundo e em prol de questões sociais e ecológicas, e deixar de lado questões como o aborto e os projetos de lei pró-homossexualismo, como o que institui o crime de "homofobia". Dizem os emergentes que esses dois últimos são menos importantes (Você já não ouviu antes esse discurso?). Porém, à luz da Bíblia, não devemos esquecer nem essas coisas nem aquelas. Os emergentes acham que, fazendo as coisas que julgam "mais importantes", podem deixar de fazer as que consideram "menos importantes" (ou, muitas vezes, sem importância). Errado! Todas são importantes.

O aborto sem ser natural, espontâneo ou para salvar a vida da mãe é assassinato (ver Apêndice 3); e as leis pró-homossexualismo, por sua vez, querem privar os cristãos de suas liberdades religiosa e de expressão. Por isso, não se importar com essas coisas é pecar por omissão. Só para citar um exemplo: na Suécia, onde foi aprovada há poucos anos uma lei que institui o crime de "homofobia", é proibido não só pregar que homossexualismo é pecado, mas até mesmo ler em um culto público qualquer texto da Bíblia de caráter "homofóbico" (exemplo: Romanos 1.26-32). Porém, apesar da seriedade desses assuntos, é comum os emergentes serem condescendentes

em relação ao aborto e ao homossexualismo. Brian Mclaren, cm seu livro *Uma ortodoxia generosa* (p. 153), defende que os cristãos conservadores sigam o exemplo dos cristãos liberais e aceitem os homossexuais e os transexuais do jeito que são.

Um dos exemplos mais conhecidos desse tipo de posição é o de Brennan Manning, incensado pelos emergentes. Ele declarou recentemente não ver nada demais em alguns cristãos serem homossexuais. Manning, que é americano e foi batizado como Richard Francis Xavier, é ex-frade francis- cano, formado em Teologia e Filosofia, e autor de livros como *O evangelho maltrapilho, A assinatura de Jesus, Convite à loucura, O impostor que vive em mim* e *O obstinado amor de Deus,* todos já publicados no Brasil. Ele é muito conhecido por defender um estilo de vida simples e abnegado como algo central para a vida cristã. Conforme diz sua própria apresentação, além de ter vivido cm clausura e contemplação, chegou a habitar voluntariamente entre as populações carentes nos Estados Unidos e na Europa, foi ajudante de pedreiro na Espanha, carregou água para populações rurais, lavou pratos na França e deu apoio espiritual a presidiários na Suíça. Outro detalhe é que, em suas palestras, os temas de Manning sempre são invariavelmente amor e graça, porém a graça que ele apresenta assemelha-se, muitas vezes, ao que Dietrich Bonhoeffer, em seu livro *Discipulado,* chamou de "graça barata".

Apesar de a Bíblia, como já foi dito séculos atrás, mostrar que Deus ama o pecador, mas abomina o pecado (Jo 3.16; lTs 4.1-8; IPe 1.13-16), o Deus de Manning, muitas vezes, parece ser diferente: ama o pecador, mas sem se importar com o pecado. E esse discurso é recepcionado prazerosamente pelos emergentes, que vêem em Manning um dos exemplos máximos de espiritualidade em nossos dias.

O escritor Andy Comiskey, diretor do ministério Desert Stream nos Estados Unidos, que tanto evangeliza homossexuais como discípula e acompanha os que entre eles se convertem a Cristo, em artigo publicado no site *Pastoral Care Ministries,* intitulado "O perigo da graça sem a verdade" (http://lean-nepayne.com/articles/displayarticle.php?articleid=5), conta sua experiência com Manning.

Inicialmente, ele destaca que as mensagens de Manning, como já falamos, são sempre sobre o mesmo tema: amor. Por isso, a princípio, sentiu-se atraído pelas suas palestras e livros, mas logo ficou incomodado ao perceber que o amor que pregava Manning tem muito pouco a ver com o amor de Deus como ensina a Bíblia; pois não é o amor que, além de perdoar os nossos pecados, muda nosso comportamento e, nos momentos de fraqueza em nossa caminhada espiritual,

não apenas nos abraça, mas também nos restaura. Ao contrário, é um amor que aceita a nossa perversidade sem se incomodar, que perdoa-nos sem se preocupar com nossa mudança de vida. Comiskey ficou preocupado com isso e, então, resolveu marcar um encontro com Manning para conversar sobre o assunto.

Sobre a conversa que teve com ele, Comiskey conta o que se segue (a tradução é de Julio Severo, autor do livro *O movimento homossexual,* Editora Betânia, e pode ser lida em www.juliosevero.blogspot.com).

> "Ele pareceu ter ficado realmente ofendido quando expressei minhas preocupações com as referências ambíguas dele com relação ao homossexualismo em seus artigos e livros. Durante nosso almoço incômodo, ele defendeu os casais' gays que vivem em compromisso. Ele também desafiou meu compromisso de defender a ética sexual bíblica - nenhum sexo com homem ou mulher fora da aliança conjugal heterossexual - taxando-me de desinformado e de ter uma mente estreita".
>
> "Partilhei com ele acerca do compromisso do ministério Desert Stream de dar oportunidades seguras e fortes na igreja para a transformação dos homossexuais. Meu assistente Mark Pertuit e eu demos para ele testemunho de nossas próprias caminhadas de cura. Manning rejeitou nosso testemunho com o argumento de que eu não tinha conhecimento suficiente de teologia moral para ser levado a sério nessa questão".
>
> "Obviamente, Manning e eu abordamos de modo diferente a questão da autoridade moral. Minha abordagem é conservadora c baseada na Bíblia. A abordagem dele é obscura para mim.
> Mas o que emerge dessa falta de clareza nele (e, é triste dizer, em muitos como ele) é uma sentimentalização horrorosa da homossexualidade. Estranhamente, os indivíduos que se encontram presos às tendências homossexuais se tornam 'tabus' para 'terapeutas' como Manning. Em vez de abraçar com verdade e graça homens e mulheres que estão confusos, esses terapeutas dançam ao redor desses homens e mulheres em dificuldades e lutas, concedendo-lhes uma condição de quase heróis. O resultado é uma compaixão falsa que pode incentivá-los a se

identificar com e viver o homossexualismo".

"Graça sem a verdade clara e autorizada das Escrituras Sagradas é mortal, onde se pode demarcar os limites conforme nossa vontade, perdendo a revelação da vontade de Deus para nossa vida humana aqui na terra. Ficamos, em vez disso, sozinhos construindo uma identidade baseada em nossa experiência da realidade. 'Sinto-me gay. Portanto, sou gay. Deus me abençoa como gay. Esse pensamento esvazia a cruz de seu sentido. Jesus morreu para nos oferecer o retorno ao seu plano ideal no Jardim do Éden. Ele ressuscitou para nos levantar de acordo com a vontade do Pai para nossa vida humana.

Se perdemos essa verdade, então a graça fica sem sentido. Sua energia que transforma vidas se dispersa e perde a força. A verdade das Escrituras guia a energia da graça. Sem a verdade, a graça perde seu poder dinâmico e essencial de transformar vidas".

Em seguida, Comiskey cita outros nomes famosos que defendem a mesma

"Para muitos terapeutas de influência, a graça abraça os indivíduos que enfrentam conflitos homossexuais, mas é aparentemente incapaz de transformá-los. Certos terapeutas estão fortalecendo essa ideia enganosa - como Mel White, ex-professor do Seminário Fuller e pastor evangélico, que hoje dirige Soulforce, um grupo que defende o homossexualismo. Em sua biografia *Stranger at the Gate* (Estranhos nos Portões), White se representa como uma figura de certo modo trágica cujos impulsos homossexuais o forçaram a formar múltiplas parcerias antes e depois que seu casamento acabou".

"Amigos dele, como o falecido especialista em ética Lewis Smedes, do Seminário Fuller, aceitaram a entrada de White no movimento homossexual como praticamente inquestionável. Como resultado, o Dr. Smedes olhava com profunda desconfiança estudantes como eu mesmo que ousavam defender a cura dos homossexuais. Eu costumava passar por Smedes no

corredor, onde ele me olhava direto nos olhos e perguntava: 'Quanto tempo você vai aguentar antes de recair no homossexualismo?'"

"Bem mais sutil é a influência de White em Philip Yancey. Yancey, autor de vários livros, apresentou White em seu livro *What's So Amazing About Grace?* [lançado no Brasil com o título *Maravilhosa graça],* exibindo White e sua amizade com ele como exemplo forte da graça de Deus. Embora o autor não abrace todas as escolhas de White, Yancey dá destaque a um homem que se tornou o mais influente cristão gay de nossa época. Inadvertidamente, o autor cria uma ponte maligna entre um falso profeta (White) e milhares de leitores que estão buscando clareza na área da homossexualidade. Talvez o fato de que Yancey tenha incluído White em seu livro seja exemplo de alguém que 'se introduziu com dissimulação' em nosso meio a fim de 'transformar em libertinagem a graça de nosso Deus' (Jd v.4)".

"Graça sem verdade é mortal, tirando proveito de nossos sentimentos. 'Quero ser um cara bacana. Não quero provocar mais problemas na vida de alguém que já está sofrendo. Jesus não incluiu os excluídos?' Nosso desejo de ser misericordiosos é compreensível, mas ingênuo. O sentimentalismo distorce a essência do conflito homossexual, produzindo uma perspectiva dramática de nós mesmos, o que só distancia o necessitado de sua cura. E distancia o necessitado também da real boa notícia do evangelho. Não há dúvida alguma de que Jesus primeiramente chamou ao arrependimento os hipócritas religiosos. Mas Ele também chamou Seus seguidores para lidar de modo direto com seus pecados (Lc 7.36-50; Jo 8.1-12). Ignorar a atitude dos seguidores para com o pecado é esculhambar com o testemunho de Cristo e preparar as pessoas para cair em enganos".

"Os homens e as mulheres que enfrentam profundas vulnerabilidades homossexuais precisam da plenitude da graça e da verdade. Sem essa plenitude, corremos o risco de facilmente levar

corredor, onde ele me olhava direto nos olhos e perguntava: 'Quanto tempo você vai aguentar antes de recair no homossexualismo?'"

"Bem mais sutil é a influência de White em Philip Yancey. Yancey, autor de vários livros, apresentou White em seu livro *Whats' So Amazing About Grace?* [lançado no Brasil com o título *Maravilhosa graça],* exibindo White e sua amizade com ele como exemplo forte da graça de Deus. Embora o autor não abrace todas as escolhas de White, Yancey dá destaque a um homem que se tornou o mais influente cristão gay de nossa época. Inadvertidamente, o autor cria uma ponte maligna entre um falso profeta (White) e milhares de leitores que estão buscando clareza na área da homossexualidade. Talvez o fato de que Yancey tenha incluído White em seu livro seja exemplo de alguém que 'se introduziu com dissimulação' em nosso meio a fim de 'transformar em libertinagem a graça de nosso Deus' (Jd v.4)".

"Graça sem verdade é mortal, tirando proveito de nossos sentimentos. 'Quero ser um cara bacana. Não quero provocar mais problemas na vida de alguém que já está sofrendo. Jesus não incluiu os excluídos?' Nosso desejo de ser misericordiosos é compreensível, mas ingênuo. O sentimentalismo distorce a essência do conflito homossexual, produzindo uma perspectiva dramática de nós mesmos, o que só distancia o necessitado de sua cura. E distancia o necessitado também da real boa notícia do evangelho. Não há dúvida alguma de que Jesus primeiramente chamou ao arrependimento os hipócritas religiosos. Mas Ele também chamou Seus seguidores para lidar de modo direto com seus pecados (Lc 7.36-50; Jo 8.1-12). Ignorar a atitude dos seguidores para com o pecado é esculhambar com o testemunho de Cristo e preparar as pessoas para cair em enganos".

"Os homens e as mulheres que enfrentam profundas vulnerabilidades homossexuais precisam da plenitude da graça e da verdade. Sem essa plenitude, corremos o risco de facilmente levar

o povo de Deus a caminhos muito enganadores. E se eu tivesse um Manning ou um White no começo da minha caminhada para me curar? Talvez nós, como cristãos, sejamos ingênuos demais acerca do que e de quem acolhemos nas nossas vidas. Nosso mundo cristão nos fornece muitas influências amplas. Precisamos perguntar a nós mesmos: 'Qual é a base desse líder na área da autoridade? É a graça em harmonia com a verdade bíblica?' Peça o discernimento de Deus. Então, aja de acordo com esse discernimento. Prepare-se para fazer as perguntas difíceis. Cada vez mais, enfrentaremos líderes cristãos famosos que estão sob engano e enganando outros nas áreas da sexualidade e homossexualidade. Precisamos falar a verdade em amor para eles. Agimos assim por amor a eles e aos que, sem nossa intervenção, seriam desencaminhados por eles".

"Em meio às lutas que enfrentarmos ao abrir a boca para falar a verdade, vamos com alegria e bondade dar testemunho acerca da cura da homossexualidade. Se você está sendo transformado nessa área da sua vida, revele para outras pessoas. Se você conhece outros que estão sendo libertos, divulgue. Nada transmite de forma mais poderosa a plenitude da graça e verdade do que a transformação de alguém que sofre conflitos homossexuais! O que Deus cria na pessoa resoluta, que se entregou a Ele, é nada menos do que Sua imagem gloriosa, tudo por meio do poder libertador da graça. A verdadeira graça. Que mensagem importante para nossos dias! Que Deus grande e glorioso servimos! Que privilégio revelá-lo por meio do testemunho de vidas transformadas!"

Como Comiskey, o apóstolo Pedro alertou sobre pessoas que "engodam com as concupiscências da carne e com dissoluções aqueles que se estavam afastando dos que andam em erro" (2 Pe 2.18). Contudo, infelizmente, no Brasil, já há muita gente que pensa como Manning ou simpatiza com seu pensamento. Há até quem diga: "Jesus não disse para alguém deixar de ser gay. Ele disse apenas para o seguirmos". Ora, quem disse que seguir a Jesus

não significa renunciar a nossos pecados e a uma mentalidade pecaminosa?

Jesus não disse à mulher adúltera apenas: "Eu também não te condeno". Ele acrescentou a ela ainda: "Vai-te e não peques mais" (Jo 8.11). E Jesus não estava sugerindo-lhe, com essas palavras, apenas algo do tipo: "Não peques de novo para não passar outra vez por essa situação humilhante e perigosa", como se não se importasse muito com o pecado dela, mas tão somente com sua integridade física c sua honra. Ao ex-paralítico do Tanque de Betesda (cuja enfermidade que Jesus curou era, neste caso específico, decorrente de pecado), Jesus disse: "Não peques mais, para que te não suceda alguma coisa pior" (Jo 5.14). A Bíblia afirma que o Mestre se assentava entre publicanos e pecadores, mas não como aprovação do que estes faziam. Todos que seguiam a Jesus sinceramente abandonavam tanto suas vidas de pecado quando sua mentalidade de pecado (Lc 19.7-10; Jo 4.15-18,28,29).

Muitos emergentes dizem que é impossível um homossexual que se tornou cristão perder a mentalidade homossexual, por isso são contra qualquer tipo de acompanhamento que leve um homossexual a resgatar sua heterossexualidade. Esses emergentes não se importam com a prática homossexual, pregando uma graça que perdoa, mas não transforma. Outros emergentes, porém, são contra a prática homossexual, mas dizem que é preferível o homossexual ser celibatário em vez de procurar resgatar sua heterossexualidade, pois consideram esse resgate muito difícil de acontecer. Inclusive, acham natural o homossexual que se tornou cristão conviver todos os dias com desejos homossexuais. Na prática, é também uma graça que perdoa, mas não transforma.

Ora, se alguém convertido a Cristo preferir se tornar celibatário, não há problema, mas pensar que Deus não pode resgatar a heterossexualidade de uma pessoa é um equívoco à luz da Bíblia. Tal posição sugere que a pessoa nasce homossexual. Logo, Deus é quem faz a pessoa ser homossexual? Como poderia Deus chamar de "torpeza" (Rm 1.27) aquilo que Ele mesmo teria criado na pessoa? E se a pessoa não nasce homossexual, tendo se tornado homossexual no decorrer da vida, por que Deus não poderia resgatar a heterossexualidade da pessoa?

A Bíblia diz que "o evangelho é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê" (Rm 1.16) e que "se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Co 5.17). A Palavra de Deus diz ainda que se já ressuscitamos com Cristo, devemos pensar nas coisas que são de cima e sermos mortificados para "a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência, e a avareza, que é idolatria" (Cl

3.1-5). A idéia de "mortificação", de estar "morto para o mundo", na Bíblia, significa estar morto para os desejos do mundo.

Deixe-me dar um exemplo. É possível que um heterossexual que, antes de aceitar Jesus, se alimentava constantemente de material pornográfico, em um momento de fraqueza seja açoitado por lembranças e desejos antigos, e acabe caindo. Mas não podemos dizer que um cristão passou por uma real transformação se, mesmo depois de crente, não é simplesmente açoitado eventualmente por esses desejos em momentos de fraqueza: ele convive, todos os dias, com esses pensamentos, não consegue se libertar, pois trata-se de uma ideia fixa. Por mais que ele não chegue a fornicar ou adulterar, não podemos dizer que ele vai espiritualmente bem se, constantemente, deseja a impureza.

Quando a Bíblia diz que "quem é nascido de Deus não peca" (João escreveu isso justamente para combater os antinomianismo - 1 Jo 5.18), está afirmando que quem se converteu a Cristo não vive na prática do pecado, não tem uma mentalidade pecaminosa dominando sua vida. O pecado, em sua vida, é uma exceção, não a regra. O cristão não deve ser escravo do pecado ou de uma mentalidade pecaminosa.

Jesus disse que desejar sexo ilícito é pecado (Mt 5.28) e devemos ser "limpos de coração" (Mt 5.8). A Palavra de Deus declara que devemos "guardar o nosso coração" (Pv 4.23) e Jesus ensinou que do coração é que procedem todos os pecados, por isso devemos mantê-lo puro (Mt 15.18,19). Então, como podemos considerar normal um cristão ter um coração dominado por desejos impuros? E como podemos considerar normal um cristão ter uma mentalidade homossexual? Como podemos considerar correto dizer que um homossexual que se tornou cristão não precisa resgatar sua heterossexualidade?

Quando afirmamos que alguém pode conviver habitualmente com os mesmos pensamentos pecaminosos sem problema, contanto que não concretize seus pensamentos, estamos usando a mesma lógica dos fariseus, que Jesus combateu (Mt 5.20,27,28).

Há quem pense, como Manning, que a pessoa que desenvolve uma disciplina espiritual em sua vida para vencer as tentações está se apoiando nas obras para sua salvação. Nada mais enganoso. A disciplina espiritual é bíblica e não tem nada a ver com disciplina religiosa, esta sim baseada no esforço próprio.

A disciplina religiosa é legalismo. É a crença que se alguém obedecer algumas regras religiosas e tiver força de vontade, poderá vencer a tentação. Tremendo erro. Já a disciplina espiritual é bíblica. É o que a Bíblia chama

de "exercício da piedade" (ITm 4.7). Paulo falou disso também aos crentes em Corinto (que estavam precisando muito disso) usando como ilustração os jogos olímpicos da Grécia Antiga (ICo 9.25-27). Ela consiste justamente no reconhecimento que a pessoa tem de que não poderá, por suas próprias forças, vencer a carne e as tentações. Por isso, a pessoa busca a Deus todos os dias por meio de Sua Palavra, na oração, na adoração e na comunhão com os irmãos, para venceras tentações. Disciplina espiritual é isso. É fortalecer-se "no Senhor e na força do Seu poder" (Ef 6.10). Isso é confiar na graça de Deus. Aliás, Paulo disse a Timóteo para ele fortificar-se na graça (2 Tm 2.1).

Portanto, exercitemo-nos na piedade (1 Tm 4.7).

Um bom livro sobre esse assunto é *Disciplinas do homem cristão* (CPAD), de autoria do pastor R. Kent Hughes. Nele encontramos também esse esclarecimento sobre a diferença entre as disciplinas religiosa e espiritual: "Para muitos, disciplina espiritual significa submeter-se a uma série de regras draconianas que ninguém pode cumprir e que geram frustração e morte espiritual. Mas nada pode estar mais longe da verdade, se entendemos o significado de disciplina e legalismo. A diferença está na motivação. O legalismo é egocêntrico. A disciplina mantém Deus no centro. O coração legalista diz: 'Vou agir dessa forma para ter mérito diante de Deus'. O co- ração disciplinado diz: 'Vou agir dessa forma porque amo a Deus e quero agradá-lo'. (...) Se confundirmos legalismo com disciplina, fazemo-lo com o risco de nossa alma".

A Bíblia diz que "aquele que ***confessa*** e ***deixa*** alcançará misericórdia" (Pv 28.13). Ou seja, a graça abraça, mas também transforma. E por isso que a mensagem da graça começa conclamando o pecador ao arrependimento (Mc 1.15). E arrependimento indica mudança de mentalidade. Graça não é sinônimo de condescendência com o pecado, mas de perdão para o pecado e de transformação de mentalidade e, assim, da vida.

"Vocês não sabem que os perversos não herdarão o Reino de Deus? ***Não se deixem enganar:*** nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, ***nem homossexuais passivos ou ativos*** (...) ***herdarão o Reino de Deus. Assim foram*** alguns de vocês. ***Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus*** (1 Co 6.9-11, NVI).

6) ***Ser a favor de uma hermenêutica pós-moderna*** —Os cristãos emergentes defendem ainda que devemos aceitar interpretações diversificadas da Bíblia. Dizem que a Igreja é melhor enriquecida e abençoada quando há pluralidade de interpretações (cada uma atendendo a uma necessidade do momento). Eles desprezam conceitos básicos de Hermenêutica Bíblica, tais como a

intenção dos autores bíblicos, o contexto cultural de cada livro e passagem (texto sem olhar o contexto é pretexto) e a homogeneidade da Bíblia (a Bíblia se explica pela própria Bíblia). Assim, distorcem o significado de passagens da Bíblia a seu bel prazer para acomodá-las a seus pontos de vista. É o que se chama também de Hermenêutica Pós-moderna ou Hermenêutica Generosa. É desonestidade completa.

7) *Propor uma "adoração alternativa"*—Outra característica do movimento é a ênfase na chamada "criatividade espiritual" do crente na adoração. Os cristãos emergentes creem que não deve haver um padrão de adoração a Deus, mas, cada crente, dentro de sua criatividade, deve procurar formas alternativas de adoração. Dessa forma, algumas comunidades da IE aceitam expressões de adoração do neopentecostalismo, como a chamada "adoração extravagante", etc. A maioria, porém, prefere estilos pós-modernos, tais como música eletrônica.

O que mais comum hoje em dia no meio da IE é a idéia de "adoração alternativa", que nasceu nos anos 90 entre adolescentes cristãos emergentes na Europa. Em outras palavras, foi um estilo criado por jovens da "Geração X", termo usado no marketing e nas ciências sociais para descrever a influência, na cultura popular hodierna, da geração que nasceu nos anos 80 c 90.

Na adoração alternativa, os hinos tradicionais das igrejas foram totalmente abolidos, sendo substituídos por novos hinos, muitas vezes compostos pelos próprios emergentes. Esses hinos são sempre em estilos musicais pós-modernos, desde variações recentes e mais pesadas do rock a música eletrônica. Na adoração alternativa, os sermões também são abolidos, sendo substituídos por mensagens curtas, pequenas ministrações, proferidas durante a sessão de louvores. Apresentação de filmes e outros recursos tecnológicos também substituem o culto normal algumas vezes. Há até cultos que consistem apenas em jovens se reunirem para pintar quadros ao som de músicas.

A falta de reverência em muitas dessas reuniões, com o desvirtuamento do sentido do culto, inclusive pelo tipo de música empregada (porque cada estilo de música tem um propósito específico e o utilizado por alguns emergentes não tem nada a ver com o culto a Deus), e a ausência de espaço para a Palavra nessas reuniões são os dois grandes problemas. A Bíblia diz "Guarda o teu pé quando entrares na Casa de Deus" (Ec 5.1) - ou seja, tenha reverência! - e "Não havendo profecia, o povo se corrompe; mas o que guarda a lei, esse é bem-aventurado" (Pv 29.18)- isto é, não pode faltar Palavra nos cultos.

Alguém poderia argumentar que condenar o uso de alguns estilos musicais na adoração a Deus seria um exagero, uma vez que a música foi criada

por Deus. Contanto que a letra de uma música seja de adoração a Deus e não contenha heresias, qualquer música poderia ser usada para glória de Deus. "Qualquer estilo pode ser usado na adoração a Deus!", costumamos ouvir. Tremendo engano. Essa é uma falácia que precisa ser desfeita.

Assim como ocorre com a música, acontece com todo tipo de coisa que Deus criou. Tudo que Deus criou foi para um propósito. Deus nos fez para um propósito. Tudo o que Deus criou em nós *é* também para um propósito. Igualmente, a música, que é uma criação de Deus, foi criada para um propósito. Mas, o que o pecado faz? O pecado corrompe as coisas criadas por Deus para que não atinjam o propósito para o qual foram criadas. Dessa forma, homens vivem sem glorificar a Deus e a música é usada para outros propósitos que não são o de glorificar a Deus ou proporcionar momentos sadios entre as pessoas. "Ok. Mas, até agora, o que você disse não desfaz o argumento". Continuemos.

Para que você entenda realmente o que estou querendo dizer, deixe- me aplicar esse princípio bíblico a outras coisas criadas por Deus: sexo e sentimentos.

Deus criou o sexo. Ele criou os seres humanos com a capacidade e tendência natural de relacionar-se sexualmente. Deus criou o instinto sexual (Gn 1.28). Logo, sexo em si não é mau, obviamente não é pecado. É uma **bênção. Agora,** isso significa que qualquer atividade sexual é boa e lícita? **Não. Mas,** por quê? Porque Deus criou o sexo com um propósito, assim **como tudo o** que Ele faz e cria tem um propósito. O que o pecado faz, repito, é **justamente** desvirtuar e desorientar aquilo que Deus criou, provocar **desordem.** É por isso que o vocábulo traduzido por pecado tanto no grego **como no** hebraico (tanto no Antigo quanto no Novo Testamento) significa, **em boa parte** das vezes, "errar o alvo".

Quais foram os objetivos pelos quais Deus criou o sexo? Dois: a pro**criação** e a satisfação do casal monogâmico (Gn 1.28; 2.22-24). Esses são **os** propósitos, sua razão de ser. Mas, o que faz o pecado? Faz com que o sexo seja praticado de forma diversa do seu propósito original: prostituição, fornicação, adultério, homossexualismo, bestialismo, etc. Portanto, é errado afirmar que sexo, em si, é pecado, mas também é errado afirmar que todo tipo de sexo não é pecado.

Vamos agora aos sentimentos. Deus nos criou com a capacidade natural de odiar e de amar. Logo, as capacidades de odiar e amar não são pecado cm si mesmas. Odiar e amar são bênçãos. E por que Deus nos criou com essas capacidades? Porque esses sentimentos devem existir em um ser que não é um robô, em um ser que tem o direito de escolha, de livre agência.

Deus nos fez à sua imagem e semelhança, e isso significa que Ele nos fez para sermos seres livres como Ele é, logo podemos odiar e amar como Ele odeia e ama (Rm 1.18; 2.5; Jo 3.16; Sl 23.6). As sensações, os sentimentos, são imprescindíveis em um ser com livre agência. Porém, por outro lado, Deus não nos fez seres livres para que vivêssemos em pecado. Ele nos fez seres livres para que pudéssemos adorá-lo espontaneamente. Esse foi o seu propósito.

Logo, a capacidade de odiar deveria existir em relação a todas as coisas que realmente deveriam ser alvo de nosso desprezo, e a capacidade de amar deveria existir em relação a tudo aquilo que deveria ser realmente alvo de nosso apreço. Mas, o que faz o pecado? Faz com que amemos o que deveria ser alvo do nosso desprezo (a licenciosidade, a vaidade, as transgressões) e desprezemos aquilo que deveria ser alvo do nosso amor (Deus, a santidade, a justiça).

Logo, odiar não é pecado. Porém, será que todo tipo de ódio é certo? Claro que não.

Amar não é pecado. Mas, será que todo tipo de amor não é pecado? Obvio que não.

Entristecer-se, em si, não é pecado. Mas, será que todo tipo de tristeza é correta? Enfaticamente, não. A Bíblia diz que a tristeza segundo Deus (a tristeza do arrependimento) leva à vida, mas a tristeza segundo o mundo leva à morte (2 Co 7.10).

Alegrar-se, em si, não é pecado. Mas, será que todo tipo de alegria é saudável? Decididamente, não. A Bíblia diz que devemos nos alegrar com os que se alegram e chorar com os que choram (Rm 12.15). Há gente que faz o inverso.

Agora, voltemos à música. Deus criou a música. Logo, a música não é má em si mesma. Mas, será que todo tipo de música é correto? Claro que não! Afirmar que "porque Deus criou a música, e esta é consequentemente boa em si mesma, qualquer tipo de música pode ser usada para louvar a Deus" é silogismo puro. Nem todo tipo de música é para a glória de Deus. Há estilos musicais que são perniciosos. Há sons que, comprovadamente, despertam agressividade e/ou sentimentos pervertidos naqueles que os ouvem. Há estilos musicais que, cientificamente, produzem nas pessoas uma euforia quase idêntica àquela que uma droga pode produzir, deixando a pessoa sugestionada emocionalmente a fazer sandices, despertando um espírito que não é o do evangelho.

"Mas e a letra bíblica de uma música? Ela não santificaria aquele estilo?" Não. O que você terá apenas é uma letra pura em um estilo musical

impuro. Infelizmente, muita gente confunde letra como parte da música e aí raciocina que, porque a letra é positiva, o estilo musical já não interessa tanto. Ora, letra não é música. Música não é letra. A letra independe da música e vice-versa. Você pode ter letra sem música e música sem letra. O que é música? Música não é a junção da letra à melodia, à harmonia e ao ritmo. É tão somente melodia, harmonia e ritmo (embora o ritmo, sozinho, possa ser uma expressão musical).

E o que é a letra? Um texto nada mais é do que fruto da capacidade que Deus nos deu de nos expressar por meio de palavras. Essa capacidade, que é uma bênção em si mesma, pode ser usada tanto para o bem como para o mal. Muitos a usam para o mal. Uma letra bíblica é um uso sadio. Se uma música acompanha uma letra sadia, podemos afirmar que a letra, particularmente, já atendeu ao seu propósito. A questão é: a música que acompanha essa letra também atendeu?

Se o primeiro argumento ("A música é de Deus, logo qualquer estilo de música é bom") é silogismo dá pior espécie, o segundo, por sua vez, é maquiavelismo puro. Defender uma música perniciosa porque acompanha uma letra bíblica é ser maquiavelista. Os fins não justificam os meios! A letra bíblica não justifica a música perniciosa. A mensagem não justifica o meio corrompido utilizado.

"Então, isso significa que toda música cristã deve ser engessada?" Ninguém está sequer sugerindo isso. Repito o que escrevi em meu livro *Reflexões sobre a alma e o tempo* (CPAD), quando falo desse mesmo assunto no capítulo 9: "Na igreja, devemos ter, concomitantemente, um clima de quebrantamento constante e um clima de celebração constante. Deve haver hinos inspirados que nos estimulem à humildade, ao serviço, à rendição e, simultaneamente, devem existir hinos inspirados que nos estimulem ao júbilo, à alegria efusiva. Devem existir hinos com letra e ritmo alegres". Todos os estilos musicais que expressam as ideias de celebração e/ou quebrantamento podem ser utilizados.

Porém, há estilos musicais que não são expressões nem de uma coisa nem de outra. E isso não tem nada a ver com uma mera diferença de gostos musicais. Eles são tão hiperbólicos e doentios que usá-los em letras que falam, por exemplo, de celebração ao Senhor é como colocar maçãs de ouro em salvas podres. "E as danças na Bíblia?" Nenhuma delas justifica estilos hiperbólicos. Por acaso, quando Davi e Miriã dançaram, foi ao som de algo parecido com esses estilos perniciosos?

As músicas expressam sentimentos. Ao ouvirmos determinadas melodias e ritmos, mesmo que não haja letras neles, sabemos que estão expressando

um determinado tipo de sentimento, que pode ser de alegria, saudade, vigor, animo, coragem, júbilo ou de desorientação, agressividade, horror, etc. Há músicas que, ao ouvirmos, percebemos que não expressam sentimentos saudáveis. Expressam acidez, loucura, alucinação, desordem, etc. São estilos que provocam desorientação em nossos sentimentos.

Deixe-me dar um exemplo claro: há muitas pessoas que condenam o estilo *rock,* mas gostam de músicas evangélicas cujo estilo, tecnicamente, é *rock,* e elas não sabem. Há tipos de *rock* que são, na verdade, ingênuos. Demonstram apenas descontração e alegria. Esse estilo foi condenado em seu nascedouro, não tanto pelo som, mas pela cultura que abraçou aquele novo estilo musical descontraído para representá-la. A cultura do *rock,* com danças provocativas e sensuais e um ambiente de drogas e perversão, é que era o grande problema. Foi a cultura por trás daquele novo estilo, que no começo era até ingênuo, que o demonizou. Tanto é que, hoje, cantamos músicas e corinhos daquele estilo do *rock* em seu início, e muitas vezes não achamos nada demais.

Agora, atualmente, há variações pesadas do *rock e* também alguns outros estilos musicais que são nitidamente, escancaradamente, hiperbólicos. Ao ouvi-los com letras bíblicas que às vezes falam do amor de Deus ou de Jesus, o que constatamos é uma contradição. O estilo musical utilizado expressa um sentimento ou um espírito que não tem nada a ver com o espírito de que fala a letra.

Portanto, que fique claro: a música é de Deus, ela é uma bênção em si mesma, mas ela pode ser usada para o mal ou para o bem, e isso tem, sim, tudo a ver com o estilo musical utilizado.

REFUTANDO OS PRESSUPOSTOS GERAIS DA IGREJA EMERGENTE

Por defender uma igreja marcada por uma constante reformulação teológica, há grupos da IE que adotam determinadas posturas que outros grupos do movimento não adotam. Por exemplo: algumas IEs evangelizam, mas outras não. Entretanto, mesmo havendo diferenças, alguns pressupostos são sempre comuns.

Vejamos, agora, como os chamados pressupostos gerais da Igreja Emergente não se sustentam diante de uma análise bíblica séria.

Pressuposto 1 — *Pensar que as igrejas precisam de uma revolução segundo a realidade de nossos dias*

Todas as vezes que lemos sobre a Reforma Protestante, encontramos os lemas *Sola Gratia* (Só a Graça), *Sola Fide* (Só a Fé), *Sola Christi* (Somente Cristo), *Sola Scriptura* (Só as Escrituras) e *Sola Deo Gloriae* (Só a Deus a Glória). Porém, outro importante lema dos reformadores era *Ecclesia reformata et semper reformanda est* (Igreja reformada sempre se reformando), sempre lembrado pelos emergentes para justificarem seu movimento.

Esse lema, proferido por João Calvino, é importantíssimo para os nossos dias. Porém, como tantos outros princípios na História, ele tem sido distorcido. Os emergentes usam esse princípio para abalizar suas inovações. Eles o pronunciam fazendo crer que o sentido de reformar, nessas palavras de Calvino, é inovar doutrinariamente. Mas não é o que os reformadores queriam dizer.

A ideia que Calvino e os demais reformadores tinham ao proferir essas palavras não dizia respeito a alguma necessidade de reformularmos as doutrinas bíblicas com o passar do tempo, mas à indispensabilidade de, sempre quando necessário, fazer a igreja retornar às doutrinas bíblicas. Reforma compreende a ideia de corrigir e reorganizar, mas lembremos que o foco dessa reforma, conforme o próprio lema afirma, não é a doutrina, mas as igrejas, que precisam sempre se reavaliar periodicamente à luz das Sagradas Escrituras para evitar desvios paulatinos. O lema não é "*doutrina* reformada sempre se reformando", mas "*igreja* reformada sempre se reformando".

Quando os reformadores falavam de reformar a igreja, o que tinham em mente era a volta à Bíblia, não a reformulação das doutrinas bíblicas com o passar dos tempos. Aliás, avivamento é a ressurreição do que antes estava vivo. Avivamento espiritual é um redescobrimento, um avivamento das doutrinas bíblicas, e sempre foi assim na Bíblia (2Rs 22 e 23; Ne 9) e durante a História. Foi assim na Reforma Protestante do século XVI. Foi assim no Avivamento Wesleyano do século XVIII. Foi assim com o Movimento Pentecostal no início do século XX.

O que as igrejas precisam mesmo é de um retorno às Sagradas Escrituras e não de uma revolução que consista na mudança de mentalidade conforme às "necessidades" de nossa época. Igrejas precisam de avivamento e, à luz da Bíblia, avivamento só é possível onde a Palavra de Deus é aceita incondicionalmente, em vez de adaptada aos gostos hodiernos. O salmista afirmou: "Vivifica-nos, Senhor, conforme a tua palavra" (Sl 119.107).

Paulo, em Romanos 12.2, é enfático: "E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento,

para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus". Ao se adaptar à pós-modernidade, os adeptos da IE estão cedendo ao mundo de que fala o apóstolo João (1 Jo 2.15-17), ou seja, ao sistema filosófico, ideológico e espiritual fomentado pelo Maligno e que deve ser rechaçado.

Pressuposto 2 - *Pregam uma teologia sem ortodoxia. Por isso, flertam constantemente com a teologia liberal*

Uma teologia só será sadia se ela for ortodoxa, isto é, se estiver abalizada na Palavra de Deus, apoiada nos pontos fundamentais da fé cristã exarados nas Sagradas Escrituras. Se não, seja anátema (Gl 1.9,11).

A Bíblia diz que devemos estar "edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas" (Ef 2.20). E mais: "Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo quanto aos que te ouvem" (1 Tm 4.16). E ela ainda traz um alerta para o qual os emergentes deveriam atentar seriamente: "Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo" (Cl 2.8).

Não é à toa que Brian Mclaren, por meio de seu alter ego chamado Neo, personagem ficcional *de A New Kind of Christian* (Um novo tipo de cristão), afirma que as Escrituras não são nem autoritativas nem um fundamento para a fé. Os emergentes não levam o que a Bíblia diz a sério, preferindo, nas palavras de Paulo, as filosofias e vãs sutilezas segundo os homens e o mundo. Sua reinterpretação das Escrituras demonstra isso.

Pressuposto 3 — *Pregam o antinomianismo*

O antinomianismo é o extremo oposto do legalismo. Trata-se de uma aversão a qualquer tipo de norma de conduta. Os emergentes confundem as leis morais de Deus com legalismo. Pensam que quando a Bíblia diz que Jesus nos libertou da Lei, estava se referindo a todo tipo de lei (inclusivo as leis morais). Pensam que a graça de Deus os liberta da obrigação de obedecer às leis morais de Deus. Portanto, a graça é, para eles, uma licença para a desobediência.

Como disse certa vez o teólogo R. C. Sproul, muitos cristãos de hoje, em vez de dizerem "Oh! Quanto amo a Tua Lei! Ela é minha meditação o dia todo" (Sl119.97), estão mais aptos a exclamar "Oh! Como odeio a Tua Lei! Quão feliz eu sou por estar livre dela!" Esses crentes agem assim por entenderem errado o que o apóstolo Paulo está querendo dizer quando se refere à lei que foi abolida por Cristo.

Ele não estava se referindo ao aspecto moral da lei, mas ao seu aspecto cerimonial. Tanto é que a lei moral é vista claramente em todo o Novo Testamento.

Declara Sproul: "Um mito persiste em nossos dias: o de que o evangelho revogou a Lei de Deus para sempre. Dizemos 'à forca com Moisés' como se o mediador da Antiga Aliança fosse mais opressivo que o faraó contra quem combateu. A velha heresia do antonomianis- mo está firmemente entricheirada na moderna igreja. A Nova Aliança é frequentemente vista não em continuidade com a Antiga Aliança, mas em radical disjunção. A Lei é vista como antiquada, obsoleta e até mesmo como um detrimento ao crescimento cristão" *(A Alma em Busca de* Dewr, Juerp, 1995).

A Nova Aliança inclui mandamentos, determinações, ou seja, a lei moral. Jesus, e não Moisés, disse: "Se me amardes, obedecereis os meus mandamentos (...) Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele" (Jo 14.15,21).

Em seu Sermão da Montanha, Jesus adverte-nos contra a idéia de que Ele estaria defendendo o antinomianismo. Cristo nem negligenciou nem destruiu a Lei. "Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim destruir, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, de modo nenhum passará da lei um só i ou um só til, até que tudo seja cumprido. Qualquer, pois, que violar um desses mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus" (Mt 5.17-19).

O que, então, foi abolido da Lei por meio de Cristo? Quando Jesus cumpriu a Lei, foram abolidas as leis cerimoniais, que apontavam para o sacrifício de Cristo, e as leis regimentares. A lei moral, ou seja, o aspecto moral da Lei, permanece no Novo Testamento.

E a questão da "maldição da Lei", de que fala Paulo?

Ela diz respeito às sanções punitivas a que estamos sujeitos por não podermos cumprir a Lei. "Ao cumprir as exigências da Lei para nós, Cristo removeu a maldição da Lei para fora de nós. Somos libertos do miserável peso da Lei, das sanções punitivas. Isso não significa, porém, que nos foi concedida uma licença para a anarquia. A anarquia é marca registrada do Anticristo. O apóstolo Paulo, cm Romanos e Gálatas, insiste no ponto de que a Lei não pode nos justificar; ela pode somente nos condenar. Somos justificados pela fé e não através das palavras da Lei" *(A Alma em Busca de Deus).*

Não somos salvos por obedecer aos mandamentos divinos. Não somos salvos pelas obras e muito menos pelas palavras da Lei. Somos salvos por Jesus, pela graça divina por meio da fé (At 4.12; Ef 2.8). Porém, o fato de não sermos salvos pela Lei não significa que podemos desprezar a Lei ou ignorar os mandamentos, vivendo licenciosamente.

"Nós, que somos libertos da maldição da Lei, não devemos 'desposá-la (isto é, encarar a Lei como um caminho para a salvação). A Lei expõe nosso pecado e evidencia nossa necessidade de um Salvador". Mas não só isso. Sproul continua: "Paulo também enfatiza que não há nada imperfeito a respeito da Lei. Não obstante ela ser incapaz de nos salvar, e este nunca foi o seu propósito, ela não é impotente para nos ensinar a justiça e para revelar o que é agradável a Deus. A falha não está na Lei; a falha repousa em nós. Paulo escreve: 'De modo que a lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom (...) Porque bem sabemos que a lei é espiritual (...)' (Rm 7.12,14). É o peso espiritual da Lei que é vitalmente importante para o cristão" ***(A Alma em Busca de Deus)***.

A Lei não é maldita. Paulo afirma que ela é santa, justa, boa e espiritual. Ela só não pode nos salvar.

Em síntese: não somos salvos nem podemos nos tornar espirituais por meio da Lei, mas aprendemos a vontade de Deus para nossas vidas e o caminho da obediência espiritual através dela. Por isso, devemos amar a Lei (lei moral de Deus).

Portanto, exclamemos como o salmista: "Oh! Quanto amo a Tua Lei!"

Pressuposto 4 - ***Aceitam um certo nível de universalismo, o sincretismo teológico e o ecumenismo***

Os emergentes afirmam que um estilo de vida politicamente correto e generoso é mais importante do que a nossa ortodoxia, como se a nossa conduta não dependesse de uma compreensão correta das doutrinas bíblicas. Para eles, é mais importante como as pessoas vivem do que no que elas creem. Por isso, sua teologia é sincretista (abarca conceitos teológicos de vários grupos religiosos) e adotam discursos em prol do ecumenismo religioso.

Além de misturarem teologias diversas, desde a Teologia da Libertação ao Teísmo Aberto e outras teologias, é comum interpretarem normalmente como membros da Igreja verdadeira, do Corpo de Cristo, pessoas de outros credos religiosos não-cristãos que, de repente, sejam "boas pessoas", "amorosas", etc., quando

a Bíblia fala que os verdadeiros filhos de Deus são os que receberam Jesus e a Palavra, não os que meramente praticam boas obras (fo 1.12; 17.17; 14.6,15,21).

Pressuposto 5 — ***Ensinam um amor errado***

Os emergentes costumam ter um apelo sentimentalista em seu discurso. Normalmente, dizem que o amor está acima da ortodoxia bíblica, quando os dois estão alinhados. Ao aceitarem como sadias algumas obras de teólogos liberais e de outros grupos religiosos (budistas, por exemplo), e se justificarem afirmando que "mais importante do que a ortodoxia é o amor", eles estão, na prática, concordando que quase todas as religiões podem chegar até Deus. Para eles, não importa muito a ortodoxia, mas, sim, o que chamam de "amor", que nada mais é do que o ***ethos*** hedonista de que falamos no primeiro capítulo, um amor baseado no politicamente correto, um sentimentalismo que é sobreposto à verdade.

Ora, o amor não deve estar acima da ortodoxia bíblica e nem pode. Amor não deve ser confundido com tolerância e condescendência a teologias erradas. Ora, se alguém faz sempre o bem ao próximo, é gentil e honesto com as pessoas, mas, por exemplo, não crê que Jesus é Deus e despreza a Bíblia, devemos ser condescendentes com a posição teológica dele?

O verdadeiro amor não se opõe à ortodoxia bíblica. Devemos amar e respeitar as pessoas, mas sem condescender doutrinariamente.

A Bíblia diz que a verdade e o amor andam de mãos dadas (Ef 4.15 e Os 4.1). O apóstolo João diz que devemos amar a verdade e que o amor e a verdade devem estar conosco (2 Jo vv.2,3). Paulo fala contra aqueles que "não receberam o amor da verdade" (2 Ts 2.10). Note: "O amor da verdade". Sim, porque os falsos amores não são segundo a verdade, não andam de mãos dados com a verdade, ou seja, não são segundo a Palavra de Deus (Jo 17.17). Inclusive, o apóstolo Pedro afirma que a obediência à verdade produz o amor não fingido (1 Pe 1.22).

Em outras palavras: só há perfeita ortopraxia quando há ortodoxia. É possível haver ortodoxia sem ortopraxia, mas é impossível haver verdadeira ortopraxia sem ortodoxia, sem amor à verdade, à Palavra, aos ensinos bíblicos. A genuína ortopraxia ama a verdade e se submete a ela. "Como purificará o mancebo o seu caminho? Observando-o conforme a tua palavra. (...) Escondi a tua palavra no meu coração para eu não pecar contra ti" (Sl 119.9,11).

Jesus, em seu Sermão da Montanha, falou sobre a necessidade de se guardar a Palavra (Mt 7.24-27), e diz a Bíblia que, "concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua *doutrina* (Mt 7.28).

O Cristo era tanto cheio de graça como de verdade (Jo 1.14), e Ele não ensinou uma verdade relativizável, mas a verdade absoluta. Aliás, foi Ele mesmo quem disse: a Palavra é ***a verdade (Jo 17.17)***.

CAPÍTULO 3

A Teologia Narrativa e a desconstrução da Bíblia

Não há como falar de Igreja Emergente sem falarmos de um de seus pressupostos mais amados: a Teologia Narrativa. Esse pressuposto está vinculado diretamente ao conceito de Hermenêutica Generosa ou Hermenêutica Pós-moderna, de que já falamos. O nome Teologia Narrativa se deve ao fato de que seus adeptos propõem que a Bíblia precisa ser entendida não como uma obra proposicional, que apresenta doutrinas, mas tão somente como uma grande narrativa devocional que deve ser lida e interpretada sem preocupação com as regras de hermenêutica.

A Teologia Narrativa seria, portanto, uma construção teológica supostamente alternativa contra o que os emergentes chamam de repetição dogmática ou rigidez científica na interpretação da Bíblia.

ONDE TUDO COMEÇOU

A gênese da Teologia Narrativa, por incrível que possa parecer, se deu com o filósofo ateu, anticristão e anti-valores Friedrich Nietzsche (1844- 1900).

Mas, como assim? O que esse filósofo anticristão e anti-Deus tem a ver com uma teologia que se propõe cristã?

Nietzsche é considerado o pai da pós-modernidade e tem esse título justamente porque iniciou a crítica contundente e ácida a todo tipo de instituição ou de valor absoluto, e esse tipo de crítica acabou sendo absorvido como uma característica básica da pós-modernidade.

Filho de um pastor luterano chamado Karl Ludwig, que morreu prematuramente, Nietzsche inicialmente queria ser pastor como o pai, porém, em 1864, abandonou o projeto para se formar em Filologia. Logo que se formou, conseguiu um emprego como professor de Filologia Clássica na Universidade de Basiléia, na Suíça.

Ainda jovem e já lecionando, Nietzsche resolveu publicar seus primeiros livros, mas teve o desprazer de ver suas obras rejeitadas pela crítica a ponto de ter sido até mesmo excluído do círculo de filólogos de sua época. Frustrado e deprimido, Nietzsche decide, então, ser um "espírito livre", como se definiu, e escrever contra tudo que antes defendera. Se antes escrevera defendendo o músico Wagner e o filósofo Schopenhauer, agora passa a atacá-los. Renuncia o que chamou de "vontade culpada" de Schopenhauer, substituindo-a pelo que define como "vontade alegre". Se louvara o "espírito alemão", agora passou a desprezá-lo. Em *Humano, demasiado humano* (1878), sua primeira obra da nova fase, ele afirma que o homem é o criador dos valores, mas costuma esquecer sua própria criação vendo nela algo de "transcendente", "eterno" e "verdadeiro", quando os valores não seriam mais do que algo "humano, demasiado humano". Ele defende as mesmas ideias em dois outros livros: *Para além do bem e do mal* (1885) e *Para uma genealogia da moral* (1887). O britânico C. S. Lewis desintegraria tais ideias brilhantemente nos primeiros capítulos de sua obra *Cristianismo Puro e Simples*. Ele não foi o único a faze-lo, mas sua abordagem sobre o assunto é uma das mais precisas.

Em *Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo* (1888), os ataques de Nietzsche são contra o Estado, as instituições, a moral, o espírito alemão, as ilusões da filosofia e a verdade. Ainda em 1888, publica *Anticristo*, onde ataca tudo o que é cristão ou esteja "infectado" pelo cristianismo.

Resumindo, Nietzsche, que é mais conhecido por ter declarado "Deus está morto", negou a existência de qualquer tipo de valor absoluto e proclamou o desprezo às instituições. Terminou louco e assim morreu em 1900, mas a influência dos seus escritos se fez sentir no início do século 20 e, no meio filosófico, especialmente na França dos anos 60. Foi ali que, há pouco mais de 40 anos, inspirados por Nietzche, três filósofos - Michel Foucault 11926-1984), Jacques Derrida (1930-2004) e Julia Kristeva (1941-) - iniciaram dois movimentos simultâneos chamados pós-estruturalismo e des- construtivismo, que, mais tarde, aplicados à hermenêutica bíblica, criaram a Teologia Narrativa.

Foucault foi um famoso filósofo e professor de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France de 1970 a 1984. Homossexual e adepto de uma vida desregrada, ele faleceu aos 57 anos, em decorrência de AIDS. Porém, antes de morrer, deixou sua marca em favor do pós-estruturalismo e do desconstrutivismo ao criar e popularizar a teoria de que todo tipo de discurso é, no fundo e sempre, uma tentativa de exercer influência e poder sobre as pessoas. Ele era contra todo e qualquer tabu social e tinha aversão ao discurso cristão ou religioso de forma geral.

De origem judaica, Jacques Derrida nasceu na Argélia, então colônia francesa, e sofreu muito em sua infância por causa do anti-semitismo. Já na juventude, tornou-se discípulo confesso dos escritos dos ateus Friedrich Nietzsche, Jean-Jacques Rousseau e Albert Camus. Inspirado nesses seus ídolos, Derrida fundou o desconstrutivismo, tese que propõe a indeterminação do sentido dos textos. Explicando: segundo Derrida, qualquer texto deve ser lido sem procurarmos qualquer intenção do autor por trás dele. Para o francês, só interpretamos melhor uma obra quando não buscamos um propósito autoral por trás dessa obra.

Caberia a cada leitor, portanto, dar aos textos o significado que ele mesmo acha que tenham. Outro detalhe é que os significados dados devem ser não apenas independentes do objetivo revelado pelo autor da obra, mas também de qualquer interpretação decorrente dos métodos tradicionais de interpretação de textos. Isto é, os princípios hermenêuticos clássicos devem ser desprezados totalmente. Isso é desconstrutivismo.

Já a filósofa franco-búlgara Julia Kristeva, que também é psicanalista e crítica literária, além de defender o desconstrutivismo e o pós-estruturalismo, foi líder do movimento feminista na França, tendo também exercido forte influência no movimento feminista da Inglaterra e dos Estados Unidos. Ela defende enfaticamente a relativização dos valores, princípio básico da

pós-modernidade. Aliás, o pós-estruturalismo, bandeira empunhada pelo trio Foucault, Derrida e Kristeva, é basicamente a negação da existência de verdades absolutas.

Foi aplicando o pós-estruturalismo e o desconstrutivismo de Derrida, Foucault e Kristeva à teologia que nasceu a Teologia Narrativa, defendida hoje pela maioria esmagadora dos teólogos adeptos da Igreja Emergente c por alguns cristãos simpatizantes.

O QUE PROPOE A TEOLOGIA NARRATIVA?

Seguindo os pressupostos desconstrutivistas, os teólogos emergentes ensinam que a interpretação de um texto bíblico pode ter vários significados, não sendo possível determinar um sentido único que seja apresentado como o verdadeiro. O sentido do texto não estaria dentro do texto, mas fora do texto. Não seria intra-textual, mas extra-textual. O significado e a interpretação de todos os textos bíblicos seriam, portanto, relativos e caberia a cada um extrair dos textos bíblicos, sem preocupar-se com regras de hermenêutica, as lições que achar interessantes, conforme a necessidade do momento.

Em *Uma ortodoxia generosa,* Brian Mclaren declara que a Teologia Narrativa apresenta um novo conceito de ser bíblico sem estar preso a uma interpretação rígida das Escrituras e celebra o fato de que essa visão faz a Bíblia se tornar "não uma enciclopédia de consulta acerca das verdades morais e eternas, mas a narrativa dinâmica de Deus" (p. 190). Ele, inclusive, se diz incomodado com conceitos como "autoridade, inerrância, infalibilidade, revelação, objetiva, absoluta e literal" para se referir à Bíblia, e argumenta que esses conceitos são invenções, são uma "linguagem que frequentemente usamos em nossas explicações acerca do valor da Bíblia" e, portanto, não deveriam ser usados porque não aparecem na Bíblia. "Quase ninguém nota a ironia de se lançar mão da autoridade de palavras e conceitos extrabíblicos para se justificar a crença na autoridade suprema da Bíblia" (p. 183).

Porém, Mclaren esquece ou prefere ignorar que esses termos não foram criados do nada. Eles são conceitos inferidos da própria Bíblia quando esta fala sobre seu valor a seus leitores. E como ocorre com o termo trindade, que não aparece na Bíblia, mas nem por isso podemos dizer que a trindade ou triuni- dade divina é uma invenção humana, já que a Bíblia a expressa claramente.

Mclaren não concorda com o uso desses conceitos para descrever o valor da Bíblia, conceitos estes depreendidos do próprio texto sagrado, e propõe

uma única proposição sobre o valor das Escrituras, que é o que se segue: "O propósito da Escritura é de que equipar o povo de Deus para as boas obras. Uma declaração simples como esta não seria muito mais importante do que declarações com palavras estranhas ao vocabulário bíblico sobre ela mesma (inerrante, autoritativa, literal, revelatória, objetiva, absoluta, proposicional, etc)?" (p. 183).

Evitando esses outros conceitos e abrigando apenas aquele (que é tão bíblico como os demais), Mclaren apresenta uma definição da Bíblia incompleta com o intuito de dar sinal verde para todo tipo de interpretação da Bíblia e fazendo do texto bíblico tão somente uma inspiração para boas obras, quando as Sagradas Escrituras são bem mais do que isso.

O que Mclaren e os emergentes desejam é apenas um cristianismo "politicamente correto", bem ao estilo pós-moderno, que não confronte visões diferentes, que seja apenas uma "inofensiva" religião só de boas obras, e não uma fé que se baseia em (e prega e defende) verdades absolutas. E para sustentar sua posição, o "guru" dos emergentes compara desonestamente os cristãos que defendem a Bíblia como tendo um conteúdo atemporal como sendo iguais aos racistas que se dizem cristãos, quando estes, assim como os emergentes, distorcem o significado do texto bíblico (pp. 189 e 190).

Não é à toa que Mclaren defende a Bíblia como sendo "um documento de seu tempo" e não como "um documento atemporal" (p. 189). Quem defende a Bíblia como um documento temporal considera que ela só poderá ser usada como um livro motivacional para boas obras e não como um livro que defende uma verdade absoluta (um termo que causa arrepios nos defensores do "politicamente correto"). Usando a velha estratégia emergente da generalização, que consiste em usar maus exemplos como prova de que a posição conservadora é errada, afirma Mclaren que "nós empacamos e vagamos sem rumo quando usamos a Bíblia como arma para ameaçar alguém, como uma ferramenta para intimidar os outros e fazê-los ver que estão errados, como um atalho para sermos aqueles que sabem tudo, que creem que a Bíblia tem todas as respostas".

Ele ainda chama tudo isso de "defesa do *status quo*" e declara que "nada disso corresponde ao uso que Paulo, o apóstolo, queria que Timóteo, seu protegido, fizesse da Escritura". O "guru" dos emergentes diz também que "infelizmente, justamente as pessoas que mais amam a Bíblia têm sido aquelas que a usam para esses outros propósitos, às vezes até negligenciando seu propósito essencial [o da Bíblia como inspiração para boas obras]". Ou seja, para Mclaren, mesmo que um cristão conservador se destaque pelas boas obras, ele é lamentável quando defende verdades absolutas à luz da Bíblia,

porque Paulo teria defendido a Bíblia apenas como tendo o propósito de inspirar boas obras (Mclaren baseia-se especialmente no final da passagem de 2 Timóteo 3.17) e não como um texto autoritativo, inerrante, infalível, proposicional e absoluto. Será que Paulo defendeu a Bíblia como tendo só esse valor? Será que a própria Bíblia não fala dela mesma como tendo todos esses outros valores? Vejamos o que a própria Bíblia nos diz sobre esse assunto, inclusive os escritos de Paulo.

Para começar, vejamos com atenção o que Paulo realmente está dizendo no texto destacado por Mclaren. Veja se Paulo está se referindo só a um propósito das Escrituras nessa passagem ou a dois: "Toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus [1] ***seja perfeito*** e [2] ***perfeitamente instruído para toda a boa obra!***

A Bíblia não é só para nos "instruir perfeitamente para toda a boa obra" (no original grego, "equipar para toda boa obra"); é também para fazer com que o homem de Deus "seja perfeito", isto é, correto em toda a sua forma de viver. Aliás, dizer como Mclaren diz que os verbos ensinar, redarguir, corrigir e instruir não dão a ideia de um objetivo proposicional, normativo e autoritativo da Bíblia é confiar demais na ingenuidade de todos os seus leitores.

O vocábulo grego traduzido por "perfeito" em 2 Timóteo 3.17 é ***artios***, que só aparece nessa passagem em todo o Novo Testamento. O vocábulo significa "provido", "completo", "perfeito" ou "aperfeiçoado". Porém, em seu livro, Mclaren preferiu propositalmente a tradução menos indicada - "apto" - que favorecia a interpretação que ele queria dar ao texto, reforçando a segunda das duas funções das Escrituras mencionadas por Paulo nessa passagem, o que dá a entender que só existe uma função apresentada ali.

Quando Paulo fala que as Escrituras são, em primeiro lugar, para que o homem de Deus seja *artios*, ele está evocando o mesmo que afirma em Efésios 4, quando diz que Deus deu à Igreja apóstolos, profetas, evangelistas e pastores e mestres (homens que manejam a Palavra da Verdade) "com vistas ao *aperfeiçoamento dos santos* para o desempenho do seu serviço [já que, para sermos bem equipados para as boas obras, precisamos ser cada vez mais *artios*], para a *edificação do corpo de Cristo,* até que todos cheguemos à *unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus,* à *peifeita varonilidade,* à *medida da estatura da plenitude de Cristo,* para que *não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro, e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro*" (Ef 4.12-15, grifos do autor).

Agora, vejamos o que diz Jesus sobre a Bíblia.

Jesus afirmou que a Bíblia é infalível. Disse Ele que "a Escritura não pode falhar" (Jo 10.35). Logo, a infalibilidade das Escrituras não é uma invenção dos estudiosos da Bíblia, e as pessoas que tentam encontrar falhas na Bíblia e ao mesmo tempo dizem que creem em Jesus estão sendo contraditórias, pois, para empreender essa busca, já têm que partir do princípio de que Jesus mentiu ou se equivocou ao dizer que a Escritura é infalível. Ou será que ignoram que Jesus tenha dito isso? E se não ignoram e dizem crer em Jesus, porque questionam a infalibilidade?

Outro detalhe sobre a infalibilidade das Escrituras é que os que tentam contestá-la são justamente aqueles que desprezam uma hermenêutica correta. Por exemplo, para tentar provar que há falhas na Bíblia, desprezam a necessidade de atentarmos para a intenção dos autores bíblicos para entendermos o significado do texto (mais à frente, ainda neste capítulo, vamos nos dedicar a esse assunto). Um exemplo: será que quando Josué escreveu que o Sol e a Lua pararam (Js 10.12-15) ele tinha a intenção de afirmar necessariamente que o Sol e a Lua giram em torno da Terra ou será que estava apenas descrevendo, com suas próprias palavras e conhecimento limitado, um milagre que presenciou com seus próprios olhos após a sua oração?

Como é que alguém, na época de Josué, descreveria o milagre de o dia ficar prolongado? Não diria que o Sol e a Lua ficaram estacionados em cantos opostos do horizonte? Inclusive, ainda hoje nós não dizemos que o Sol "nasce" e "se põe"? Qual era a intenção do autor ali? Se o texto de Josué fosse uma passagem bíblica em que a intenção do autor fosse apresentar ou descrevei, com base na inspiração e na revelação divinas, uma verdade sobre o universo (como em Gênesis 1 e 2), aí seria diferente, mas não é o caso

A Bíblia também é inerrante, posto que (a) o próprio Jesus asseverou que ela é fidedigna em seus mínimos detalhes (Mt 5.18): (b) as Escrituras dizem que Deus, que a inspirou (2 Tm 3.16), não pode errar (Hb 6.18; Tt 1.2); e (c) Jesus afirma que a Palavra de Deus é a verdade (Jo 17.17). Se a Bíblia foi dirigida pelo Deus da verdade, conforme ela mesma nos diz, então podemos confiar em sua inerrância. Isto é, todas as vezes que a Bíblia prescreve o conteúdo de nossa fé (doutrina) e o padrão de nossa vida (ética) ou registra eventos reais (história), ela não mente, não erra, mas fala a verdade.

Agora, como já afirmamos em relação à infalibilidade, devemos sempre atentar para a intenção do autor do texto bíblico. As dificuldades que alguns leitores da Bíblia encontram em certas passagens são, na maioria esmagadora das vezes, fruto dessa falta de atenção. Outras são decorrentes de uma

leitura isolada do texto sem olhar o seu contexto, que muitas vezes é toda a Escritura. Como lembra Bruce Milne, "quando uma passagem da Escritura é interpretada de acordo com a intenção do escritor e em harmonia com outras passagens bíblicas, sua verdade inerrante será percebida claramente" (*Conheça a verdade*, Bruce Milne, ABU Editora, 1987).

A Bíblia também é autoritativa e normativa, pois ela mesma se apresenta assim em suas páginas. Mclaren e os emergentes olvidam o fato, por exemplo, de que o próprio termo "Escritura" para se referir à Bíblia hebraica e depois ao Novo Testamento (2Pe 3.15,16) era usado nos tempos bíblicos para descrever o texto sagrado como autoritativo e normativo. O próprio termo "Palavra de Deus", que Jesus utilizou para se referir à Escritura em Marcos 7.7-13, era usado também para demonstrar que o texto do Antigo Testamento tem valor normativo e autoritativo. Aliás, nessa mesma passagem, Jesus afirma aos fariseus que a Bíblia está acima da tradição como referência normativa e chama a Palavra de Deus também de "mandamento de Deus". Cristo ainda usou a autoridade das Escrituras para rebater o Maligno (Mt 4.4) e sempre invocou a Bíblia como normativa e autoritativa para várias questões (Mt 19.4; 10.34-36).

O Mestre também aceitou a ética do Antigo Testamento como normativa (Mt 5.17) e a Bíblia apresenta a lei moral de Deus como algo que devemos obedecer (ver o primeiro capítulo, quando falamos do "não-legalismo" dos emergentes). O termo "lei" sugere autoridade e normatividade.

Afora não aceitar a autoridade e a normatividade como valores essenciais da Bíblia, Mclaren ainda afirma três absurdos sobre o assunto. Veja o primeiro: "Também a propósito, [a expressão] a Palavra de Deus' nunca é usada na Bíblia para se referir à própria Bíblia. E nem poderia ser diferente, uma vez que a Bíblia, enquanto coleção de 66 livros, não havia sido ainda compilada" (*Uma ortodoxia generosa*, p. 181). Os emergentes olvidam que o Antigo Testamento, que é chamado de "Palavra de Deus" (como vimos, por exemplo, em Marcos 7.13), é também chamado de Escritura divina-mente inspirada (que é justamente o significado de "Palavra de Deus"), que é a mesma categoria dada às Epístolas de Paulo (2 Pe 3.16,17) que, por sua vez, compõem o Novo Testamento. Logo, se o Novo Testamento é Escritura divinamente inspirada como o Antigo Testamento, ambos são "Palavra de Deus".

O segundo absurdo é afirmar que, sob a ótica protestante, as Sagradas Escrituras foram ditadas. Diz ele que os protestantes têm tratado a Bíblia "como se Deus a tivesse ditado" (p. 181). Nada mais falso. Os protestantes

sempre afirmaram que determinados trechos da Bíblia foram realmente ditados por Deus, como deixam transparecer os escritores bíblicos (Êx 32.16,17; 33.1; Js 1.1, etc), mas a maior parte foi tão somente inspirada, não ditada. "Os cristãos evangélicos são, com frequência e injustamente, acusados de estarem presos à teoria do ditado, mas, na verdade, ela não foi defendida por qualquer teólogo protestante responsável desde a Reforma até hoje" (***Conheça a verdade***, Bruce Milne).

O terceiro absurdo é pensar que o conteúdo bíblico pode ser adaptado ou aperfeiçoado pelo entendimento pós-moderno. Refiro-me à contextualização equivocada (no próximo capítulo falaremos o que é uma contextualização sadia). A leitura da Bíblia proposta pela Teologia Narrativa pressupõe que cristãos de hoje podem estar mais evoluídos na compreensão do evangelho do que os cristãos da Igreja Primitiva, posto que a narrativa da história da Igreja continua até os nossos dias, sendo os emergentes a última novidade na continuação dessa história. Mclaren insiste na ideia de que os emergentes são a continuação da evolução da verdade ou da busca da verdade.

Uma coisa é você reconhecer que a história da Igreja avança desde a Igreja Primitiva até os nossos dias, outra coisa totalmente diferente é pensar, como os emergentes acreditam, que, junto com esse avanço, avança também a compreensão da verdade. É para esse conceito que apela Mclaren.

Depois de citar o ***apartheid*** como exemplo de leitura equivocada da Bíblia (no que ele está certo), mas ligando erroneamente o ***apartheid*** a uma visão conservadora da Bíblia (o que é extremamente desonesto), ele afirma: "Temos uma escolha hoje; nossas leituras trairão o caminho de Cristo na atualidade ou estabelecerão nosso curso na direção dos sonhos de Deus? Iremos deixar que a história continue em e através de nós, juntamente com ***a intenção de sua trajetória***, na direção do sonho imortal e envolvente de Deus chamado reino de Deus?" (p. 190 - os itálicos são meus). Com "intenção da trajetória" aqui, Mclaren quer dizer um avanço gradual da compreensão da verdade, como o próprio conceito de "cristão emergente" sugere, conforme a descrição que ele mesmo faz do termo no capítulo 19 de ***Uma ortodoxia generosa*** (no segundo capítulo, falamos sobre essa descrição).

É por causa dessa visão de (1) compreensão evolutiva e de refinamento da verdade, e (2) da Bíblia apenas como uma obra voltada para nos inspirar às boas obras, sem nenhuma aplicação normativa, que muitos emergentes normalmente consideram passagens como as que condenam o homossexualismo ou que soam chauvinistas, conforme a mentalidade hodierna, como sendo ultrapassadas. Não é à toa que gente como o incensado Brennan Manning,

louvado pelos emergentes como um grande exemplo de cristão bíblico em nossos dias, apoia igrejas de homossexuais, e os emergentes acham isso natural. Não é à toa que os emergentes não lutam contra o aborto nem contra projetos pró-homossexualismo e também não pregam que o cristianismo é a única verdade, mas, sim, que o evangelho é visto e encarnado também em religiões não-cristãs e que o viver cristão se resume a boas obras e a não condenar nada, a não ser aquilo que é "politicamente incorreto". Sua leitura da Bíblia está vinculada e condicionada a essa mentalidade.

A partir do momento que as Escrituras não são mais normativas nem autoritativas, mas tão somente uma narrativa devotional da evolução espiritual do ser humano que é acompanhada por um aperfeiçoamento da compreensão da verdade que continuaria a acontecer em nossos dias, a Bíblia deixa de ser a verdade, tornando-se só um manual motivacional e inspiracional, perdendo todo o seu real efeito, e a igreja cristã passa a ser totalmente desfigurada, tornando-se uma religião apenas de boas obras como qualquer outra, e não a "coluna e firmeza da verdade" (1 Tm 3.15).

HANS FREI E WILLIAM BAUSCH

Alguns dos principais nomes entre os defensores da Teologia Narrativa são Hans Wilhelm Frei e William J. Bausch. O batista Hans Frei, falecido em 1988, é um dos mentores dos emergentes Brian Mclaren e Stanley Grenz. Frei é mais conhecido por ter tomado parte, nos anos 80, no movimento denominado "Escola de Yale", juntamente com David Kelsey e George Lin- dbeck. Frei, Kelsey e Lindbeck se auto-denominavam pós-liberais e pregaram a importância de uma teologia narrativa para o cristianismo em nossos dias.

Bausch, por sua vez, é um padre aposentado da Diocese de Trenton, em New Jersey (EUA). Teórico da Teologia Narrativa, ele dá mais detalhes sobre o assunto em sua obra ***Storytelling: Imagination and faith.*** No primeiro capítulo, intitulado ***The emergence of Narrative Theology*** (A emergência da Teologia Narrativa), na página 16, ele afirma:

> "Deus fez o homem porque adora histórias. Tudo (...) parece indicar que a história de Deus e as nossas histórias são de alguma forma experiências originais. Talvez seja aqui que resida nossa 'imagem e semelhança: somos parágrafos da mesma história. No

devido tempo, no entanto, algo aconteceu em nossas histórias mútuas. Foi inevitável e de fato necessário. As pessoas, agraciadas com inteligência pelo Deus da mesma história, começaram a refletir sobre nossas histórias conjuntas. Com o tempo os homens começaram a tirar conclusões e finalmente codificaram essas conclusões em proposições, sistemas e credos. O resultado foi o que chamamos de Teologia Sistemática".

"Porém, devemos perceber depressa que essa teologia não é a coisa em si, a experiência crua de nossas histórias. É uma classificação intelectual das experiências a fim de podermos conversar a respeito delas de forma filosófica. É uma coisa boa e necessária, que dá aos profissionais as categorias e vocabulários necessários para falarem entre si e nos ensinarem".

"Há, no entanto, dois inconvenientes nesse desenvolvimento, inconvenientes que apenas recentemente estamos tentando superar.
O primeiro é que essa intelectualização é feita invariavelmente dentro dos modelos correntes de pensamento e está baseada nas suposições de filosofias passadas e contemporâneas - que são limitadas e condicionadas. A Teologia Sistemática codificada está irremediavelmente embutida num sistema específico e isso afeta suas conclusões e expressões. Em segundo lugar, todas as teologias sistemáticas, até hoje, são fechadas aos outros com pressuposições e fundamentos diferentes, e são apenas uma peça do todo. Por essas duas razões, as teologias sistemáticas são limitadas, ultrapassadas e parciais".

Tudo isso é só um preparo sutil para o que Bausch vai arrematar a seguir.

No mesmo capítulo, na página 17, citando o teólogo Amos Wilder (1895-1993) em sua obra *Theopoetic: Theology and the Religious Imagination,* Bausch afirma: "É ao nível da imaginação que as questões de religião devem ser tratadas. (...) [Devemos questionar] nossa antiga dependência química a um modo de pensar

enunciado sob a forma de prosa conceituai, em linguagem denotativa, despida de qualquer sugestão conotativa: num enunciado ou descrição de caráter científico'".

Com vemos, Bausch é contra qualquer ideia proposicional na interpretação do texto bíblico e, por isso, objetiva abolir quaisquer princípios de hermenêutica ortodoxa, classificando-os como "invenção" de todos aqueles que sistematizaram o entendimento da Bíblia. Sobre a questão de as Escrituras serem proposicionais ou não, já falamos suficientemente no capítulo anterior. O que analisaremos a seguir é a tese hermenêutica de Bausch e dos emergentes.

A proposta dos adeptos da Teologia Narrativa é que as interpretações dos textos bíblicos devem ser mais livres, sem se preocupar com contradições (que, como sabemos, na verdade são aparentes, sendo facilmente solucionadas quando respeitamos princípios simples de interpretação bíblica). Ou seja, a Teologia Narrativa nada mais é do que uma maneira de legitimar uma nova forma de interpretar a Bíblia sem padrões coerentes, isto é, ao bel prazer de cada leitor, adaptando-a forçosamente aos gostos de nossa época ou de qualquer época. Como, infelizmente, desprezam a hermenêutica ortodoxa, os emergentes estão abertos a erros teológicos crassos.

JACK MILES E ROBERT ALTER

Os principais nomes hoje do desconstrutivismo aplicado à teologia são os teólogos norte-americanos Jack Miles e Robert Alter. Ambos não estão ligados diretamente à Igreja Emergente, mas o desenvolvimento teórico da Teologia Narrativa em seus escritos é fonte constante de inspiração para os emergentes.

Miles é jornalista, anglicano e ex-jesuíta, tendo estudado na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e na Universidade Hebraica de Jerusalém. Ele é autor de ***Deus: uma biografia*** (ganhador do Prêmio Pulitzer) e, mais recentemente, de ***Cristo: uma crise na vida de Deus***, ambos publicados no Brasil pela Companhia das Letras. Tratam-se de obras liberais que, a partir de uma leitura dos textos bíblicos divorciada dos princípios da hermenêutica, apresentam uma visão equivocada de Deus e de Jesus, uma visão que nada tem a ver com o Deus e o Jesus da Bíblia.

Miles é também discípulo de Robert Alter e da obra deste intitulada ***The Art of Biblical Narrative*** (A Arte da Narrativa Bíblica). Ele, inclusive, cita

Alter em seus livros. Alter é teólogo, crítico literário e professor de Literatura Comparativa da Berkeley University, na Califórnia. Seu livro *The Art of Biblical Narrative* tem, em inglês, apenas 195 páginas, mas é considerado uma das melhores obras sobre Teologia Narrativa.

Quando Alter esteve no Brasil em julho de 2005, por ocasião da Festa Literária Internacional de Parati, afirmou que a Bíblia deve ser comparada ao Mar Mediterrâneo, "com sua profundidade e *correntezas multidirecionais*". Para Alter, a riqueza da Bíblia estaria, mais do que nos detalhes, na capacidade de poder ser interpretada de várias formas ("correntezas multidirecionais") por seus leitores, trazendo sempre boas e diferentes lições. Segundo ele, entender a Bíblia assim seria uma forma, inclusive, de fazê-la relevante hoje para muitos que, num primeiro momento, não se sentem atraídos pela Bíblia.

Apesar de a obra de Alter trazer um ou outro ponto interessantes para o estudante da Bíblia, ela peca por apresentar as Sagradas Escrituras apenas como uma obra literária, e não como a Palavra de Deus. Alguns textos bíblicos, por exemplo, são analisados apenas como obra de ficção com preceitos morais interessantes e não como fatos. Por exemplo, os primeiros capítulos de Gênesis.

Ora, quem lê a Bíblia apenas como uma obra literária excepcional com grandes lições morais, mas sem considerá-la a revelação de Deus aos homens e um livro que apresenta proposições para a fé, isto é, doutrinas, não está aceitando, de fato, a Bíblia como ela é. Veja o caso dos primeiros capítulos de Gênesis. Se interpretarmos esses capítulos apenas como uma história ficcional edificante, estamos indo de encontro a toda exposição bíblica clara sobre a Doutrina da Salvação.

Os primeiros capítulos de Gênesis não são uma narrativa mítica que se for lida de forma literal perderá a razão de ser. Eles não são apenas poesia, não são passagens que não podem ser aceitas do ponto de vista científico. Não são narrativas simbólicas da história. Jesus afirmou que os primeiros capítulos de Gênesis eram para serem lidos não como metáforas, mas como fatos históricos. Jesus afirmou que Adão e Eva eram literais, inclusive citando a história do casal como base para seu ensino sobre o casamento (Mt 19.4,5).

O apóstolo Paulo enfatizou a literalidade dos primeiros capítulos de Gênesis. Aliás, é simplesmente impossível aceitar a autoridade de Romanos 5 sem que a história da Queda, narrada em Gênesis, seja verdadeira. Nesse capítulo, há um contraste claro entre Adão e Cristo, e se Este era um indivíduo histórico, Adão também o era. Paulo também fala de Adão e Eva como literais em 1 Timóteo 2.13,14.

O apóstolo João, em Apocalipse, fala do Diabo como sendo a antiga serpente, numa referência direta a Gênesis 3 (Ap 20.2). O apóstolo Paulo falou da história de Noé e da Arca como sendo verdadeira (2 Pe 2.5). O Senhor Jesus também (Mt 24.38,39). Adão e Enoque foram citados por Judas como reais (Jd v. 14).

Portanto, ler a Bíblia apenas de forma literária é, simplesmente, não levar a Bíblia a sério.

A PRÓPRIA BÍBLIA CONDENA O MÉTODO DA TEOLOGIA NARRATIVA

A proposta da Teologia Narrativa choca-se frontalmente com o que a Bíblia diz sobre si mesma, sobre como ela deve ser interpretada.

Em primeiro lugar, a Bíblia não deve ser lida apenas como uma obra literária com belas lições morais nem lida como um conjunto de histórias edificantes que não se propõe a apresentar nenhuma doutrina clara, fechada e definitiva. As Sagradas Escrituras devem ser lidas como a revelação de Deus aos homens, como a inerrante, a infalível e a perfeita Palavra de Deus, que se propõe não apenas a narrar histórias que são fatos (e não metáforas), mas, acima de tudo, pretende ensinar ao ser humano verdades absolutas, claras e definitivas sobre Deus, o ser humano, a Salvação, a vida, como devemos viver e o começo e o fim de todas as coisas. Essa afirmação que acabo de fazer não é arbitrária, mas defendida pelas próprias Escrituras.

Veja o que *os* escritores bíblicos afirmam sobre a Bíblia e o cuidado que devemos ter em sua interpretação.

Primeiro, as Escrituras são proposicionais: "Toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa para *ensinar*, para *redarguir*, para *corrigir*, para *instruir em* justiça; para que o homem de Deus seja *perfeito* e *perfeitamente instruído* para toda a boa obra" (2 Tm 3.16,17). Agora, Pedro, fazendo referência aos escritos de Paulo como sendo inspirados por Deus, assevera que uma passagem das Sagradas Escrituras não pode ser entendida de maneiras diferentes, ao bel prazer do seu leitor: "Falando disto, como em todas as suas epístolas, entre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes *torcem*, e igualmente as outras Escrituras, *para sua própria perdição*. Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados, e descaiais da vossa firmeza" (2 Pe 3.16,17).

Pedro ainda diz: "Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo" (2 Pe 1.20,21). Logo, devemos ter cuidado ao interpretá-la para sermos fieis à intenção do autor.

Mais outro alerta: "Toda palavra de Deus é pura; escudo é para os que confiam nele. Nada acrescente às suas palavras, para que não te repreenda, e sejas achado mentiroso" (Pv 30.5,6).

A NECESSIDADE DE UMA HERMENÊUTICA SÉRIA

Em segundo lugar, a Teologia Narrativa não é hermenêutica séria. Para deixar isso mais claro, comecemos pela definição de Hermenêutica.

Hermenêutica nada mais é do que a interpretação de um texto. Ora, todos os métodos de interpretação têm suas regras determinadas por algo ou alguém. Logo, é natural a pergunta: no caso da Hermenêutica Bíblica, quem deve determinar essas regras? O leitor? E as intenções do autor? Devem elas serem desrespeitadas?

Para que você possa compreender melhor, lembremo-nos dos três componentes básicos da comunicação: o codificador, o código e o decodificador. No caso da leitura, o código é o texto, o codificador é o autor do texto e o decodificador é o leitor. Para que entendamos o significado de um texto, é imprescindível termos esses três elementos em mente.

No que diz respeito à leitura da Palavra de Deus, o código é a Bíblia, o escritor bíblico é o codificador e os decodificadores, claro, somos nós. Então, quem dá o significado do texto bíblico lido? De onde esse significado se origina?

O que os defensores da Teologia Narrativa sugerem absurdamente, como bons adeptos do desconstrutivismo, é que o significado é propriedade do leitor. Mas o teólogo e professor americano Robert H. Stein, por exemplo, que é especialista em Hermenêutica Bíblica, desfaz com facilidade esse argumento em seu livro *Guia básico da interpretação da Bíblia,* CPAD, 2001.

Primeiro, obedecendo etapas lógicas de raciocínio sobre o assunto, Stein começa falando dos erros de se imaginar que o sentido do texto é propriedade do próprio texto.

"Os que defendem o significado como propriedade do texto (...) alegam que o texto literário possui autonomia semântica, sendo o seu significado completamente independente do que o autor bíblico quis comunicar quando o escreveu. O que estava pensando ou procurava transmitir no momento em que escrevia é um tanto irrelevante e não influencia o significado, devido ao fato de o texto ser independente do seu autor. Como resultado, ler a Epístola aos Gálatas com a finalidade de compreender o que Paulo quis dizer em Romanos faz pouco ou nenhum sentido. Seria como ler *Um conto de duas cidades*, de Charles Dickens. Além disso, o que Paulo realmente quis dizer quando escreveu aos romanos vale tanto quanto a opinião de qualquer pessoa. Assim, de acordo com esse ponto de vista, o texto é independente e não tem nenhuma conexão com o autor — possui seu próprio significado".

"Para pregadores como Billy Graham, as expressões 'A Bíblia diz' e 'Paulo quer dizer' significam a mesma coisa, se, porventura, estiverem ministrando sobre a Epístola aos Romanos. Entretanto, para aqueles que alegam que o texto tem seu próprio significado, essas expressões são vistas sob ângulos diferentes. O significado pretendido por Paulo - o que ele procurava transmitir em seu escrito — não é mais importante que a interpretação de qualquer outra pessoa. De acordo com esse ponto de vista, quando um determinado escrito se torna 'literatura', as regras normais de comunicação não mais se lhe aplicam: transformou-se em texto 'literário'. Sendo literatura, o escritor original não possui mais controle sobre o que escreveu; o texto tornou-se independente, passando a ter o seu próprio significado. Se de alguma forma Paulo aparecesse perante os que apelam à autonomia semântica e dissesse 'O que eu quis dizer quando escrevi isto foi...', a resposta seria: 'O que você diz, Paulo, é interessante, mas de pouca importância'".

"Talvez o maior problema desse ponto de vista envolva a definição de texto' e de 'significado'. Texto é simplesmente uma coleção de letras ou símbolos. Podem ser letras latinas ou gregas, símbolos japoneses ou hieróglifos egípcios. Podem ser escritos da direita para a esquerda, da esquerda para a direita ou de cima para baixo. Em papiros, peles de animais, pedras ou metal. E tanto as letras quanto o material são objetos inanimados. O significado, por outro lado, é produto do raciocínio e do pensamento. *É* algo que apenas as pessoas podem fazer. Um texto pode transmitir significado, mas não consegue produzi-lo, pois não pode pensar! Somente os autores e leitores possuem essa capacidade. Dessa forma, o significado transmitido pelo texto só poderá ser produzido pelo autor ou leitor".

Em seguida, Stein apresenta as falhas da teoria de que o leitor é o fator determinante do significado do texto e mostra que o mais coerente é, obviamente, que o autor é o fator determinante do significado.

"Conhecido também como 'teoria da recepção', 'estética da recepção' ou 'crítica de resposta do leitor', esse ponto de vista sugere que se os leitores distintos encontram diferentes significados, isso ocorre simplesmente em virtude de o texto lhes permitir essa multiplicidade. Em razão disso, há 'leituras' ou interpretações marxistas, feministas, liberais, igualitárias, evangélicas ou arminianas do mesmo texto. Ou seja, para essa corrente, vários significados legítimos podem ser extraídos mediante a concepção de cada intérprete. O texto funciona mais ou menos como um quadro de giz, onde o leitor apõe o seu significado. É algo parecido com o que se ouve, às vezes, em linguagem popular: 'O que este texto bíblico significa para mim é...' Ou: 'Esta passagem pode significar algo diferente para você, mas para mim significa...' Como veremos, posteriormente, tais declarações são mais bem compreendidas quando se descrevem as muitas aplicações (ou implicações) do significado pretendido pelo autor".

"O método mais tradicional para o estudo da Bíblia, no entanto, tem sido o de analisar o significado como algo controlado pelo autor. (...) O significado é aquele que o escritor, conscientemente, quis dizer ao produzir o texto. Dessa maneira, a Epístola aos Romanos deve ser interpretada à luz do que Paulo quis passar aos seus leitores quando escreveu - se estivesse vivo, bastaria que nos dissesse o que desejava transmitir. O significado, portanto, é exatamente o que o apóstolo considerava como tal. Por isso, a melhor forma de tentar entender o sentido da Epístola aos Romanos é ler, por exemplo, a Epístola aos Gálatas, também escrita por Paulo, em vez de *O velho e o mar* de Ernest Hemingway ou a *Ilíada* de Homero. A mesma regra se aplica, por consequência, ao Evangelho de Lucas: o significado do texto é aquele que o próprio Lucas, quando o escreveu, quis transmitir a Teófilo. (...) Esse é essencialmente o método do bom senso, visto que o objetivo da interpretação é compreender o que o orador ou escritor está querendo dizer".

Um exemplo que Stein usa para ilustrar esse fato é a reflexão surgida na Suprema Corte dos Estados Unidos nos anos 80 e 90.

"Nas audiências da Suprema Corte, a discussão levantada por Robert Bork e Clarence Thomas era se o significado da Constituição é determinado pelo que os seus autores originais quiseram dizer quando a redigiram ou pela interpretação que os juízes, hoje, dão ao texto, independente da intenção original. Um dos magistrados da Suprema Corte declarou, por um lado, que o desejo de seguir a intenção original é arrogância vestida de humildade', e que 'é ultrajante fingir que podemos julgar o desejo dos autores [...] para questões específicas contemporâneas'. Por outro lado, James Madison argumentou que se o sentido no qual a Constituição foi aceita e ratificada pela nação não for o guia ao interpretá-la, não pode haver segurança [...] quanto ao exercício do seu poder'".

Refletindo sobre o assunto, Stein ressalta a desonestidade que há em desrespeitar o autor como fator determinante do significado. Usar o nosso significado para substituir o significado pretendido pelo autor é antiético e espoliação desavergonhada. E no caso da Bíblia, o crime é maior ainda. "Se, ao redigirem as Escrituras, os autores 'falaram inspirados pelo Espírito Santo' (2 Pe 1.21) como se crê, conclui-se então que foi dada a eles habilidade divina para expressar adequadamente as questões que pretendiam transmitir", lembra Stein. Logo, insistir em supostas dúvidas em relação às intenções dos autores bíblicos, ou seja, em relação ao que realmente queriam dizer, ainda mais em textos em que eles abordam claramente doutrinas apresentadas como fundamentais, é mais do que desonestidade, maldade e desrespeito às intenções dos autores: é torcer os princípios divinos exarados no texto sagrado e, consequentemente, ofender a Deus, que inspirou-os.

Se o autor de Gênesis em nenhum momento pretende que pensemos que os relatos dos primeiros capítulos do "Livro dos Começos" são metáforas e o próprio Jesus e os apóstolos tomam esses capítulos como relatos históricos, como fatos (inclusive mostrando a importância desses fatos para entender a Doutrina da Salvação), logo é desonestidade vê-los de forma diferente.

Chamar de metáfora aquilo que o autor bíblico pretendeu claramente apresentar como fato e chamar de fato aquilo que o autor pretendeu como uma metáfora são igualmente desonestos.

Se a Lei que Jesus aboliu não é, segundo afirma a própria Bíblia, sinônimo de todo tipo de norma de conduta, como vimos no capítulo anterior, então entender de forma diferente essa Lei também é desrespeitar a intenção clara do autor sagrado, é desonestidade.

E quanto a tornar o significado do texto bíblico inteligível para as pessoas de nossa época?

O que a Hermenêutica Bíblica tradicional defende, e não poderia ser diferente, é a necessidade de contextualizarmos o texto bíblico à nossa época, mas de forma sadia, isto é, sem alterar o significado da passagem bíblica, sem alterar a intenção do autor, respeitando os gêneros literários de cada livro, os recursos linguísticos claramente empregados, o contexto cultural do autor, o assunto tratado em cada texto, as implicações do assunto, etc. Isso é lógico e honesto. O que a Teologia Narrativa propõe, porém, é exatamente o contrário: adaptação do texto bíblico à nossa realidade e às "demandas" pós-modernas, mudar o significado do texto bíblico para adequá-lo aos gostos ideológicos de hodiernos — e isso é imensamente absurdo e desonesto.

Falaremos mais sobre o assunto no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 4

O que é uma contextualização saudável?

Há aproximadamente vinte anos, devido à conscientização de que era preciso pregar uma mensagem cada vez mais pertinente à realidade hodierna, o termo contextualização se tornou popular no meio evangélico brasileiro. Não se tratava de algo novo. O princípio é antigo, mas seu conceito, para boa parte dos evangélicos, passou a ser uma novidade de poucos anos para cá. Foi só nos últimos dez anos que seu uso se tornou frequente na elaboração e transmissão de mensagens bíblicas. Estranhamente, para alguns, o termo e suas variantes (contextualizar, contextualizado, etc) ganharam até *glamour*.

Mas muitos homens de Deus sérios começaram a olhar com cisma essa nova tendência. Eles não conseguiam aceitar que textos bíblicos simples, com aplicações antes óbvias, previsíveis e sob domínio fácil, começassem agora a ser pregados de forma pouco comum, ganhando aplicações mais voltadas para a realidade atual. Quebrara-se o convencional, e sempre quando isso acontece,

contraposições nascem naturalmente. Por isso, o termo chegou a sofrer preconceito. Contextualizar passou a ser, para alguns, quase uma heresia.

Com o passar do tempo, os posicionamentos tornaram-se cada vez mais polarizados. Enquanto um grupo sustentava a necessidade de se contextualizar, sem contudo avaliar os perigos de uma contextualização malfeita e deturpada, outro preferia condenar qualquer tentativa de se contextualizar as Escrituras. Tanto um extremo como outro fazem mal à verdade, embora o último seja menos comprometedor.

Conquanto haja mesmo a necessidade de certos cuidados em relação à contextualização, é importantíssimo lembrar que esse princípio não é antibíblico. Contextualizar é bíblico. Podemos vê-lo claramente evidenciado tanto na pregação dos profetas do Antigo Testamento como na dos homens de Deus do Novo Testamento.

CONTEXTUALIZAÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO

Os profetas do Antigo Testamento eram sintonizados às tendências, fatos e peculiaridades da sociedade em que viviam. Diversas vezes encontramos no texto sagrado esses homens denunciando as injustiças sociais entre seu povo. Eles usavam o recurso da contextualização ao transmitirem a mensagem divina.

O princípio da contextualização consiste em aplicar um texto bíblico à nossa realidade, e para isso é preciso pinçar fatos seculares para submetê-los ao escrutínio da Palavra de Deus. Os profetas tomavam conhecimento dos fatos, se sensibilizavam, os submetiam ao crivo divino e, então, externavam a vontade divina a respeito dos temas em pauta. Ou então, em muitos casos, eram diretamente orientados por Deus para falar sobre esses assuntos.

No capítulo seis do livro do profeta Amós, podemos ver denúncias claras às injustiças sociais em Israel. Amós fala de corrupção e da futura destruição da nação israelita. Os temas principais nesse capítulo são a luxúria dos nobres e líderes da nação e a desgraça imposta aos homens simples do povo, devido ao regime de opressão que se instalara em Israel.

Em Miquéias, encontramos profecias contra os sadistas líderes de Israel (Mq 3.1-4). Mais à frente, vemos o profeta revelando riquezas ilícitas, balanças falsas, bolsas de pesos enganosos, violência praticada

pelos intocáveis ricos do povo, mentiras e atitudes dissimuladas (Mq 6.9- 16). No sétimo capítulo do livro que leva seu próprio nome, Miquéias ainda expõe toda a corrupção moral de Israel, que de tão grassante já estava destruindo as famílias (Mq 7.1-7).

O profeta Oséias denunciou a estratégia atroz dos príncipes de Judá para aumentar suas riquezas e poder. Deus, através do profeta, repreendeu os príncipes pelo roubo de parte principal do sustento diário de várias famílias, coisa que eles conseguiam através da alteração dos limites dos terrenos. Em Oséias 5.10, falando em nome do Senhor, o profeta condena a mudança dos marcos. Malaquias, por sua vez, advertiu contra a infidelidade conjugal, que estava se tornando comum entre o povo de sua época (Ml 3.10-16).

Perceba: todos esses homens de Deus não expunham simplesmente os princípios divinos, mas os aplicavam ao contexto e à situação de suas épocas.

CONTEXTUALIZAÇÃO NO NOVO TESTAMENTO

Já no início do período neotestamentário, encontramos também uma mensagem contextualizada, e que segue o padrão da dos profetas do Antigo Testamento. No Evangelho de Lucas, encontramos João Batista denunciando a omissão, a falta de prontidão nas boas obras (Lc 3.11); os fraudulentos e opressores cobradores de impostos (Lc 3.13); e os soldados que excediam no exercício de suas funções, maltratando as pessoas e usando do método de intimidação para extorquir. Eles chegavam a ameaçar com falsas denúncias para roubar (Lc 3.14).

Note que João não estava pregando uma mera reforma moral, mas arrependimento e entrega a Deus. Era algo muito mais profundo. Mas, para conscientizar o povo da sua necessidade, precisava, claro, tocar em realidades do dia-a-dia. Primeiro expunha as feridas do povo para depois apresentar o remédio. E nessa exposição, salientava realidades bastante conhecidas pelo povo, situações que eles estavam vivenciando e que denotavam a necessidade de arrependimento. Só assim o povo podia reconhecer o quanto carecia de Deus.

Temos também o exemplo do apóstolo Paulo em Atenas. Paulo nunca foi adepto de discursos filosóficos burilados e prolixos (1 Co 2.1-5). No entanto, ao chegar em Atenas, encontrou filósofos epicureus e estóicos que pouco se importavam com sua mensagem simples. Eles "contendiam com ele, havendo quem perguntasse: Que quer dizer esse tagarela? E outros: Parece pregador de estranhos deuses, pois pregava a Jesus e a ressurreição" (At 17.18). Os epicureus eram discí-

pulos de Epicuro (341-270 a.C.), fundador da filosofia ética que faz do prazer o ideal da vida. Os estoicos eram seguidores de Zeno (340-263 a.C.), que ensinou que nosso ideal de vida deve ser a conformação com a natureza, que tem como maior expressão o *logos*, a razão. Estes eram panteístas.

Em determinado momento, aqueles filósofos acharam por bem levar Paulo ao areópago para ouvir seu ensino. O motivo? Entre o povo de Atenas e os estrangeiros residentes, a mensagem do apóstolo dos gentios encontrara guarida (At 17.21). Admirados com a popularidade que ganhava sua mensagem, resolveram finalmente ouvi-lo.

No aerópago, Paulo não mudou o conteúdo de seu discurso. Só o estilo. Ele pregou de novo a Jesus e a ressurreição (At 17-31), os mesmos temas de sua pregação ao povo (At 17.18), mas, agora, o estilo do discurso era diferente. Ele contextualiza a mensagem simples do evangelho àquele meio, para que fosse ouvido e compreendido.

Note que Paulo não faz concessões quanto ao conteúdo da mensagem. Ele não procura negociar princípios para ser ouvido. Apenas usa códigos comuns aos filósofos para decodificar a mensagem divina para eles. Se não, vejamos: pegando o gancho do altar "Ao Deus desconhecido" (17.22-26), partiu da crença num ser superior e divino, que criou todo o mundo (aproveitou que os atenienses eram muito religiosos); usou a expressão "tateando" (17.27) para referir-se à busca do homem por Deus (Platão usara esta palavra para referir-se às melhores opiniões sobre a verdade); e citou textos dos poetas gregos Epimênedes, Arato e possivelmente Cleanthes (17.28).

Paulo é um dos maiores exemplos bíblicos de contextualização. O maior deles, claro, é Jesus.

CONTEXTUALIZAÇÃO NO ENSINO DE JESUS

Duas coisas caracterizam Jesus como contextualizador: Ele sempre utilizou elementos do dia-a-dia para ilustrar ou trazer verdades ao povo e sempre manteve em sua pauta temas do cotidiano de sua época.

Jesus costumava usar o cotidiano para introduzir um princípio divino. Foi assim com as parábolas, quando, por exemplo, usou a semente e o solo para falar do efeito da mensagem divina no coração humano.

Ao estabelecer a Ceia como memorial, o Mestre usou o pão e o vinho para falar da importância de Seu sacrifício e de comunhão no Corpo. Ao falar de influência da Igreja no mundo, usou a luz e o sal como ilustrações.

No Sermão do Monte, utilizou as presenças das aves do céu e dos lírios do campo para ensinar a não termos ansiosa solicitude pela vida.

Quanto a estar apercebido dos acontecimentos de sua época, podemos ver isso bem claramente em alguns de seus discursos. Em Lucas 13, por exemplo, vemos um caso comum de pessoas conversando sobre uma atrocidade recente, do mesmo modo que hoje, quando ocorre alguma atrocidade, as pessoas se reúnem para comentar. O fato terrível de que conversavam tratava-se do episódio em que Pilatos matara alguns galileus e misturara o sangue deles com os sacrifícios que estavam oferecendo. Jesus, que era um dos que ali estavam na conversa, logo aproveitou aquele momento para falar do castigo divino e da necessidade de arrependimento (Lc 13.1-3). Em seguida, lembrou outro fato recente, o dos dezoito galileus sobre os quais desabara a Torre de Siloé, e mais uma vez aproveitou para falar sobre arrependimento (Lc 13.4-5). Que bom seria se todas as vezes em que nos reuníssemos para falar sobre algo ocorrido, procurássemos extrair lições do fato em apreço para nossas vidas (à luz do que diz a Bíblia) ou até mesmo o aproveitássemos como "gancho" para evangelizar!

Outra prova concreta de que Jesus estava sintonizado com os problemas de sua geração é que Ele nunca fugiu das grandes questões que angustiavam a sociedade de sua época. Ele falou da xenofobia entre judeus e samaritanos, da questão do tributo, das questões relacionadas à Lei etc. Aliás, a própria encarnação é Deus levando ao máximo o princípio da contextualização. Deus, para que melhor o homem pudesse entendê-lo, se fez homem. Jesus é o maior caso de decodificação da mensagem divina para o homem.

ENTÃO, ONDE ESTÁ O PERIGO?

Como vimos, contextualização em si não se constitui erro, mas, muito pelo contrário, necessidade. O grande perigo da contextualização está justamente na má influência da teologia liberal, ainda em voga em nossos dias.

Os liberais veem na contextualização uma oportunidade extraordinária de introduzir na consciência evangélica seus princípios mais sutis e igualmente destruidores. É por isso que é grande a incidência de princípios liberais em mensagens contextualizadas.

Para que possamos entender melhor como o liberalismo usa o contextualizar como instrumento de propagação de suas ideias, é preciso conhecermos sua origem e história. Portanto, vejamos agora a gênese do liberalismo

teológico, suas ondas e qual a sua influência na contextualização da Palavra de Deus para os nossos dias.

A INFLUÊNCIA DO LIBERALISMO NA CONTEXTUALIZAÇÃO

Devido à expansão da ideia de contextualização, o liberalismo teológico encontrou um meio eficiente de infiltrar seu pensamento no meio evangélico, inclusive entre homens bem-intencionados. Infelizmente, muitas doutrinas liberais mais sutis, porém igualmente perniciosas, têm encontrado guarida usando o pretexto da contextualização.

Sob a capa da contextualização, conceitos liberais foram introduzidos nas prédicas, sem que muitos percebessem. Assim, contextualização deixou de ser o trazer um princípio bíblico para o nosso contexto, uma aplicação da Bíblia ao nosso dia-a-dia, para se tornar a compreensão da Bíblia pela filosofia, como apregoaram os teólogos Rudolf Bultmann e Paul Van Buren; ou uma reformulação da Teologia Bíblica a partir das tendências seculares, como ensinou o teólogo suíço Emil Brunner e, depois dele, o norte-americano Harvey Cox e, mais recentemente, os emergentes. Em outras palavras, a regra passou a ser "Se o mundo muda, mudemos nossa Teologia".

Ora, temos que adaptar a Bíblia à nossa realidade ou nos adaptarmos à Bíblia ? Além do mais, ser um cristão moderno ou pós-moderno, como queiram, significa necessariamente mudar a nossa compreensão das Escrituras?

Devido a esse caos teológico, nada mais significativo do que revermos o que é uma contextualização sadia.

INTERPRETAÇÃO CORRETA

Existem pelos menos três pontos que não podem ser ignorados se queremos fazer uma contextualização sadia.

O primeiro é que nunca as mutações do mundo devem mudar nossa percepção dos princípios bíblicos. Devemos, sim, analisar as novas tendências à luz da Bíblia e aplicar os princípios bíblicos, que são imutáveis, às novas realidades. Isso é respeitar as intenções dos autores da Bíblia, é respeitar as Sagradas Escrituras.

O segundo ponto é a necessidade óbvia de se lazer uma interpretação correta do texto sagrado.

Para compreender perfeitamente o sentido de uma passagem bíblica, tenho que observar pelo menos duas coisas:

a) *Em primeiro lugar, devo sempre analisar uma passagem bíblica a partir de seu contexto histórico-social, de seu gênero literário e da doutrina bíblica.*

* Da doutrina bíblica, porque texto analisado isoladamente, isto é, sem o auxílio de outras passagens que discorrem sobre o mesmo assunto, pode desembocar em heresia. Em outras palavras, texto sem olhar o contexto (que pode ser um capítulo, um livro ou toda a Bíblia) é pretexto.

* Do gênero literário, porque algumas afirmações e palavras podem ganhar outro tom e sentido conforme a variação do gênero, que também determina o motivo, as intenções do texto.

* Do contexto histórico-social, porque a Palavra de Deus, conquanto inspirada pelo Espírito Santo, foi escrita por homens que, naturalmente, imprimiram na escrita sua cultura, a visão de mundo de suas épocas, mas sem distorcer a mensagem divina Por isso, costumes, tradições, modas, ritos, saberes e folclores coetâneos de uma passagem em apreço, bem como fatos correlatos a ela, devem ser observados quando a analisarmos.

b) *Em segundo lugar, devo evitar cair na famosa "falácia da raiz" e no engodo de determinar o significado do vocábulo desprezando o uso claro que se faz dele naquele contexto.*

A falácia da raiz ocorre "quando a etimologia de uma palavra (significado de sua raiz) é aplicada a esta todas as vezes que aquela aparece. Ou, conforme às vezes se observa, a etimologia é aplicada a alguns casos escolhidos em que a palavra surge a fim de apoiar o ponto de vista do intérprete. E, porém, o uso, e não a derivação, que determina o significado... o contexto, portanto, é da máxima importância. Determinada palavra pode possuir grande variedade de significados, mas, num contexto específico, somente um deles será válido" (*Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal* CPAD, p.58).

Trocando em miúdos, muitos pregadores mal intencionados, para darem a uma passagem bíblica um sentido que lhes seja conveniente, apelam se apoiando no significado da raiz de uma palavra do texto em sua língua original (grego ou hebraico). Simplesmente, ignoram as traduções; atropelam o fato de que a raiz do vocábulo pode eventualmente ampliar nosso entendimento do significado, mas não é o fator que determina definitivamente o significado do vocábulo. Esses pregadores são caracterizados pela seguinte saída clássica: "O tradutor não foi preciso. Essa palavra, no original, significa...". Muitos, impressionados com a saída, aceitam passivamente a afirmação do espertalhão.

É bem verdade que existem traduções das Escrituras melhores do que outras, mas essa não é a questão. O que importa é se, na tradução, a essência do texto, isto é, o significado original do texto, permanece. É o sentido que preocupa. O sentido da mensagem não pode ser afetado de forma alguma.

O uso da palavra, e não a raiz da qual deriva, é o que estabelece seu significado. E o que vai definir de que forma a palavra está sendo empregada é seu contexto. O contexto, como já falamos, deve ser tanto o histórico como o social, literário e bíblico.

Rudolf Flesch, em *A arte de escrever*, conta um fato cômico sobre uma das expressões favoritas de Hitler: *lebensraum*. Inicialmente, os povos de língua inglesa traduziram essa palavra como "sala da vida" e a acharam engraçada. Depois, descobriram que, devido à forma como era empregada, seu real significado era "espaço vital" e que estava longe de ser engraçada. Tem gente que comete o mesmo erro ao tentar interpretar exegeticamente, mas sem crivo, textos das Escrituras. Isso dá em heresia.

APLICAÇÃO CORRETA

O terceiro ponto para uma contextualização sadia é uma aplicação coerente da mensagem bíblica à nossa realidade. Mas, como ter certeza de que estou aplicando corretamente um determinado princípio bíblico ao nosso contexto?

a) *Em primeiro lugar, não confundindo decodificação da mensagem bíblica com adaptação.*

Contextualização da Palavra não significa adaptação, mas decodificação. Os princípios da Palavra de Deus não podem ser adaptados à nossa realidade, eles devem ser apenas decodificados.

Quando procuramos adaptar o que a Bíblia diz aos nossos gostos, padrões pessoais e cultura, temos todas as possibilidades do mundo de corromper a doutrina bíblica. Essa atitude nos levará a torcer as Escrituras.

Quando decodificamos a Bíblia à nossa realidade, é diferente. Há o cuidado de não corromper o texto sagrado. Decodificar o texto sagrado é traduzir termos e expressar significados de uma forma que a porção bíblica fique absolutamente inteligível para o povo. No processo de decodificação, não está em questão a possibilidade de o que está sendo passado ser ou não aceito pelo povo. O que se quer é passar o que a Palavra de Deus diz da forma mais compreensível, seja o conteúdo bem recebido ou não. Porque

a Bíblia, diferentemente do que ensina a teologia moderna, não é julgada. Ela julga.

Se, por exemplo, os nossos ouvintes não sabem o que é expiação, morte vicária, batismo no Corpo de Cristo, circuncisão do coração, etc, o pregador deve explicar o que significa todos esses termos e nomenclaturas próprias da Bíblia, e a importância deles para seus ouvintes. Se o ouvinte da Palavra de Deus não consegue perceber a relevância de determinado fato ou ensino das Escrituras para a sua vida, deve o transmissor apresentar o contexto bíblico, histórico e social do acontecimento ou ensino em foco e ilustrá-lo com elementos parecidos que habitem o contexto do ouvinte.

b) *Em segundo lugar, nunca se deve ir à Bíblia para procurar textos que possam servir de embasamento para ideias próprias sobre determinado assunto.*

Devemos, muito pelo contrário, ir à Bíblia para saber o que ela diz sobre o assunto em questão. E o que encontrarmos deve ser aceito completa e fervorosamente. Afinal, as Escrituras são a nossa única regra de fé e prática.

Se surge alguma coisa absolutamente inédita no mundo, algo considerado antes imprevisível, o cristão deve fazer aquele fato passar pelo crivo da Palavra de Deus para extrair assim o seu posicionamento e não aceitar passivamente o que dizem as "mentes privilegiadas" da sociedade. Não que o crente seja alienado. Ele deve ouvir as impressões à sua volta, mas sua posição deve resultar da passagem de todas essas impressões da comunidade à sua volta pelo filtro da Palavra.

Observando essas regras básicas, nunca iremos corromper a Bíblia ao tentar interpretá-la para os nossos dias, nem iremos cair nas armadilhas bem elaboradas pelos diletantes da teologia liberal. Contextualizar é preciso, mas igualmente necessário é o cuidado que se deve ter em relação ao processo de contextualização.

Capítulo 5

Ortodoxia Generosa: novo nome para Heterodoxia

Há um conto simples e célebre de Esopo que, de certa forma, aplica-se à dita "ortodoxia generosa", tão incensada pelos emergentes. Trata-se da história do asno vestido de pele de leão.

Contava Esopo que, certa vez, um asno encontrou uma pele de leão e vestiu-se com ela. Fantasiado, passeou pela floresta e todos que o viam passaram a respeitá-lo, pois pensavam que estavam diante de um leão e não de um asno. Até que, certo dia, o asno fantasiado quis impressionar a raposa, mas ela escutou o bicho emitindo o seu som natural e respondeu: "Eu provavelmente teria me impressionado, se antes não tivesse escutado o seu zurro".

Moral da história: qualquer um pode se esconder com belas roupagens, mas suas palavras dirão a todos quem na verdade é. Ou aplicando ao que nos interessa: alguém pode se apresentar como ortodoxo, mas o que vai provar se é mesmo ou não o que diz são os seus reais posicionamentos diante de determinadas questões. Se seu posicionamento difere de sua apresentação

como ortodoxo, é um asno posando de leão (sei que a figura do asno pode soar agressiva ao ser relacionada aos emergentes, mas, além de estarmos sendo fiéis aos personagens do conto de Esopo, a moral do conto se aplica muito bem ao caso).

A "ortodoxia generosa" nada mais é do que uma falsa ortodoxia (por isso coloco-a entre aspas). É heterodoxia posando de ortodoxia. É apenas uma terminologia eufêmica usada para camuflar o fato de que seus proponentes rejeitam mesmo a ortodoxia bíblica, que normalmente chamam de "ortodoxia rígida".

Os emergentes dizem que são bíblicos, mas, contraditoriamente, relativizam a Bíblia e reivindicam que a teologia cristã precisa ser flexível e submetida a constantes reexames, a "reformulações eternas", sendo sempre adaptada à realidade hodierna. No caso de nossos dias, adaptada à pós-modernidade. Justamente por isso, as igrejas emergentes não têm uma postura doutrinária definida ou uma exposição doutrinária definitiva, até em relação às doutrinas bíblicas fundamentais. Praticamente, os únicos pontos sólidos em seu pensamento é a existência de Deus e a Salvação por meio de Jesus, e neste último ponto ainda há muita contradição, fruto de sua tendência ecumênica. Além disso, os emergentes não percebem que, mesmo sustentando esses dois pontos (e o segundo bem timidamente), o fato de terem relativizado os outros pontos doutrinários fundamentais acabou afetando até mesmo os pontos que lhes restaram. Afetaram a definição bíblica de Deus e o próprio conceito bíblico de Salvação. A tendência ao ecumenismo religioso provoca isso e é ela que está por trás da proposta denominada "ortodoxia generosa".

APLICANDO MÁ FILOSOFIA À TEOLOGIA

Segundo Brian Mclaren, em seu livro *Uma ortodoxia generosa*, e o teólogo Stanley Grenz, em seu livro *Renewing the center* (Renovando o centro, Baker Books, 2000), o criador do termo "ortodoxia generosa" é o teólogo batista Hans Wilhelm Frei, que se auto — denominava teólogo pós-liberal. As duas obras dão a Frei a paternidade do termo e citam a definição deste à expressão: "Minha visão pessoal daquilo que poderia ser propício aos nossos dias, divididos como estamos não apenas em denominações, mas também em escolas de pensamento, é que precisamos de um tipo de ortodoxia generosa que contenha um elemento do liberalismo (...) e um elemento de

evangelicalismo". Ou seja, basicamente, a fórmula *é liberalismo teológico* + *evangelicalismo* = *ortodoxia generosa.* Mas, por que eu disse "basicamente"? Porque, aproveitando a "deixa" de Hans Frei, que faleceu em 1988, Mclaren e Grenz resolvem ir mais além.

Diz Mclaren: "Esta ortodoxia generosa não significa uma simples fusão, mistura, combinação ou reconciliação de duas escolas de pensamento. Ela discorda de ambas com respeito à visão de certeza e de conhecimento que liberais e evangélicos sustentam em comum". Grenz acrescenta que essa certeza de ambos *"é* produzida por pressuposições modernistas" e que a ortodoxia generosa deve "levar a sério a problemática pós-moderna", por isso sugere que "o caminho adiante para os evangélicos é o de liderar a renovação do centro' teológico que possa fazer face aos desafios da situação pós-moderna na qual a igreja de encontra". Isso quer dizer que o liberalismo e o evangeli- calismo são apenas alguns dos componentes, que ambos têm seu conteúdo parcialmente recepcionado e que os princípios da pós-modernidade não são apenas a inspiração para essa "ortodoxia", mas indispensáveis para formação desse "centro", dessa coisa doutrinariamente cinzenta e nebulosa que é a "ortodoxia generosa".

Mclaren assevera que diferentemente de quaisquer outras ortodoxias (que chama de "tensas, bitoladas, controladoras ou críticas"), "a ortodoxia generosa (...) não se leva muito a sério; ela é humilde; não reivindica muita coisa; admite que anda coxeando". E acrescenta que a "ortodoxia generosa" vê todas as correntes do cristianismo, sem exceção, "como uma grande bagunça" (pp. 172 e 253).

Outro proponente dessa falsa ortodoxia é o pastor Douglas Groothuis, professor de Filosofia no Seminário de Denver, nos Estados Unidos, que a defende de outra forma, usando métodos filosóficos. Ele defende um diálogo inter-religioso (ecumenismo) com base na tese de que a Teologia (ou as doutrinas bíblicas) deve se acomodar às tendências de nossa época. E para sustentar sua posição, ele aplica a chamada Teoria da Correspondência da Verdade à relação entre a Bíblia e a pós-modernidade.

Como assim? Que teoria é essa?

Ora, a Filosofia apresenta quatro correntes para a interpretação da verdade. São elas a Teoria Pragmatista, a Teoria Deflacionária, a Teoria Coerentista e a Teoria Correspondentista. Sinteticamente, vejamos no que consistem cada uma dessas teorias.

A Teoria Deflacionária (também conhecida como Teoria da Redundância e Teoria Minimalista, que na verdade são subdivisões dessa teoria)

é aquela que afirma que a verdade não é uma propriedade que está à espera de ser descoberta. A verdade é e pronto. Essa teoria se opõe às outras três teorias sobre a verdade. Muitos adeptos da "ortodoxia generosa" acusam os cristãos verdadeiramente ortodoxos de adotarem um conceito minimalista em relação à ortodoxia.

A Teoria Pragmatista afirma que aquele que diz falar a verdade só está sendo verdadeiro quando a sua verdade é de alguma forma útil. Ou seja, a legitimidade de uma verdade está vinculada necessariamente à utilidade dessa verdade. E essa utilidade, acrescentam os pragmatistas, deve ser verificada não a curto prazo, mas a longo prazo, ou seja, no decorrer do tempo.

A Teoria Coerentista, por sua vez, é aquela que afirma que alguém só está sendo verdadeiro em sua afirmação quando a verdade que propõe sobre determinado assunto é coerente com o que afirma o conjunto dos demais proponentes da verdade sobre esse mesmo assunto. Se há contradição no que é dito em relação ao que diz o conjunto, ou seja, em relação aos demais proponentes, então não há verdade. A verdade residiria, portanto, no mínimo de consenso sobre o assunto.

Finalmente, a Teoria Correspondentista ou Teoria da Correspondência da Verdade, a mais popular de todas, assevera que algo só é verdade quando há correspondência com o fato. Muitos proponentes dessa teoria evocam Aristóteles em sua obra *Metafísica* como sendo o pai dessa teoria.

A Teoria Correspondentista, em si, não *é* problemática para a ortodoxia, ela não se contrapõe à definição de verdade para os biblicamente ortodoxos. Se não, vejamos.

Em primeiro lugar, a Bíblia, diferentemente de muitas obras religiosas do mundo, não é baseada em lendas e superstições, mas em fatos. A Arqueologia tem corroborado dia após dia a veracidade da narrativa bíblica, mostrando que tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos não são depositários de mitos. O evangelho está enraizado em fatos históricos, não em mitos. Ele é baseado no testemunho ocular de vários homens, como enfatiza o apóstolo Pedro: "Porque não nos fizemos saber a virtude *c* a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas artificialmente compostas, mas nós mesmos vimos a sua majestade" (2 Pe 1. .16). Além disso, a Palavra de Deus condena a mentira e a supersticiosidade. As fábulas, crendices e os falsos ensinos são combatidos nas Sagradas Escrituras (2 Tm 4.1-4). A expressão grega traduzida por fábula nesse texto de 2 Timóteo e em 1 Pedro é *mythos*. Ela é usada para descrever uma narrativa que, além de fictícia, é enganosa, sendo geralmente elaborada por um mestre falso com o objetivo de iludir.

Em 1 Timóteo 1.4, Paulo exorta seu filho na fé para que "não se dê a fábulas", neste caso uma referência às lendas construídas em volta das narrativas do Antigo Testamento. Elas aparecem descritas pelo mesmo apóstolo em Tito 1.14 como "fábulas judaicas". Paulo ainda chega a ironizar a superstição judaica, chamando tais crenças sem fundamento de "fábulas profanas e de velhas" (1 Tm 4.7). O apóstolo estava querendo dizer a Timóteo que, por não terem base bíblica, por serem simplesmente invenções humanas, criações que se tornaram populares para enganar o povo, eram ímpias, só servindo mesmo para entreter as conversas de velhinhas caducas. Já no caso do texto de 2 Pedro 1.16, a referência é às histórias fabulosas, crenças e superstições criadas pelos primeiros mestres gnósticos, que para difundi-las se utilizaram da divulgação de evangelhos apócrifos por eles mesmos escritos.

Em segundo lugar, por a Bíblia apresentar fatos (que são questionados apenas por aqueles que preferem não aceitar as inúmeras evidências que comprovam a veracidade do relato bíblico) e não ser um aglomerado de contos e metáforas, a fé cristã não é uma fé irracional. Não é uma fé que abole a razão. Muito pelo contrário: ela se baseia em fatos. Além disso, as promessas bíblicas, quando aceitas, têm seu cumprimento comprovado na vida das pessoas, o que só evidencia mais ainda a veracidade das Sagradas Escrituras. Consequentemente, as doutrinas bíblicas, que são apresentadas claramente no texto sagrado, devem ser levadas a sério.

Por tudo isso, a Teoria da Correspondência da Verdade não se contrapõe à ortodoxia bíblica. Ou seja, o problema não está na teoria. Então, onde ele está? Na forma como os emergentes aplicam a teoria. O equívoco ocorre, mais especificamente, na hora de identificar o que é *fato*.

Ora, a minha concepção de *fato* que uso na teoria para contrapor o que é defendido como *verdade* (e assim provar se essa verdade é verdade mesmo ou não) afetará o resultado da minha aplicação da teoria. Se uso como *fato* algo que, na verdade, não é o que a teoria pretendeu dizer quando se referia a *fato*, o resultado da minha aplicação da teoria não será a verdade de fato (que é o que se procura), não será uma verdade absoluta, mas algo totalmente relativizável; uma "verdade" e não a verdade.

Os emergentes aplicam a Teoria Correspondentista não com o que apropria teoria entende como sendo fato. Fatos são evidências. Porém, para os emergentes, fatos não são isso, mas realidades momentâneas. Eles confundem evidência (que é algo imutável) com compreensão momentânea sobre a realidade, ou seja, com o entendimento passageiro de cada época em relação ao que seja, de fato, fato.

Ou seja, o que acontece com Groothuis e os emergentes, de forma geral, é que, tentando aplicar a Teoria da Correspondência da Verdade à Bíblia, interpretam as mutações sociais de cada época como sendo os fatos a partir dos quais a verdade deve ser confrontada ou abalizada, quando fato é aquilo que não muda apesar das mutações de cada época (os pós-modernos acham que não, uma vez que ***fato*** e ***verdade*** são conceitos relativizáveis para eles). Assim, para os adeptos da "ortodoxia generosa", a verdade bíblica deve acompanhar "a mudança dos fatos", porque, pela Teoria Correspondentista, a verdade está presa aos latos, se sustenta pelos fatos.

Assim, Groothuis argumenta, por exemplo, que porque houve mudanças de realidade entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, as verdades bíblicas mudaram de significado de uma aliança para a outra, "porque os fatos mudaram". Em sua obra ***Truth Decay*** (InterVarsity Press, EUA, 2000), ele declara: "A Bíblia não fala de uma visão técnica da verdade, mas implícita e consistentemente avan-ça a correspondência dessa visão da verdade em ambos os testamentos". Então, prosseguindo seu pensamento, Groothuis conclui dizendo que a verdade bíblica deveria ser definida hoje a partir da nova realidade que estamos vivendo. A Bíblia deveria ser interpretada conforme a nossa realidade atual, que é a realidade pós-moderna. E ainda assevera: a nossa compreensão da verdade bíblica deve estar sempre atrelada "aos fatos de nossa época" (às mudanças sociais que ocorreram); se não, a mensagem que pregamos não terá relevância.

Por tudo isso, Groothuis encerra seu raciocínio afirmando que a ortodoxia bíblica não deve ser rígida, inflexível, engessada, mas flexível, generosa, condescendente com as demandas de cada época da História.

A DOUTRINA BÍBLICA NÃO É MUTÁVEL

Além de o argumento de Groothuis já nascer viciado, devido à forma errada como a Teoria da Correspondência é por ele aplicada, há também o fato de que, diferentemente do que ensina, a Palavra de Deus apresenta a verdade como algo claro e inamovível, que atravessa os séculos, que continua sempre sendo verdade, independente da mudança das épocas. A verdade, na Bíblia, é imutável. O que era verdade no Antigo Testamento continua sendo verdade no Novo Testamento, e isso significa dizer que continua sendo verdade hoje, porque estamos vivendo o período neotestamentário.

As mudanças conjunturais e culturais do Antigo para o Novo Testamento não mudaram, por exemplo, a Doutrina da Salvação. A Salvação, afirma o Antigo Testamento, viria pelo Messias (Cristo) e o Novo Testamento reafirma

isso, apresentando o Messias que já veio. A Bíblia diz que aqueles que morreram durante a Lei e foram salvos o foram por causa de Cristo (Jo 8.56; Rm 4.1- 25; Hb 9.15; 10.1-18). O próprio Antigo Testamento declara que os crentes daquela época não eram salvos pela Lei, mas pela graça (SI 51.1,16,17; Os 6.6; Mq 6.6-8), pois tais sacrifícios só apontavam para o verdadeiro sacrifício que os fazia salvos — o sacrifício de Cristo (Hb 10.1-10).

As partes litúrgica, cerimonial e regimentar da Lei do Antigo Testamento não foram abolidas por terem sido consideradas de repente inválidas (como se as pessoas tivessem, de repente, um *insight* e concluído: "Sabe de uma coisa? Acho que isso nunca foi importante. Além disso, os tempos são outros e precisamos de coisas novas"). Esses aspectos da Lei não foram abolidos porque os novos tempos pediam algo diferente, mas porque *já haviam cumprido a sua função*, que era apontar para Cristo.

Outro detalhe: a lei moral de Deus, como já vimos no segundo capítulo deste livro, não mudou no Novo Testamento (é só rever o tópico do segundo capítulo onde discutimos o pressuposto do antinomianismo defendido pelos emergentes). Mas alguém pode perguntar: "E questões como a poligamia e a liberalidade em relação ao divórcio no Antigo Testamento? Mesmo sendo casos únicos, não demonstrariam a mutabilidade da lei moral, já que houve neles mudança normativa do Antigo para o Novo Testamento?"

Evidente que não. Jesus explica esse assunto em Mateus 19.8 e na passagem correlata de Marcos 10.5-9. Na verdade, nessas passagens, Ele está falando especificamente do divórcio, mas sua colocação se aplica naturalmente à questão da poligamia também. Cristo diz, evocando a criação do primeiro homem e da primeira mulher em Gênesis, que o projeto original de Deus não era a poligamia nem o divórcio, mas *um* homem casado com *uma* mulher em *uma* união indissolúvel. Porém, Ele acrescenta que, "por causa da dureza do coração" dos homens, houve um pouco de *tolerância* divina em relação ao divórcio e à poligamia no Antigo Testamento, mas ambos não estavam nem estão no projeto de Deus. Basta lembrar que a permissão à poligamia na Antiga Aliança não era escancarada, mas ressalvada (Dt 17.17).

Gênesis 2.21-24 descreve a criação de Adão e Eva, o primeiro casal, e apresenta seu matrimônio monogâmico como a clara expressão do ideal divino; e o Novo Testamento deixa claro que essas duas concessões excepcionais no Antigo Testamento (poligamia e certa liberalidade quanto ao divórcio) não existem mais (o divórcio só é permitido em situações bem específicas, ensinadas por Jesus e Paulo - Mt 19 e 1 Co 7). Ou seja, a lei moral sobre essas questões sempre foi a mesma desde quando Adão e Eva foram formados.

Não houve uma evolução da lei moral do Antigo para o Novo Testamento, mas um período transitório, passageiro, de tolerância da lei moral em relação a esses dois pontos. Na época cm que havia essa tolerância, a lei moral era exatamente a mesma desde o Éden e continuou a ser como era no Novo Testamento, sendo que desta vez sem aquela tolerância.

Essas concessões temporárias, exceções passageiras, não estavam no projeto original de Deus, projeto este que permanece o mesmo. Ignorar isso para defender uma flexibilização da lei moral é transformar regra em exceção e exceção em regra. Regra é regra, exceção é exceção. Não se constrói regras em cima de exceções, ainda mais quando essas exceções, como já afirmamos, não existem mais. O Novo Testamento não é dúbio sobre o assunto. Ele assevera clara e normativamente a monogamia (Mc 10.6-9; 1 Co 7.2; 1 Tm 3.2).

A doutrina bíblica não é mutável. Tanto não é que a Bíblia diz que a verdade deve ser defendida (Judas 3), é um depósito a scr guardado (1 Tm 6.20 e 2Tm 1.14), é algo a ser retido e com o qual devemos estar alinhados sempre (Tt 1.9 e 2.1). Diz ela ainda que falsas doutrinas são fruto de ignorância (1 Tm 6.3-4), o que deixa claro que a verdade pode ser objetivamente conhecida, independente da época em que vivemos. Além disso, a Bíblia fala para não sermos levados por "ventos de doutrina" (Ef 4.14), ou seja, por modismos passageiros, como os pressupostos defendidos por Groothuis.

"SALADA" TEOLÓGICA ESCONDIDA POR TRÁS DE UM DISCURSO ORTODOXO FALSO

Por terem essa postura doutrinária flexível, extremamente "generosa", é comum o ecumenismo teológico entre os cristãos emergentes. A licenciosidade doutrinária (verdadeiro nome para descrever essa tal de "ortodoxia generosa") alimenta isso.

Geralmente, os emergentes são abertos a conceitos teológicos de outros seguimentos religiosos e recepcionam prazerosamente conceitos da Teologia Liberal. Aproximam-se com condescendência das opiniões teológicas de outras religiões e abraçam pensamentos falsamente cristãos, idéias que são rejeitadas pelo cristianismo conservador justamente por não terem respaldo na Bíblia. Amam os textos denominados por eles mesmos, romanticamente, de "marginais" (textos rechaçados de teólogos contrários à ortodoxia bíblica) e citam, inclusive, muitos dos teólogos liberais e até mesmo ateus como sua fonte de inspiração e reflexão teológica. A ressurreição dos velhos Teísmo Aberto e Te-

ologia da Libertação entre alguns círculos de cristãos emergentes é só um dos
mais evidentes exemplos disso.

Em artigo publicado na revista *Christianity Today* de fevereiro de 2007, o teólogo Scot McKnight ressalta que "a confissão de fé dos cristãos emergentes sempre é em linhas gerais — isso significa que eles dizem coisas publicamente
que eles não acreditam realmente". O que Scot quis dizer é que é possível um cristão emergente dizer que crê na onisciência de Deus e, na verdade, não acreditar na onisciência divina. Por exemplo: se um crente emergente defende os pressupostos do Teísmo Aberto, ele afirma que não crê em uma "onisciência exaustiva ou estática", mas em uma "onisciência em movimento", terminologia usada para camuflar o fato de que, na verdade, ele não acredita que Deus realmente sabe de tudo. Crentes mais desatentos, porém, acabam caindo nessa falácia.

É a história do "Eu acredito nisso, mas não como vocês", e quando a pessoa começa a tentar descrever sua posição, descobrimos que, na verdade, ela não crê nem parcialmente no que cremos. Ela não crê em nada do que cremos em relação àquele ponto defendido. Só usa de eufemismos para esconder ou suavizar a verdade sobre seu pensamento. Sua ortodoxia é tão "generosa" que já deixou de ser ortodoxia há muito tempo. Evocando a fábula de esopo, é um asno posando de leão.

Brian Mclaren, que escreveu uma famosa obra sobre "ortodoxia generosa", é um expert em fazer afirmações contraditórias. Em seu *Uma ortodoxia generosa - a Igreja em tempos de pós-modernidade* (2007, Editora Palavra), ele afirma introdutoriamente: "Antes de mais nada, eu escrevi este livro para homens e mulheres que experimentam um persistente impulso para entrarem
mais profundamente na vida espiritual, mas estão confusos sobre qual direção
seguir. São pessoas que 'conhecem' a história de Cristo [as aspas usadas por ele denotam que supostamente só Mclaren e os emergentes é que conhecem ou interpretam corretamente a história de Cristo] e têm profundo desejo de deixar este conhecimento descer de suas mentes para os seus corações. Elas têm uma vaga percepção de que esse 'conhecimento de coração' [conhecimento apoiado no *feeling* pessoal, no sentimento, no "Siga seu coração"] pode não apenas lhes dar um senso de quem são, mas, de fato, tornar todas as coisas novas para elas. No entanto, essas mesmas pessoas frequentemente sentem certa hesitação e medo de entrar nesse novo caminho incerto, e se perguntam se não estão fazendo papel de bobo. Espero que este pequeno livro ofereça a tais pessoas algum encorajamento e direção".

Ou seja, o que Mclaren está dizendo é: "Não tenha medo de aceitar uma

teologia que soa anti-bíblica, mas que vai te trazer experiências novas. Não tenha medo do que diz sua razão. Não tenha medo de abraçar isso só por causa do que você aprendeu sobre a Bíblia. Siga o seu coração". Além de ig-norar o ensino bíblico claro, esquece que "enganoso é o coração" (Jr 17.).

Sempre há uma certa "adrenalina" nas heresias, um *glamour* no novo, um charme em ter idéias diferentes por mais falsas que sejam, se não ninguém seria atraído por elas. Porém, Mclaren está como que a dizer: "Não tenha receio de adotar uma postura heterodoxa só porque provam na Bíblia que sua posição é heresia mesmo. Deixe eu te ensinar uma forma de 'justificar' ou 'explicar' suas crenças heterodoxas de tal forma que alguns vão pensar que você não é tão heterodoxo assim. Quem sabe, depois vem mais gente após você, e aí você não vai se sentir tão sozinho com suas novas crenças e, assim, se sentirão mutuamente respaldados e menos culpados". Mesmo que Mclaren tente não afirmar as coisas dessa forma durante parte do seu livro, esse é o espírito que paira em cada capítulo e que em alguns momentos é evidenciado despudoradamente em declarações absurdas.

Na mesma obra, Mclaren afirma que sonha com o dia em que a ortodoxia volte a andar de mãos dadas com a generosidade, como se a verdadeira ortodoxia levasse o crente a não ser amoroso! Já falamos da falácia desse pensamento no capítulo dois, quando abordamos a compreensão errada de amor que têm os emergentes. O amor e a verdade andam de mãos dadas, diz a Bíblia (Ef 4.15; Os 4.1). Além do mais, devemos ser generosos com as pessoas e não com as heresias (2 Tm 2.16-18; 4.3,4;Tt 1.11-14).

Outro ponto: é absolutamente contraditório uma pessoa se apresentar como ortodoxa e, ao mesmo tempo, como um "cristão missionai, evangélico, pós-protestante, liberal / conservador, místico / poético, bíblico, carismático / contemplativo, fundamentalista / calvinista, anabatista/ anglicano, metodista, católico, verde, encarnacional, depressivo-mas-esperançoso, emergente e não- acabado". É assim que Mclaren se apresenta em seu livro. Ora, alguém que é evangélico e conservador não pode ser liberal ou pós-protestante ao mesmo tempo. Ou será uma coisa ou outra. Alguém que é bíblico não pode ser concomitantemente um liberal teologicamente. Alguém que é evangélico não pode ser ao mesmo tempo católico. Tais ligações não serão possíveis nem se você relativizar as verdades absolutas da Palavra de Deus, pois a partir do momento que as verdades bíblicas forem relativizadas, a pessoa que as relativizou já não é mais evangélica nem conservadora. Dizer que é trata-se de insídia, engano, farsa, desonestidade. Nesse caso, por serem coisas absolutamente opostas, para ser uma coisa, você tem necessariamente que deixar de ser a outra coisa.

"Mas não há alguns pontos de convergência entre todas essas posições?" Há, mas os pontos de divergências são esmagadora maioria. Além do que, seria logro alguém dizer, por exemplo, que porque todas essas posições apre- sentadas dizem crer em Deus e/ou em Cristo, quem é evangélico pode afirmar que é também e concomitantemente católico, liberal, pós-protestante e fim damentalista. Nem mesmo se todas essas posições dizem crer no evangelho pode-se chegar a afirmar tal coisa, já que há muitos evangelhos por aí que nada mais são do que evangelhos "franksteins", híbridos entre o evangelho e outras filosofias, distorções do evangelho, misturas de laboratórios pessoais, por isso não podem ser apresentadas como sendo o evangelho. Para saber se alguém crê no evangelho ou não, deve-se fazer a pergunta seguinte - "O que é o evangelho?" - e, em seguida, comparar a crença dessa pessoa com o que a Bíblia diz sobre o evangelho.

Um espírita, por exemplo, diz que crê no evangelho, mas, na verdade, acredita mesmo é no que o espiritismo diz sobre o evangelho, aderindo a uma interpretação-distorção da Bíblia.

Um outro exemplo: um liberal, um neo-ortodoxo e um conservador dizem que creem na Bíblia. Porém, se você faz a eles a pergunta "A Bíblia é a Palavra de Deus?", você terá respostas diferentes. Para o liberal, ela não é, mas tem seu valor, Para o neo-ortodoxo, ela não é, mas contém a Palavra de Deus. Já o conservador assevera que a Bíblia é a Palavra de Deus. Agora, o que a Bíblia diz de si mesma? Ela afirma que é a Palavra de Deus (2 Tm 3.16,17). Logo, o conservador está certo e o liberal e o neo-ortodoxo não estão, pois dizer que a Bíblia é aquilo que ela diz que não é trata-se de desrespeito com a própria Bíblia. Assim como dizer que crê em Jesus e afirmar simultaneamente que Ele é algo que Ele nunca disse que era é um desrespeito à pessoa de Cristo. Simplesmente, ou você crê ou você não crê.

Como se não bastasse isso, Mclaren ainda defende uma visão ecumênica, quando fala que devemos ser mais condescendentes com as diferenças doutrinárias de outras religiões. Esse discurso pode parecer muito bonito, muito simpático, dar muito ibope e ser até emocionante para alguns, mas não tem nada a ver com a Bíblia. A Palavra de Deus nos ensina a respeitar e amar todas as pessoas, independente de credo, ideologia, opção sexual, nacionalidade, etnia, etc., mas nos diz também que devemos resistir o erro, não sermos condescendentes com falsas doutrinas.

Como disse C. S. Lewis: "Se você é cristão, você não precisa crer que tudo nas demais religiões é simplesmente errado. Se você é ateu, então, sim; você tem de crer que o ponto central de todas as religiões do mundo não

passa de um enorme engano. Se você é um cristão, você é livre para pensar que todas as demais religiões, mesmo as mais excêntricas, contêm ao menos alguma alusão à verdade. (...) Contudo, o cristão tem de admitir que, nos pontos em que o cristianismo diverge de outras religiões, ele é verdadeiro e as outras religiões são falsas. É como em aritmética: há somente uma resposta certa para uma soma, e as outras estão erradas; mas algumas das respostas erradas estão mais próximas da certa do que outras" *(Cristianismo puro e simples,* C. S. Lewis, ABU, 1979).

Porque uma ave tem olhos e eu também tenho olhos, não significa dizer que eu sou uma ave. Seria um silogismo estratosfericamente absurdo. Tanto eu quanto a ave somos seres criados, mas a ave *é* ave e eu sou um ser humano. Os pouquíssimos pontos de similaridade entre o cristianismo e as outras religiões apenas nos mostram que tanto o cristianismo quanto as outras crenças são religiões, creem no sobrenatural, creem em Deus (algumas delas) e não que todas são uma e a mesma coisa ou que todas são, de alguma forma, corretas. Afirmar o contrário é ímprobo.

A FALACIA DE MCLAREN

Uma ortodoxia generosa, de Brian Mclaren é, em síntese, uma das obras sobre a Bíblia, Jesus e o cristianismo mais auto-contraditórias, estereotipa- doras, falaciosas e falsamente espirituais que já li em toda a minha vida. É incrível como tanta gente boa consegue ser levada a embarcar num discurso tão insustentável, fraco e falacioso como esse.

Mas, por que tantas pessoas caíram nessa?

Há um bom número de cristãos que se encontram frustrados em sua vida espiritual. Muitas vezes, são crentes que se decepcionaram com as caricaturas ingênuas de Deus, das igrejas e da vida cristã que eles mesmos criaram ou aprenderam. Esses crentes, finalmente desiludidos com suas miragens sobre Deus e a vida cristã, e ainda surpresos e impactados diante de muitos maus exemplos de representantes do cristianismo organizado (que, às vezes, infligiram injustiças contra eles) e/ou espantados em seu primeiro contato com informações sobre os absurdos cometidos na História (e ainda hoje) em nome de Deus, da Bíblia e de Jesus, entraram em profunda crise. Então, o que fizeram para sair dela? Em vez de "examinar tudo e reter o bem" (1 Ts 5.21), em vez de amadurecerem, rechaçar o erro e seguir adiante com a verdade do evangelho (que agora poderia ser mais nítida para eles, finalmente

desiludidos com caricaturas), em vez de se engajarem na luta pelo resgate dos princípios do evangelho, abraçaram em seu desespero, ingenuamente, uma outra "alternativa" que lhes apareceu, uma proposta que (por mais que seus proponentes digam o contrário) despreza a Bíblia (mais à frente, vamos ressaltar ainda mais isso). Uma proposta que se apóia no hibridismo e na relativização e exalta a incerteza. Mas esses crentes, vulneráveis, expostos e sôfregos, nem atentaram para isso. Seduzidos pelo discurso, beberam avidamente das cisternas de águas aparentemente cristalinas que os emergentes lhes apresentaram. Na sua ânsia, beberam, sem perceber, águas poluídas.

Mclaren, que também se apresenta como frustrado com tudo que se chama "cristão", é um crente que radicalizou, propondo uma solução que se afasta totalmente da Bíblia e simplesmente não se importa com isso (sua forma de interpretar e tratar a Bíblia demonstra isto). Levando seu projeto adiante, escreveu livros que capitalizam em cima da frustração de muitos cristãos e ainda, descaradamente, faz isso sem se importar com os erros crassos de muitas de suas próprias afirmações, que não poucas vezes são acompanhadas de um tom sarcástico (que lembra o judeu ateu Woody Alen ou o ateu raivoso Richard Dawkins), tom este que gera simpatia em cristãos feridos, encorajando mais ainda uma aversão generalizadora a tudo que se chama cristianismo organizado.

Diante dos erros dentro do cristianismo organizado (que não é um mal em si mesmo, pois o mal não está em se ter um cristianismo organizado), o cristão não deve reagir estereotipando, "depredando" tudo, colocando a culpa nas teologias sistemáticas e organizações cristãs, diabolizando-as, relativizando a Bíblia e procurando bodes expiatórios em qualquer corrente teológica protestante (como o calvinismo) ou em todas elas. A culpa dos erros no mundo evangélico não é do calvinismo ou da corrente A, B ou C especificamente. O problema está nas pessoas em sua relação com o evangelho. Há muitos que estão no evangelho, mas o evangelho não está neles. São pessoas que distorcem o evangelho para atender a seus gostos, interesses políticos ou caprichos pessoais e egoístas. Pessoas que ou nunca se converteram ou, se um dia se converteram, afastaram-se do genuíno evangelho. Muitas dessas pessoas podem até dizer que não se envergonham do evangelho, mas o evangelho se envergonha delas. Fazem, às vezes, atrocidades em nome do evangelho. E isso não tem a ver com o fato de alguém ser calvinista ou arminiano. Há santos que são 100% calvinistas ou 100% arminianos (gente que não tem nada a ver com os emergentes, não tem nem "cheiro" disso), assim como há doentes espirituais e falsos cristãos que se

dizem calvinistas ou arminianos, mas que, na verdade, usam essas correntes teológicas, distorcendo-as para atender à sua visão de mundo que nada tem a ver com o evangelho.

Diante dos erros de pessoas dentro do cristianismo organizado, o cristão deve procurar equilíbrio na Bíblia e buscar um avivamento em sua vida e para a comunidade onde está, e não partir para uma fuga da Bíblia (rela- tivizando seu conteúdo doutrinário em prol do *feeling* pessoal como base para escolher o que seja espiritual ou não) nem para a aversão a tudo que se chama cristão ou evangélico (jogando, como já disse noutro capítulo, o bebê fora junto com a água do banho). Ele deve não se render aos erros nem muito menos fugir deles, imaginando que a melhor opção é criar ou propor uma "igreja diferente", com uma teologia "totalmente diferente", com uma espiritualidade hiperbolicamente diferente e com uma visão da Bíblia "diferente de tudo que já existiu antes" (como se apenas o seu grupo estivesse no caminho certo) e empreender "a verdadeira busca da verdade" (como se a verdade - ou melhor dizendo, o suficiente dela para vivermos - ainda estivesse para ser descoberta! Ai de nós!), como se os outros grupos todos tivessem se perdido. Ou seja, só os emergentes estariam no caminho certo. Os outros, não.

Mclaren diz, em sua obra *Uma ortodoxia generosa,* que os emergentes não afirmam que todos os grupos ignoram tudo da verdade, mas apenas que cada grupo tem parte da verdade, e assevera que os emergentes (que buscam um hibridismo construído a partir de todas essas partes da verdade) é que estão no caminho certo para descobrir a totalidade da verdade.

Em outras palavras, ele tenta fugir do rótulo de seita herética dizendo que os cristãos emergentes não afirmam que têm a verdade; porém, afirma, ao mesmo tempo, que os grupos cristãos, que ignoram os emergentes, estão todos no caminho errado, pois não estão "em busca da verdade". Só poderão estar no caminho certo quando passarem a ver as coisas como os emergentes.

Ou seja, para os emergentes: (1) ninguém sabe o suficiente da verdade; (2) estamos todos, inclusive pessoas de outras religiões, em busca da verdade; e (3) só os cristãos emergentes, em sua caminhada de "metamorfose ambulante", em sua manifestação orgulhosamente híbrida, estão no caminho certo para descobrir ainda a plenitude da verdade!

Ora, à luz da Bíblia, tudo o que precisamos para desenvolvermos nossa caminhada cristã já foi revelado (Dt 29.29; Rm 15-4; 2Tm 3.16,17; 2 Pe 3.18). Não há nada a se acrescentar. Nossa busca é para crescermos em

Deus. Devemos apenas aprender a verdade, que já está clara na Bíblia, e desenvolvermo-nos espiritualmente.

Tudo o que precisamos para desenvolvermos nossa caminhada cristã não está escondido, oculto, discernível apenas por pistas que só podem ser interpretadas pelos pós-modernos, que se julgam mais sensíveis, dotados de um melhor *feeling* para descobrirem a "mensagem secreta de Jesus". O evangelho não é um intricado *Ulisses* de James Joyce. Ele não é um criptograma, uma mensagem cheia de códigos que só poucos puderam decifrar, especialmente os "privilegiados" pela mentalidade pós-moderna. Durante a História, o evangelho foi distorcido por muitos para atender a determinados interesses políticos e/ou preconceitos e teve algumas de suas verdades ressaltadas em detrimento de outras por alguns grupos, mas o evangelho sempre foi claro e sempre houve pessoas que o entenderam e encarnaram belamente em todas as épocas. O que os emergentes fazem é justamente o mesmo que acusam em outros cristãos do passado que erraram: adaptam o evangelho a seus gostos pessoais e aos anseios de sua época (no caso, a pós-modernidade).

As pessoas seduzidas pela mensagem emergente se dividem em dois grupos. Um, como já ressaltei, é composto de pessoas bem intencionadas que, frustradas com os maus exemplos no meio evangélico e em busca de uma vida espiritual mais profunda, acreditam que encontraram na salada teológica e na relativização bíblica a dieta necessária para suas almas. Quem pensa assim, infelizmente, vai ser visitado pela frustração mais à frente de novo. É só questão de tempo. O outro grupo é formado por pessoas que, seduzidas pelo espírito do nosso tempo, veem na proposta emergente uma oportunidade maravilhosa para adaptar a Bíblia aos sabores de sua época, algo que sempre almejaram. A questão principal deles não é a frustração. Isso é o que chamo de hedonismo emergente. Esse último tipo de emergentes é que deverá manter a igreja emergente viva durante um longo tempo, quando seus colegas, os que embarcaram por frustração, começarem a se frustrar de novo e saírem em busca de outra novidade, de outro modismo-solução.

UM CELEIRO DE AFIRMAÇÕES ABSURDAS

Uma ortodoxia generosa é um celeiro de afirmações absurdas a cada capítulo. No primeiro capítulo, por exemplo, Mclaren ataca os credos, culpando quem fez os credos pela sua ênfase no nascimento, na morte e na ressurreição de

Jesus (p. 54). Em sua teoria da conspiração, ele diz que os credos deveriam falar mais sobre a vida de Jesus entre o nascimento e a morte, sugerindo que, ao negligenciar isso, talvez houvesse alguma tentativa por parte dos autores dos credos de esconder algo.

Numa mesma oração, ele tenta esconder sua suspeita, mas acaba revelando-a (aliás, o livro é cheio de momentos auto-contraditórios que lembram roteiros mal escritos de cinema): "Que consequências *não-planejadas* [ou seja, Mclaren crê inicialmente que não teriam sido propositais...] surgem desse foco no princípio e no fim da vida de Jesus e da negligência ***ou do ato de evitar*** [...porém aqui sugere que poderiam ter sido, sim, propositais] aquilo que se passa entre os dois?" (os itálicos são meus).

Será que Mclaren desconhece que o propósito dos credos não é apresentar todos os pontos doutrinários, mas expor as doutrinas bíblicas fundamentais? Ou será que ele está sendo desonesto mesmo, tentando sugerir ao leitor que houve na elaboração dos credos uma deliberada intenção de esconder alguma coisa? Além de os credos tratarem apenas de pontos doutrinários fundamentais, eles naturalmente só enfatizavam os pontos doutrinários que, na época em que foram elaborados, estavam sendo mais atacados. Eles não tinham por objetivo serem exaustivos.

O engraçado disso é que uma hora Mclaren reclama das teologias sistemáticas por, segundo ele, tentarem abarcar e delimitar tudo; outra hora reclama dos credos por só falarem de alguns pontos, os fundamentais. Na verdade, Mclaren irresponsavelmente força os fatos para tentar fazê-los afirmarem o que quer que eles digam. Ele parece deslumbrado com teorias da conspiração tipo ***O Código da Vinci*** e obcecado para descobrir nas entrelinhas da História algo parecido com aquele conto ficcional, alguma tentativa deliberada ou não dos cristãos do passado de esconder a verdade de todos, que agora ele e os emergentes, aplicados, finalmente teriam descoberto depois de séculos de trevas e para o bem de todos os cristãos do mundo (Ou seja: A luz, finalmente, teria chegado - ou ficado mais próxima — com os emergentes!). Não é à toa que ele sugere isso mesmo no início de seu livro ***A mensagem secreta de Jesus*** (Thomas Nelson, 2006, p. 10), citando o filme e o livro ***O Código da Vinci*** e dizendo que algum tipo de coisa parecida com aquilo ocorreu mesmo na História.

Aliás, também pudera a ingenuidade de Mclaren de se deixar impressionar por lixos como ***O Código da Vinci***, já que ele cita em seu livro filmes como se fossem aulas magnas de Teologia, a exemplo de ***Todo-***

poderoso, com Jim Carrey, filme bobo citado como primor de reflexão teológica sobre a importância do livre-arbítrio. Ele chega a recomendar esses filmes como ótimas reflexões teológicas.

Os emergentes pensam que estão empreendendo uma nova Reforma, que estão redescobrindo algo que ninguém nunca percebeu perfeitamente como eles agora. Ora, no caso da Reforma, ocorreu uma redescoberta mesmo, como aconteceu nos dias do rei Josias, relatados na Bíblia, quando reencontraram o Livro da Lei. Uma das características das seitas é a apresentação de supostas verdades que nunca haviam sido compreendidas até alguém surgir dizendo que as descobriu. Essas "verdades", depois de "descobertas", se tornam a referência para a interpretação de qualquer outra verdade e também o principal ponto de todo o corpo de ensinamentos da seita. A Reforma Protestante, porém, está em contraposição a essa característica, já que nenhum dos reformadores declarou ter "descoberto" qualquer verdade nova, mas apenas procuraram apresentar os ensinamentos das Sagradas Escrituras em sua integridade. Nos tempos dos reformadores, a Bíblia não era acessível a todos. Até mesmo os reformadores vibravam quando, no início de seus estudos, conseguiam um exemplar da Bíblia (vide Lutero). Traduções da Bíblia eram queimadas para que ninguém as lesse. Entretanto, agora, depois de 500 anos da Reforma, com bilhões de toneladas de Bíblias espalhadas pelo mundo e com inúmeras versões em algumas línguas (Linguagem de Hoje, NVI, etc.), é absurdo alguém dizer que finalmente descobriu a "mensagem secreta de Jesus", "a mensagem escondida", como se a Bíblia fosse um criptograma que só pudesse ser decifrado pelas mentes pós-modernas.

Quer dizer que a visão modernista impedia de as pessoas perceberem a verdade? Quer dizer que a visão pós-moderna permite agora percebê-la? A visão pós-moderna é, então, melhor que a moderna? Logo, o problema está no tipo de visão: moderna ou pós-moderna? Será, então, que Deus fez isso de propósito, para privilegiar só essa época e as outras se darem mal, com alguns poucos nelas vivendo com migalhas da verdade? E se os culpados foram os homens, e não Deus, então que Palavra de Deus é essa, que só pode ser entendida agora, depois de 2 mil anos? E olhe lá, porque essa compreensão da verdade, segundo os emergentes, ainda está "inacabada"!

Mas, os absurdos do "guru" dos emergentes não param por aí.

Mclaren critica a pregação protestante da cruz, dizendo que a pregação da cruz não é a mais importante. Ele diz que a mensagem da cruz pregada pelo protestantismo é insuficiente, não dizendo nada para o dia-a-dia das pessoas: "A cruz de Jesus no passado me salvou do inferno no futuro, mas foi difícil ser claro acerca do que ela representou para mim na luta do presente. E ainda mais importante, o evangelho teria alguma coisa a dizer sobre a justiça para muitos, não apenas a justificação do indivíduo? [O evangelho] Teria como objetivo dar esperança às culturas humanas e à ordem criada na história, ou seria a história uma causa perdida de modo que o evangelho só daria esperança a almas individuais além da morte, além da história - como um pequeno bote salva-vidas dentro do qual apenas algumas poucas almas afortunadas escapam de um enorme naufrágio? E teria a ênfase dos protestantes conservadores na morte de Jesus necessariamente marginalizado sua vida — seus ensinos sábios e suas obras bondosas que haviam cativado minha imaginação na infância?" (*Uma ortodoxia generosa,* p. 57).

Em primeiro lugar, a pregação da cruz é o centro, o mais importante assunto do evangelho. A morte de Jesus não é um detalhe do Seu ministério, mas é o ponto culminante e alto dele todo e pelo qual somos salvos se crermos individualmente, porque a Salvação é pessoal (é só ler textos que ressaltam isso, como Ezequiel 18, e lembrar-se que Jesus afirmou a seus discípulos em Marcos 16 que quem crê será salvo e quem não crê será condenado).

Jesus é apresentado na Bíblia, especialmente em Apocalipse, como "o Cordeiro de Deus imolado antes da fundação do mundo". João Batista, em João 1, apresenta Jesus dizendo: "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". Isaías 53 fala que a centralidade do evangelho está no sacrifício de Cristo e o próprio Jesus valorizou Sua crucificação. Em Lucas 24, Ele disse aos discípulos no caminho de Emaús, que não entenderam o porquê de Sua morte, que convinha que a crucificação acontecesse para nossa Salvação. Jesus falou aos seus discípulos sobre a crucificação e sobre o significado dela várias vezes nos evangelhos. A cruz é a centralidade da pregação do evangelho e seu significado é a remissão de nossos pecados.

Porém, na página 74 de *Uma ortodoxia generosa,* Mclaren defende a visão da Teologia da Libertação sobre a morte de Jesus, visão que defende também em seu livro A *mensagem secreta de Jesus.* Ele diz que a morte de Jesus teve um sentido político. Ora, a morte de Jesus nunca teve esse significado pregado pela Teologia da Libertação. A Bíblia nunca apresentou a morte de Jesus assim, em nenhum ponto. Isso é uma distorção do sentido.

Em *A mensagem secreta de Jesus,* Mclaren diz que, apesar de crer que a morte de Cristo teve um significado de remissão, ela foi também um ato político de resistência pacífica contra o Império Romano, e por crer assim, ele chega a dizer que Gandhi entendeu mais o evangelho e a mensagem da cruz do que a maioria dos cristãos na História!

Ora, Gandhi não entendeu nada da mensagem da cruz e a crucificação de Cristo não teve nenhum propósito político. Uma coisa é você dizer que o ensino de Jesus também pode ter uma aplicação para a política (e não só para a política, mas para todas as áreas da vida, já que os princípios espirituais do Reino de Deus devem nortear toda a nossa vida), outra coisa é você dizer que o discurso e as intenções de Jesus eram políticos. Mclaren sustenta que Jesus era um rebelde e revolucionário (*Uma ortodoxia generosa,* p. 94). Entretanto, quando interrogado sobre se tinha interesses políticos, Jesus negou dizendo: "Meu Reino não é deste mundo" (Jo 18.36).

Como bom hindu que era, Gandhi rejeitou o significado salvador da cruz (remissão dos pecados), que é o sentido da morte de Cristo, preferindo interpretar Sua morte como um ato de resistência pacífica. Deixe-me citar o próprio Gandhi: "Eu poderia aceitar a Jesus como mártir, uma incorporação do sacrifício e um mestre divino, mas não como o homem mais perfeito que jamais existiu. Sua morte na cruz foi um grande exemplo para o mundo, mas que ela contivesse algo parecido como uma virtude misteriosa ou miraculosa, meu coração não poderia aceitar" (*Gandhi: An Autobiography,* p. I 13).

Assim como para os gregos da época de Paulo a cruz era uma loucura, algo que não compreendiam, para Gandhi também.

Escreve Paulo: "Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que è escândalo para os judeus e loucura para os gregos" (lCo 1.23). Dois versículos antes, Paulo diz que a loucura da cruz é justamente seu significado de remissão de pecados: "...aprouve a Deus ***salvar*** os crentes ***pela loucura da pregação***" (1 Co 1.21). Será que esse "salvar" diz respeito mesmo à remissão de pecados? Que pregação é essa que salva? Ora, por que "Cristo crucificado" salva? Qual o significado da morte de Cristo? Paulo explica: "Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que ***Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras***" (1 Co 15.4). Não é à toa que Paulo diz que Jesus foi feito por nós "sabedoria, ***justiça, santificação e redenção***" (1 Co 1.30). É por isso que a mensagem da cruz era loucura para os gregos! Eles interpretavam a morte de Cristo apenas como um martírio, Gandhi também. Ambos não entendiam e não aceitavam essa idéia de Jesus ter morrido para remissão de nossos pecados. Essa era a loucura da cruz! Como, então, Gandhi entendia

mais da cruz e do evangelho do que muitos cristãos? A cruz era loucura para ele também.

Em segundo lugar, quem disse que o sacrifício de Cristo não teve implicações no dia-a-dia do crente?

E a santificação? E o fato de a Bíblia dizer que as boas obras foram feitas "para que andássemos nelas", como consequência natural do perdão dos nossos pecados? E quem disse que a mensagem centrada na cruz, no sacrifício de Cristo para remissão de nossos pecados, nos leva a sermos egoístas, a não nos preocuparmos com a salvação das pessoas e da sociedade, ou em melhorar as coisas? Uma salvação que não se importe com o próximo não é Salvação. O nascer de novo nos leva a querer pregar a todos. Vemos isso todos os dias (mas Mclaren vê o evangélico de forma geral como tendo o seguinte estereótipo: crente calvinista fatalista, racista, egocêntrico e arrogante, que não se importa com as pessoas nem com a salvação delas).

E o "Ide e pregai"? Ele consiste essencialmente em uma conclamação para que todos pratiquemos boas obras e sejamos legais com todo mundo ou consiste principal mente, essencialmente, acima de tudo, na pregação da cruz? E a necessidade de levarmos essa mensagem da cruz, que é "o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê", não é uma implicação natural na vida de quem teve seus pecados perdoados, além de ter sido uma ordenança de Jesus? Se a sociedade aceitar a mensagem da cruz e viver a partir dela, ela, como um todo, será transformada.

Em terceiro lugar, os protestantes, durante a História, por causa da Salvação em Cristo, por causa das implicações da cruz, devido à sua centralidade na cruz de Cristo, não lutaram pela justiça social e pela transformação da sociedade? O que dizer de William Wilberforce e John Newton? E Robert Raikes? E os metodistas do século XVIII? E dos grandes avivamentos? Qual era a mensagem central de todos eles e que os impulsionaram a fazer o que fizeram pelo mundo? Não foi a mensagem da cruz, da Salvação em Cristo individual a todos que crerem, a todos que a receberem?

Em quarto lugar, Mclaren diz que os protestantes escondem determinadas histórias de Jesus, preferindo prender-se na cruz, mas ele conta que aprendeu essas histórias supostamente relegadas quando ainda era criança, quando ouviu-as narradas e ilustradas pelas... professoras protestantes!

Sua teoria da conspiração leva-o a não ver que os protestantes sempre pregaram sobre todos os ensinos de Jesus, e não somente sobre a cruz. Há milhares de exemplos de ontem e de hoje na História. E se os protestantes enfatizavam, de todas as histórias sobre Jesus, a história da cruz, nada mais lógico e bíblico. Os próprios Evangelhos dão destaque à morte de Cristo, e

o Evangelho de João mais ainda. Veja o espaço que eles dão à narrativa da crucificação.

Por sete vezes a crucificação de Cristo é apresentada em João como "a hora", numa referência à crucificação de Cristo como a culminância de todo o Seu ministério e o auge do cumprimento de séculos de profecias a respeito da Vinda do Messias (Lc 18.31-33). A respeito da crucificação, Jesus disse: "Agora, está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? *Mas precisamente com este propósito vim para esta hora".* Cristo veio para testemunhar da verdade (Jo 18.37) e principalmente para salvar pelo seu sacrifício na cruz (Rm 3.25,26; Mc 10.45; lTm 1.15; Lc 19.10; Jo 3.16,17; Jo 10.10 e lJo 3.8 com Hb 2.14,15). Ele veio principalmente, acima de tudo, para subir à cruz para remissão de nossos pecados. Por que, então, a cruz não deve ser a nossa mensagem central, a principal, a mais enfatizada?

Nas páginas 54 a 56 de *Uma ortodoxia generosa,* Mclaren ainda fala das metáforas econômica (muito usada hoje pelo ramo neopentecostal), governamental e militar da morte de Cristo como sendo todas bíblicas, mas elas não são. Já a jurídica è. Ê só lermos Romanos. O centro do evangelho é a cruz como aspecto legal da nossa Salvação. Isso é enfatizado e realçado por Paulo em Gaiatas e pode ser visto em toda a Epístola aos Hebreus.

Outro detalhe é que, ao lermos o relato de Mclaren sobre os "sete Jesus" que conheceu (capítulo 1 de *Uma ortodoxia generosa),* vemos que todos eles são estereótipos, caricaturas que não dizem realmente o que os protestantes clássicos, nem os pentecostais, nem mesmo o que os católicos e ortodoxos pensam. Aliás, é engraçado quando lemos o livro e, de vez em quando, nos encontramos dizendo: "Ei, mas quem disse que tal grupo diz isso?" É um livro repleto de estereótipos-clichês.

Por exemplo, nas páginas 61 a 65, Mclaren apresenta uma visão do "Jesus católico" como se só o catolicismo romano tivesse a percepção da vida ter sentido por causa da ressurreição. No início da página 64, ele tenta colocar uma ressalva, mas sem voltar atrás. E ainda ignora todos os aspectos perniciosos do catolicismo romano, que sua servidão ao politicamente correto não permite-lhe tocar (idolatria, mediação dos santos, tradição acima da Bíblia ou igual a ela, etc.).

No "Jesus protestante", por exemplo, ele diz que, na visão protestante, a salvação visa apenas ao futuro. Isso não é verdade. Para os protestantes de forma geral, à luz da Bíblia, a Salvação começa aqui e se estende pela eternidade, e o Reino de Deus está entre nós agora, mas vai ter o seu total cumprimento no Milênio; e enquanto estamos aqui e o fim não chega,

temos o mandato para mudarmos o mundo, mesmo que saibamos que só no Retorno de Cristo isso será possível totalmente. Mas, até lá, podemos mudar, pelo poder do evangelho, alguns contextos e cenários à nossa volta. Na página 178 de seu livro, ainda diz que os protestantes marcaram a Volta de Jesus para 1985 e outras datas mais, quando nenhum protestante genuíno caiu nessa bobagem (para os protestantes, adivinhar quando será a Volta de Cristo é heresia - Mc 13.32). Outro caso de estereótipo está na página 59, quando ele declara que, para o pentecostal clássico, a salvação está em ser cheio do Espírito, e não na cruz (sic)!

Para o protestante, seja ele pentecostal ou não, a cruz (G1 3.1; 6.14), a ressurreição (1Co 15.14) e o nascimento de Cristo (Jo 1.1-14) são os principais eventos da vida de Jesus. Isso está claro na Bíblia e sempre foi ensinado. Além disso, diferentemente do que sugere Mclaren, o mandato da igreja de ser "sal e luz" foi pregado durante a História. O problema de Mclaren, na verdade, é o que significa o "Ide" (Mc 16.15) de Jesus para ele (vamos ver isso daqui a pouco, ainda neste capítulo).

Nas páginas 77 e 78 de *Uma ortodoxia generosa*, contraditoriamente, Mclaren diz que não está propondo um hibridismo usando todas essas visões de Jesus (muitas estereotipadas) como sendo cada uma delas uma parte do verdadeiro Jesus. Mas está. Leia a frase auto-contraditória: "Não, não estou recomendando que joguemos cada uma das ofertas no liquidificador, apertemos o botão 'liquefazer' e tentemos criar uma sopa cinza de todas as cozinhas. Isso não parece de modo algum apetitoso. Nem seria útil. Estou recomendando que reconheçamos que cristãos de todas as tradições trazem seus dons distintos e maravilhosos para a mesa, para que possamos todos desfrutar da festa da ortodoxia generosa - e espalhar essa mesma festa para o mundo inteiro". Que diferença prática há entre misturar tudo no liquidificador para comer e comer tudo que está na mesa sem liquidificar?

SUBMISSÃO AO POLITICAMENTE CORRETO

Soa engraçado ver Mclaren preocupado com o uso de pronomes para aludirmos a Deus. Simplesmente, ele propõe que seja abolido o uso de pronomes para se referir a Deus, já que o Criador não é nem masculino nem feminino (óbvio, seres sexuados só passaram a existir depois que Deus os criou, como relata Gênesis 1). Porém, ao continuarmos lendo sua argumentação, vemos que o problema de Mclaren não é tanto com compreensões

equivocadas sobre Deus como sendo um ser sexuado, mas, sim, com a sensibilidade das feministas, que podem se sentir ofendidas. Ele deixa claro que sua preocupação é com o politicamente correto, é com o cuidado de não soar chauvinista.

A Bíblia usa exaustivamente os pronomes masculinos para Deus sem preocupar-se com "chauvinismos". Essa preocupação é própria da ditadura do politicamente correto, de quem está preocupado em agradar todo mundo mas do que em ensinar "todo o conselho de Deus". Essa preocupação obsessiva

revela o coração de Mclaren. Pergunto: Será que só preocupa Mclaren o uso de pronomes masculinos para Deus nas pregações ou será que o uso exaustivo que a Bíblia faz dos mesmos para se referir a Deus também o preocupa? Será que ele tem dificuldade de ler esses pronomes em voz alta quando lê a Bíblia ou se sentirá chauvinista ao fazê-lo? Será que ele acha que os escritores bíblicos erraram ao usar esses pronomes?

Chauvinismo é errado, mas feminismo igualmente.

Nas páginas 90 a 92 de ***Uma ortodoxia generosa,*** vemos Mclaren também com problemas em relação a outros termos que aparecem na Bíblia para Deus, tais como Rei, Senhor, Soberano, por preocupações novamente relacionadas ao chauvinismo. Ele tenta reinterpretar e eufemizar o significado desses termos (exceto o termo "soberano", preferindo ignorar que a Bíblia fala da soberania de Deus- 2Cr 29.11-14; SI 62.11). O uso errado na História que grupos fizeram ou possam lazer de Deus como Senhor, lodo-poderoso e Rei não elimina o lato de que Deus é tudo isso mesmo (Gn 17.1; Jó 42.2; Is 46.10; SI; Is 40 e 43, etc.).

Mas, um dos maiores sinais de sua subserviência ao politicamente correto é quando Mclaren diz que os cristãos conservadores não deveriam criticar o liberalismo teológico, porque Jesus disse que "não devemos julgar" (p. 155). Jesus disse que não devemos julgar no sentido de caluniar (Mt 7.1,2). No entanto, devemos provar se os espíritos são de Deus (1jo 4.1), examinar tudo c reter só o que é bom (lTs 5.21) e termos discernimento dos erros (Mt 7.15-23; lTm4.1; 2Tm 4.1-4; 1 Co 14.29; Hb 13.9). Jesus disse: "Não julgueis segundo a aparência [o que fazem os emergentes, abraçando heresias apoiando-se em aparências de espiritualidade], mas julgai segundo a reta justiça" (Jo 7.24).

A leitura bíblica sob o viés politicamente correto é uma ofensa à Bíblia. Ao dizer que o texto bíblico deve ser relido e adaptado aos ouvintes conforme a ditadura do politicamente correto, os emergentes não percebem que estão,

na prática, destruindo o texto bíblico. Que adianta alguém não mudar o texto bíblico no papel se, quando o ensina, altera o seu real significado?

Os emergentes acham que só porque não apagaram e reescreveram o texto bíblico, mas apenas apresentaram-no diferentemente, mudando seu significado para adequá-lo à mentalidade de nossos dias, não estão alterando a Bíblia. Mas isso não é verdade. Você não altera um texto bíblico só quando o apaga e reescreve no papel. Você também o altera quando, desrespeitando todas as regras básicas de hermenêutica, o reescreve em seu comentário escrito ou falado, acrescentando algo mais a seu real significado ou mesmo mudando o seu significado. A Bíblia condena tanto a mudança no texto (Pv 30.5,6; Mt 5.18,19; Ap 22.18,19) quanto a deturpação do texto (2Pe 3.16).

Não é à toa que, na Europa, alguns teólogos liberais já sublimaram isso. Viram que, na prática, não havia diferença mesmo e, cansados de apenas adaptar o texto bíblico ao politicamente correto em suas mensagens e escritos, fizeram logo uma nova versão da Bíblia, mudando várias passagens. Em 2006, a mídia anunciou que um grupo de 42 teólogas e 10 teólogos "especialistas" bíblicos lançou "uma nova versão da Bíblia em que uma linguagem inclusiva e o politicamente correto substituíram alguns ensinos 'divisivos' do Cristianismo a fim de apresentar uma linguagem mais justa para grupos tais como feministas e homossexuais".

A nova versão foi apresentada numa feira de livros em Frankfurt e é intitulada A Bíblia numa Linguagem Mais Justa (sim, foi isso mesmo que você leu: "mais justa"). Nela, Jesus não mais se refere a Deus como "Pai", mas como "nossa Mãe e Pai que estão no céu". De forma semelhante, Jesus não mais é mencionado como o "Filho", mas em vez disso como "filho" de Deus. O título "Senhor" vem substituído por "Deus" ou "o Eterno". O diabo, porém, ainda é mencionado com pronomes masculinos. "Uma das grandes idéias da Bíblia é a justiça. Fizemos uma tradução que faz justiça às mulheres, aos judeus e aos que são negligenciados", disse o pastor Hanne Koehler, que dirigiu a equipe de tradutores.

Os divulgadores da obra afirmam ainda que "a nova edição dá destaque às mulheres, corrige formulações consideradas preconceituosas e chama a atenção para questões sociais". Corrigir a Bíblia... Mudar suas passagens "preconceituosas" ... Dar novas ênfases a algumas passagens e temas que a Bíblia teria falhado em não enfatizar... São o que na prática fazem os emergentes.

O livro chega a cometer o ridículo de fazer referência a rabinos e rabinas, embora as mulheres tenham sido aceitas nesse círculo somente nos anos de 1970. Além disso, muda termos como "homens" por "pessoas" e "obedecer

a Deus" por "escutar a Deus". Menos forte, não? Na carta de Paulo aos Romanos, a tradução substitui a palavra "irmão" pela expressão alemã geschwister, abrangendo tanto irmãos quanto irmãs. Isso porque, do jeito que estava no original grego, soava a "chauvinismo"...

DIZENDO "SOU, MAS NÃO SOU" QUANDO, NA VERDADE, É MESMO

No seu jogo de "sou/não sou/sou", nas páginas 96 e 97 de *Uma ortodoxia generosa*, Mclaren diz que não é um adepto de alguma "teoria da conspiração", mas, em seguida, desenvolve uma teoria da conspiração e, depois de citar os quatro tópicos de sua teoria, ainda sustenta-os em seguida, na continuação do texto. Em sua teoria, diz que os evangélicos de forma geral, durante toda a História, colocaram Jesus só como Salvador e não como Senhor e Mestre - e Mclaren ainda prefere o termo "professor" a Mestre, pois lhe é mais suave. Além de mentir, generalizando, pior do que isso, Mclaren usa um significado de Jesus como professor que o torna apenas um mestre de moral, mais nada, como ele apresenta em sua compreensão sobre o discipulado, como já vimos.

Depois desse erro, no capítulo 4, ainda chama os cristãos de "tolos" por chamarem a Bíblia hebraica de Velho Testamento. Ele sugere que o termo foi inventado. Ora, o termo está na Bíblia. Jesus falou que Seu sacrifício iniciava um "novo testamento" (Mt 26.28; Mc 14.24; Lc 22.20; 1Co 11.25), os apóstolos afirmaram que eram ministros de um "novo testamento" (2Co 3.6), logo, antes de Jesus, havia um "antigo testamento". Aliás, o Antigo Testamento é assim chamado exatamente em 2 Corintos 3.14 e Gálatas 3.17.

E o que dizer de Mclaren afirmar, quando lhe é conveniente, que a tradição deve ser usada como contraponto à Bíblia (p. 231) e, mais à frente, que a Bíblia deve criticar a tradição (p. 288)? Jesus, diferentemente, colocou a Bíblia acima da tradição (Mc 7.9,13).

Outra coisa: Mclaren diz que não é preconceituoso, mas na nota de rodapé da página 129, ele demonstra mais uma vez sua visão estereotipada, denominando um grupo dentro do grupo como se representasse o grupo todo. Além de sua realidade ser bem americana, ele sugere que os líderes emergentes são diferentes dos líderes evangélicos conservadores porque, entre outras coisas, estes, além de não serem criativos como os emergentes, são contra "líderes mulheres e não-brancos".

Aliás, por falar em nota de rodapé, é engraçado como Mclaren tenta, em vão, durante boa parte do livro, minimizar suas auto-contradições com suas notas de rodapé, num círculo de "morde e assopra". Ele morde no texto e assopra no rodapé. Fala tolices no texto e tenta suavizar em seguida no rodapé. Ou seja, ele mesmo reconhece que o perigo de suas afirmações é grande e faz, constantemente, essas ginásticas no livro, o que só evidencia o perigo de dançar à beira do precipício. Tem gente que gosta de "adrenalina". Como se estivesse dizendo: "Veja até onde posso ir sem ser herege" (mais sobre o assunto, lei o capítulo 10 deste livro).

Um exemplo disso: nas páginas 124 e 125, Mclaren foge da pergunta crucial sobre se o Inferno existe mesmo. Ele simplesmente diz que prefere não pensar no assunto e que os cristãos fariam bem em não falar sobre o Inferno nem ficar discutindo se ele é literal ou não. Ele ainda defende que a pregação do evangelho não deveria conter o assunto Inferno. Mas, com medo de ser taxado de herege (já que Jesus, por exemplo, falou do Inferno como literal e falou mais do Inferno do que sobre o Céu), na nota de rodapé 50 da página 123, Mclaren tenta disfarçar sua visão liberal sobre o Inferno. Entretanto, se entrega duas páginas depois: na nota de rodapé 51, da página 125, indica a seus leitores, para melhor compreensão sobre o Inferno, obras de teólogos liberais.

O inferno não importa a Mclaren? A Jesus sim. Repito: Ele falou mais do Inferno do que do Céu. Isso não significa que o Inferno era o centro de Sua mensagem, mas fazia parte da mensagem. Nunca devemos deixar de pregar "todo o conselho de Deus" (At 20.27). Falar só do inferno é errado, mas não falar nada dele é igualmente errado. Jesus não teve vergonha de falar do Inferno. E mais: Quem disse que Deus não pode usar um sermão sobre o Inferno para despertar e salvar vidas? Lembremos que um dos maiores avivamentos da História, o Grande Despertamento do século XVIII, nos Estados Unidos, foi encetado na Nova Inglaterra pelo sermão "Pecadores nas mãos de um Deus irado", do pastor Jonathan Edwards, e que falava sobre o Inferno e contundentemente.

Como se não bastasse, nas páginas 126 e 127, Mclaren sugere que a visão universalista é a mais correta.

Outro exemplo: nas páginas 130 e 131, Mclaren diz que gosta dos evangelicalistas, exceto daqueles que defendem posições da "direita religiosa". Ou seja, um evangelicalista só é correto se não é contra o aborto e nem contra as leis pró-homossexualismo (Mclaren defende essas leis, como fala na página 22 do livro). Por isso, ele diz que, apesar de todas as belas obras sociais que os evangelicalistas fazem, estes pecam quando são "preconceituosos" e "menos compassivos" (pp. 133 e 134), numa referência às questões do

aborto e do homossexualismo. Ora, um evangelicalista verdadeiro é contra o aborto e o homossexualismo. Então, o que Mclaren propõe é que os evangelicalistas deixem de ser evangelicalistas e se tornem apenas fazedores de boas obras que não pregam contra o pecado. Mclaren não quer "todo o conselho de Deus".

No capítulo 7 de seu livro, o emergente diz que o problema dos cató-licos com os protestantes foi só a questão das indulgências, da avareza da Igreja Católica Romana e da salvação pelas obras. Tremendo equívoco. As diferenças eram e são enormes. Os protestantes *geyiuínos*, de forma geral, pregam e vivem todos os princípios da Reforma, que são *Sola gratia* (só a graça), *sola fide* (só a fé), *sola Scriptura* (somente as Escrituras) e *sola Deo gloriae* (somente a Deus a glória). Esses quatro lemas básicos sintetizam as verdades de que a salvação é apenas pela graça de Deus, mediante a fé; Jesus é o único mediador entre Deus e os homens; as Sagradas Escrituras devem ser a nossa única regra de fé e prática; e só Deus deve receber adoração. Por isso, os protestantes não aceitam o confessionário, o jejum nos moldes clericais e o celibato compulsório. Com base no que ensina a Palavra de Deus, não reconhecem o primado e a autoridade papal (reconhecem o papa apenas como um líder religioso, mas não como o representante máximo do cristianismo nem muito menos reconhecem seus ensinos como infalíveis, seja quando fala *ex catedra* ou não, ou mesmo em seu ofício de "repetir o magistério ordinário"). Não reconhecem também o culto à Maria, mãe de Jesus, ou aos santos. Repugnam não apenas a venda de indulgência (perdão), mas de bênçãos quaisquer que sejam, e são contra a supersticiosidade e o uso de iconografia na adoração (imagens); a canonização de cristãos; o mercantilismo da fé; a idéia do purgatório e orações ou cultos pelos mortos. Dos sacramentos ministrados pela Igreja Romana, só administram, pela Bíblia, o batismo e a Santa Ceia, que não têm o mesmo significado e liturgia da eucaristia católica.

Como, então, pode haver pouca diferença entre o protestantismo e o catolicismo romano?

Na sua ânsia ecumênica, Mclaren só vê o ponto do catolicismo que lhe interessa e esconde os demais. Na página 142, ele propõe d aramente a unidade dos protestantes com os católicos romanos. E ainda esquece que o protestantismo *genuíno* sempre foi mais do que só protesto, foi também pró-testemunho. O nome "protestantismo" é só referência aos protestos dos Estados evangélicos alemães em 1529 contra a resolução da Dieta de Speyer. A dieta era uma espécie de assembléia convocada pelos reis de uma região. Numa atitude déspota, a dieta alemã havia

determinado que, nas regiões de maioria luterana, a minoria católica teria liberdade religiosa, enquanto que nas regiões predominantemente católicas, as minorias luteranas não poderiam exercer a sua fé. Os luteranos reagiram com a formulação de uma declaração que afirmava as convicções consideradas por eles inegociáveis para o testemunho da fé cristã. Tal declaração repugnava alguns aspectos do catolicismo romano. Foi esse episódio que deu origem ao título "protestantes", forma como os católicos começaram a tratar todos os filhos da Reforma.

A arma da ortodoxia generosa é criar e enfatizar estereótipos e, depois, com base neles, propor relativizações para, em seguida, justificar hibridismos religiosos e o ecumenismo. Ao falar do protestantismo, Mclaren faz mais uma vez isso. Ele apresenta um estereótipo do protestantismo com o objetivo de fazer seus leitores mais ingênuos crerem que, na verdade, há muita coisa em comum entre os católicos romanos e os protestantes. Mas isso não é verdade.

Não admira tal posição, pois Mclaren defende nas páginas 147 e 148 de *Uma ortodoxia generosa* que a Bíblia não tem valor autoritativo (para ele, quem defende a autoridade da Bíblia é bibliólatra); recusa-se a crer que a verdade bíblica pode ser objetiva (p. 172) e declara que o que chamamos de doutrinas bíblicas são "linhas de raciocínio", "delineamentos filosóficos", "definições e escolas de Teologia", etc. (pp. 202 e 203). Não é à toa que ele chega a citar, em um dos capítulos, que conceitos como onipotência e onisciência são invenções teológicas sob influência da Filosofia. Nada mais falso. Em Gênesis 17.1, Deus diz que Ele é "Todo-poderoso". No original hebraico, é *El Shadai*, que não significa Deus "muito poderoso" ou simplesmente Deus "poderoso", mas "Deus todo-poderoso" mesmo. Ora, o que significa "onipotente"? Oni quer dizer "tudo" ou "todo", logo onipotente é... Todo-poderoso! E o que significa onisciência? Não é saber de tudo? O que diz Isaías 46.10? O que diz Hebreus 4.13? E Salmos 139? Esses textos não nos dizem que Deus sabe de tudo? E saber de tudo não é ser onisciente? Interessante que Mclaren aparenta crer na Trindade e ele nem parou para pensar que o termo não existe na Bíblia, mas ele é correto porque a Bíblia fala claramente da triunidade divina em várias passagens. O mesmo acontece com os termos onisciência e onipotência.

Só mais um adendo: a Filosofia não é má em si mesma. Má filosofia e colocar a Filosofia acima da Bíblia são os verdadeiros erros.

O "IDE" DE JESUS: O QUE SIGNIFICA DISCIPULAR E EVANGELIZAR PARA OS EMERGENTES

No capítulo 4 de *Uma ortodoxia generosa,* Mclaren diz que salvação não tem nada a ver com Céu e Inferno, apesar de Jesus ter falado de ambos e mais do segundo do que do primeiro. E em sua obra *A mensagem secreta de Jesus*, o "guru" dos emergentes eufemiza o significado da Salvação em Cristo dizendo que é apenas "tirar o problema" e fala de arrependimento como algo que não tem muito a ver com essa história de "pecado" (ele chega até a chamar "arrependimento" de "palavra complicada", de que não gosta muito). Pecado, para Mclaren, é problema. Jesus, segundo ele, não veio nos salvar de nossos pecados, mas de nossos "problemas". Mclaren também mostra-se simpático à idéia do "pecado social" em contraposição ao "pecado original" (doutrina bíbica bem apresentada por Paulo em Romanos 5), lembrando que William Mclendon chama o "pecado original" de "um experimento doutrinário que se mostrou insuficiente" (p.259).

Usar os termos pecado, arrependimento e Inferno incomoda Mclaren. Por isso, ele aceita abertamente (e emocionado, como ele mesmo diz) a declaração de um missionário católico de que a teologia da salvação deveria ser substituída pela da criação. E propõe que a nossa teologia seja resultado da nossa relação com as pessoas e não do nosso conhecimento da Bíblia. No final, o que se vê é um trabalho missionário que se resume apenas a obras sociais. Tal proposta é apoiada por ele com base na frustração que o missionário católico Vicent Donovan teve no campo missionário.

Pergunta-se: Por que Mclaren cita o católico romano Vicent Donovan e não os casos de tantos outros missionários que em situações semelhantes ou piores viram os frutos de seu trabalho? É baseado no fracasso de Donovan que ele propõe que a obra missionária seja mais social do que evangelística.

Com todo respeito ao belo trabalho de muitos missionários católicos, mas o trabalho missionário não se resume ao serviço social. Deve incluir isso, mas não se resume a isso. Há inúmeros trabalhos missionários católicos que minimizam as carências físicas do povo, mas não mudam o caráter do povo. Cansamos de ver isso na India, na África, na Colômbia e até mesmo aqui, no Brasil. O trabalho social é mais do que obrigação de todos, mas a salvação de vidas é o primordial do trabalho missionário ("Arrependei-vos", pregou Jesus).

Louva-se muito o trabalho desses missionários católicos ou de Madre Tereza de Calcutá, que socorreu os doentes e alimentou as pessoas (o que é mais do que a obrigação), mas as pessoas esquecem que, na maioria esmagadora

das vezes, não houve efetiva mudança de vida nem Salvação. Como está Calcutá? Não há mais de 1% de cristãos em Calcutá.

Até a própria Madre Tereza não tinha certeza de salvação (como revelaram cartas dela divulgadas recentemente pela mídia). E ainda tem gente que minimiza essa informação lembrando que um cristão sincero pode passar por algumas crises espirituais. O problema é que, no caso dela, as cartas mostram que não foi uma crise passageira. Ela passou décadas seguidas de sua vida, até os últimos anos, sem ter certeza de salvação.

Quem minimiza a importância de salvação e hipervaloriza a obra social já perdeu o sentido da obra missionária há muito tempo. Obra missionária deve ter ação social, mas ela é, primordialmente, pregação do evangelho para levar as pessoas a reconhecerem seus pecados, arrependerem-se e entregarem suas vidas a Jesus para segui-lo por todo o sempre.

A proposta de uma obra missionária mais assistencialista que evangelizadora é fruto da compreensão equivocada dos temas Céu, Inferno, Salvação, arrependimento e pecado. Por isso Mclaren pede uma "revisão radical" do que é missões. Quem pensa como ele diz é que precisa voltar ao cristianismo bíblico.

Veja o que Mclaren acredita ser discipulado e missões: ele diz que devemos nos importar menos "se doutrinas, estruturas e terminologias estão corretas" e se importar mais "se ações, serviço, iniciativas, bondade e eficácia são boas" (*Uma ortodoxia generosa*, p. 245). Ele diz ainda que o verdadeiro discipulado não é para tornar as pessoas cristãs, mas para torná-las pessoas melhores. Se são budistas, torná-las bons budistas. Se hindus, bons hindus. Se muçulmanos, bons muçulmanos. Mclaren afirma que, ao pregarmos a pessoas de outras religiões para que se tornem cristãs, o cristianismo está se apresentando como ameaça às outras religiões. E conclui: "A fé cristã, eu estou propondo, deveria (em nome de Jesus) se tornar um amigo acolhedor das outras religiões do mundo, e não uma ameaça. (...) Assim como Jesus veio originalmente não para destruir a lei, mas para cumpri-la, não para condenar as pessoas, mas para salvá-las, creio que ele vem hoje não para destruir ou condenar coisa alguma (exceto o mal), mas para redimir e salvar todas as coisas que podem ser redimidas e salvas" (p. 281). Esquece Mclaren que Jesus não veio abolir a lei justamente porque a lei apontava para Ele, enquanto as religiões de hoje dificilmente apontam para Cristo. Além disso, os verdadeiros cristãos não estão numa missão de Teologia do Domínio, de destruir ou esmagar as demais religiões. Os verdadeiros cristãos apenas devem pregar o evangelho a todos, e quem crê será salvo.

Nenhum cristão sincero força outra pessoa a aceitar o evangelho como ele *é*. A pessoa aceita se quiser.

Citando a parábola do trigo e do joio, Mclaren propõe ainda que há trigo e joio nas outras religiões e que, portanto, deveríamos incentivar o crescimento do trigo nas outras religiões (p. 282). Apaixonado por meditação, Mclaren diz que a meditação zen-budista é algo prazeroso e bom, e que nós, cristãos, deveríamos aprender a meditar como os zen-budistas. O problema é que a meditação zen- budista não tem nada a ver com a meditação bíblica. Uma prega o esvaziamento da mente e a outra consiste em meditar na Palavra de Deus (Js 1.8; SL 1.2,3), não em esvaziar a mente. Mas, Mclaren não sabe ou não quer saber disso, e arremata: "Mostrar reprovação a crenças divergentes sonegando amor e aceitação talvez seja farisaísmo ortodoxo, ou até mesmo cristianismo ortodoxo moderno [para Mclaren, devemos adotar um cristianismo pós-moderno, politicamente correto], ocidental e colonial [o verdadeiro cristianismo é colonial ?], mas não é a ortodoxia generosa de Jesus Cristo. E, na verdade, uma traição ao Senhor e ao seu caminho" (p.284). Na cabeça dos emergentes, divergir de determinada crença porque choca-se com a Bíblia é sinônimo de "sonegar amor e aceitação" e "trair a Jesus e ao seu caminho" (sic)!

Finalmente, Mclaren afirma: "Não creio que fazer discípulos seja o mesmo que fazer adeptos à religião cristã. Talvez seja aconselhável em muitas (não todas!) circunstâncias ajudaras pessoas a se tornarem seguidores de Jesus e permanecer dentro do seu contexto budista, hindu ou judaico" (p. 287).

Jesus ordenou que fizéssemos discípulos de todas as nações e ensinássemos esses discípulos a guardar tudo que Ele tinha ensinado (Mt 28.19,20). Pergunta-se: Se o ensino de Cristo choca-se frontalmente com o hinduísmo, o judaísmo, o budismo e o islamismo, pode alguém ser hindu e seguidor de Cristo? Pode alguém ser muçulmano e seguidor de Cristo? Pode alguém ser budista e seguidor de Cristo? Pode alguém ser judeu (no sentido religioso, ou seja, judaizante, seguidor do judaísmo) e ser seguidor de Cristo (será que os emergentes leem a Epístola aos Gálatas)? Relevar as grandes diferenças em prol de semelhanças pequenas é escamotear a verdade.

MCLAREN E O AVIVAMENTO WESLEYANO

A visão de avivamento de Mclaren é também equivocada. Aliás, Mclaren não fala em avivamento em suas obras. Ele só fala em termos de métodos que funcionam ou não. No capítulo 14 de *Uma ortodoxia generosa,* ele trata

o que ficou conhecido como Avivamento Wesleyano como se fosse uma estratégia bem sucedida de Wesley. Só isso. E diz que, no final, esfriou porque o legalismo entrou no movimento. A ilustração que ele dá do que poderia ter acontecido é ridícula. Simplesmente, diz que, por exemplo, um carvoeiro pode ter se convertido e, dez anos depois, ao ver sua filha se engraçando com um outro carvoeiro mais jovem, começou a pregar mais sobre pecado e, assim, afastado as pessoas (pp. 237 e 238). Um erro colossal! Primeiro porque Whitefield e Wesley, até o final de suas vidas, pregavam constantemente contra o pecado e conclamavam as pessoas a se arrependerem. Eles não pregavam uma "graça barata" como pregam os emergentes. E em segundo lugar, o Avivamento Wesleyano durou décadas e, segundo seus historiadores, chegou a experimentar um avivamento dentro do avivamento.

O Avivamento Wesleyano começou em 1738. Vinte e três anos depois, quando o avivamento estava começando a esfriar, houve outro refluxo que fez com que perdurasse até o final do século XVIII. Esse refluxo teve início em 1761 e se estendeu com intensidade cada vez mais crescente até a década seguinte, tendo permanecido mais amena, porém perene, até o final do século. A tese de Mclaren é totalmente falsa.

Uma segunda prova do tipo de entendimento que ele tem do que é avivamento está no mesmo capítulo, quando Mclaren afirma que conhecimento bíblico não tem a ver com cristãos melhores (p. 240). Em contraposição ao seu pensamento, Jesus asseverou: "Errais não conhecendo as Escrituras" (Mt 22.29). O salmista disse: "Vivifica-nos conforme a Tua Palavra" (Sl 119.107).

"ORTODOXIA" GUIADA PELOS SENTIMENTOS

Os equívocos apresentados nos livros de Mclaren são muitíssimos, ao ponto de se alguém quisesse escrever comentários que rebatessem, ponto a ponto, a todos os erros de seus escritos, teria de escrever um livro inteiro só com isso e com muito mais páginas do que este. O que foi exposto já é suficiente para entendermos em linhas gerais a idéia de "ortodoxia generosa". Apenas quero concluir essa abordagem ratificando que a "ortodoxia" dos emergentes é guiada pelos sentimentos. Como a Bíblia não lhes é autoritativa, podendo ter boa parte do seu conteúdo questionado e ser reinterpretada ao bei prazer, o guia dos emergentes passa a ser o ***feeling*** pessoal, o sentimento, o coração.

Por exemplo, no início do capítulo 15 de *Uma ortodoxia generosa,* Mclaren considera de pouca importância a veneração dos católicos a estátuas e a Maria, mãe de Jesus. Ele cita uma experiência que teve cm que se emocionou ao ver uma mulher se prostrar e orar a uma estátua de Maria nos Estados Unidos. Disse que ficou com lágrimas nos olhos ao ver a cena e, por isso, "naquele dia, também me tornei, em certo sentido, um pouco mais católico".

O que legitimou essa crença católica para Mclaren? Foi o que diz a Bíblia? Não, porque a Bíblia condena a idolatria e a adoração a Maria ou a qualquer outro santo. Foi o quê, então? O coração. Mas a Bíblia diz: "Enganoso é o coração" (Jr 17.9).

A Palavra de Deus diz que, depois das revelações do Apocalipse, o apóstolo João, emocionado, se prostrou diante do anjo (que lhe acompanhou nas visões) para o adorar. Ao que este lhe respondeu: "Olha, não faças tal, porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus", Ap 22.9. Ele deixou claro a João que nem anjos, nem santos e nem profetas devem ser adorados, pois somente Deus é digno de adoração.

O profeta Natã, segundo 1 Crônicas 17, passou pela experiência de confundir suas emoções com o que era certo, como se seu sentimento representasse a certeza de que Deus aprovava o que ele tinha ouvido de Davi. No verso dois desse capítulo, ele entrega uma mensagem ao rei Davi, sob a influência das suas emoções, afirmando que Deus estava com o rei para que o Templo fosse construído. Natã havia achado a idéia de Davi edificar uma casa para Deus muito bela, algo que parecia estar certo. No entanto, no verso seguinte, Deus começa a falar com o profeta que, agora apercebido da vontade de Deus, sob a influência divina, anuncia a Davi que não edificasse a casa, mas que deixasse isso para seu filho Salomão, que haveria de sucedê-lo no trono de Israel.

Quantas vezes somos levados pela emoção, como Natã, a aceitar a primeira impressão? Se quisermos compreender o que *é* certo e fazer as coisas como elas devem ser feitas, devemos estar sensíveis à voz de Deus expressa na Sua Palavra e não à voz dos sentimentos. Se invertermos essa ordem, podemos chorar melosamente, copiosamente, mas estaremos errados e em pecado diante de Deus. A Palavra *é a* verdade. Devemos ser santificados por ela (Jo 17.17).

A PALAVRA DE DEUS APRESENTA VERDADES ABSOLUTAS QUE DEVEM SER GUARDADAS E OBSERVADAS

As Sagradas Escrituras não dão margem para a relativização da Verdade. Elas apresentam verdades absolutas, sólidas, imutáveis, inegociáveis, inamovíveis. A própria Palavra de Deus é apresentada por Jesus como uma rocha que nos mantém firmes na tempestade (Mt 7.24-27). Hebreus explica que a verdadeira fé não é algo nebuloso, mas um "firme fundamento" (Hb 11.1). Tiago declara que "o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento e lançada de uma para outra parte" (Tg 1.6).

Escrevendo aos cristãos gálatas, Paulo fala do evangelho como certezas que, se relativizadas, levam as pessoas ao erro (G1 1.6-9). A Timóteo, ele diz que "se alguém não se conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com a doutrina que é segundo a piedade, é soberbo e nada sabe, mas delira acerca de questões e contendas de palavras" (1 Tm 6.3,4).

Como Igreja, não devemos ser inconstantes doutrinariamente. Devemos ser "coluna e firmeza da verdade" (1 Tm 3.15). Os apóstolos guardaram a Palavra que receberam de Jesus (Jo 17.6) e a entregaram da mesma forma como a haviam recebido (Mt 28.19,20; Mc 16.20; 1 Co 11.23). O evangelho é a "palavrada verdade" (Cl 1.5). Aliás, a Palavra é *a* verdade (Jo 17.17) que devemos guardar, praticar e defender (Mt 7.24-27; SI 1; Jd 3).

Devemos estar "edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas" (Ef 2.20), "não ir além do que está escrito" (1 Co 4.6) e ter cuidado para que ninguém nos engane com "filosofias e vãs sutilezas" (Cl 2.8).

Enfim, digamos como o salmista: "Jurei e cumprirei que hei de guardar os teus justos juízos" (SI 119.106), pois "para sempre, ó Senhor, a tua palavra permanece" (SI 119.89).

CAPÍTULO 6

Teologia Quântica: aplicação distorcida da ciência à reflexão teológica

Você deve se lembrar que, no capítulo 3, falamos de como o pós estruturalismo e o desconstrutivismo influenciaram a chamada Teologia Narrativa e que essas correntes filosóficas têm como seu nascedouro a produção filosófica de Friedrich Nietzsche. Porém, outro fator que influenciou decisivamente essas correntes (e que propositalmente deixei para mencionar só agora) é a Física Quântica, um ramo da Física que nasceu no início do século XX, mas que só foi se popularizar mesmo depois da Segunda Guerra Mundial.

O desenvolvimento do pós-estruturalismo e do des-construtivismo franceses está intimamente ligado à popularidade da Física Quântica. Essas duas correntes filosóficas são fruto do fascínio dos filósofos franceses pelo discurso de desconstrução de Nietzsche e pelas descobertas da Física Quântica. Por essa razão, nada mais lógico do que alguns adeptos da Teologia Narrativa, que são discípulos do desconstrutivismo, se sentirem igualmente fascinados pelas afirmações desse ramo da Ciência e proporem

uma transposição dos princípios quânticos para a Teologia, criando a Teologia Quântica.

Em síntese, assim como a aplicação forçada dos princípios da Física Quântica à Filosofia pelos deslumbrados filósofos franceses produziu o pós-estruturalismo e o desconstrutivismo, a aplicação forçada dos princípios da Física Quântica à Teologia criou a chamada Teologia Quântica.

Mas, para que você entenda melhor porque a Física Quântica influenciou os filósofos franceses em seu desconstrutivismo, e também os perigos de uma transposição indevida da Física Quântica para a Teologia, vejamos antes o que é Física Quântica.

O QUE È FISICA QUANTICA?

Prioritariamente, é importante dizer que a Física Quântica não tem nada de má em si mesma. Ela não é má ciência, apesar de alguns cientistas conservadores naturalmente não gostarem muito dela e criticarem (alguns deles com certa razão) determinadas "viagens" dos que ficam fascinados com os pressupostos desse novo ramo da Física. As críticas geralmente são relativas a aplicações forçadas dos princípios da Física Quântica.

Em segundo lugar, é igualmente importante clarificar que a Física Quântica, em si, não se contrapõe à Bíblia. Muito pelo contrário. Seus pressupostos, quando bem entendidos, podem até dar mais luz, numa perspectiva científica, a algumas afirmações bíblicas acerca de verdades sobrenaturais, pois a Física Quântica mostra-nos que (1) a vida é mais do que este mundo material que estamos vendo e (2) existem realidades acima daquela que a Física comum está acostumada a interpretar, realidades estas que não estão presas às leis da Física Clássica. Dessa forma, verdades como a existência da alma, a existência de Deus, a onipresença divina e o fato de Deus ser triúno e estar além do tempo, que eram verdades que antes tínhamos dificuldade para entender por estarmos acostumados às leis rígidas de um mundo totalmente material, podem ser melhor compreendidas hoje via Física Quântica. Aliás, exatamente por essa razão, a Física Quântica também tem atraído a atenção de grupos religiosos os mais diversos, tais como os budistas e os espíritas.

Bem, mas por que a Física Quântica abre espaço para a crença em realidades além da matéria? O que ela ensina? Quais são as suas descobertas e ensinos?

A Física Quântica nasceu há cerca de cem anos, mas se desenvolveu mesmo na década de 20 do século passado, e desde aquela época tem se tornado muito popular. Seus dois principais proponentes foram o cientista alemão Werner Heisenberg (1901-1976) e o cientista dinamarquês Niels Bohr (1885-1962). O primeiro cunhou, baseado em suas descobertas quânticas, o Princípio da Incerteza (ou da Indeterminação) e o segundo, como desdobramento dessas descobertas, o Princípio da Complementaridade.

O Princípio da Incerteza começou a ser desenvolvido pelo jovem cientista Heisenberg em 1925, quando ele percebeu que as regras da Física Clássica, eficientes para calcular tudo até então, não eram eficientes para calcular muitas propriedades do átomo. Logo, Heisenberg dedicou-se a descobrir uma mecânica própria para os átomos, pensando que, como supunham os cientistas de sua época, ao descobrir tal mecânica, poderia deduzir, sem problemas, a trajetória descrita por um elétron (partícula do átomo). Entretanto, em 1927, ao final de seus estudos, para sua surpresa, encontrou que era impossível calcular a trajetória da partícula, simplesmente porque não existia tal trajetória.

Como assim?

Heisenberg, então com 26 anos, descobriu que é impossível determinar simultaneamente a posição e a velocidade de uma partícula com precisão. Ao tentar determinar com precisão a posição, perdia a precisão da velocidade e ao determinar com precisão a velocidade, perdia a precisão da posição. Ou seja, as partículas no mundo subatômico se comportam de forma imprevisível. Daí o nome de Princípio da Incerteza. Esse princípio significa que o conhecimento que a Ciência tem sobre as partículas atômicas não é incerto porque suas técnicas de medição ainda não são suficientemente boas. A tese levantada por Heisenberg, e até hoje irrefutável (tendo sido testada inúmeras vezes em laboratório), é que técnica alguma jamais poderá desfazer a incerteza do comportamento dessas partículas.

Resumindo, o Princípio da Incerteza assevera que não podemos tratar partículas quânticas como se fossem iguais aos objetos do cotidiano. Como costumam explicar os cientistas, não podemos apontar para as partículas subatômicas e afirmar acerca delas o mesmo que costumeiramente dizemos sobre os objetos à nossa volta no mundo macroscópico: "Este objeto está aqui agora e é para lá que está indo". Sem motivo aparente, uma partícula quântica pode desaparecer em um canto e aparecer em outro no mundo subatômico.

Já o Princípio da Complementaridade foi enunciado pelo cientista dinamarquês Niels Bohr em 1928. Em linhas gerais, devido a uma experiência denominada dupla fenda, Bohr percebeu que uma partícula subatômica pode, em determinado momento, apresentar-se com uma natureza ondulatória e, em outro, com uma natureza corpuscular. Ou seja, uma partícula pode apresentar tanto a natureza ondulatória como corpuscular e o que vai determinar qual dessas naturezas a partícula apresentará é a interferência do observador. Segundo Bohr, os aspectos ondulatório e corpuscular não são contraditórios, mas complementares, daí o nome dado a esse princípio.

Para que você entenda melhor: segundo os físicos, os prótons e os elétrons são partículas subatômicas que podem se comportar tanto como energia quanto como matéria. Os fótons (nome dado às par-tículas de luz) também. Uma hora eles se comportam como ondas, obedecendo às leis da óptica física, outra hora se comportam como partículas, obedecendo às mesmas regras de uma colisão entre partí-culas. Trata-se de algo surreal para nós que, acostumados ao mundo macroscópico, entendíamos, até algumas décadas atrás, que matéria e energia são coisas totalmente diferentes, apesar de a matéria poder produzir energia.

AS IMPLICAÇÕES NATURAIS DOS PRINCÍPIOS QUÂNTICOS À TEOLOGIA

Qual a implicação natural desses dois princípios quânticos em relação à Teologia?

Se a realidade microscópica não está sujeita às mesmas leis da realidade macroscópica, logo é mais do que natural podermos pensar como sendo absolutamente possíveis as verdades metafísicas apresentadas na Bíblia, posto que essas verdades, assim como ocorre com a realidade microscópica, não estão sujeitas às leis da Física Clássica.

Atributos de Deus, tais como a onipresença e a triunidade, podem parecer ambíguos e contraditórios para nós, que estamos presos a esta realidade macroscópica e só entendemos o mundo onde vivemos a partir das leis desta realidade, mas, por outro lado, eles são mais do que possíveis, uma vez que a ciência afirma que existe, até mesmo no Universo onde vivemos, uma realidade diferente da realidade macroscópica - é o caso da

realidade microscópica. O que dizer, então, de uma realidade que, segundo a Bíblia, está além da nossa, como é aquela na qual Deus vive? Se os princípios do mundo microscópico são possíveis, as características da realidade espiritual também são.

Teólogos como o norte-americano Kerry McRoberts, em sua abordagem sobre a Trindade, já usam a teoria paradoxal das partículas das ondas da Física Quântica para ilustrar que há realidades que não podemos definir com a nossa lógica limitada (*Teologia Sistemática — uma perspectiva pentecostal*, editor Stanley Horton, CPAD, 1996, pág. 164).

A Bíblia apresenta Deus como um ser transcendente, ou seja, que vive em uma realidade totalmente distinta da nossa, fora do tempo e do espaço. Porém, lamentavelmente, quando falamos hoje que Deus está acima de Sua criação, muitos crentes entendem isso erradamente, pensando em Deus como um mero "ser superior", pouco acima dos anjos. Esquecem que Ele não pode ser comparado a nada, que não pode ser medido ou valorado conforme as medidas e leis próprias de nossa realidade, porque Ele está acima dela, fora dela. Ou seja, quando dizemos que Deus está acima de Sua criação, estamos afirmando que Ele está além dela, fora dela, noutra realidade, transcende à Sua criação.

Quando dizemos que Deus é transcendente, queremos dizer Ele vive em um nível e em uma qualidade de existência que nenhum outro ser conhece. Gosto muito de citar as palavras de Aiden Tozer sobre o assunto.

"'Muito acima' não se refere à distância física da Terra, mas à qualidade da existência (...) Deus é espírito, e para Ele a magnitude e a distância nada significam. Nós as utilizamos como analogias e ilustrações, e assim Deus se refere constantemente a essas palavras quando fala à nossa limitada compreensão. As palavras de Deus em Isaías: 'Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade', nos dão uma impressão distinta de altitude, mas isso é porque nós, que habitamos num mundo de matéria, espaço e tempo, temos a tendência de pensar em termos materiais e só compreendemos as idéias abstratas quando elas se identificam de alguma forma com coisas materiais".

"Em sua luta para libertar-se da tirania do mundo natural, o coração humano precisa aprender a traduzir a linguagem que o Espírito usa para instruir-nos, traduzir de forma ascendente (...) Não devemos pensar em Deus como o mais elevado em uma ordem crescente de seres (...) Isso daria a Deus eminência, e até mesmo preeminência, mas não

basta. Precisamos dar-lhe transcendência, no sentido mais amplo da palavra (...) Ele está tão acima de um arcanjo quanto de uma lagarta, pois o abismo que separa Deus e o arcanjo é infinito. A lagarta e o arcanjo, embora muito distantes um do outro na escala das coisas criadas, mesmo assim estão unidos pelo fato de terem sido criados. Os dois pertencem à categoria daquilo que não-é-Deus e estão separados Dele pela própria infinitude" (*Mais perto de Deus*, A. W. Tozer, Mundo Cristão, 1993).

Como Deus pode ser três e um ao mesmo tempo? A qualidade de existência do Senhor está muito além da nossa realidade. O que acontece é que, em vez de aceitarmos o Criador como Ele é, tendemos a vê-lo como um de nós, criaturas. Mas Deus não pode ser confinado à nossa realidade e lógica.

Por estarmos acostumados à lógica do universo criado, não en-tendemos como pode haver um outro tipo de existência que vá além dessas regras a que estamos limitados. Infelizmente, esquecemos que aquilo que vemos ao nosso redor só é lógico, só existe assim, dentro de leis naturais que são entendidas pouco a pouco pela Ciência, porque Deus criou-o assim. Deus está acima dessas regras porque Ele as criou. Está acima, inclusive, dos princípios quânticos, próprios da realidade microscópica. Antes delas, Ele já existia. Aliás, elas existem porque Ele existe. Ou melhor, porque Ele é. "E disse Deus a Moisés: *Eu sou o que sou*" (Ex 3.14). "Disseram-lhes, pois, os judeus: Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão? Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade, vos digo que *antes que Abraão existisse, eu sou*" (Jo 8.57,58).

Como afirmei em minha obra *Reflexões sobre a alma e o tempo* (CPAD, 2000), "o tempo é algo criado por Deus à humanidade para dimensionar sua existência na Terra. O tempo teve começo e terá fim. O tempo, por mais esquisito que pareça, é finito. Quando acabar o tempo, só permanecerá a eternidade. A humanidade está na dimensão que chamamos tempo. Deus não. Foi Ele quem criou o tempo, o que nos leva à conclusão óbvia de que, se antes não existia tempo, pois Deus o criou, logo Deus não vive no tempo, porque nunca precisou viver nele antes".

"Deus é eterno, e eterno significa sem começo e sem fim. Mas como pode ser isso? Não é algo estranho? É estranho para nós que somos acostumados com o tempo, é esquisito para nós que somos criaturas, humanos, acostumados com as fronteiras, com a transiência, limitados. Não podemos descrever o divino com

parâmetros humanos. O parâmetro de lá *é* outro que excede e transcende os nossos.Para ser mais objetivo, nada lá pode ser medido nem comparado com as coisas daqui. Somos humanos, Ele é divino. Nossas lógicas e deduções só servem perfeitamente para o humano e visível".

"Quem somos nós para descrevermos e detalharmos tudo de Deus e suas peculiaridades? O que Ele quis revelar podemos alcançar. O que não revelou, ou não revelou como, a nossa mente não pode tangenciar. Ele vive na eternidade, em outra 'dimensão' (uso nesse caso essa palavra aspeada, quando a relaciono a Deus, porque esta 'dimensão de Deus', por assim dizer, é diferente de qualquer dimensão que existe ou possa existir, porque eu não a meço. Por isso, não é realmente uma dimensão. Uma dimensão pode ser medida. Essa não. É, então, um ambiente)".

"Ele vive em um ambiente onde não existe envelhecimento, passado nem futuro - tudo é um presente glorioso. Nossas medidas não valem lá. Para Ele, tanto faz um dia como mil anos. Para Ele, mil anos é um dia e um dia é mil anos. Não sabemos como pode ser, mas é. Resta-nos somente adorá-Lo em profunda expectação e amor, porque se Ele pudesse ser plenamente explicado não era Deus. Ele é indescritível, insondável. Por isso é Deus. Glórias pois a Ele para sempre e sempre!"

Ou como disse C.S.Lewis décadas atrás, em sua obra ***Cristianismo puro e simples***-, "Suponhamos que eu esteja escrevendo um romance, e faça um período com duas sentenças, assim: 'Maria terminou o seu trabalho; em seguida ouviu uma batida na porta'. Para Maria, que está no tempo imaginário da minha história, não houve intervalo entre a ação de terminar o trabalho e ouvir a batida. Mas eu, que sou o criador de Maria, não vivo neste tempo imaginário. Depois de escrever a primeira sentença daquele período, e antes de escrever a segunda, eu poderia muito bem parar por três horas e pensar com toda calma a respeito de Maria. Poderia pensar nela como se fosse a única personagem do livro, durante o tempo que quisesse, e as horas que gastasse nisto não apareceriam no tempo de Maria (no tempo da minha história) de maneira nenhuma".

"Certamente esta ilustração não é perfeita. Mas pode dar um vislumbre do que creio ser verdade. Deus não tem que se apressar no decurso do tempo deste universo, assim como um autor não está sujeito ao tempo imaginário do romance que escreve. Deus tem uma atenção infinita para

dispensar a cada um de nós. Não tem que lidar conosco em conjunto. Você está tão a sós com Deus como se fosse o único ser que Ele criou. Quando morreu, morreu por nós, individualmente, como se cada um de nós fosse a única pessoa neste mundo".

"O ponto em que a minha ilustração falha é o seguinte: nela o autor sai de uma sucessão temporal (a real). Mas Deus, creio, não vive absolutamente numa sucessão temporal. Sua vida não se esvai momento após momento, como a nossa; para Deus ainda é 1940 e já é 1990. Porque Ele é a sua própria vida".

Agora, em segundo lugar, os princípios quânticos nos fazem pensar também na responsabilidade humana. Como assim? Ora, da mesma forma que o observador, de acordo com o que podemos depreender do Princípio da Complementaridade, pode afetar o objeto observado no mundo subatômico, temos a capacidade de afetar os cenários à nossa volta! Porém, perceba que estou apenas usando o que acontece na realidade subatômica sob a influência do observador como ilustração da responsabilidade humana no mundo macroscópico, e não afirmando que temos mesmo algum poder de mudar os cenários à nossa volta ao estilo dos super-heróis dos gibis ou que pelo poder da mente ou pelo pensamento positivo podemos mudar tudo que quisermos, como pregam livros de auto-ajuda como o sucesso *O segredo*, de Rhonda Byrne.

A BUSCA TRESLOUCADA PARA TRASLADAR OS PRINCÍPIOS DA REALIDADE MICROSCÓPICA PARA A REALIDADE MACROSCÓPICA

Acabamos de ver uma implicação natural da Física Quântica que se relaciona com a Teologia Bíblica. Agora, passaremos a ver o mau uso dos princípios quânticos na Filosofia e na Teologia.

Todo o mal decorrente do oba-oba filosófico e teológico em torno dos princípios da Física Quântica é resultado da tentativa de trasladar esses princípios para a realidade macroscópica. Muitos cientistas têm, inclusive, alertado para o erro de fazer isso.

Muita gente supõe erroneamente que a descoberta dos princípios da realidade subatômica implica necessariamente em uma quase abolição ou rejeição dos princípios ou leis que regem a realidade macroscópica, ou ainda na possibilidade de

os princípios quânticos serem aplicados sobre a realidade macroscópica suprimindo as leis desta realidade. Tremendo engano. Em primeiro lugar, porque assim como os princípios da realidade subatômica estão mais do que provados, os princípios que regem a realidade macroscópica também estão mais do que provados. E em segundo lugar, porque, pelo que se constata, a realidade subatômica existe com seus próprios princípios para manter a realidade macroscópica com seus próprios princípios e leis. Por isso, aplicar os princípios quânticos arbitrariamente à realidade macroscópica é interpretá-la erroneamente, já que cada realidade tem suas características próprias. Ignorar isso é "viajar" demais.

Só para ilustrar esse absurdo, vamos trazer esses dois princípios do mundo microscópico para o mundo macroscópico, imaginando que eles realmente são totalmente aplicáveis à nossa realidade visível.

Digamos que os Princípios da Incerteza e o da Complementaridade se manifestassem, sem dúvida, também no mundo macroscópico. Então, seria como se um carro ou uma pessoa de repente pudesse atravessar uma parede sem destruí-la. Isso não é possível, sabemos, porque existe o que os cientistas chamam de "barreira de potencial". Corpos macroscópicos não podem penetrar uma barreira de potencial. Porém, no mundo subatômico, isso é mais do que possível. Uma partícula subatômica pode desaparecer aqui e aparecer acolá de repente. E mais: essas partículas também podem se transformar em outras partículas (Imagine um carro, de repente, se transformar em uma árvore!) Essa transformação, afirmam os físicos, pode ocorrer também em uma colisão de partículas (Imagine dois caminhões se chocando e transformando-se, em seguida, em três novas coisas: um carro, um trem e um ônibus).

Mesmo assim, não são poucos que, fascinados com os princípios quânticos, tentam aplicá-los forçosamente à realidade macroscópica, desprezando os princípios próprios desta realidade. Eles não chegam a querer transformar carros em árvores, mas, às vezes, pensam que estão vivendo em uma realidade parecida com aquela em que viviam os personagens da série de filmes *Matrix*, que podiam, pelo poder da mente, mudar à realidade à sua volta e fazer coisas impossíveis, como fazem os super-heróis dos quadrinhos. A idéia de uma Medicina Quântica é um bom exemplo.

Baseada em filosofias espiritualistas orientais e usando como justificativa científica a aplicação (forçada) dos princípios da Física Quântica ao mundo

macroscópico, a Medicina Quântica defende que o ser humano pode, com o esforço de sua mente, alterar a matéria e a energia, e assim curar determinadas doenças. Utopia pura.

À luz da Bíblia, milagres são possíveis? São, mas não devido a alguma aplicação de princípios quânticos à realidade macroscópica, não pelo poder da nossa mente, mas pela intervenção de Deus ou de seres de uma outra realidade na nossa realidade.

A Bíblia não diz que Jesus, os discípulos ou os profetas do passado cura-vam ou faziam declarações premonitórias pelo poder da mente ou porque aprenderam alguma técnica de manipulação de realidades, ou outra coisa parecida. Eles o faziam pelo poder do Espírito Santo. Por isso, eles não podem ser comparados com supostos videntes e curandeiros de outras religiões, pois não são a mesma coisa. Não manipulavam nada, não usavam técnicas espiritualistas e repreenderam quem queria comprar a suposta "técnica" (At 8.18-23; 10.38; 2Pe 1.21; Jl 2.28).

A outra tentativa equivocada de trasladar os princípios quânticos para a nossa realidade é a transposição desses princípios para as ciências humanas, vide a Filosofia. Daí o desconstrutivismo, que afirma que o significado do texto deve ser buscado ignorando as intenções do autor. É o observador que determina o significado. O que é isso, se não a aplicação descabida do Princípio da Complementaridade à Filosofia? E o que é a atual ênfase no relativismo, na desconstrução dos valores absolutos, se não a aplicação descabida do Princípio da Indeterminação?

A trasladação desses princípios à Teologia produziu, como não poderia deixar de ser, outro absurdo: a Teologia Quântica, que propõe a desconstrução dos absolutos, a exaltação da incerteza como a maior virtude e enaltece o livre-arbítrio humano em detrimento da soberania de Deus, que também é apresentado como um ser (objeto observado) que sofre alterações por meio de sua interação com o ser humano (observador). É o que veremos no capítulo seguinte ao falarmos da Teologia do Processo, que ressurgiu com um novo nome: Teísmo Aberto.

Recentemente, em um congresso no Brasil, o pensador e escritor católico romano Frei Betto defendeu uma mudança de paradigmas no inundo com base nas descobertas da Física Quântica. Betto propôs "uma nova visão de realidade que supere os dualismos presentes em nosso saber e fazer, convocando-nos rumo a uma visão holística do universo que integre mente e espírito, observador e observado, sujeito e objeto como aspectos de um mesmo existir".

Segue conteúdo da ementa de sua palestra, que é um exemplo clás-sico de até onde pode chegar a transposição dos princípios quânticos à Filosofia e à Teologia: "Os paradigmas da modernidade sustentam-se na filosofia de Descartes e na física de Newton. Racionalismo e de-terminismo seriam as chaves para se chegar ao conhecimento científico, livre de interferências subjetivas, preconceitos e superstições. A transposição da mecânica clássica às ciências sociais sugeriu que um determinismo histórico regeria as sociedades para formas mais perfeitas de convivência humana, porém a queda do Muro de Berlim derrubou também tal aplicação".

"Para não cairmos no caos e no acaso, torna-se necessário formular novos paradigmas levando em conta dois parâmetros fundamentais derivados da Física Quântica: o princípio da indeterminação ou da incerteza, de Werner Heisenberg, e o princípio da complementaridade, de Niels Bohr. Heisenberg pretendeu demonstrar que jamais poderemos conhecer tudo sobre os movimentos de uma partícula. Pode-se conhecer a posição exata de uma partícula ou a sua velocidade, mas não as duas coisas ao mesmo tempo. As imutáveis e previsíveis leis da natureza em sua dimensão macroscópica não se aplicam à dimensão microscópica. Isso significa que jamais teremos pleno conhecimento do mundo subatômico".

Na sequência, Betto lembra que o próprio Bohr, fascinado com o que descobrira, caiu na tentação de fazer essa transposição dos princípios quânticos para outros ramos da Ciência, especialmente as ciências humanas: "No mundo quântico, a natureza é, portanto, dual e dialógica, como ressaltava Bohr, numa interação de complementaridade. Articulou as duas concepções que, à luz da Física Clássica, são contraditórias e aplicou tal princípio a outras áreas do conhecimento. Sobre essa interação, entre observador e observado, ergue-se a visão holística do universo: há uma íntima e indestrutível conexão entre tudo o que existe. Ocorre uma migração de sentido que nos faz pensar que a incerteza quântica se faz presente não só nas partículas subatômicas. Revoluciona nossa percepção da natureza e da história".

Betto chega às raias de aplicar a Física Quântica ao entendimento da História, cometendo o mesmo erro que apontou nos pensadores de gerações passadas, que foi o de aplicar o determinismo e a Física Mecânica a todas as demais áreas de conhecimento. E mais: exalta exacerbadamente o livre-arbítrio humano, decretando que o sujeito da História, quem determina como será a História, é, definitivamente, o homem. "O princi-

pio da indeterminação aplica-se também à História. Em cada um de nós essa dimensão dual também se manifesta, sobrepondo-se, como análise e intuição, razão e coração, inteligência e fé. Não há leis ou cálculos que prevejam o que fará um ser humano. A ótica quântica resgata a liberdade humana e reinstaura o ser humano como sujeito histórico, superando toda tentativa de atomização e realçando a sua inter-relaçao com a natureza e com os seus semelhantes".

Final mente, Betto arremata propondo a trasladação dos princípios quânticos a todas as áreas da vida como sendo a salvação da humanidade: "Na prática, ainda estamos longe da unidade. A pluridisciplinaridade, rumo à epistemologia holística, permanece como desafio e meta, mas há sinais de otimismo: a cartesiana medicina ocidental abre-se à acupuntura; na política fala-se cada vez mais em ética; nas religiões recupera-se a dimensão mística; só falta fazer com que o capital esteja a serviço da felicidade humana. Então, reencontraremos as veredas do Éden".

Nessa teologia, que tira Deus da posição de Senhor da História e entrega essa função ao homem, os princípios quânticos foram alçados praticamente a dogmas salvíficos. E como se não bastasse isso, os princípios absolutos da Palavra de Deus são relativizados na Teologia Quântica, que se alia à Teologia Narrativa e à Ortodoxia Generosa (ambas com um pano de fundo filosófico que se inspirou nos Princípios da Indeterminação e da Complementaridade) com o objetivo de abrigar um discurso inter-religioso (ecumenismo).

DEUS E A TEORIA DO CAOS

Nessa busca constante, de algumas décadas para cá, para encontrar, no mundo macroscópico, algo que se assemelhe à incerteza e à surrealidade do mundo subatômico, os cientistas só produziram, concretamente, um resultado positivo: a Teoria do Caos. Essa teoria surgiu originalmente com o intuito de tentar provar que os princípios quânticos também são aplicáveis no mundo macroscópico, porém o máximo que provou é que a Física Mecânica só pode prever acontecimentos futuros limitados. Trata-se de uma teoria consistente, mas que não resulta na abolição da Física Clássica. Ela não revoga a Física Clássica, apenas diz que esta nem sempre pode ser aplicada no mundo

macroscópico, não porque haja falha nas leis do mundo macroscópico, mas porque nem sempre nós, seres humanos, temos condições de ter em mãos, simultaneamente, todas as variáveis possíveis e necessárias sobre um determinado assunto para aplicarmos, a partir dessas variáveis, os princípios cartesianos e, enfim, chegarmos com precisão aos resultados almejados.

Uma das mais famosas ilustrações da Teoria do Caos é o denominado *Butterfly Effect* (Efeito Borboleta), enunciado pela primeira vez pelo matemático e meteorologista norte-americano Edward Norton Lorenz em 1963. Esse enunciado afirma que o bater das asas de uma borboleta numa extremidade do globo terrestre seria capaz de, no espaço de tempo de semanas, mudar o clima ou provocar uma tormenta ou mesmo um tufão na outra extremidade do globo. Portanto, o Efeito Borboleta demonstraria a todos a impossibilidade de se prever perfeitamente os eventos climáticos no mundo. Segundo Lorenz, para se ter uma previsão meteorológica de extrema precisão, os meteorologistas teriam de estar de posse de todos os dados necessários, que são em uma quantidade quase infinita, e esse conhecimento dos dados ainda deveria ser de uma precisão perfeita, o que implicaria na necessidade de se ter uma memória de processamento de dados super-ultra-hiper-avançada e de capacidade quase infinita. Sendo impossível dispor de tal sistema, é impossível se executar uma previsão determinista. Ou seja, de acordo com essa teoria, apesar de podermos acumular muitos conhecimentos que, em tese, proporcionariam às nossas análises e previsões uma grande possibilidade de acertos, muitos acontecimentos continuariam imprevisíveis, já que tudo no Universo estaria interligado, o que significa que todas as coisas são afetadas ou afetam todas as coisas, e não há como saber tudo sobre todas essas relações.

O que propõe, então, a Teoria do Caos? Ela tenta trabalhar com os comportamentos casuais, com os acontecimentos aleatórios que, aparentemente, não afetariam o resultado de uma previsão (mas que, como prova a Teoria do Caos, podem, sim, afetar), tentando, dessa forma, maximizar o quanto possível a precisão do resultado, mas sem a ilusão de afirmar que, ao final, se conseguirá chegar a um resultado perfeito (porém apenas a um resultado mais próximo da perfeição).

Os cálculos da Teoria do Caos são usados principalmente para descrever e entender os fenômenos meteorológicos, as variações no merca do financeiro, os movimentos de placas tectônicas e o crescimento de

populações. Entretanto, voltamos a frisar, a teoria nunca apresenta suas descrições como perfeitas, porque, para descrevermos perfeitamente as variações do mercado financeiro, teríamos que conhecer todas as variáveis desse universo, o que é impossível; para descrevermos perfeitamente os movimentos das placas tectônicas, teríamos que conhecer todas as variáveis relacionadas a esses movimentos, o que também é impossível; e para prevermos perfeitamente o crescimento populacional, teríamos que dominar todas as informações que pudessem implicar em alguma mudança nesse crescimento, e isso é igualmente impossível.

Note, porém, que apesar de ser tão incisiva ao declarar que existe uma imprevisibilidade no mundo macroscópico, a Teoria do Caos, em nenhum momento, afirma que é impossível prever precisamente as variáveis porque essas variáveis não se deixam conhecer, mas, sim, porque nós não temos a condição de conhecer todas as variáveis ao mesmo tempo. Ora, apenas um ser tem essa capacidade: Deus.

As coisas são imprevisíveis para nós, mas para Deus, não. Só Deus pode prever todos os movimentos e saber todos os resultados, pois Ele conhece todas as variáveis, posto que é presciente e onisciente, ou seja, sabe de todas as coisas antes de todas as coisas acontecerem. O salmista declarou que "o Seu conhecimento é infinito" (SI 147.5). 1 João 3.20 afirma que Deus "sabe de todas as coisas". Hebreus 4.13 diz que "todas as coisas estão nuas e patentes" diante dEle. Só Ele conhece todas as variáveis e tem tudo sob controle. Por isso Jó diz que nenhum dos planos de Deus podem ser frustrados ou impedidos (Jó 42.2) e Deus mesmo afirma que é o único que anuncia "o fim desde o princípio e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam", e o Seu "conselho será firme" e fará "toda" a Sua "vontade" (Is 46.10).

"Ainda antes que houvesse dia [isto é, antes de o tempo ter sido criado], Eu sou; e ninguém há que possa fazer escapar das minhas mãos; operando eu, quem impedirá?" (Is 43.13).

TEOLOGIA QUÂNTICA = TEÍSMO ABERTO

Conto vimos, é certo que a Física Quântica e a Teoria do Caos comprovam que o Universo em que vivemos é muito mais complexo do que os cientistas supunham anteriormente. Porém, tais afirmações não se chocam com as afirmações bíblicas nem apresentam nada de novo que resulte, forçosamente, em uma "mudança de

paradigmas", "mudança de cosmovisão" ou em uma "revolução teológica".

Entretanto, como também vimos, fascinados com essas afirmações da Física Quântica e da Teoria do Caos, os cristãos emergentes forçaram uma transposição desses princípios para sua teologia, criando um verdadeiro "caos teológico", onde inclusive a onisciência e a onipotência de Deus são diminuídas e limitadas em nome da imprevisibilidade. Isso se chama Teísmo Aberto. E é o que veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 7

Teísmo Aberto: alternativa sadia ou heresia?

Um dos modismos teológicos que mais crescem em seminários, publicações, igrejas e púlpitos em nossos dias atende pelos nomes de Teísmo Aberto, Teologia Relacional ou Teologia do Processo.

O Teísmo Aberto é um falso ensino que está ganhando seguidores no Brasil e no mundo de forma sutil. Isso porque se apresenta de tal forma e com argumentos sentimentais que enreda o cristão simples com facilidade. Não são poucos os que já aderiram ao Teísmo Aberto e nem notaram ainda. Alguns nem sabem que aquilo em que acreditam chama-se Teísmo Aberto.

O Teísmo Aberto surgiu em meio ao debate entre duas correntes teológicas: o arminianismo e o calvinismo. Na ânsia de defender o arminianismo, alguns teólogos, líderes e pensadores evangélicos descambaram para essa teologia liberal, que não honra a Deus nem a Bíblia, e têm influenciado muitos com seu discurso.

O teólogo liberal canadense Clark Pinnock é o nome mais expressivo do movimento teológico denominado *Openness of God* (Sinceridade - ou Abertura - de Deus) ou *Open Theism* (Teísmo Aberto). No Brasil, esse pensamento é denominado Teologia da Abertura de Deus ou Teologia Relacional. Trata-se de uma vertente da Teologia Liberal.

Anos atrás, Clark Pinnock era conhecido como teólogo conservador de linha calvinista, até que teve sua visão mudada, aderindo ao arminianismo. Até aí tudo bem. Alguém pode ser arminiano ou calvinista e ser coerente biblicamente, apesar das diferenças entre as duas correntes na interpretação de determinadas verdades bíblicas. Grandes servos de Deus da História eram calvinistas: Jonathan Edwards, George Whitefield, Spurgeon, etc. Outros grandes nomes, como John Wesley e William Seymour eram armi- nianos. O pentecostalismo tradicional, por exemplo, com grandes servos de Deus em sua história, é predominantemente arminiano. Inclusive as raízes do pentecostalismo remontam, mais recentemente, ao Movimento Wesleyano e ao Movimento da Santidade nos Estados Unidos, ambos de caráter arminiano. O problema do Teísmo Aberto é que ele radicaliza, tornando-se um perigo tanto para calvinistas quanto para arminianos. O problema de Clark Pinnock e seus companheiros é que desaguaram em um doentio liberalismo teológico.

Do arminianismo, Pinnock partiu para o pluralismo religioso, ou seja, a crença de que budistas, islâmicos e religiosos de outras vertentes podem ser salvos sem aceitar Cristo. Em seguida, abraçou o universalismo, a doutrina de que no final todas as pessoas do mundo em todas as épocas serão salvas. Mais recentemente, apoiou a "bênção de Toronto", movimento neopen- tecostal canadense que teve repercussão internacional no início dos anos 90. Aquele em que as pessoas caíam no chão emitindo sons de animais e rolavam no chão tomados por uma tal "unção do riso".

Teísmo Aberto é uma invenção teológica subcristã que declara que o maior objetivo de Deus é entrar num relacionamento recíproco com o homem, onde o Criador é afetado pela criatura e aprende com ela; todas as referências bíblicas a Deus devem ser interpretadas sem qualquer antropomorfismo; Deus criou um mundo onde Ele pode ser afetado pelas escolhas dos homens; e Deus não conhece o futuro plenamente, nem as escolhas livres que suas criaturas ainda farão.

Além de Clark Pinnock, os nomes de Gregory Boyd e John Sanders se sobressaem entre os teólogos dessa nova visão. Geralmente, eles carregam de emocionalismo seus argumentos. Dizem que a Teologia Relacional é até "mais espiritual" e apresenta um "Deus mais justo".

Sanders definiu a Teologia Relacional como sendo algo que "conecta-se com a espiritualidade de alguns cristãos da história da Igreja, especialmente quando oram. Muitos cristãos sentem que nossas orações ou a falta delas podem fazer diferença quanto ao que Deus fará na História. A Abertura de Deus é uma tentativa de pensar mais consistentemente o que significa Deus estabelecer relações pessoais com a humanidade. Queremos desen-volver um entendimento da Trindade de Deus e do relacionamento de Deus para o mundo que é biblicamente fiel e encontra consonância com a tradição, é teologicamente coerente e melhora a forma como vivemos nossa vida cristã. Concordamos com o cerne dos princípios da fé cristã, mas acreditamos que alguns aspectos da tradição precisam ser reformados, particularmente quando falamos do que é chamado de 'Teísmo Clássico'. Acreditamos que alguns aspectos desse modelo de Deus têm conduzido cristãos a interpretar mal certas passagens das Escrituras e desenvolver alguns sérios problemas em nosso entendimento de Deus em relação ao sentimento e à forma de vivermos, orarmos e respondermos ao problema do mal".

Em outras palavras, o Teísmo Aberto apresenta um Deus mais humano, mais vulnerável, que não tem tanto controle sobre as coisas. Por isso, acreditam que é um Deus mais palatável para as pessoas que querem entender o problema do mal no mundo sem culpar a Deus. Não é à toa que essa teologia espúria começou a se propalar no Brasil depois do terrível Tsunami do Natal de 2004, que ceifou a vida de milhares de pessoas. Alguns líderes e pensadores cristãos aproveitaram esse contexto para fazerem declarações pró-Teologia Relacional. Desde então, os pilares desse pensamento têm sido largamente divulgados em nosso país.

FILHO DA TEOLOGIA DA ESPERANÇA E DA TEOLOGIA DO PROCESSO

Em entrevista à *Christian Week,* Pinnock afirmou que os teólogos alemães Jurgen Moltman e Wolfhart Pannenberg influenciaram suas idéias. Os dois são os fundadores da Teologia da Esperança, uma teoria liberal muito comum no século XX e que, ao lado da Teologia do Processo, estabeleceram a gênese do Teísmo Aberto. A entrevista de Pinnock pode ser lida
na íntegra, no original em inglês, no site christianweek.org/stories/voll4/no05/stoiy4.htm.

O Teísmo Aberto tem muito em comum com a teologia de Moltman e Pannenberg. Para os dois, por exemplo, o ecumenismo religioso é uma necessidade premente. Além disso, para eles, Deus tem um futuro cheio de possibilidades pela frente; Ele se arrisca, muda e é vulnerável. Todas essas visões são comuns na Teologia Relacional e foram herdadas de Moltman e Pannenberg por Pinnock, John Sanders e outros defensores da Teologia Relacional. Tratam-se de conceitos perigosos à fé bíblica.

É engraçado ver adeptos do Teísmo Aberto ficarem, às vezes, impressiona- dos quando é dito a eles que estão adotando conceitos do liberalismo teológico. Alguns respondem: "O que a Teologia Relacional tem a ver com os teólogos liberais alemães?" Tudo a ver! O Teísmo Aberto é só uma versão popular do velho liberalismo teológico alemão e que não se apresenta como tal para que o leitor incauto não ligue o seu "alerta" interior e, assim, desapercebido, se abra para ser seduzido paulatinamente pelo discurso sutil, menos acadêmico, mais apelativo emocionalmente e mais palatável de que se utiliza o Teísmo Aberto. Aliás, muitos dos conceitos teológicos da ideologia emergente são exatamente o velho liberalismo teológico alemão revisitado e apresentado com nova roupagem para esta época "propícia" da Pós-modernidade.

Por exemplo: em seu livro *Teologia da Esperança* (1964), que influenciou a Teologia da Libertação, Moltman afirma academicamente algumas das propostas que Brian Mclaren defenderia posteriormente, e em linguagem popular, em seu recente A *mensagem secreta de Jesus*. Em sua obra, o teólogo alemão afirma que a missão da Igreja deve ser reinterpretada, não devendo mais se insistir na mensagem da "Salvação espiritual, individual e pessoal" (o que Mclaren chama, em *Uma ortodoxia generosa*, de "a velha história da cruz" que, segundo ele, "pode estar errada", devendo ganhar uma nova interpretação). Moltman assevera que a principal função da Igreja não é a mensagem da remissão dos pecados, mas, sim, "a realização da esperança da justiça, a socialização da humanidade e a paz para toda a criação". Ele declara ainda que esse "outro lado da missão cristã", que deve ser considerado principal, tem sido relegado pelo cristianismo nos últimos tempos.

Em seu *O Deus crucificado* (1972), Moltman enfatiza a imanência divina em detrimento da transcendência divina, apresentando Deus como um ser passível, que não está além do tempo, mas sempre nele e, por isso, deve ser entendido como "um sofredor de amor". Para Moltman, a imutabilidade de Deus deve ser reinterpretada, não significando uma imutabilidade literal, mas apenas possível e não usufruída por opção própria de Deus. Para ele, "Deus só não pode ser forçado a mudar ou a sofrer alguma coisa externa

a Ele mesmo, mas isso não exclui duas outras possibilidades: Deus é livre para mudar a Si mesmo e, mais significativamente ainda, Ele é livre para *permitir* a Si mesmo ser modificado pelos outros, permitir outros fazerem-No sofrer" (*Pensamento cristão volume 2 — Da Reforma à Modernidade,* Tony Lane, Abba Press, 2000).

Moltman insiste em sua argumentação que tal visão de Deus é correta, que "não prejudica a soberania de Deus". Ele diz que Deus, voluntariamente, aceita sofrer de amor e "se abre para a possibilidade de ser afetado por Suas criaturas". Ressalta o teólogo alemão que, se não crermos assim, não podemos falar de um Deus de amor. Para Moltman, Deus só pode ser amor se Ele se deixa ser afetado e mudado por Suas criaturas. Em *A Igreja no Poder do Espírito* (1975) e *A Trindade e o Reino de Deus* (1980), ele assevera mais ainda, especialmente no último, sua doutrina da passibilidade de Deus. No primeiro, fala do futuro estar aberto "tanto para Deus quanto para os homens". E no segundo, além de detalhar mais seu pensamento, defende também posições que Brian Mclaren, seu seguidor não-confesso, defenderia em linguagem mais popular em *Uma ortodoxia generosa* e *A mensagem secreta de Jesus,* como é o caso da "doutrina social da Trindade", cuja inspiração veio ao estudar a bela abordagem que um teólogo russo da Igreja Ortodoxa do século XV fez sobre a Trindade, destacando a bela harmonia entre as três Pessoas da Trindade. Mclaren não usa o termo, mas adota a idéia de Moltman, que diz em *A Trindade e o Reino de Deus* que "a ênfase na unidade de Deus tem levado a regimes autoritários e repressivos na igreja e na sociedade".

Engraçado que o "verde" Mclaren também propugna em seus livros idéias semelhantes às que Moltman apresentou em *Teologia da Esperança* (1964) e em *Deus na Criação* (1985). No primeiro, Moltman defende a necessidade de uma ênfase na ética de Jesus e não na crença certa sobre Jesus, e afirma que os princípios do Sermão da Montanha têm um caráter e uma aplicação claros à área política (Alguém viu isso em *A mensagem secreta de Jesus?).* No segundo livro, o alemão sustenta uma "doutrina ecológica da Criação" com ênfase na imanência divina em detrimento da transcendência divina (Alguém viu isso em *Uma ortodoxia generosa?).* Aliás, o que dizer do fato de que em *O Caminho de Jesus Cristo* (1989) o teólogo liberal alemão pregou "uma nova abordagem da igreja para o mundo pós-moderno", falando especialmente de pobreza e crise ecológica. Ou seja, a relação entre os emergentes e os liberais alemães é enorme. Mesmo que aqueles, muitas vezes, não confessem isso.

E Pannenberg? Em seu *A revelação como história* (1961), ele declara que o poder da promessa divina não está na fidelidade de Deus, mas na obe-diência humana. Para ele, o homem pode apressar a chegada do Reino de Deus, que consertará tudo, engajando-se na transformação da sociedade, envolvendo-se em obras e causas sociais. Ele não crê em Arrebatamento da Igreja, Antcristo, Grande Tribulação, etc. O homem tem o poder de mudar o mundo e, quando ele o fizer, terá chegado o Reino de Deus.

Pannenberg coloca a ressurreição de Jesus como evento acima da crucificação, não falando nada sobre a mensagem da cruz corno remissão dos nossos pecados (Já notou como os emergentes, assim como os teólogos liberais, não gostam muito da "velha história" e do assunto pecado? Bem diferente dos cristãos bíblicos: Colossenses 1.12-14). Além disso, a ressurreição de Jesus é importante para o teólogo alemão apenas porque ilustra a restauração que os homens podem implementar no mundo. O Cristo que morre e ressuscita representa a humanidade que pode ser restaurada a um estado social perfeito se dedicar-se para isso. Pannenberg assevera que o homem é livre e capaz de mudar o mundo e não um prisioneiro do pecado.

Finalmente, é importante dizer que para Pannenberg, assim como para Moltman, "o futuro trará algo totalmente novo, até mesmo para Deus". Enfim, o Deus da Teologia da Esperança não é totalmente Deus, já que tem diante de si, de acordo com as palavras desses dois teólogos, "um futuro cheio de possibilidades". Segundo eles, Deus não é o Deus que é, mas é o Deus que vem a ser. Bem diferente do Deus da Bíblia, que afirma: "Eu sou o que sou" (Êx 3.14).

Já a Teologia do Processo, irmã da Teologia da Esperança, foi fundada pelos teólogos Alfred North Whitehead e Charles Hatshorne. Outros nomes conhecidos por trás dessa teoria são John Cobb e David Ray Griffin. Essa doutrina propõe que o Universo vive em um inescapável processo de mudança determinado pelos agentes do livre-arbítrio. E detalhe: até Deus, envolvido pelo Universo que criou, interagindo com ele, sofre mudanças também, evolui. No Universo, a tarefa de Deus é apenas, pelo Seu livre-arbítrio, criar novas possibilidades para os demais agentes. Nessa interação, Deus sofre mudanças. Deus não é, portanto, imutável.

É importante dizer, porém, que apesar de Whitehead e Hatshorne terem sido os principais formuladores dessa teologia, o nome do filósofo Charles Sanders Peirce não pode ser esquecido, posto que foi ele quem inspirou os dois teólogos, como afirma John Cobb em ***Charles Hatshorne: The Einstein of Religious*** *Thought, 1897-2000* (o texto pode ser encontrado no site do Centro de Estudos do Processo de Claremont, Califórnia (EUA), no seguinte endere-

ço: www.ctr4process.org). Hatshorne, por exemplo, chegou a dizer que Peirce "foi um dos poucos pensadores que me causaram mais influência".

Sobre a influência de Peirce sobre a Teologia do Processo, escreve Nancy Pearcey: "Peirce tinha fortes impressões quanto à religião, porém menosprezava suas formas tradicionais e ortodoxas. Em lugar disso, propôs uma forma de pampsiquismo (tudo no universo tem uma mente ou consciência). Previu o cosmo evoluindo para a Mente ou o Absoluto, ou Deus, em processo teleológico chamado de amor evolutivo'. Onde já ouvimos essas idéias em nossos dias? Na Teologia do Processo, que, dizem, é o movimento que mais cresce nos seminários em voga hoje. (...) A Teologia do Processo ensina que Deus e o mundo estão em processo de mudança e evolução constante. Deus é um espírito divino que evolui no mundo e, com Ele, a alma do mundo, a vida cósmica evolutiva da qual a nossa vida faz parte. No sentido pleno do termo, isso não é ***panteísmo*** (tudo é Deus), mas ***panenteísmo*** (tudo está ***em*** Deus), onde o mundo físico é uma emanação concreta da própria essência. Essa teologia ensina que quando fazemos as escolhas que moldam nossa vida e experiência, também moldamos a Deus e suas experiências, visto que nossa vida dá forma concreta à vida divina. Em suma, somos co-criadores ***com*** Deus e co-criadores ***de*** Deus. (...) Ao colocar o próprio Deus dentro do vínculo evolutivo, a Teologia do Processo rompe-se totalmente com o teísmo tradicional. Ela assevera que Deus é limitado, que não sabe o que vai acontecer de antemão (Ele não é onisciente), nem tem todo o poder de impedir que o mal aconteça (Ele não é onipotente). Deus simplesmente evolui com o mundo durante o curso da História".

Em seguida, Pearcey ressalta o que muita gente já percebeu há muito tempo: que o Teísmo Aberto nada mais é do que uma cria da Teologia do Processo (e como já vimos, fruto de um cruzamento desta com a Teologia da Esperança). "É surpreendente que alguns destes mesmos temas respingaram em círculos evangélicos, no que é conhecido como Teísmo Aberto, promovido por Clarck Pinnock e outros. O próprio termo imita a linguagem dos [filósofos] pragmatistas [como Peirce], quando descreveram que um universo em evolução é um 'universo aberto' - um mundo de novidade, inovação, surgimento e possibilidades imprevisíveis, que não pode ser conhecido com antecedência nem mesmo por Deus" (***Verdade Absoluta,*** Nancy Pearcey, CPAD, 2006).

Um detalhe interessante: o filósofo James Ward Smith, em seu texto ***Religion and Science in American Philosophy,*** publicado no livro ***The Shaping of American Religion*** (Princenton University Press, 1961, p. 421), do qual

é um dos editores, afirma, se referindo à Teologia do Processo, que "com o advento da evolução, a tendência dos que levaram a Ciência a sério era conceber Deus cada vez mais imanente no processo mundial". Já percebeu que muitos emergentes aceitam a Teoria da Evolução de Darwin? Não nos admira terem, consequentemente, adotado a visão de um Deus imanente, uma deidade finita que evolui no mundo e com ele.

Um detalhe interessante: tanto Pinnock como Sanders, dois dos principais nomes do Teísmo Aberto, são universalistas, isto é, creem que, no final, todo mundo vai ser salvo. Brian Mclaren, como já vimos, procura não afirmar ser universalista em sua obra ***Uma ortodoxia generosa***, mas não esconde nela sua simpatia em relação à visão universalista.

Uma abordagem sobre a visão pluralista e universalista de Pinnock e Sanders pode ser vista no livro ***Cristo entre outros deuses***, do professor Erwin Lutzer (CPAD, 2000). No capítulo 11, intitulado ***Uma pedra de tropeço extraordinária*** (pp. 193-209), ele apresenta e rebate contundentemente o universalismo de Pinnock e Sanders expresso em suas obras.

OS CINCO PILARES DO TEISMO ABERTO

Bem, agora que já falamos sobre as origens do Teísmo Aberto, vamos conhecer seus pilares.

O Teísmo Aberto ou Teologia Relacional ensina, basicamente, cinco coisas:

1) ***O maior atributo de Deus é o amor*** -Na Teologia Relacional ou Teísmo Aberto, este atributo divino é normalmente enfatizado em detrimento a todos os demais atributos de Deus. Todos os atributos divinos, mesmo sua imutabilidade, sua onisciência e sua onipotência, são diminuídos e reinterpretados para favorecer o atributo do amor. Porém, a Bíblia nos apresenta todos os atributos divinos coexistindo em equilíbrio. Deus não é amor e mais ou menos onisciente e onipotente. Ele é amor e plenamente onisciente

e onipotente (Gn 17.1; Jó 42.2; Si 139; Is 46.10). A Bíblia não apresenta incoerência na coexistência dos atributos de Deus.

O crente deve saber em quem tem crido. Ele precisa saber e aceitar as qualidades naturais e morais de Deus, para que tenha uma idéia correta a respeito de seu Senhor, e não uma concepção com base apenas na intuição e no "achismo", uma concepção frágil e deformada.

Deus é onipotente e justo ao mesmo tempo. O que é onipotência? E a qualidade de ter todo o poder. O vocábulo oni significa "tudo" ou "todo". Logo, quando dizemos que Deus é onipotente, não estamos dizendo simplesmente que Ele é poderoso, mas afirmando que só Ele detém todo o poder. Há muitas passagens na Bíblia que realçam esse atributo divino (Gn 18.14; 2 Cr 20.6; Jó 42.2; Sl 62.11; 147-5; Is 14.27; 43.13; Dn 4.35; Lc 1.37).

Deus se apresentou como o Onipotente a Abraão (Gn 17.1) e a Jó (Jó 40.1-2). Jesus, Deus encarnado, afirmou que "todo o poder" lhe foi dado "no Céu e na Terra" (Mt 28.18). Ele "sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder" (Hb 1.3). E mais: "Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez" (Jo 1.3).

Porém, apesar de a onipotência divina ser asseverada inúmeras vezes nas Sagradas Escrituras, há pessoas que tentam filosoficamente desacreditá-la, usando de um infantil silogismo para tentar provar que é impossível algum ser no universo deter todo o poder. O teólogo norte-americano Russell E. Joyner ressalta e desfaz esse logro:

"Um antigo questionamento filosófico indaga: 'Deus é capaz de criar uma rocha tão grande que Ele não possa mover? Se Ele não consegue movê-la, logo Ele não é todo-poderoso. E se Ele não é capaz de criar uma rocha tão grande assim, isso também comprova que Ele não é todo-poderoso'. Essa falácia da lógica simplesmente brinca com as palavras e desconsidera o fato de que o poder de Deus está relacionado com seus propósitos".

"A pergunta mais honesta seria: Deus é poderoso para fazer tudo quanto pretende, e que esteja de acordo com o seu propósito? De acordo com os seus decretos, Ele demonstra que realmente tem a capacidade de realizar tudo quanto desejar: 'Porque o Senhor dos Exércitos o determinou; quem pois o invalidará? E a sua mão estendida está; quem, pois, a fará voltar atrás?', Is 14.27" *(Teologia Sistemática — uma perspectiva pentecostal,* editor Stanley M. Horton, CPAD, 1996).

Um exemplo claro dessa afirmação de Jovner está no Plano de Salvação em Cristo. Um dos propósitos de Deus é salvar os seres humanos (1 Tm 2.3-4). Em Marcos 10.25-27, Jesus falou a seus discípulos que é impossível

ao ser humano salvar-se a si mesmo, mas isso não é impossível para Deus, porque "para Deus todas as coisas são possíveis".

Deus proveu nossa salvação por meio de Cristo (Jo 3.16). Portanto, todos quantos quiserem aceitá-lo sinceramente como Salvador e Senhor de suas vidas podem ser salvos hoje e agora (Jo 1.11-12). Em outras palavras, podemos e devemos louvar a Deus não só pela sua onipotência, mas também por seus sublimes propósitos, que nos garantem a Salvação.

2) ***Deus não é tão soberano assim*** - Para os seguidores desse neologismo teológico, só pode haver pleno relacionamento entre Deus e o homem se o Criador construir a História com o auxílio do homem, no sentido de o homem ter o poder de frustrar Deus e mudar as decisões divinas. O futuro só pode ser construído a partir da conjunção entre Deus e as decisões humanas. Segundo eles, Deus se adapta à vontade e às decisões dos homens, e não pode realizar tudo que deseja, só com o auxílio do homem. O homem é o sujeito da História. A História não está sob o controle divino totalmente. Conforme as decisões dos homens, Deus vai definindo como será a História. O futuro, como diziam Moltman e Pannenberg, está em aberto, até mesmo para Deus (sic)!

Isso contraria frontalmente o ensino bíblico. Diminui Deus e exalta o homem. O ser humano tem autonomia para tomar suas decisões, mas nenhuma decisão humana pode mudar aquilo que já foi estabelecido por Deus (Is 46.10). Há a vontade permissiva e a vontade soberana de Deus. O homem pode tomar decisões e mudar contextos até onde isso não contrarie o que já foi determinado pelo Criador. Deus é o Senhor da História, não o homem.

3) ***Deus não conhece o futuro*** - O Teísmo Aberto acredita que Deus não conhece o futuro. Os adeptos dessa teoria se dividem entre dois argumentos. Uns dizem que Deus não pode conhecer o futuro porque o futuro não existe. Logo, é impossível algum ser ter presciência. Por conseguinte, o futuro está aberto até para Deus (sic). Outros teístas abertos afirmam que mesmo que tenha o poder de saber o futuro, Ele o ignora porque escolheu não saber o que virá (sic). Assim, o futuro, também nessa perspectiva, está em aberto para Deus.

Pinnock afirma: "As decisões ainda não feitas não existem de forma alguma para serem conhecidas por Deus. Elas são potenciais, mas para serem realizadas e não já reais. Deus pode predizer muito do que faremos, mas não tudo, porque algumas dessas decisões permanecem ocultas no mistério da liberdade humana (...) O Deus da Bíblia exibe uma 'abertura' para o futuro

que a visão tradicional da onisciência simplesmente não pode acomodar" (*De Agostinho a Armínio*, Pinnock, pp. 25 e 26).

Um elemento importante desse pensamento é a crença de que Deus não está fora do tempo, vendo o passado, o presente e o futuro como se fossem uma só coisa para Ele. Para o Teísmo Aberto, Deus está dentro do tempo e sujeito a ele. O tempo, segundo eles, é uma realidade que antecede o Criador ou coexiste com Ele. Porém, a Bíblia afirma que Deus é Eterno e transcendente (Is 57.15). Ele não teve começo e não terá fim, e o tempo foi criado por Ele (Sl 90.2). Deus sabe de tudo antes de tudo acontecer. Ele não está preso ao tempo (Sl 102.27).

4) ***Deus se arrisca*** - Deus se arriscou ao criar seres livres e racionais. Ele não sabia que decisões os anjos e os homens tomariam depois de criados, e ainda hoje o Criador se arrisca com suas criaturas, pois ignora as escolhas futuras delas. Isso é simplesmente ridículo. A Bíblia diz que Cristo é "o Cordeiro de Deus imolado antes da fundação do mundo" (IPe 1.19-20; Ap 13.8). Deus já sabia de tudo que iria acontecer e de antemão elaborou o Plano da Salvação. Deus não foi e não é pego de surpresa!

5) ***Deus comete erros, aprende e muda*** - Segundo o Teísmo Aberto, como Deus desconhece o futuro, Ele aprende com as realidades à medida que elas vão acontecendo. O Deus da Teologia Relacional é vulnerável, comete erros, aprende com eles e muda de posição. Deus muda seus planos constantemente. Por isso, os adeptos desse pensamento ensinam que é errado afirmar que quando a Bíblia fala que Deus "arrependeu-se" está usando um antropomorfismo. Para eles, Deus arrependeu-se mesmo. Ele mudou de idéia. Deus é mutável. Ele é totalmente passível de influências do ser humano.

Porém, a Bíblia diz claramente que Deus não se arrepende e Ele não muda (Nm 23.19-20 e Ml 3.6). O "arrependimento" de Deus é antropomorfismo mesmo. Ou seja, são expressões humanas para tentar explicar ao ser humano Deus e suas manifestações. Ele não é como o ser humano.

IDENTIFICANDO O DISCURSO DO TEÍSMO ABERTO

Para melhor identificação do discurso do Teísmo Aberto, conheça algumas frases bastante recorrentes entre os adeptos desse neologismo teológico. Tais frases denunciam claramente a ligação com o pensamento do *Open Theism*.

Diz Boyd que há coisas no futuro que para Deus são apenas possibilidades, o que significa que Deus não saberia exatamente onde essas determinadas coisas vão dar. Ele as descobriria aos poucos (o que o TA chama, numa tentativa tresloucada de tentar mostrar que ainda creem na onisciência divina, de "onisciência em movimento"; tal "onisciência" está em contraposição à verdadeira onisciência, que o TA chama de "estática"). Para Boyd, Deus teria que esperar para ver o que realmente vai acontecer em alguns casos específicos. Porém, não é isso que a Bíblia ensina (e mais à frente vamos citar textos que mostram claramente isso). Antes, porém, detenhamo-nos um pouco mais na fragilidade dessa afirmação de Boyd.

Ao dizer que o problema não é a definição de onisciência, mas a definição de futuro, Boyd tenta camuflar sua descrença na onisciência de Deus. O problema mesmo dele é com a onisciência, mas, infelizmente, ele não é honesto para afirmar isso. Desonestamente, joga com as palavras para confundir os desatentos.

É simples: quando digo que para Deus o futuro está cheio de possibilidades (como acontece com o homem), já estou partindo do princípio de que Deus não é onisciente. Não posso mexer numa coisa sem deixar de afetar a outra. Na verdade, o que Boyd está dizendo é o seguinte absurdo: "Não estou dizendo que Deus não sabe de tudo; estou dizendo que nem todo o futuro é conhecido por Ele". Ora, Boyd, se você está dizendo que todo o futuro não é conhecido por Deus, logo está dizendo que Deus não é onisciente! Em alguns momentos, em seus livros e artigos, Boyd repete que acredita que Deus é onisciente e, ao mesmo tempo, diz que não acredita que "essa onisciência seja plena ou exaustiva". Ora, o termo onisciente significa "aquele que sabe de tudo". O prefixo "oni" determina plenitude e exaustão nesse conhecimento. Logo, dizer que alguém "não é plenamente onisciente" ou "não é exaustivamente onisciente" é dizer que esse alguém não é onisciente, porque se não é pleno, se não é exaustivo, não é "oni". Então, é ilógico dizer "creio na onisciência divina" e ao mesmo tempo "não creio que essa onisciência seja exaustiva". O pior de tudo é saber que há pessoas inteligentes que conseguem ler uma declaração absurda dessas sem notar o erro de lógica crasso que reside nela.

Bem, mas vamos aos textos bíblicos. Isaías 46.10 e Salmos 139.1-18 (especialmente os versículos 2 a 4) são os textos mais conhecidos dentre os que afirmam claramente a onisciência de Deus (o conhecimento exaustivo de Deus em relação a todas as coisas passadas, presentes e futuras), mas gostaria de destacar ainda Hebreus 4.13 e Salmos 31.15 e 147.5. O primeiro

texto diz: "E não há criatura alguma encoberta diante dEle; antes, todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar". Detalhe: o vocábulo usado no original grego nesta passagem e traduzido por "patentes" é o mesmo utilizado para descrever um lutador imobilizado pelo seu oponente. Ou seja, o termo traz a idéia também de submissão total. Logo, o que o escritor da Epístola aos Hebreus quis dizer mais profundamente é que todas as coisas e acontecimentos (futuros, passados e presentes) não são apenas totalmente conhecidos por Deus, mas também totalmente submissos a Ele. E isso é confirmado no segundo texto: "Os meus tempos (passado, presente e futuro] estão nas Tuas mãos" (Sl 31.15).

Portanto, os acontecimentos passados, presentes e futuros estão todos sob o controle divino; Ele os conhece e é Ele quem permitiu que os acontecimentos passados se tornassem realidade e permite que os acontecimentos presentes e futuros se tornem realidade. Logo, não há acontecimentos futuros
que sejam hoje só possibilidades para Deus, mas todos os acontecimentos futuros são realidades já conhecidas por Ele, pois é Ele que os permite (dentro
de Sua vontade absoluta ou permissiva).

Finalmente, o terceiro texto diz: "Grande é o nosso Senhor, e de grande poder; o seu conhecimento é *infinito*" (Sl 147.5). Ora, o futuro para nós é apenas um conjunto de possibilidades com só algumas certezas que temos por fé em Deus e na Sua Palavra. Mas para Deus, não. O Seu conhecimento é infinito!

O Senhor não manipula nossas decisões, mas Ele já sabe o que nós, pelo nosso livre arbítrio, decidiremos a seguir e administra nossas decisões livres conforme Sua vontade absoluta e Sua vontade permissiva. Ou seja, à luz da Bíblia, para Deus, o futuro já é todo realidade, não meio-realidade e meio-possibilidade.

Objeção 2: A visão aberta mina a onipotência de Deus

'Eu afirmo (porque a Escritura ensina) que Deus é onipotente. Ele é o Criador de todas as coisas e por isso todo poder deriva dele. Como todos os arminianos, eu também defendo que Deus limita o exercício de seu próprio poder para conceder livre-arbítrio àqueles que ele criou à sua própria imagem".

Análise: Em primeiro lugar, Deus não é todo-poderoso simplesmente porque todo poder deriva dEle. Pela lógica que Boyd sugere, Deus não seria na verdade todo-poderoso ao pé da letra; Ele seria apenas a fonte dos poderes

apenas isso. Porém, a Bíblia diz que Deus é todo-poderoso não só por isso, mas também porque (1) tudo está sob o controle divino e (2) ninguém pode impedir Deus quando Ele deseja operar. Ninguém! É só ler Gênesis 17.1; Jó 42.2; Lucas 1.37; Isaías 43.13; 2Crônicas 20.6 e Daniel 4.35.

Em segundo lugar: Quem disse que o arminianismo afirma que o fato de Deus criar os seres humanos com livre arbítrio significa necessariamente que Deus limitou a Sua onipotência? É o velho hábito dos teístas abertos de tentarem camuflar seus erros colocando-os desonestamente na conta do arminianismo. Para os arminianos, Deus é mesmo onipotente, Ele tem mesmo todo o poder. Deus não limita o Seu poder por causa do livre arbítrio humano. Se fosse o livre arbítrio que salvasse, alguém poderia dizer que Boyd está certo, mas quem salva é Deus. O homem não é salvo pelo seu livre arbítrio. Este apenas possibilita-o escolher ou não a salvação que só Deus poderá efetuar em sua vida (Mt 19.25,26). E se o homem não escolhe a salvação do Onipotente, ele se perde eternamente. A vontade de Deus, em nenhum momento, se submete ao livre arbítrio humano. Nem na oração isso acontece (1Jo 5.14). O ser humano, em seu livre arbítrio, é que deve escolher a vontade divina, se não, ao final, sofrerá as consequências de sua decisão e nada que o homem venha a fazer posteriormente poderá reverter isso. Será sofrimento eterno. Portanto, é errado ver o livre arbítrio como uma limitação da onipotência divina, posto que o homem, dentro do seu livre arbítrio, não pode mudar Deus e, se for contra Deus, sofrerá por isso.

Objeção 3: A visão aberta mina nossa confiança na capacidade de Deus para cumprir seus propósitos

"Eu afirmo (porque a Escritura ensina) que Deus pode e garantiu tudo que quis sobre o futuro, visto ser ele onipotente. Eu também afirmo (porque a Escritura também ensina) que Deus nos criou com a capacidade para amar, e por isso nos capacitou a tomar decisões de algumas questões por nós mesmos. Dentro dos parâmetros estabelecidos pelo Criador, parâmetros que garantem tudo que Deus quer garantir sobre o futuro, os humanos têm algum grau de auto-determinação. Isso significa que em relação ao destino dos indivíduos particulares as coisas podem não se mostrar como Deus deseja. Se negarmos isto, devemos aceitar que Deus na verdade deseja que algumas pessoas vão para o inferno. A Escritura nega isso (1Tm 2.4; 2Pe 3.9)".

Análise: Aqui há uma meia verdade. Há a vontade absoluta de Deus e a vontade permissiva de Deus, e dentro desta última o ser humano pode tomar decisões particulares. Aí tudo bem. Os problemas estão apenas em dois pontos.

Primeiro, no fato de que a concepção de Deus do Teísmo Aberto - que apresenta Deus como não sendo onipotente (não tem todo o poder) nem onisciente (não sabe de tudo) - afeta mesmo a garantia de que Deus cumprirá tudo que diz. E o argumento que Boyd usa para dizer que isso não é verdade simplesmente não tem nada a ver com o assunto. A capacidade que Deus dá aos homens de tomarem decisões particulares não significa limitação no poder de Deus. Isso porque essas decisões particulares, fruto do livre arbítrio, não são realizadas fora da vontade de Deus, mesmo aquelas decisões que ofendem a santidade divina. Elas são realizadas dentro da vontade permissiva de Deus. Logo, Deus está no controle, Ele administra essas ações. Ele não as provocou (no caso das decisões pecaminosas), não as incentivou, não se agrada delas, mas Ele soberanamente as administra. Essas ações livres do homem não limitaram Seu poder porque estão todas elas sujeitas ao Seu poder e cada uma delas terá sua recompensa segundo o Seu poder.

Por sua vez, o segundo problema está na confusão que Boyd faz entre o desejo de Deus que todos se salvem e a onipotência divina.

O fato de o ser humano ter o livre arbítrio para rejeitar a salvação oferecida por Deus não significa que Deus, portanto, não teve o poder para salvar o ser humano (logo, Ele não seria onipotente ou, como dizem os teístas abertos, cometendo um erro de lógica, "não seria plenamente onipotente" [ora, se não é pleno já não *é* "oni"]). Não está em questão a capacidade de Deus salvar. Deus pôde e pode salvar, o ser humano é que muitas vezes não deseja a salvação divina e sofrerá por isso. A onipotência divina não é afetada (ou "limitada", como dizem os teístas abertos) pelo livre arbítrio quando o ser humano recusa Deus.

Objeção 4: A visão aberta mina a perfeição de Deus

"Eu afirmo (porque a Escritura ensina) a absoluta perfeição de Deus. Eu não vejo, entretanto, que a Escritura ensina que o futuro deve ser predeterminado, ou na mente de Deus ou em sua vontade, para Deus ser perfeito. Antes, creio que a perfeição de Deus é mais exaltada quando o entendemos ser tão transcendente em seu poder a ponto de genuinamente conceder livre-arbítrio aos agentes moralmente responsáveis".

Análise: Ora, esse é outro dos tremendos assaltos à lógica que o Teísmo Aberto pratica. O que faz Deus ser Deus, perfeito, são justamente seus atributos, que são únicos e O distinguem de todos os outros seres. Se Deus não é mais onipotente e onisciente, logo Ele não é mais perfeito. Além disso, outra vez Boyd, desonestamente, tenta

vincular o Teísmo Aberto ao genuíno arminianismo, ao dizer que Deus, ao conceder o livre arbítrio, estava automaticamente limitando Seu poder e limitando Seu conhecimento. Como já vimos, o livre arbítrio do homem não implica nem em uma coisa nem em outra.

Objeção 5: A visão aberta mina a força da oração

"Eu afirmo (porque a Escritura ensina) que a oração petitória é nossa mais poderosa ferramenta para realizar a vontade do Pai 'na terra como no céu'. Realmente, pelo fato de minha concepção permitir que o futuro seja um tanto aberto, creio que faz mais sentido por causa da urgência e eficácia que a Escritura atribui à oração".

Análise: O nosso relacionamento com Deus não muda Deus, não altera-o conforme nossa vontade. Para o Teísmo Aberto, as ações e orações do homem afetam Deus no sentido de fazer com que a vontade dEle seja alterada. Mas não é isso que a Bíblia diz. A oração, em nenhum momento, altera a vontade de Deus. Ela é que nos leva à vontade de Deus, quando oramos com nosso coração aberto, humilde e sinceros diante do Senhor. A Bíblia diz que Deus só atende à oração que é feita segundo a Sua vontade (1 Jo 5.14). A oração não muda a vontade de Deus.

O texto que Boyd usa em seu favor vai exatamente contra seu ensinamento. Jesus, na Oração do Pai Nosso, ensinou que devemos orar para que seja feita a vontade de Deus na Terra "assim como no Céu" (Mt 6.10). Ou seja, Ele estava ensinando que a oração não é para que seja feita no Céu a nossa vontade na Terra, mas para que seja feita na Terra a vontade do Céu, a vontade de Deus. Um exemplo: 2Crônicas 7.14. Nessa passagem, está claro que quando nós mudamos, aceitando a vontade de Deus para nossas vidas, Deus nos abençoa. Não é Deus que muda Seu comportamento em nosso favor, nós é que mudamos nosso comportamento em relação a Ele, nos convertemos a Ele, buscamos a Sua presença, e então Ele, que sempre quer nos abençoar, nos abençoa. Por isso costumo dizer que Deus está mais interessado em nos abençoar do que nós em sermos abençoados por Ele. A questão é nosso comportamento, não Deus.

Objeção 6: A visão aberta não pode explicar a profecia bíblica "Eu afirmo (porque a Escritura ensina) que Deus pode e determina e prevê o futuro sempre que for adequado aos seus soberanos propósitos agir assim.

Mas eu nego que isto logicamente requer, ou que a Escritura ensina, que o futuro seja exaustivamente determinado. Deus é sábio o suficiente para ser capaz de cumprir seus propósitos enquanto concede às suas criaturas um grau
significativo de liberdade".

Análise: Sobre a primeira parte dessa afirmação, a verdade é que o futuro pode não ser exaustivamente determinado, mas é exaustivamente conhecido
por Deus, e todas as livres ações dos seres humanos que Deus permite pela Sua vontade são administradas por Ele para que não firam seus propósitos eternos.

Quanto à segunda parte da afirmação de Boyd, já falamos mais acima sobre a falácia do argumento que encontramos aqui. A liberdade de escolha do homem não tem nada a ver com limitação de poder ou de conhecimento de Deus.

Objeção 7: A visão aberta é incoerente

"Alguns argumentam que é logicamente impossível para Deus garantir aspectos do futuro sem controlar tudo sobre o futuro. Esta objeção tem sido levantada pelos calvinistas contra os arminianos por séculos e não é mais poderosa contra a visão aberta do que contra os arminianos clássicos. Tudo na vida, da nossa experiência pessoal às partículas quânticas, aponta para a verdade de que o equilíbrio previsível não exclui um elemento de imprevisibilidade".

Análise: Já falamos sobre a falácia desse argumento também. Pelo menos aqui Boyd, de passagem, assume que o Teísmo Aberto não tem nada a ver com o verdadeiro arminianismo, cuja única coisa que tem a ver com essa história toda é ter o desgosto de ver que o TA surgiu em seu meio. O TA não é arminianismo. É distorção do verdadeiro arminianismo.

Só um detalhe: Deus controla tudo sobre o futuro? Sim. Tanto os calvinistas quanto os arminianos concordam com essa afirmação, sendo que a in-
terpretam de forma diferente; já o Teís-mo Aberto não concorda com essa afir-
mação. Mas, à luz da Bíblia, Deus administra as ações livres dos seres humanos.

Quanto a essa história de relacionar de forma equivocada a Física Quântica à Bíblia, sugerindo que há coisas que são imprevisíveis para Deus, já falamos

Objeção 8: A Escritura usada para apoiar a visão aberta pode ser interpretada como antropomorfismos fenomenológicos

"Esta declara que estas passagens são uma maneira humana de falar sobre coisas que parecem ser não como elas verdadeiramente são. Entretanto, nada no contexto destas Escrituras, cobrindo uma variedade de públicos, autores e contextos, sugere que sejam. Não há nenhuma razão para ler nestas descrições das ações de Deus qualquer coisa diferente da que sua mais natural explicação. Como podem relatos sobre o que Deus estava imaginando ser fenomenológicos (Jr 3.6,7; Jr 19-20; Êx 33.17)? E do que eles seriam considerados como antropomórficos?"

Análise: O "arrependimento" de Deus trata-se, sim, de uma linguagem antropomórfica para explicar a relação de Deus com o homem. Não significa dizer que Deus é como o homem. A própria Bíblia nega isso contundente-mente (Nm 23.1 9). O antropomorfismo é um recurso linguístico milenar que foi usado não só na Bíblia. Inclusive, nas Sagradas Escrituras encontramos muitos outros recursos linguísticos antiquíssimos. Desprezar esse fato é forçar uma contradição na Bíblia (compare 1 Samuel 15.10,11 com 15.39, por exemplo). É claro o uso desse recurso nas Sagradas Escrituras. Não se trata de um critério usado ao bei prazer, só em algumas passagens, para atender ao gosto do intérprete da Bíblia (como dizem Boyd e outros). Não perceber esse recurso claro no texto bíblico não só é desonesto como força uma interpretação de Deus que choca-se frontalmente com todo o resto do que a Bíblia diz sobre Ele.

Arrependimento significa "mudança de atitude". Ora, quando a Bíblia diz, em linguagem antropomórfica, que "Deus se arrependeu", está afirmando, portanto, que Ele, por causa de nossa mudança de atitude diante dEle, mudou Sua ação sobre nós, não Sua vontade.

Deus não muda. Ele continua sendo o que sempre disse que era. Nós é que muitas vezes deixamos de ser ou fazer e, à medida que mudamos, Sua ação sobre nós também muda. Não Sua vontade. Deus está sempre no mesmo lugar, nós é que nem sempre estamos no mesmo lugar onde Ele está (Sua vontade). Ele não muda, nós é que mudamos e sofremos as consequências naturais disso. Suas ações mudam na medida em que nós saímos do lugar em que Deus sempre esteve e nunca vai sair (Ml 3.6). E os textos que Boyd cita não contradizem isso. No último texto bíblico citado, lembremos que todas as orações de Moisés que Deus atendeu foram dentro da Sua vontade, não contra a Sua vontade.

Objeção 9: A visão aberta diminui a soberania de Deus

"Pelo contrário, ela exalta a soberania de Deus. Após descrever um iminente

julgamento, o profeta Joel afirma, "ainda assim, agora mesmo diz o Senhor: Convertei-vos a mim de todo o vosso coração; e isso com jejuns, e com choro, e com pranto. E rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e convertei-vos ao Senhor vosso Deus; porque ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-se, e grande em benignidade, e se arrepende do mal. Quem sabe se não se voltará e se arrependerá, e deixará após si uma bênção..." (Jl 2.12-14)".

Análise: Bem, já vimos que não exalta. Pelo contrário, diminui Deus. E o texto que Boyd cita não o ajuda. A interpretação desse texto é clara e pode ser feita facilmente à luz do que já explicamos principalmente nas análises às respostas dele às objeções 5 e 8.

Como vemos, os argumentos de Boyd são um exemplo clássico de como um discurso envernizado e com tom piedoso pode esconder terríveis erros doutrinários e de lógica que só enganam os mais desatentos. Sejamos como os bereanos (At 17.11).

Os erros de interpretação da Teoria de Kenosis

ma antiga e equivocada interpretação sobre Filipenses 2.7 tem sido ressuscitada e propagada em nossos dias com o objetivo de sustentar o falso ensinamento de que Deus se "esvazia" de seus atributos para se relacionar com seus filhos. A interpretação que serve de base para esse ensinamento é denominada Teoria de Kenosis, que consiste na afirmação de que
Jesus, quando estava aqui na Terra, esvaziou-se de seus atributos naturais, tais
como onisciência e onipotência.

A Teoria de Kenosis, como foi batizada por seus proponentes no século XIX, baseia-se exclusivamente em uma frágil interpretação de uma expressão usada na passagem de Filipenses 2.7. É quando Paulo diz que Jesus "esvaziou- se" ou "aniquilou-se a si mesmo". No original grego, o termo usado nessa passagem de Filipenses é *ekenosen,* daí o nome dado a essa teoria.

Essa teoria não erra ao afirmar que houve *ekenosen,* mas erra ao tentar definir o que teria sido a *ekenosen.* Ou seja, *ekenosen* ou kenosis (forma aportuguesada) aconteceu, mas não como afirma a teoria que leva o seu nome.

Defensores de teologias liberais, como o Teísmo Aberto (infelizmente já popular em nosso país), por extensão, afirmam que esse "esvaziamento" não se deu apenas na encarnação de Cristo, mas também em outros momentos da História, como nos casos dos supostos arrependimentos literais de Deus. Segundo esse pensamento, Deus, para se relacionar com o ser humano, para "respeitar o livre arbítrio", de vez em quando ainda se "esvazia" de seus atributos hoje. E nas teofanias do Antigo Testamento, Ele teria feito o mesmo.

ARREPENDIMENTO DIVINO

Para começar, o "arrependimento" de Deus trata-se, sim, de uma linguagem antropomórfica para explicar a relação de Deus com o homem. Não significa dizer que Deus é como o homem. A própria Bíblia nega isso contundentemente (Nm 23.19). O antropomorfismo é um recurso linguístico milenar que foi usado não só na Bíblia. Nas Sagradas Escrituras, encontramos muitos outros recursos linguísticos muito antigos e o antropomorfismo é só um deles. Desprezar esse fato é forçar uma contradição bíblica. Compare, por exemplo, lSamuel 15.10,11 com 15.29.

"Então veio a Palavra do Senhor a Samuel dizendo: Arrependo-me de haver posto Saul como rei; porquanto deixou de me seguir, e não executou as minhas palavras. Então Samuel se contristou e toda a noite clamou ao Senhor" (1Sm 15.10,11).

"E também aquele que é a Força de Israel não mente nem se arrepende, porquanto não é um homem para que se arrependa" (1Sm 15.29).

Pergunto: por esses dois textos, qual arrependimento é metafórico: o do primeiro texto ou o do segundo?

Se o segundo texto diz claramente que Deus "não é um homem para que se arrependa" e a idéia de arrependimento expressa nele é apresentada como a outra opção - além da mentira - para alguém voltar atrás ("não mente nem se arrepende"), logo é óbvio que o arrependimento nesse texto é no sentido literal e o do primeiro texto é claramente metafórico.

É claro o uso do antropomorfismo nas Sagradas Escrituras. Não perceber esse recurso claro no texto bíblico não só é desonesto como força uma interpretação de Deus que se choca frontalmente com todo o resto do que a Bíblia diz sobre Ele.

Arrependimento significa "mudança de atitude". Ora, quando a Bíblia diz, em linguagem antropomórfica, que "Deus se arrependeu", está afirmando,

portanto, que Ele, por causa de nossa mudança de atitude diante dEle, mudou sua ação sobre nós, não Sua vontade. Deus não muda. Ele continua sendo o que sempre disse que era. Nós é que muitas vezes deixamos de ser ou fazer e, à medida que mudamos, sua ação sobre nós também muda. Não Sua vontade. Deus está sempre no mesmo lugar, nós é que nem sempre estamos no mesmo lugar onde Ele está (Sua vontade). Ele não muda, nós é que mudamos e sofremos as consequências naturais disso. Suas ações mudam na medida em que nós saímos do lugar em que Deus sempre esteve e nunca vai sair (Ml 3.6).

"ESVAZIOU-SE"

A Teoria de Kenosis é de uma fragilidade enorme, porque ela já nasceu apoiada em uma miragem, em uma base que não existe. O próprio versículo usado para, sobre ele, ser erigida essa teoria simplesmente desaprova-a.

Filipenses 2.7 não está dizendo que Jesus esvaziou-se de seus poderes divinos, mas sim da sua glória, isto é, da sua dignidade divina. Nesse sentido, Jesus "tornou-se a si mesmo insignificante" (como frisam os teólogos James Packer e Bruce Milne). Jesus se esvaziou de sua glória celeste, não de seus atributos. Os atributos de Jesus continuavam com Ele e em atividade. Há muitas passagens nos Evangelhos que provam que seus atributos estavam em plena atividade (Jo 1.48; 2.24,25; 18.6).

O texto de Filipenses fala claramente do esvaziamento da glória, inclusive
frisando isso na expressão "tomando a forma de servo" (Fp 2.7). Aliás, o contexto dessa passagem mostra Paulo falando da necessidade dos crentes serem humildes (Fp 2.3,4) e, para exemplificar o que estava ensinado, evocou
o exemplo de Cristo (Fp 2.5-8). Por isso que *ekenosen* também é traduzido nessa passagem com "humilhou-se", porque a alusão que Paulo faz aqui é à humildade de Cristo, a um auto-esvaziamento de Sua dignidade. Em 2

Coríntios 8.9, Paulo deixa isso ainda mais claro ao dizer que Jesus, "sendo rico, por amor de vós se fez pobre" em Sua encarnação.

Se Jesus tivesse vindo esvaziado de Seus atributos, isso significaria a perda, mesmo que momentânea, de sua divindade, o que não tem base na Bíblia (Jo 20.31).

Quando encarnou, Jesus não renunciou suas funções e atributos divinos. Esse princípio da cristologia bíblica foi bastante defendido, à luz da Bíblia, pelos reformadores ainda no século XVI e consiste no fato de que, enquanto

Jesus estava aqui na Terra, Ele continuava com suas funções de sustentador de todas as coisas (Cl 1.17 e Hb 1.3). Jesus também permaneceu superior aos anjos, porque, mesmo sendo homem, continuava sendo o que sempre foi e será: Deus (Mt 26.53 e Hb 1.4-13).

Defintivamente, repito, o esvaziar-se não foi em relação a seus atributos, mas em relação à sua glória. Esvaziar-se em relação a Seus atributos significaria deixar de ser Deus, seria esvaziar-se de sua divindade, pois são esses atributos que fazem Deus ser Deus. São esses atributos naturais que o distinguem, e eles são destacados em toda a Bíblia. Se Deus limita o seu poder, Ele limita seu próprio Ser.

A COMPREESÃO CERTA SOBRE OS ATRIBUTOS DIVINOS DE CRISTO NA SUA ENCARNAÇÃO

O nascedouro da Teoria de Kenosis foi a Teologia Liberal. Quem esboçou essa teoria pela primeira vez foi o bispo anglicano Charles Gore em 1889. O motivo para elaborá-la e defendê-la foi responder aos críticos (teólogos liberais) do século XIX porque Jesus era "ignorante" em relação à autoria do Velho Testamento (já que Jesus afirma que quem escreveu o Pentateuco foi Moisés - Lc 24.27). Naquela época, a alta crítica questionava se Moisés era mesmo o autor do Pentateuco. Gore, então, elaborou a "Teoria de Kenosis", nome com o qual a batizou, para dizer que Jesus errou porque Ele havia se esvaziado de seus atributos divinos em Sua encarnação, por isso estava sujeito a desconhecimentos, o que é um absurdo, já que o texto de Filipenses 2.7 refere-se a um esvaziamento da glória e dignidade divinas. Jesus mesmo explicou isso em João 17.5: "A glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo". Foi dessa glória que Ele se esvaziou na Sua encarnação, e não de seus atributos.

Jesus exerceu, por exemplo, sua onisciência e onipresença em vários momentos (Mt 17.27; Lc 22.31-34; Jo 1.47-49; 4.15,29; 11.11-13; 21.17). Aquele que desceu é o mesmo que subiu (Ef 4.10).

Enfim, o que Gore fez, infelizmente, foi tentar acomodar a Bíblia ao liberalismo teológico de sua época.

Sobre a relação entre a humanidade de Cristo e Seus atributos divinos em sua encarnação, o que alguns textos bíblicos mostram, na verdade, é Jesus, em algumas situações, limitando o exercício de alguns de Seus atributos, e

não os Seus atributos. Um texto clássico para mostrar isso é Marcos 13.32, que traz palavras de Jesus também registradas em Mateus 24.36. O texto diz: "Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai". Não há como forçar essa passagem para dizer que, pelo menos ela, provaria um "esvaziamento" dos atributos, não só porque há textos que mostram Jesus usando seus atributos divinos (o que já mostramos e deixam claro que em Marcos 13.32 há apenas uma limitação do exercício do atributo da onisciência), mas também porque esse texto, segundo alguns expositores bíblicos, poderia nem mostrar, na verdade, limitação alguma da onisciência de Jesus.

A explicação desse texto que parece ser a mais correta é justamente a mais popular: a de que Jesus, em Sua encarnação, limitou o exercício de Sua onisciência especificamente no que diz respeito à data e ao horário da Sua Segunda Vinda. Essa explicação é a que parece mais viável, porém há outra explicação para esse texto, também aceita por teólogos sérios. O vocábulo grego traduzido em Marcos 13.32 como "saber" pode ser também traduzido como "revelar" ou "fazer conhecido". Aliás, esse mesmo vocábulo aparece, por exemplo, em 1 Coríntios 2.2 com esse sentido. Logo, o texto estaria dizendo não que Jesus não sabia, mas que não convinha a Ele revelar, nem anjo algum poderia revelar, porque o Pai não havia lhes dado essa prerrogativa.

O Sermão Profético de Jesus, onde Ele afirmou que nem os anjos nem Ele "sabem" a data e o horário da Sua Segunda Vinda, foi provocado por uma pergunta dos discípulos Pedro, Tiago, João e André, que queriam saber quando é que seria a Segunda Vinda de Jesus e o final dos tempos. Ora, Jesus não podia revelar quando seria, nem nenhum anjo pode revelar isso (se um anjo aparecer a alguém hoje "revelando" tal coisa, este é falso), já que (como Ele voltaria a frisar em Atos 1.7) o Pai, que estabelecera a data e o horário, não permitira. Porém, Jesus poderia revelar os sinais da proximidade da sua Segunda Vinda e como seria esse evento, o que fez (Mt 24).

Jesus não revelaria a data e o horário porque isso provocaria, claro, consequências negativas. Já imaginou se todo mundo soubesse quando, exatamente, Jesus voltaria? Mas, além das terríveis consequências, Jesus também não poderia revelar, nem anjo algum pode, porque o Pai não permitiu - por razões óbvias e também porque o ofício de Jesus na Terra não incluía tal licença.

João Calvino, em seu comentário sobre Mateus 24.36, afirma: "Eu não tenho dúvida que Jesus aqui se refere ao ofício designado para Ele pelo Pai, como em outra ocasião, quando Ele diz que não esperassem Ele colocar esta ou aquela pessoa à sua direita ou à sua esquerda (Mt 20.23)". No texto citado

por Calvino, Jesus diz: "...mas o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não me pertence dá-lo, mas é para aqueles para quem meu Pai o tem preparado". Continua Calvino: "Jesus não está dizendo absolutamente que isso não está no seu poder, mas o significado era que Ele não tinha sido enviado pelo Pai com essa comissão [autorização, licença] enquanto Ele vivia entre os mortais". Mesmo afirmando isso, Calvino não via problema se o vocábulo fosse tomado no sentido de "saber" e não de "fazer saber", já que Jesus poderia ter restringido o exercício desse conhecimento, mas, após a ressurreição, esse conhecimento não teria sido mais restringido (Mt 28.18; Jo 17.5).

Matthew Henry lembra ainda que a expressão "Filho" se refere à missão de Jesus como Messias; logo, devido às prerrogativas de sua missão específica, Jesus poderia ter restringido o exercício desse conhecimento.

Enfim, Jesus, voluntariamente, em submissão ao Pai, ou restringiu-se de informar a data e a hora desse Evento (para os que preferem a tradução "fazer saber", o que é possível no texto) ou restringiu o exercício do seu conhecimento especificamente nesse caso da data e do horário de Sua Vinda (para os que preferem a tradução "saber", claramente viável também).

No comentário bíblico de Marcos dos teólogos Jamieson, Fausset e Bro- wn, eles lembram que os que pensam a favor da primeira interpretação (a que prefiro, o que não significa que descarto totalmente a segunda opção) são a maioria dos Pais da Igreja (entre eles Crisóstomo), Lutero, Melanchton (e a maioria esmagadora dos teólogos luteranos), Bengel, Lange, Webster e Wilkinson, só para citar os nomes mais conhecidos; e propõem a segunda interpretação nomes célebres como Calvino, Grotius, De Wette, Meyer, Fritzsche, Stier, Alford e ainda Alexander.

Seja como for, é claro que o "esvaziamento" de Jesus não foi em relação a Seus atributos, mas em relação à sua glória. E como explica o teólogo escocês Bruce Milne, se não fosse assim, se Deus Filho encarnado carecesse de algum atributo, Ele imediatamente falharia em três pontos absolutamente fundamentais em relação à Salvação: (1) a revelação (sendo menos que Deus, não poderia revelá-lo verdadeiramente); (2) a redenção (sendo menos que Deus, não poderia mais nos reconciliar com Ele); e (3) a intercessão (se a união com a natureza humana diminui necessariamente a natureza divina, o Senhor exaltado não poderia "levar ao céu uma face humana" e sua intercessão como sumo sacerdote ficaria automaticamente inválida).

Não inventemos teorias forçosas para encaixar ou apoiar nossos devaneios c quimeras no texto bíblico. Aceitemos simplesmente o que a Bíblia nos diz. Que nossas afirmações sejam absolutamente escriturísticas.

CAPÍTULO 9

A falácia do evangelho da auto-ajuda

ão há sombra de dúvidas de que o pastor batista Rick Warren, 53 anos, é o mais influente líder evangélico dos Estados Unidos em nossos dias. Em 2005, uma matéria de capa da revista americana semanal *Times* (edição de 7 de fevereiro de 2005) apontou os 25 evangélicos mais influentes nos EUA e Warren estava no topo da lista. A matéria chegou ao ponto de asseverar que Warren "será o sucessor do idoso pastor Billy Graham para o papel de ministro da América". A *Newsweek*, publicação americana de igual respeito, o considerou recentemente uma das 15 pessoas mais influentes nos Estados Unidos. A igreja liderada por Warren[NT] é um fenômeno de crescimento (cerca de 30 mil membros em pouco mais de 20 anos de existência) e seu livro *Uma vida com propósito*, um fenômeno de vendas. Foram 25 milhões de exemplares vendidos desse único livro em apenas cinco anos, e isso só nos EUA. Nenhum outro livro evangélico da História vendeu mais em tão pouco tempo do que esse livro.

Porém, fato é também que a mais nova "coqueluche" evangélica nos Estados Unidos não é mais Warren e sua "Igreja com Propósito", mas um jovem pregador sorridente, esguio e com expressão frágil, que prega uma mensagem recheada de auto-ajuda. Estou falando do,pastor Joel Osteen, 44 anos, líder da Lakewood Church, em Houston, Texas. Ele foi eleito "O mais influente cristão da América" no ano de 2006 e uma das dez pessoas "mais fascinantes, queridas, amadas e simpáticas dos EUA" em nossos dias. Warren, sem dúvida, continua a ser extremamente influente (apesar de muitas críticas pertinentes a alguns de seus posicionamentos), mas agora Osteen aparece com destaque ao seu lado na mídia secular e evangélica da América.

Bem, se Joel Osteen está tão em alta por lá, quem é ele exatamente? Aqui no Brasil já ouvimos falar muito de Warren. Mas quem é Joel Osteen? Qual a sua história? Qual a sua mensagem? Qual seu perfil?

ASCENSÃO METEÓRICA

A história de Joel Osteen é marcada por uma ascensão tão meteórica quanto a de Warren. Se não, vejamos.

A Igreja de Lakewood foi fundada por seu pai, John Osteen, um pastor da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos que recebeu o batismo no Espírito Santo nos anos 50 e, por isso, foi forçado a sair de sua denominação, fundando com sua esposa Dodie, no segundo domingo de maio de 1959, no Dia das Mães norte-americano, a referida igreja.

Uma das grandes marcas e virtudes da Igreja de Lakewood desde a sua fundação é a ênfase na diversidade. A membresia da igreja mistura negros, brancos, hispânicos, etc, sendo um exemplo para outras igrejas. Outro destaque é a dedicação, desde o início, com a divulgação do evangelho por todos os tipos de mídia: rádio, tevê, internet. Basta lembrar que, pouco tempo depois de inaugurar a igreja, o casal John e Dodie também fundou o programa de televisão semanal da Igreja de Lakewood, numa época em que programas evangelísticos na tevê não eram ainda tão comuns nos EUA. Em poucos anos, o programa chegou a alcançar 100 milhões de casas por semana nos Estados Unidos.

A Igreja de Lakewood sempre promoveu cruzadas, conferências e distribuição semanal de alimentos aos mais carentes, além de sempre apoiar obras missionárias pelo mundo. Porém, foi só a partir de 1999 que a igreja sofreu um "boom", exatamente com a chegada de Joel à liderança. Naquele ano, o

pastor John Osteen faleceu, deixando a esposa, seus seis filhos e a igreja com
6 mil membros. Para dirigir o trabalho, a igreja escolheu o filho mais jovem dos Osteen, Joel, que, apesar de ainda incipiente, era querido por toda a igreja.
Assim, aos 36 anos de idade, mesmo só tendo pregado até aquele momento um sermão em toda a sua vida e concluído apenas o primeiro semestre do Curso de Teologia da Universidade Oral Roberts, Joel foi ordenado pastor e
empossado como novo líder da Igreja de Lakewood.

Quando Joel assumiu a liderança, sua única experiência era na área de mídia e nos bastidores da administração eclesiástica de sua igreja. Ele ajudara
seu pai durante 17 anos na produção do programa de televisão semanal e na
administração da igreja. Agora, porém, teria que fazer mais do que isso. E conseguiu.

Joel Osteen começou a pregar, mesmo com seu jeito tímido, e sua mensagem e estilo foram bem recepcionados pelo povo. O seu estilo sóbrio logo cativou. Aliás, ao ouvi-lo, logo sobressaem nele quatro características: ele não
alteia a voz em nenhum momento da mensagem, fala sempre calma e amomsamente, sorri o tempo todo e tem um raciocínio rápido. Com esse estilo e uma mensagem sempre "de esperança e inspiracional", como ele mesmo costuma definir, Joel Osteen foi conquistando as pessoas.

Com a ajuda da família, que permanece até hoje plenamente integrada ao
ministério da igreja, com cada um liderando algum departamento (sua mãe,
por exemplo, lidera o departamento de intercessão e sua esposa, o departamento
feminino), Joel viu a membresia de sua igreja saltar incrivelmente de 6 mil pessoas
em 1999 para dezenas de milhares em 2007, tornando-se hoje uma das maiores
igrejas evangélicas não-denominacionais dos EUA em quantidade de membros.
Devido ao crescimento, ele teve que inaugurar em 2005 o novo templo-sede do

100 milhões de casas, agora é assistido por quase 200 milhões de residências nus EUA toda semana.

Joel Osteen também é um fenômeno de vendas nos EUA. Em outubro de 2004, ele lançou seu primeiro livro: *Your* ***Best Life Now:*** *7 Steps* ***to Living at Your Full Potential*** ("O melhor de sua vida agora: sete passos para viver plenamente seu potencial" — o livro foi lançado no Brasil recentemente com uma pequena variação em seu título). Simplesmente, o livro encabeçou alista dos mais vendidos do jornal ***The New York Times*** durante meses. Foi o número um de vendas atè pouco tempo. O livro já vendeu mais de 4 milhões de exemplares em menos de três anos e ainda está onipresente nas livrarias.

Recentemente, vi seu livro em destaque em livrarias seculares em Atlanta, New Jersey e Nova York. Vi também pessoas lendo seus livros no metrô de Nova York. Para onde virava, lá estava Joel Osteen, com seu rosto sorridente estampado na capa dos livros. O sucesso é tamanho que seu livro seguinte, meses antes de ser publicado, já estava com sua primeira tiragem confirmada: nada menos que três milhões de exemplares.

Depois que Joel Osteen assumiu a liderança da Igreja de Lakewood, esta também passou a ser muito conhecida pelos louvores. Seu coral e grupos de louvor gravaram vários CDs de sucesso nos últimos cinco anos, vendendo mais de um milhão de cópias. Vale ressaltar ainda que o maior nome na área de louvor e adoração no mundo evangélico hispânico pertence ao ministério de Lakewood: o pastor Marcos Witt.

Sentindo o crescimento de seu ministério, Osteen resolveu investir em cruzadas pelo mundo. Ele realizou recentemente suas quatro primeiras cruzadas: no Canadá, Irlanda, Inglaterra e Israel. Na Inglaterra, pregou a uma audiência de 6 mil pessoas. O nome de suas cruzadas é "Uma noite de esperança e inspiração".

Bem, mas já está na hora de fazermos uma avaliação crítica sobre o ministério de Osteen. E, ao fazê-la, infelizmente, ficamos tristes.

OS DESVIOS DE JOEL OSTEEN, O EVANGELISTA DA AUTO-AJUDA

Joel Osteen é conhecido nos Estados Unidos como "o evangelista da auto-ajuda", pois seria no seu estilo de pregação que reside todo o seu sucesso meteórico.

Não sei se foi por isso, mas a revista ***Veja,*** em edição de 12 de julho de 2006, publicou uma matéria de capa sobre os "pregadores evangélicos de auto-ajuda

no Brasil" justamente na época em que Osteen estava sendo badalado na mídia norte-americana como "pregador da auto-ajuda". Teria a revista *Veja* notado essa tendência nos Estados Unidos e procurado descobrir o mesmo aqui no Brasil (às *vezes* com acerto, às vezes não)? Bem, não sabemos, mas fato é que Osteen inaugurou uma tendência nos Estados Unidos que pode ou não estar influenciando alguns pregadores por aqui. É verdade que Osteen ainda não é muito conhecido no Brasil, mas provavelmente é conhecido por alguns pregadores brasileiros que viajam à América. Também é verdade que nem todos os pregadores influenciados por Osteen seguem todos os seus posicionamentos, mas o imitam em muitas coisas.

No que consiste o evangelho da auto-juda? Basicamente, consiste em quatro pontos, todos eles tremendamente falhos. Alguns evangelistas da auto-ajuda, como já falamos, seguem todos esses pontos (que têm em Osteen sua maior expressão), outros só observam alguns deles. Vejamos cada um desses erros.

OS ERROS DO EVANGELHO DA AUTO-AJUDA

Em primeiro lugar, o evangelho da auto-ajuda consiste no uso da Bíblia para pregações unicamente motivacionais.

Os evangelistas da auto-juda não pregam a inteireza da mensagem bíblica. Apenas apresentam as Escrituras como um aglomerado de histórias inspirativas e frases de auto-ajuda. "Todo o conselho de Deus" (At 20.27) não é apresentado, mas apenas aquelas passagens cujo conteúdo pode ser usado como material motivacional, para extrair lições que venham ajudar as pessoas a superar conflitos pessoais corriqueiros, que oriente as pessoas sobre pequenas questões do dia-a-dia.

Ora, a Bíblia não é um livro de auto-ajuda. Ela, sem dúvida, também derrama
luz sobre algumas questões cotidianas, mas as Escrituras são, antes de tudo, um
conteúdo inspirado por Deus com os objetivos de (1) exposição doutrinária e de
(2) apresentação de fatos relatados com intenções informativas, elucidativas e dou-
trinárias. Além do mais, esse conteúdo deve ser usado para redarguir (argumentar,
desmascarar e responder), corrigir (retificar, repreender, acertai; restaurar) e instruir
(ensinar, lecionar, doutrinar), como Paulo explica em 2 Timóteo 3.16.

O mesmo Paulo roga para que o conteúdo bíblico-doutrinário seja preservado
em sua inteireza: "Também vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho
anunciado; o qual também recebestes, e no qual também permaneceis. Pelo qual

crestes em vão. Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (1 Co 15.1-4).

A Igreja não precisa de "Lair Ribeiros". Precisamos de genuínos pregadores do evangelho, que falem não só sobre as necessidades nossas do cotidiano, mas sobre a integralidade do evangelho, de todas as suas nuances doutrinárias para o nosso crescimento espiritual.

Em segundo lugar, os evangelistas da auto-ajuda normalmente não pregam sobre o pecado. Evitam esse assunto (não são todos que o fazem, mas a maioria o faz).

As principais críticas relacionadas ao ministério de Joel Osteen nos Estados Unidos dizem respeito exatamente ao fato de que ele, curiosamente, não prega sobre arrependimento. E o detalhe é que, ao ser confrontado recentemente sobre esse assunto, Osteen se defendeu afirmando que não gostava de "pregar sobre o pecado". Ora, a mensagem do evangelho não se resume a falar sobre o pecado. Esse é só um dos pontos, e um ponto necessário, já que sem arrependimento não há transformação real de vidas. O problema é que Osteen, deliberadamente, evita pregar "todo o conselho de Deus", como diz a Bíblia, o que não é saudável para o crescimento espiritual de quem o ouve.

Como já vimos, Paulo diz que o conteúdo bíblico é para redarguir, corrigir e instruir, e acrescenta: "Para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda a boa obra" (2 Tm 3.17). Quem prega uma mensagem bíblica incompleta vai criar crentes que não estão "perfeitamente instruídos para toda a boa obra". Devemos crescer na graça e no conhecimento (Os 6.3 e 2 Pe 3.18).

Além do Antigo Testamento falar sobre o pecado, os evangelhos e as epístolas apresentam Jesus e Seus discípulos falando sobre o pecado (Jo 3.3-5; 8.34; Rm 3.23; 5.8-9; 6.23).

"E, depois que João foi entregue à prisão, veio Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho do reino de Deus, e dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. ***Arrependei-vos***, e crede no evangelho" (Mc 1.14-15).

"E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dentre os mortos, ***e em seu nome se pregasse o arrepen-dimento e a remissão dos pecados***, em todas as nações, começando por Jerusalém" (Lc 24.46-47).

"Saiba, pois, com certeza toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo. E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, homens irmãos? E disse-lhes Pedro: ***Arrependei-vos***, e cada um de vós seja batizado

em nome de Jesus Cristo, para *perdão dos pecados*, e recebereis o dom do Espírito Santo" (At 2.36-38).

"Esta é uma *palavra fiel, e digna de toda a aceitação*, que *Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores*, dos quais eu sou o principal" (1 Tm 1.15).

Em terceiro lugar, alguns evangelistas da auto-ajuda são tímidos para afirmar publicamente doutrinas bíblicas impopulares em nossos dias. Joel Osteen, mais uma vez, é um exemplo clássico. Em 2005, em entrevista ao programa *Larry King Live*, perguntado se só havia salvação em Jesus, Osteen evitou afirmar isso (Jo 14.6), preferindo dizer que "Deus conhece o coração das pessoas". Porém, em 2006, de volta ao *Larry King Live*, aproveitou para retratar-se devido às críticas que sofreu no meio evangélico por essa declaração. Na ocasião, disse: "Creio que o relacionamento pessoal com Cristo é o único caminho para o Céu". Em outras palavras, muitos evangelistas da auto-ajuda, preocupados com sua imagem diante do mundo, preocupados em parecer "legais", emudecem ou tergiversam diante de pontos doutrinários impopulares em nossos dias. Preocupam-se mais com suas imagens do que com a Verdade.

Em quarto lugar, o flerte com a Teologia da Prosperidade e a Confissão Positiva. Por pregarem mensagens motivacionais, os evangelistas da auto-ajuda costumar flertar com essas bizarrias doutrinárias tão próprias do neopentecostalismo.

Em setembro de 2006, a revista *Times* publicou uma matéria de capa sobre a Teologia da Prosperidade, apresentando um debate no meio evangélico norte- americano sobre se essa doutrina é um mal ou um bem para o cristianismo. A matéria citava que há "três mega-igrejas pentecostais nos EUA" que são hoje as maiores representantes da Teologia da Prosperidade: as igrejas dos pastores negros neopentencostais T. D. Jakes e Creflo Dollar, e a Igreja de Lakewood, de Joel Oste- en. Na matéria, os dois pastores destacados para falar sobre o assunto foram Rick Warren e Joel Osteen. Warren bateu firme na Teologia da Prosperidade. Osteen, por sua vez, disse que sua visão sobre a prosperidade na vida do cristão não era tão radical como seus críticos afirmavam. A revista *Christianity Today* reverberou a matéria da *Tmies*, escrevendo uma nota intitulada *Joel Osteen versus Rick Warren on Prosperity Gospel.*

A matéria da *Times* começava apresentando uma pesquisa que informa que 17% dos cristãos nos EUA se dizem adeptos da Teologia da Prosperidade, 61% dos cristãos dizem que creem que Deus quer que todas as pessoas sejam prósperas e 31 % acreditam que quem é fiel nos dízimos e constantemente oferta para a obra de Deus receberá acréscimos financeiros de Deus. Em seguida, Warren é perguntado sobre se Deus quer que todos sejam ricos. Como forte opositor da Teologia da Prosperidade que é (ainda bem!), ele foi contundente: "Você está falando dessa

idéia de que Deus quer que todos sejam bem-sucedidos financeiramente? Há uma palavra para descrevê-la: 'balela'. Isso é criar um falso ídolo. Você não pode medir seus valores sobre si mesmo pelo conjunto de valores materiais que você tem. Posso mostrar a você milhões de seguidores fiéis de Cristo que vivem em pobreza. Por que nem todos nas igrejas são milionários?"

Osteen, por sua vez, apontado como adepto da Teologia da Prosperidade, ao ser perguntado, procurou fugir do rótulo, dizendo que a prosperidade que prega não é exatamente a mesma que se propala: "Se Deus quer que sejamos ricos? Quando escuto a palavra 'rico' para se referir criticamente ao que prego, acho que as pessoas querem dizer: 'Ele está ensinando que todos vão ser milionários'. Mas não é isso que estou dizendo. Eu prego que as pessoas podem melhorar suas vidas. Penso que Deus quer que sejamos prósperos. Acredito que Deus quer que sejamos felizes. Para mim, as pessoas precisam ter dinheiro para pagar suas contas. Creio que Deus quer que enviemos nossos filhos para a escola. Creio também que Ele quer que sejamos bênção para outras pessoas. Eu não estou dizendo que Deus quer que sejamos todos ricos. Aliás, esse negócio de riqueza é relativo". Apesar de certa lógica em sua afirmação, fato é que Osteen realmente flerta com a Teologia da Prosperidade. Basta ouvir duas ou três mensagens dele para perceber isso.

Os evangelistas da auto-ajuda costumam namorar com a Confissão Positiva e a Teologia da Prosperidade, e isso é um perigo.

"Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos, e se apartem da simplicidade que há em Cristo. Porque, se alguém for pregar-vos outro Jesus que nós não temos pregado, ou se recebeis outro espírito que não recebestes, ou outro evangelho que não abraçastes, com razão o sofrereis" (2 Co 11.3-4).

"Porque muitos há, dos quais muitas vezes vos disse, e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo, cujo fim é a perdição; cujo Deus é o ventre, e cuja glória é para confusão deles, ***que só pensam nas coisas terrena"*** (Fp 3.18-19).

Quando um pregador do evangelho se torna apenas um pregador de auto-

ajuda, ele já perdeu o foco do seu dever à luz da Bíblia. Auto-ajuda (ou ajuda do alto, que é melhor ainda) tem lá sua importância, mas deixemos a auto-ajuda para os "Augustos Curys" da vida. Nosso compromisso é com a Palavra de Deus em sua inteireza. Para o nosso bem e, principalmente, para a saúde e crescimento espiritual dos que nos ouvem.

"Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas, porque, fazendo isto, te salvarás tanto a ti mesmo como aos que te ouvem" (1 Tm 4.16).

Capítulo 10

Princípios para uma reflexão teológica sadia

Diz a Bíblia que, certa vez, Isaque, filho de Abraão, devido ao fato de ter sido grandemente abençoado por Deus, tornou-se alvo de inveja por onde passava. E a Bíblia informa que a situação era tão séria que Isaque foi forçado a se mudar o mais rapidamente possível com sua família, servos
e bens. Saiu correndo e, em sua peregrinação, chegou ao Vale de Gerar (Gn 26).
Chegando ali, não pensou duas vezes: resolveu fazer daquele vale a sua habitação.
Mas, havia um grande problema. Era um período de grande seca na região e o
lugar era extremamente seco. Não havia água. Que fazer, então?

Diz a Bíblia que, naquele momento de crise, Isaque percebeu que a melhor saída seria voltar ao passado. Ele lembrou-se que seu pai, Abraão, muitos anos antes, havia habitado aquela região e resolvera o problema da sequidão cavando poços. O patriarca resolveu, então, dar ordem aos seus servos para reabrirem os poços cavados por seu pai e entulhados pelos

filisteus. Ao final daquele empreendimento, todos os poços jorraram águas puras e Isaque e sua família prosperaram naquela região.

A grande lição que aprendemos nessa experiência vivenciada por Isaque em suas peregrinações é que, quando a crise chega, quando a sequidão espiritual bate à porta, a melhor coisa a fazer não é partir para qualquer medida inédita, mas considerar o exemplo do passado, representado nessa passagem bíblica pelos antigos poços.

Por que estou ressaltando esse ponto nessa passagem?

Porque entendo que, ilustrativamente, isso tem tudo a ver com o momento que a igreja evangélica brasileira está vivendo. Muitos cristãos sinceros, em busca do fim da sequidão, com o objetivo de saciar a sede espiritual, têm buscado fórmulas mágicas de crescimento espiritual, têm procurado abrir novos poços, pensando que essa é a saída, mas o que têm encontrado mesmo são poços que, quando dão água, trata-se de águas contaminada.

O que precisamos mesmo não é de novos poços, mas de reabrirmos os poços abertos por Deus no passado e que foram entulhados pelos filisteus, ou seja, pela frieza espiritual, pela influência da Pós-modernidade e pelo avanço da impiedade. Em outras palavras: a Igreja no Brasil precisa de um avivamento. Sim, de um avivamento! E o que é um avivamento?

Avivamento é a ressurreição do que antes estava vivo. Avivamento espiritual é um redescobrimento de preciosidades esquecidas. É o avivamento de princípios bíblicos antes relegados. Veja o avivamento na época do rei Josias, na Bíblia. Ele foi marcado pela volta à Palavra, pela redescoberta do Livro da Lei. Veja o avivamento nos tempos de Esdras e Neemias: não foi a implementação de algo novo, mas, sim, a volta à Palavra de Deus. Todos os genuínos avivamentos posteriores ao relato bíblico também mostram isso.

Por exemplo: a Reforma Protestante do século XVI ressuscitou a Doutrina da Justificação pela Fé e deu a Palavra de Deus ao povo. Foi a redescoberta da Palavra que provocou aquele avivamento. O metodismo wesleyano do século XVIII encarnou esse princípio também, quando enfatizou a Doutrina da Santificação, que até aquela época era pouco abordada. O Movimento Pentecostal também encarnou o princípio do verdadeiro avivamento, quando fez com que a Igreja voltasse a apreciar a Doutrina do Espírito Santo, que estava relegada.

Se analisarmos sem preconceitos esses casos de avivamento genuíno registrados na Bíblia e na História, veremos que nenhum desses movimentos criou novas doutrinas, mas apenas realçaram doutrinas bíblicas esquecidas. Foram um retorno à Palavra. Porém, muitos grupos e movimentos dos últimos dias são diferentes. Via de regra, em vez de se caracterizarem por

uma volta à Palavra de Deus, infelizmente têm proposto novas doutrinas que se chocam frontalmente com as doutrinas bíblicas fundamentais, com os princípios bíblicos que fazem parte da espinha dorsal da fé cristã.

É esse erro que tem feito proliferar em nosso meio modismos como G12, Bênção de Toronto (com sua "unção do cai-cai", sua "unção do leão" e sua "unção do riso"), a Teologia da Prosperidade e a Confissão Positiva, sem nos esquecermos da ressurreição das teologias liberais, como a Teologia do Processo (que hoje se apresenta com o nome deTeísmo Aberto ou Teologia Relacional), a Teologia Narrativa e a chamada Ortodoxia Generosa. Esses ensinos espúrios têm se proliferado justamente porque cristãos, em busca de solução para suas crises teológicas, espirituais e existenciais, em vez de voltarem aos poços antigos e desentulhá-los, saem à procura de outras saídas, tentam cavar poços longe dos limites bíblicos.

A opção mais atraente para o desesperado sempre é a precipitação, abraçar a primeira teoria que se apresenta, recorrer à mais próxima alternativa que é colocada diante de nós. Porém, a Bíblia e a vida têm ensinado que a melhor coisa a fazer em situações críticas não é a implementação de medidas inéditas e/ou imediatistas, mas a volta aos princípios fundamentais da fé.

Quando a crise chega, a melhor coisa a fazer é entrar na contramão do desespero, considerar a situação, ponderar o passado e nossas referências, fazer um rastreamento em nossa mente de como e por que chegamos até aqui. Em síntese: devemos reavaliar nossa situação e voltar às nossas bases.

Jesus disse em Mateus 7.24-27, no final de seu Sermão da Montanha, que aquele que não guarda as suas palavras é semelhante ao homem que edificou sua casa sobre a areia e esta veio abaixo, e quem guarda a sua Palavra é comparado àquele que edificou sua casa sobre a rocha e, apesar de todos os ataques, ela permaneceu firme. Portanto, na esteira dessas palavras de Jesus, gostaria de destacar alguns princípios, à luz da Bíblia, que devem nortear sempre nossa reflexão teológica, para que nos mantenhamos sempre sadios teologicamente, para que nunca sucumbamos diante dos modismos teológicos de nossos dias.

Gostaria de enumerar nove critérios. Vamos a eles.

Em primeiro lugar, nunca devemos tratar doutrinas bíblicas fundamentais da mesma forma que são tratadas as doutrinas secundárias ou periféricas. Doutrinas como a divindade e a humanidade de Cristo, a doutrina da salvação, os atributos naturais e morais de Deus, a triunidade divina e a autoridade, inspiração e iner- rância das Sagradas Escrituras nunca devem ser relativizadas, pois são doutrinas esposadas na Palavra de Deus e apresentadas como verdades absolutas.

Em segundo lugar, nunca caia na tentação de viverem busca de uma "revolução teológica", do ineditismo teológico. Não seja daqueles que, como os do Areópago, "não cuidavam de outra coisa senão falar ou ouvir as últimas novidades" (At 17.21). Não se deixe hipnotizar pelos modismos, que propõe "uma alternativa melhor" ou mesmo "a verdadeira resposta", "a verdadeira saída", etc.

Como já esclarecemos, não é preciso abrir novos poços, os que já temos são suficientes. E únicos. Basta desentulhá-los para voltarem a jorrar e saciar a sede. Se tentarmos abrir novos poços, teremos que fazê-lo longe do terreno bíblico, e essa é uma atitude tresloucada, porque é apoiado sobre as Sagradas Escrituras que deve viver o cristão. E além disso, os poços abertos fora do terreno bíblico, quando dão água (quando dão!), são águas turvas, águas que contaminam e matam.

Para ser um teólogo relevante não é preciso "inventar a roda", não é preciso procurar obsessivamente a originalidade, não é preciso produzir uma nova teologia. É preciso, sim, voltar para as cisternas da Palavra, desentulhá-las, beber de suas águas cristalinas e dá-las ao povo.

Além do mais, posso ser original sem ser heterodoxo. Ser original não significa necessariamente ser heterodoxo. E outro detalhe: é extremamente fácil ser original "chutando" a ortodoxia para o alto. Não precisa ser criativo para ser heterodoxo. A verdadeira criatividade, a brilhante originalidade, se vê em pessoas que conseguem ser criativas, significativas e marcantes sem deixarem de ser ortodoxas.

Em terceiro lugar, não ceda à tentação de, ao buscar podar as pontas de um galho, cortar todo o galho. Às vezes, o galho está precisando ser podado mesmo. Em alguns momentos, há pontos que necessitam realmente ser aparados doutrinariamente. Porém, muitos, no arroubo de fazerem isso, acabam radicalizando e cortando tudo fora. Vão além da conta, jogam fora o essencial junto com o pernicioso. Como se diz popularmente, jogam fora a água do banho juntamente com o bebê.

1 Tessalonicenses 5.21 nos diz que devemos reter o que é bom. Ou seja: o que não é bom devemos rechaçar, cortar, lançar fora, mas o que é correto, devemos recepcionar e guardar em nosso coração.

Em quarto lugar: nunca coloque a filosofia acima da Palavra de Deus. Entenda que não estamos dizendo aqui que a razão é um obstáculo à crença ou que a razão e a fé se opõem uma à outra. A fé, de acordo com a Bíblia, é um ato de pensar e, como já disse alguém, todo problema de quem tem uma fé pequena consiste exatamente em não pensar.

Quem opta por uma espiritualidade que despreza a razão termina por ou esmorecer na fé ou desaguar em sandices, bizarrias, loucuras.

De maneira alguma devemos pensar que a fé é algo meramente místico, divorciado da razão. A Bíblia está repleta de lógica. O culto a Deus, por exemplo, diz Romanos 12, deve ser "racional". E como bem definiu o pensador britânico C. S. Lewis, "a fé é a arte de admitir as coisas que a razão já aprovou, apesar da mudança de ânimo".

Em Isaías 1.18, por exemplo, Deus assevera claramente que a razão é importante para Ele e para a fé, pois conclama Seu povo a "arrazoar" com

Ele, isto é, pensar e argumentar com Ele. Isso significa que conversar com Deus exige o ato de pensar. A grande diferença entre o conceito de meditação
das religiões orientais para o que a Bíblia chama de meditação bíblica é que enquanto a meditação oriental prega o esvaziamento da mente, a meditação bíblica, muito pelo contrário, consiste numa reflexão séria sobre o que o texto bíblico está falando conosco. Portanto, fé e razão não são opostas.

Agora, por outro lado, à luz da Bíblia, aprendemos também que a fé muitas vezes ultrapassa a razão. Ela não a deprime, mas ultrapassa-a. Isso porque,
como criaturas que somos, nunca podemos compreender perfeitamente as coisas espirituais, a não ser por fé. Por isso, quando a razão resolve sair de seu lugar e entrar numa esfera que não é sua, quando ela tenta suplantar a fé, acaba virando loucura. A razão só pode alçar altos voos com segurança se atrelada à carruagem da fé.

A verdadeira fé nunca despreza, oprime ou esmaga a razão; ela eleva a razão a voos muito maiores. Se a razão se rebela diante da verdadeira fé, ela se
auto-destrói afogando-se na multidão de argumentos de seu narcisismo.

A razão humana, por si mesma, nunca sondará o insondável. Ela só poderá tanger um pouco do insondável pelo auxílio do Espírito Santo, que só opera onde há a fé verdadeira.

Aliás, é importante frisar aqui que, quando refiro-me à fé ou à verdadeira
fé, obviamente não estou falando de fé no sentido genérico, mas de fé bíblica,
fé que tem por base as Sagradas Escrituras. Essa é a fé verdadeira.

A Bíblia alerta-nos em Colossenses 2.8 sobre o perigo de colocarmos a filosofia
acima das Escrituras, isto é, de pensarmos que a razão por si mesma é o suficiente
para tudo, que a razão não precisa da fé. Paulo diz em Colossenses: "Tende cuidado
para que ninguém vos faça presa sua por meio de filosofias e vãs sutilezas". Paulo,
escrevendo em sua primeira epístola aos Coríntios, no capítulo 3 e versículo 18,
afirma: "Se alguém dentre vós se tem por sábio neste mundo, faça-se louco para
ser sábio". A expressão "louco" nessa passagem de Paulo significa não confiar to-
talmente e acima de tudo na filosofia, e não desprezar a verdadeira fé. Quem faz o
contrário do que diz Paulo, acaba sendo levado por qualquer vento de doutrina.

Em quinto lugar, como já disse o teólogo americano Norman Geisler, não caia na tentação de querer ser um teólogo incomparável e não dance na beirada do precipício. Não procure testar até que ponto as fronteiras da ortodoxia bíblica podem ser esticadas para acomodar a última moda passageira dos intelectuais de hoje. Mantenha-se dentro dos limites bíblicos. Deixe-me contar uma história relembrada por Geisler e que ilustra muito bem isso.

Certo rei morava perto de uma estrada montanhosa, estreita e cheia de curvas que beirava um imenso precipício. Esse rei queria contratar um chofer, mas, preocupado com o precipício, foi entrevistar os três candidatos que se apresentaram. Na entrevista, o rei tomava o cuidado de perguntar até que ponto podiam chegar perto da beirada, sem despencarem para baixo. O primeiro motorista alegou que podia chegar a 30 centímetros da beirada sem cair. O segundo motorista se jactou da sua capacidade de conduzir um veículo dentro de uns 10 centímetros da beirada sem a vida do rei correr perigo. O último candidato disse que dirigiria o veículo tão longe da beirada quanto fosse possível. Qual deles você acha que o rei contratou? O último, é lógico. "E a escolha real serve de bom conselho para aqueles exegetas bíblicos que, segundo parece, se deleitam em dançar na beirada da erudição evangélica", arremata Geisler.

Não procure testar até que ponto você pode chegar perto do precipício sem cair. Não se gabe de dançar na beirada do precipício da erudição teológica liberal. Mantenha-se seguro dentro dos limites bíblicos.

Em sexto lugar, nunca caia na falácia de que o discurso piedoso pode justificar o erro. É impressionante como tem gente que consegue achar normal justificar um erro doutrinário crasso usando o manto de uma falsa piedade e de um falso amor. Essas pessoas tentam desonestamente colocar o amor em oposição à doutrina bíblica, quando, na verdade, não existe verdadeiro e pleno amor onde há desprezo à Palavra de Deus.

Essa é uma estratégia antiga. Paulo já dizia que alguns em sua época ensinavam heresias, mas, mesmo assim, eram considerados corretos por alguns incautos, exatamente porque portavam uma aparência de piedade. Em Colos- senses 2.18, Paulo diz: "Ninguém vos domine a seu bel-prazer, com pretexto de humildade (...) estando debalde inchado na sua carnal compreensão". Paulo, aqui, estava se referindo a gente que adorava anjos. A única diferença daqueles falsos mestres da época paulina para os teólogos liberais dc hoje é apenas o tipo de bizarria doutrinária. A estratégia, contudo, é a mesma. Aliás, como já bem disse Salomão em Eclesiastes, não há nada novo debaixo do sol.

A Bíblia diz que o amor e a verdadeira espiritualidade andam de mãos dadas com a verdade. O apóstolo Pedro diz em sua primeira epístola no

capítulo 1 e versículo 22 que a obediência à verdade purifica a alma e leva ao amor não fingido.

Muitos defensores de heresias apelam para o discurso do amor porque sabem que esse tipo de discurso encontra eco no coração dos cristãos, mas a Bíblia diz que falar de amor não é garantia de espiritualidade e de verdade. O profeta Ezequiel, por exemplo, falou em sua época de pessoas que com a boca professavam muito amor, mas o coração delas ambicionava o erro (Isso está em Ezequiel 33.31). Ou seja, o verdadeiro amor não está na contramão da doutrina bíblica. Amor e verdade andam juntos. Sempre!

Em sétimo lugar, lembre-se que a contextualização sadia da Bíblia não significa adaptar a Bíblia ao povo ou à nossa época. Falamos isso com precisão no capítulo "O que é contextualização saudável?"

Em oitavo lugar, quando os ventos de doutrina soprarem, puxe o controle para a direita. O que é que eu estou querendo dizer com isso? Aqui, recorro a outra ilustração de Geisler: "Dizem os peritos em aeronáutica que quando um avião com hélice levanta vôo, ele tende naturalmente a dar uma guinada para a esquerda, a não ser que os controles do avião sejam direcionados para a direita. Pois bem, eu entendo que esse princípio deve ser sempre aplicado ao estudo teológico" (Revista *Resposta Fiel, nº* 10,2003, CPAD).

A única maneira de nos mantermos na posição certa para alçar vôos seguros em nossa reflexão teológica é mantendo nosso avião com os controles apontando mais para a direita. Paulo diz em Efésios 4.14: "Não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina, pelo engano dos homens que, com astúcia, enganam fraudulosamente".

Em nono lugar, não caia na tentação de relativizar suas certezas para soar erudito. Na pós-modernidade, a alta erudição é vista como sinônimo de incerteza. Hoje em dia, é chique ser cheio de incerteza. É charmoso ter incertezas. Quanto mais incertezas você tiver e quanto mais relativizações você fizer, mais charmosamente erudito você parecerá. Ao ponto de quem tem certezas ser taxado de desonesto. Para muitos, só é honesto quem não tem certezas, mesmo que estas sejam abalizadas claramente na Bíblia.

Diferentemente dessa onda, continuemos, como tantos outros servos de Deus, guardando o bom depósito, ficando firmes naquilo que as Sagradas Escrituras nos ensinam. Como o apóstolo Paulo, podemos dizer: "Eu sei em quem tenho crido!"

Atentando sempre para esses nove critérios, nunca cairemos no canto de sereia das novas teologias e nas teias de sedução do nosso tempo.

Capítulo 11

Que Neustã seja apenas Neustã, e Deus continuará a ser Deus em nossas vidas

Em Números 21, encontramos a história de Neustã, a serpente de bronze que foi construída sob a orientação divina. Ela foi colocada no alto de um poste para ser observada pelos israelitas, que foram acometidos por uma praga permitida por Deus como juízo pelos seus pecados. O povo de Israel havia desobedecido a Jeová, ofendido o Seu amor e desrespeitado seu líder Moisés. O caos poderia se estabelecer se Deus não agisse. Por isso, Ele logo interviu e, pela sua misericórdia, depois do arrependimento do povo, fez com que os israelitas que olhassem para a serpente de bronze recebessem a cura.

Considerando o fato de que Deus proibiu a adoração às imagens (Êx 20.4), por que Ele fez com que Seu povo olhasse para a serpente de bronze para ser curado? Esse ato não se constituiria uma aprovação à idolatria? De forma alguma. O episódio da serpente de bronze está longe de servir de sustentação para os que tentam justificar o uso de ídolos no culto a Deus, por pelo menos três razões.

Em primeiro lugar, porque a serpente de bronze não era um objeto para culto. Ela só foi ganhar um significado idolátrico tempos depois de Moisés. Além disso, quando ela apareceu como objeto de idolatria, foi destruída. O rei Ezequias a despedaçou e chamou-lhe Neustã, que significa "pedaço de bronze".

"Ele [Ezequias] fez o que era reto aos olhos do Senhor, conforme tudo o que fizera Davi, seu pai. Tirou os altos, quebrou as colunas, e deitou abaixo a Asera; e despedaçou a serpente de bronze que Moisés fizera (porquanto até aquele dia os filhos de Israel lhe queimavam incenso), e chamou-lhe Neustã" (2Rs 18.3,4, Almeida Atualizada). Ou seja, ao chamar-lhe de "pedaço de bronze" diante do povo por ocasião de sua destruição, o rei estava querendo dizer que aquela serpente não era nada mais do que um simples objeto que não deveria nunca ganhar contornos de veneração. (Obs.: Algumas traduções dão a entender que os israelitas adoravam a serpente de bronze chamando-a de Neustã, mas as melhores traduções, principalmente em outras línguas, entendem que o final do texto diz que Ezequias é que a chamou, por desprezo, de Neustã. Além da Almeida Atualizada [não confundir com Revista e Atualizada], corroboram isso a ***KingJames***, a ***Youngs Literal Translation***, a ***American Standard Version***, ***Reina & Valera*** [espanhol], a ***Riveduta*** [italiana], ***Darby*** [francesa], a de ***Lutero*** [alemã] e dezenas de outras traduções).

Em segundo lugar, o poder vivificante que fluía da serpente de metal foi temporal, servindo só para aquele momento e para prefigurar a morte sacrificial de Cristo, que foi levantado na cruz para dar vida a todos que para Ele olharem com fé. Nada se fala posteriormente sobre a serpente de bronze ter mantido a sua condição de meio para o poder curador.

Em terceiro lugar, sua confecção tinha dois propósitos - um primário, que ficou claro já na época, e outro que só foi clarificado posteriormente por Cristo.O objetivo primário da serpente de bronze era ensinar aos israelitas a submissão. Lembre-se que os israelitas haviam saído do Egito, porém se mostravam rebeldes a Deus e a Moisés. A Bíblia registra que, quando estava a rodear Edom, o povo de Israel começou a se impacientar, falando contra Jeová e Seu servo. Por isso, Deus permitiu que serpentes atacassem os israelitas, o que levou muitos à morte. Como os rebeldes logo depois reconheceram seu pecado e voltaram-se para o Senhor, Ele resolveu livrá-los do mal. Foi aí que Deus orientou Moisés a fazer uma reprodução de metal das serpentes e colocá-la sobre uma haste. À medida que as pessoas eram picadas, olhavam para a serpente sobre a haste e eram imediatamente saradas (Nm 21.4-9). Israel precisava aprender a obediência a Deus. O mesmo Senhor que protegia sua vida poderia punir conforme o erro.

O segundo objetivo foi trazido ao lume séculos depois por Jesus: "E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.14-15).

Tratava-se, portanto, de uma manifestação da misericórdia divina no Antigo Testamento que apontava para a obra salvadora de Cristo. Aquela serpente de bronze tipifica Cristo, que se fez homem (bronze na tipologia bíblica representa a humanidade) e foi feito pecado por nós (o pecado é representado pela serpente) para nos salvar. Jesus fez-se pecado para que pudéssemos hoje ser livres. Aquela serpente de bronze nos diz que quem deseja ser liberto do pecado e receber a salvação deve voltar-se de coração, na obediência da fé, à Palavra de Deus em Cristo.

Porém, há outra lição que o episódio de Neustã nos passa. É a do perigo, muito recorrente em nossos dias, de transformarmos um simples meio — usado por Deus para manifestar a Sua graça - em um objeto de culto. Não era a serpente de bronze que curava, mas Deus. Ele só exigiu que os israelitas olhassem para a serpente de bronze para serem curados porque queria ensinar-lhes, como já falamos, a obediência e, em figura, o que Cristo faria mais à frente. Aquela simples serpente de bronze era apenas um meio e um objeto de valor didático para o povo de Israel e para nós hoje. Porém, os israelitas, tendentes à idolatria, endeusaram aquele pedaço de bronze.

Assim como aconteceu naqueles dias, acontece muito atualmente, quando, por exemplo, algum cristão idolatra um líder, um conferencista ou um cantor, que nada mais são do que simples bronze e um meio, um canal por onde a graça de Deus flui para alcançar vidas.

Quem cura é Deus. Quem salva é Deus. Quem liberta é Deus. Quem transforma é Deus. Quem toca os corações é Deus. Quem convence é Ele. Entretanto, não é raro muita gente atribuir a Neustã, ao "pedaço de bronze", a glória que só a Deus pertence.

Quis Deus usar excepcionalmente aquele pedaço de bronze há milhares de anos como condição para a cura, assim como prefere nos usar hoje, apesar de nossas falhas, para a concretização de seus planos. Os anjos queriam realizar a nossa missão, diz o apóstolo Pedro (1Pe 1.12), mas Deus preferiu que fôssemos nós mesmos, simples bronze em Suas mãos. Logo, somos apenas canais usados pela generosidade divina.

Portanto, se é Deus, pela sua graça, nos usa, não aceitemos os incensos que nos são ofertados, as glórias que nos são lançadas, mas remetamos todas elas a Deus, nosso Senhor, o verdadeiro curador, libertador e abençoador.

Quando transformamos um canal em objeto de culto, estamos transformando o simples bronze em um deus. Neustã não é Deus. Neustã é só Neustã, um mero pedaço de bronze, que Deus quis usar para trazer, para transmitir algo a alguém.

A TENDÊNCIA A ENDEUSAR NEUSTÃ FACILITA A DISSEMINAÇÃO DE HERESIAS

Idolatria é idolatria independente de se manifestar em relação a um objeto ou a uma pessoa. O crente em Cristo que endeusa pregadores, cantores, líderes e teólogos não tem diferença, diante de Deus, daquele que se verga adorativamente perante um pedaço de barro, de uma pintura ou de qualquer outro tipo de iconografia. Sobre esse assunto, duas coisas devem ficar bem definidas em nossa mente:

(1) Mesmo que alguém seja verdadeiramente um servo do Senhor, santo, coerente e ético em toda sua maneira de viver, é óbvio que nada justifica uma postura idolátrica em relação a essa pessoa. Porém, há aqueles que, sutilmente, sem perceberem, têm uma mentalidade idolátrica diante de pessoas assim. Eles não conseguem discernir até onde vai a linha que separa a admiração da veneração. Em síntese, diria que o critério diferenciador entre uma atitude e a outra é a seguinte: quando incensamos alguém como nosso "maior referencial", a admiração passou a se tornar idolatria.

(2) Nosso maior referencial, o padrão de todas as referências que possam povoar nossa existência, sempre são Jesus, Deus e a Sua Palavra. Paulo disse para os cristãos de sua época serem imitadores dele como ele era (ou enquanto ele fosse) imitador de Cristo (1Co 11.1), posto que qualquer referencial que se choque com o padrão bíblico é anátema para nossas vidas. Paulo também disse, escrevendo aos Gálatas, que se ele mesmo mudasse de idéia de repente e pregasse outro evangelho, que fosse anátema (Gl 1.8,9).

Ou seja, nunca pessoas devem ser o nosso maior referencial. Podem ser referenciais, mas não o maior referencial, e só continuarão sendo referenciais para nós enquanto suas vidas forem uma referência a Cristo, apontarem para o referencial maior: Jesus e a Sua Palavra.

Qualquer postura que fira esses dois pontos acima é paganismo versão evangélica. A aparência e o discurso podem ser outros, mas a alma é pagã. É adoração a Neustã.

É com pesar que constatamos que muitos que aceitam os modismos teológicos de nossos dias o fazem justamente porque fizeram do simples "pedaço de bronze", de Neustã, o seu ídolo. Como boa parte desses modismos de hoje está sendo pregada no Brasil por pessoas que não poucas vezes foram referenciais evangélicos, inclusive na área apologética, muitos crentes que antes haviam endeusado o "bronze" (o homem ou os homens, meros canais), mesmo com o "bronze" deixando de ser só canal de bênção para ser também meio disseminador de heresia, não deixaram de venerá-lo, quando, na verdade, o "pedaço de bronze" é só "pedaço de bronze", só meio, nunca deve ser venerado.

Se nossa atenção estiver sempre em Deus e na Sua Palavra e não apenas no canal; no conteúdo da mensagem e não simplesmente no carisma, eloquência e talento do orador, nunca vamos ser enganados.

FAÇAMOS COMO EZEQUIAS

Como o rei Ezequias, chamemos Neustã apenas de Neustã. E se Neustã está sendo chamado de "deus" em seu coração, coloque fim hoje a esse culto abominável em sua vida, em nome de Jesus.

E você que prega, ensina, canta ou dirige, detendo alguma parcela de liderança e exemplo na obra de Deus, não permita que sejas visto como algo mais do que és: um simples pedaço de bronze nas mãos de Deus.

"E se Neustã já estiver a receber incensos incessantes?" Talvez seja hora de ele ser desfeito, como fez o rei Ezequias com aquela serpente de metal (2 Rs 18.4).

Talvez seja hora de permitires que Deus te dissolva pelo fogo do Seu Espírito para que ganhes uma nova forma, que não lembre mais a antiga, para que não mais entristeças o coração de Deus, mas continues a ser usado graciosamente por Ele. Isso se queremos, como o rei Ezequias, fazer o que é reto aos olhos do Senhor (2 Rs 18.3).

Deixe Neustã ser apenas Neustã e Deus continuará a ser Deus na sua vida!

PARTE II

CONFRONTANDO O FUNDAMENTALISMO LIBERAL

Capítulo 12

Não deixe amordaçarem a sua fé

Uma onda de intolerância ao cristianismo, camuflada por um falso discurso de liberdade e imparcialidade, tem avançado no Ocidente. Ela já reina soberana na Europa, amordaçando a fé da maioria das igrejas. Alguns cristãos nos Estados Unidos ainda lutam valentemente contra ela, recusando-se a ter sua fé amordaçada. No Brasil, porém, os tentáculos desse movimento já começam a se instalar e muitos cristãos ainda não despertaram para isso.

A ordem em que cito as nações no parágrafo acima (Europa-EUA-Brasil) não é por acaso. Muitos modismos filosóficos e projetos de lei liberais nascem na Europa, fazem escala nos Estados Unidos e, só depois, desembarcam no Brasil. Essa rota nos indica que se queremos ter uma idéia de como poderá ser o nosso futuro, é só olharmos para o ponto de partida desses modismos: a Europa. Ela é a grande fonte inspiradora da maior parte dos intelectuais de hoje que defendem mudanças na sociedade.

INFLUÊNCIA LIBERAL EUROPÉIA NA CULTURA OCIDENTAL

É crescente e preocupante a influência liberal européia na cultura ocidental. Mas, não me interpretem mal. Não sou anti-europeu.

Quero ressaltar que a Europa é um continente lindo e um exemplo positivo em várias áreas (na qualidade dos serviços públicos, por exemplo). Além do mais, é berço de muitos movimentos importantes, inclusive de ordem espiritual. Foi no continente europeu que nasceu a Reforma Protestante. Aquela região também foi palco de muitos reavivamentos extraordinários, como o Avivamento Wesleyano do século XVIII e o início das Missões Modernas, no século XIX. Porém, hoje, é fato que as igrejas européias estão arrefecidas espiritualmente, frias, vazias e amordaçadas, isto é, sem exercer mais influência na cultura do continente.

Por outro lado, a Europa passou a exercer nos últimos anos uma influência mundial extremamente negativa no campo filosófico, atacando especialmente os princípios judaico-cristãos.

Em artigo publicado no jornal ***New York Sun,*** edição de 11 de maio de 2004, o colunista Daniel Pipes afirma: "A Europa está se tornando, cada vez mais, uma sociedade pós-cristã, rompendo os laços com sua tradição e seus valores históricos. O número de cristãos praticantes despencou tanto nas duas últimas gerações, que alguns observadores já estão chamando a Europa de novo continente das trevas'. Analistas estimam que, semanalmente, as mesquitas britânicas recebem mais fiéis que a Igreja Anglicana".

O escritor Peter Hitchens, nas páginas 34 e 35 de seu livro ***The Abolition of Britain: From Winston Churchill to Princess Diana*** (Encounter Books, 2000), declara, citando o caso particular da Inglaterra:

"O inferno foi abolido mais ou menos no mesmo tempo em que se legalizou o aborto e a pena de morte foi eliminada. Afinal de contas, ninguém mais ia para o inferno, não é mesmo? Pois, lá pela década de 60, a condenação eterna, assim como a maior parte dos aspectos preocupantes da religião cristã, havia, aparentemente, caído em desuso. Os bispos tinham começado a admitir, de início muito timidamente, que não tinham certeza da existência de Deus nem da veracidade das doutrinas centrais de sua religião".

"Quando não há almas a serem salvas, mas apenas corpos, só resta um objetivo: melhorar suas condições de vida, mesmo que

eles depois acabem mergulhados na mais severa miséria moral. Quando não acreditamos no pecado, não é de se esperar que nos esforcemos muito em lutar contra ele. E, se acreditamos nele, dizem que estamos julgando os outros' e somos automaticamente excluídos do debate".

Elwood McQuaid, editor-chefe da revista *The Friends of Israel,* pertencente ao ministério para-eclesiástico evangélico de mesmo nome (www.foi.org), comenta as palavras de Hitchens:

"Talvez a parte mais reveladora da análise de Hitchens seja esta: 'E, se acreditamos nele [no pecado], dizem que estamos 'julgando os outros' e somos automaticamente excluídos do debate'. Esse é o ponto crucial do problema (...) Não estamos falando aqui de uma questão de semântica ou de diferenças de opinião teológica superficiais. As pessoas que acreditam firmemente nos princípios fundamentais da fé cristã são vistas com hostilidade, como insuportáveis adversários 'julgadores' que impedem a chegada da nova era liberal de 'iluminação'".

Um exemplo: em 5 de outubro de 2007, o Parlamento Europeu aprovou uma resolução que rejeita totalmente a possibilidade de o Criacionismo ser ensinado nas escolas. De acordo com o texto adotado na assembléia parlamentar, "a teoria ou sistema que sustenta que as espécies animais e vegetais foram criadas por Deus de forma distinta e permanecerem invariáveis é uma crença e não tem qualquer base científica".

A deputada luxemburguesa, Anne Brasseur, referiu-se ao Criacionismo, inclusive, como um perigo para as crianças européias. "Há criacionistas que querem fazer passar a sua crença por uma disciplina científica e instituir o ensino da sua crença nas aulas de Biologia. É nesse ponto que reside o perigo". De acordo com a resolução aprovada, o Criacionismo "pode ser uma ameaça para os direitos do homem". O documento aprovado por 48 votos a favor, 25 contra e três abstenções assevera ainda que o Criacionismo é "representa uma ameaça à pesquisa científica em geral e para a medicina em particular".

Elwood McQuaid denuncia em seu livro *A Tirania da Minoria — atacando os valores judaico-cristãos* (Editora Chamada da Meia-Noite) que muitos cristãos sofrem perseguições ou restrições em países europeus, e que essa onda de intolerância, que já alcançou os Estados Unidos, se manifesta com intensidade crescente em todo o mundo ocidental.

Talvez isso seja um indício da perspectiva escatológica de que a União Européia será o último grande império mundial antes do Milênio (Dn 2.41-44), como defendido pela maioria dos teólogos conservadores. Esse império, frisam, exercerá forte influência no resto do mundo e se opõe à fé cristã. Porém, seja indício disso ou não, está mais do que claro que enquanto os pensadores liberais europeus forem vistos como exemplos de "idéias avançadas" nos Estados Unidos, Brasil e outros países, essa onda de intolerância ao cristianismo estará em alta.

Enquanto políticas liberais como as da Holanda, por exemplo, aparecerem em novelas, artigos e discursos como exemplos de "avanços" a serem seguidos, devemos ficar preocupados (o governo holandês aprovou a legaliza- ção do "casamento" homossexual e das drogas, a descriminilização do aborto, a profissionalização da prostituição e discute a liberalização da pedofilia em casos de meninos e meninas com idade a partir de 13 e 12 anos).

Enquanto os políticos, líderes, educadores e a maioria da mídia pensarem que o que há de mais atrasado no Ocidente são os ideais conservadores judaico-cristãos e o que há de mais interessante são os ideais liberais, ateístas e naturalistas europeus, o perigo da mordaça estará de pé.

Enquanto todos os que pensam diferentemente dessa onda forem taxados, de "inimigos dos avanços", "retrógrados", etc, precisamos ficar em alerta. O fundamentalismo liberal quer neutralizar a influência dos princípios morais, e cristãos na sociedade, e, como sal e luz do mundo (Mt 5.13-16), como Igreja aqui na Terra, não podemos ficar passivos.

O EXEMPLO NORTE-AMERICANO

Veja o exemplo dos Estados Unidos. Qual a massa de norte-americanos mais xingada e execrada pela mídia de lá, de cá e da maior parte do mundo Aquela formada pelos defensores dos princípios judaico-cristãos. A mídia e os cientistas sociais chamam esse grupo costumeiramente de "obscuranistas", "primitivos", "retrocesso", "a massa mais atrasada dos Estados Unidos", "trevas" e "atraso". Todos esses termos já apareceram *ipsis literis* na imprensa brasileira e norte-americana em referência aos cristãos daquele país. Dei - me ao trabalho de marcá-las em vários jornais e revistas. E é interessante notar como os evangélicos no Brasil são chamados por esses mesmos críticos de "massa ignara", "vermes" (recentemente, em um jornal do Rio d< Janeiro) e "retrocesso", entre outros termos.

Enquanto isso, os liberais dos Estados Unidos, os esquerdistas (tanto políticos quanto artistas, cientistas e jornalistas), "europeizados" em sua concepção de valores e moral, são incensados, louvados, vistos como "a banda boa dos EUA", "o que há de melhor naquele país" (como |a definiu um liberal articulista brasileiro).

É sintomático o fato de que, de vez em quando, esses idealistas norte-americanos (como alguns articulistas do liberal *The New York Times,* afirmam explicitamente que o seu país "deveria seguir o exemplo dos europeus, que são mais avançados". E via de regra, isso é dito em questões que envolvem valores morais e religiosos.

Para entendermos melhor o que está acontecendo nos Estados Unidos, basta ler obras como *Verdade Absoluta,* de Nancy Pearcey, e *E agora, como viveremos?,* de Charles Colson e Pearcey. E é bom olharmos de vez em quando para o que está acontecendo na América do Norte, porque, como já afirmamos, as idéias geralmente fazem escalas lá antes de desembarcarem aqui e em outros países. Por serem os Estados Unidos a maior potência, é a partir de lá que essas idéias são disseminadas, espalhando-se para o resto do mundo. Tudo o que acontece nos Estados Unidos ganha destaque na imprensa de todo o planeta. Mas, na maioria das vezes e infelizmente, só o que vem da falsa "banda boa" norte-americana.

Alguém pode dizer: "Será que muitos desses xingamentos e críticas não são apenas reação ao mau testemunho de muitos cristãos?" Gostaria de dizer um altissonante "sim", mas, infelizmente, não é isso que acontece.

Uma rápida olhada no contexto em que são proferidas as ofensas dos liberais aos cristãos mostra que na maioria das vezes elas não são referência a uma generalização do que seja o perfil evangélico a partir do mau testemunho de alguns crentes. São, pelo contrário, uma alusão direta aos princípios defendidos pelos cristãos de forma geral. É intolerância ao pensamento cristão, como se fosse o mais pernicioso do mundo. E quando há algum mal testemunho, este é apenas aproveitado como pretexto para revisitar as críticas aos cristianismo. Além disso, apesar de haver muitos cristãos dos EUA e do Brasil que deem mau testemunho (E como há!), nada justifica uma generalização.

O EXEMPLO EUROPEU

Não sou alarmista, mas, verdade seja dita, se essa onda do fundamentalismo liberal vingar em nosso país, brevemente teremos uma fé amordaçada, tolhida, como vemos hoje em muitos países da Europa.

Alguém pode dizer: "Mas os ateus são minoria na população". Mas quem disse que o fundamentalismo liberal pretende necessariamente acabar com a existência das religiões? Ela quer acabar com a sua influência, amordaçar a fé, deixá-la irrelevante na vida das pessoas, para que definhe aos poucos, sufocada, como está acontecendo já há alguns anos na Europa. Sempre existirão igrejas, mas se a mensagem cristã não puder mais influenciar as pessoas, o cristianismo esfriará, arrefecerá até ser apenas uma religião morta. Disse Jesus: "Quando o Filho do Homem voltar, porventura achará fé na Terra?" (Lc 18.8).

Será um exagero crermos nessa probabilidade? Não! Há evidências concretas para pensarmos assim.

Na manhã do dia 20 de julho de 2003, o pastor Ake Green, líder da Igreja Pentecostal em Borgholm, Suécia, pregou a cerca de 50 participantes do culto em sua igreja uma mensagem contundente acerca do que a Bíblia diz sobre a homossexualidade. Aquela mensagem em uma pequena reunião de sua congregação acabou chegando aos ouvidos da comunidade homossexual naquele país e, em 29 de junho de 2004, Green foi sentenciado à prisão, onde ficou por um mês. A razão? A Corte em Kalmar julgou que sua mensagem de que "homossexualidade é pecado" foi uma afronta ao comportamento homossexual. Até onde se sabe, em nenhum momento de seu sermão Green xingou homossexuais ou fez chacotas com quem tem esse comportamento. Apenas pregou com seriedade o que diz a Bíblia, mas foi preso.

Esse mesmo tipo de lei com interpretação subjetiva sobre o que é discriminação de homossexuais vez por outra é discutida no Brasil. Copiando o radicalismo dos esquerdistas europeus, a Câmara dos Deputados em Brasília aprovou no final de 2006 uma lei que toma crime de homofobia toda oposição à homossexualidade. Se aprovado pelo Senado e sancionado pelo presidente, o Projeto de Lei 5003/2001, hoje PLC 122/06, tornará crime "qualquer manifestação contrária à orientação sexual e identidade de gênero". A pena prevista é de 2 a 5 anos de prisão, sendo crime inafiançável. O Projeto de Lei 6418/2005, que está na Câmara dos Deputados, prevê a mesma coisa.

Em vez de se assemelhar à lei canadense (que é mais equilibrada, pois condena a ofensa a homossexuais, mas respeita a liberdade de imprensa e de religião), o projeto de lei brasileiro procura inspiração, ao que parece, na lei

sueca. O texto do projeto e claro: nao esta se falando de ter conduta discriminatoria em razao de pessoas, mas, sim, em razao de comportamentos.

Ora, a Biblia nos ensina que devemos amar a todos independentemente de sua situacao, sejam eles homossexuais ou nao. Porem, a mesma Biblia diz que nao devemos concordar com comportamentos que chocam-se com a Palavra de Deus, e entre eles esta a homossexualidade (Rm 1.24-27; lCo 6 .10).

Homossexuais nao devem ser xingados, porem a fe das pessoas e a liberdade de pensarem diferentemente da posicao homossexual devem tambem ser respeitadas. Uma coisa e ter o direito de ser homossexual, outra bem diferente e impedir que outros discordem dessa opcao sexual e informem o que a Biblia diz sobre isso. A Palavra de Deus afirma que seguir a vontade divina e uma escolha da propria pessoa (Ap 22.16-17). Todos tem o direito de optarem na area sexual como bem desejarem. Porem, as pessoas tambem tem o direito de informarem que a Palavra de Deus assevera que homossexualidade e pecado e que Deus transforma homossexuais, fazendo com que estes voltem a sua heterossexualidade se desejarem (1 Co 6.10,11; Rm 1.16).

As pessoas tem todo o direito de serem homossexuais se quiserem e de nao serem ofendidas, assim como e direito do cidadao discordar de uma opcao e afirmar o que diz a Palavra de Deus sobre essa opcao. Mas o texto do projeto de lei brasileiro tem exatamente o mesmo teor da lei anti-homofobia na Suecia, que levou a prisao o pastor pentecostal Ake Green por pregar que homossexualidade e pecado. Em outras palavras, se nada for feito, o que aconteceu com o pastor Ake Green podera acontecer com pastores no Brasil em pouco tempo

UNIVERSIDADES: *HABITAT* DO LIVRE PENSAR OU LUGAR DE DISCRIMINAÇÃO?

Mais um caso: No dia 18 de novembro de 2006, o jornal londrino ***The Times*** publicou uma matéria afirmando que estudantes cristãos, em especial grupos como a Aliança Bíblica Universitária, estão sendo discriminados, perseguidos e proibidos em universidades conceituadas da Grã-Bretanha, tais como Exeter, Edimburgo e Birmingham. O jornal trazia ainda um manifesto assinado por educadores e clérigos condenando tais acontecimentos e ressaltando a gravidade da situação: "Estudantes cristãos de muitas de

nossas universidades estão sofrendo considerável oposição e discriminação,
com violação de seus direitos de liberdade de expressão, liberdade de fé e liberdade de associação".

Por mais absurdo que pareça, a universidade, que em tese é o *habitat* do livre pensar, passou a ser, em alguns lugares, um lugar de discriminação a cristãos. Detalhe: a maioria das grandes universidades ocidentais foi fundada por cristãos, que objetivavam a busca pelo saber e um espaço sadio para o livre pensar. Portanto, o que está acontecendo não é só uma injustiça em um país que se afirma democrático e de Primeiro Mundo, mas um desrespeito total à história dessas instituições.

Mesmo que esse nível de discriminação não seja uma realidade nas universidades brasileiras, sabe-se que em nosso país os estudantes cristãos são muitas vezes tolhidos e zombados por professores em plena sala de aula por causa da sua fé.

Há alguns anos, presenciei em sala de aula um professor pregar que a grande solução para os problemas da humanidade é o fim da religião. Segundo ele, o mundo só seria melhor com a vitória do ateísmo. Claro que não pude ficar calado. Comecei amistosamente um debate em que as idéias dele foram confrontadas e, ao final, a maioria esmagadora da turma, que antes assistia calada e condescendente suas afirmações, optou por discordar dele. Mas, nem sempre é assim. Há professores que sequer aceitam o debate e quem discordar de suas posições é rechaçado rápida e acidamente.

Tal posicionamento é mais comum do que se imagina. Está não só nas universidades, mas na mídia.

Cristãos e suas posições são ignorados flagrantemente em debates. São discriminados, escanteados. A fé é vista como arquiinimiga da Ciência e dos "avanços sociais". É taxada como "coisa de ultrapassado e fanático". Enquanto isso, as afirmações de ateus e liberais são vistas como genuínas, puras e perfeitas científica e socialmente. E quando alguém tenta contradizer isso, mesmo que polidamente, começa a guerra.

Veja o que está acontecendo nos Estados Unidos.

Ali, surgiu um movimento de contra-ataque a essa onda liberal, demonstrando a cosmovisão cristã como (1) a alternativa mais coerente para entender a vida e (2) um movimento sadio de contra-cultura com um sólido arcabouço científico. Resultado? Os ateus e liberais, pegos de surpresa pelas fortes argumentações da cosmovisão cristã, têm se esforçado desesperadamente para esconder ou minimizar essas argumentações e

desacreditar o cristianismo como nunca antes fizeram em toda a história daquele país. Já estão, inclusive, apelando, partindo para um ataque baixo, nervoso, emocional e intolerante. Vamos aos nomes.

Recentemente, três cientistas norte-americanos de destaque internacional lançaram livros pedindo exatamente o fim da religião. Não que eles pensem, ingenuamente, que um dia não mais existirão religiões no mundo, mas seus ataques pretendem influenciar o aumento das mordaças sobre a fé, para que ela perca a sua relevância. Para esses cientistas, o maior mal do mundo atende pelo nome de "religião" ou "fé". Principalmente "fé cristã" .O primeiro foi o zoólogo britânico Richard Dawkins, um dos mais conhecidos pesquisadores do evolucionismo. Ele publicou em setembro de 2006 o livro ***The God Delusion*** (publicado no Brasil sob o título "Deus,um delírio"), com base em um documentário que fez para a tevê britânica.

Logo em seguida, ainda em 2006, o neurocientista norte-americano Sam Harris lançou ***Letter to a Christian Nation*** (Carta a uma Nação Cristã).

Sua obra tenta desafiar a fé cristã, criticando-a com frágeis argumentos pró-ateísmo. O último, publicado em novembro de 2006 (e no Brasil em dezembro), é do filósofo norte-americano Daniel Dennett. Chama-se ***Breaking theSpell***(Quebrando o encanto: a religião como fenômeno natural),e pretende explicar o surgimento da fé e o papel das religiões. Como define matéria publicada na revista ***Época,*** edição 443, de 13/11/06 ***(A igreja dos novos ateus),*** a mensagem central das três obras é que "a religiosidade fazmais mal do que bem à humanidade".

Isto é, "Se não conseguimos vencê-los no debate, vamos eliminá-los!"Bem "sadio", não?

São essas idéias que têm sido propaladas hoje em dia, contando com todo o apoio da mídia, às vezes veladamente, às vezes não. Não estou dizendo com isso que creio que o mundo vai se tornar menos religioso devido a esses ataques. Não, o problema não é esse. A maioria dos seres humanos sempre será religiosa. O problema está na influência desse discurso anti-religioso nas decisões políticas que afetam a sociedade como um todo.

Essas idéias liberais anti-religiosas estão embutidas em atos políticos, em omissões descabidas ou em projetos de lei que vez por outra aparecem propondo limites à liberdade religiosa e criando mecanismos inibidores da proclamação da mensagem do evangelho em sua integralidade.

DESPERTAMENTO

A partir do momento que não podemos mais chamar de pecado o que a Bíblia chama de pecado e somos tolhidos ao tentar expressar nossa fé, estamos sendo amordaçados.

Os cristãos devem despertar para essa realidade o mais rápido possível e prevenir-se quanto à sutileza das mordaças que estão sendo preparadas, além de desmascarar as armadilhas dessa intolerância travestida de "tolerância" que está sendo pregada. Eles precisam despertar para a necessidade de bsucar subsídios para a sua atividade apologética e conclamar a igreja a um avivamento. Isso porque, à luz da Bíblia, da experiência e da História, as maiores ferramentas contra esse tipo de onda são sempre o conhecimento, o engajamento e, claro, a unção do Espírito. Sem ela, qualquer engajamento é insuficiente.

Que Deus possa fazer deste livro um instrumento para despertar consciências e avivar vidas.

CAPÍTULO 13

A intolerância dos "tolerantes"

A grande ironia do uso do termo fundamentalismo em nossos dias é que justamente aqueles que o usam com o sentido de intolerância (os liberais) são os mais intolerantes de todos.

Uma análise da cultura ocidental hodierna comprova que não há nada mais contraditório hoje no mundo do que o fundamentalismo liberal, porque não há nada mais intolerante hoje no Ocidente do que o liberalismo. É pura intolerância camuflada de tolerância para enganar ingênuos.

Para entender melhor o que estamos falando, urge explicar no que consiste o liberalismo.

Originado no século XVIII pelos iluministas, o liberalismo é fundamentalmente uma filosofia de vida e um ideal político que afirma que os indivíduos são livres para realizar suas vontades como quiserem, contanto que não infrinjam a liberdade dos outros. O termo deriva do latim *liber,* que significa "livre".

Segundo essa corrente filosófica e política, o maior bem da humanidade é a preservação da liberdade individual. Por isso, tradicionalmente, os liberais se veem como "amigos da liberdade" e enfatizam o direito de as pessoas discordarem das verdades absolutas, dos credos e das autoridades. De certa forma, isso pode ser considerado sadio para o estabelecimento de uma sociedade, ainda mais que "todo o mundo jaz no maligno" (1 Jo 5.19).

Além disso, Deus não criou o cosmos como um lugar repleto de seres que o servem mecanicamente. Deus permite que esses seres discordem dEle se quiserem. Ele lhes concedeu o livre arbítrio. Agora, as pessoas que optarem por viver longe de Deus, sofrerão, ao final, as consequências disso: a tormenta do eterno afastamento de Deus.

Da mesma forma, em nossa sociedade, as pessoas devem ter a liberdade de crer no que quiserem crer e discordar do que desejarem. E sofram cada um as consequências positivas ou não de suas opções.

O problema, porém, é que os liberais, contraditoriamente, são extremamente intolerantes.

Ora, se discordar é um direito, porque não posso, como cristão, discordar do ponto de vista de alguém não-cristão sem ser taxado de intolerante? Isso significa que são "dois pesos, duas medidas"?

Os liberais atacam dogmas, mas têm, eles mesmos, um dogma que não aceitam de forma alguma que seja criticado: o relativismo. São absolutamente intolerantes quanto a isso. Aceitam a discordância dos absolutos, mas não aceitam que se discorde do relativismo. E mais: lutam pela imposição do relativismo sobre todos.

Assim, o grande problema do liberalismo é que ele cria um novo modelo de intolerância. A tolerância passa a se transformar em intolerância na medida em que somos forçados a ter de aceitar como igualmente certas as demais ideologias. O fundamentalismo liberal confunde a necessidade de coexistência pacífica entre as ideologias com a imposição da aceitação de todas as ideologias. Isso é um tremendo erro e injustiça. Devemos conviver pacificamente com as ideologias, mas não devemos ser obrigados a aceitar todas as ideologias.

Devido a essa visão liberal, hoje em dia somos atacados e em alguns momentos até proibidos de expressarmos nossas crenças e valores, mesmo que isso seja feito educadamente, sem agressões verbais. O que e isso, senão a imposição de um dogma?

Pregam a liberdade de expressão, mas ao mesmo tempo impedem a liberdade de expressão. O que é isso, senão intolerância?

São lúcidas as palavras proferidas há pouco tempo pelo católico romano Anthony Frontiero, do Conselho Pontifício de Justiça e Paz da Santa

Sé, em intervenção na Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa, em Varsóvia: "Como demonstra a história, uma democracia sem valores pode converter-se facilmente em um totalitarismo aberto ou encoberto".

Assim como um monarca deve respeitar valores, senão estará instaurando um regime absolutista, a democracia deve ser também norteada por valores, e não pelo relativismo moral. Pensar o contrário é levar o sistema democrático à auto-destruição.

Uma democracia sem valores tem o poder de extinguir a democracia em si. Sem valores morais, o que nasceu sob o apanágio da tolerância se torna exatamente o seu oposto: um monstro de intolerância.

FALSO DISCURSO DE LIBERDADE E DEMOCRACIA É USADO PARA AMORDAÇAR A FÉ

Nesse prisma, em brilhante artigo publicado na edição 105 da revista *Ecclésia*, o pastor presbiteriano Ricardo Barbosa de Souza descreve com perfeição o momento que estamos atravessando e as futuras consequências disso. Faço questão de reproduzir alguns trechos do artigo:

"Uma das contradições da cultura pós-moderna e globalizada é sua capacidade de romper fronteiras e preconceitos, tornando-a mais inclusiva e, ao mesmo tempo, criar outras fronteiras e preconceitos, tornando-a extremamente exclusiva e violenta. Nas últimas décadas, a civilização ocidental tem feito um enorme esforço para diminuir as distâncias entre as raças, romper com os preconceitos e a discriminação sociais e criar uma sociedade menos violenta e mais aberta à inclusão das minorias. Por outro lado, vemos uma enorme massa de excluídos que cresce a cada dia, transformando-se em alvos e agentes de violência e preconceitos jamais vistos".

"A relativização dos valores morais, o rompimento das tradições e o colapso do modelo tradicional da família abriram espaço para a aceitação e inclusão dos novos modelos morais e sociais. Muitos desses modelos contrariam os princípios cristãos mais fundamentais

e comprometem a saúde da sociedade; contudo, temos presenciado a reação de vários grupos que não admitem a contradição. Vivemos hoje o que o doutor James Houston chama de uma nova forma de fundamentalismo, o da 'democracia liberal', que impõe sobre nós a obrigação de aceitar e admirar tudo aquilo que contraria princípios e valores que fazem parte da consciência cristã".

"Muitos cristãos sentem-se intimidados por não poderem expressar suas convicções religiosas ou morais diante do novo fundamentalismo. Nossa cultura tornou-se moralmente e religiosamente liberal e requer que todos sejamos igualmente liberais. Isso significa que, num futuro não muito distante, sejamos impedidos de falar da revelação bíblica do pecado ou mesmo de sustentar publicamente nossas convicções morais, sob o risco de sermos considerados preconceituosos".

"Imagino que, mais cedo do que pensamos, enfrentaremos uma forte resistência à afirmação bíblica de que Jesus é o caminho, a verdade', 'a vida', de que ele é 'o único Senhor', de que não há salvação fora dele' e de que ele *é* o 'único que pode perdoar nossos pecados'. Todas essas afirmações são, por si, uma agressão ao espírito 'democrático' da sociedade pós-moderna. Afirmar a exclusividade de Cristo implica na negação e rejeição de qualquer outro nome que possa nos reconciliar com Deus, e isso soa como um preconceito, uma forma de discriminação inaceitável. Afirmar que a Bíblia é a Palavra de Deus e que só ela traz a revelação do propósito redentor de Jesus é também uma afirmação que pode ser considerada preconceituosa, uma vez que nega todas as outras formas de revelação".

"De certa forma, isso já vem acontecendo. A espiritualidade cristã pós-moderna vem se tornando cada dia mais *light*. Fala-se muito pouco sobre o arrependimento e o pecado; prega-se quase nada sobre a cruz e a ressurreição; as Escrituras vêm perdendo sua autoridade. Jesus vem sendo reduzido a um grande líder, alguém que nos deixou um bom exemplo para seguir — alguma

coisa no mesmo nível de Buda, Ghandi, Dalai Lama ou outro grande líder da humanidade, mas nada muito além disso. Fala-se muito de um Deus que é Pai e nos aceita, ama, acolhe e perdoa, o que é certo e bíblico; mas corre-se o risco de, por trás dessa linguagem suave e atraente, embutir uma espiritualidade que pensa ser possível conhecer a Deus-Pai sem a mediação de seu Filho Jesus Cristo".

"A primeira geração de cristãos pós-modernos já está aí. São crentes que pouco ou nada sabem da Palavra de Deus e demonstram pouco ou nenhum interesse em conhecê-la. Cultivam uma espiritualidade verticalista, com nenhuma consciência missionária, social ou política. Consideram tudo muito 'normal' e não veem nenhuma relevância na cruz de Cristo. Acham que a radicalidade da fé bíblica é uma forma de fanatismo religioso e não demonstram nenhuma preocupação em lutar pelo que creem, se é que creem em alguma coisa pela qual valha a pena lutar".

"O cristão pós-moderno é hoje desafiado a experimentar uma espiritualidade que o coloque na fronteira entre a comunhão vertical da oração, meditação, contemplação e intimidade com Deus, e o compromisso horizontal com a missão evangelizadora, com os pobres, com a justiça e o serviço; entre a inclusão, buscando receber, acolher e amar os diferentes, mas também rejeitar, confrontar e lutar contra o pecado e todas as suas formas de escravidão e aprisionamento; entre o diálogo inter-religioso na procura por mecanismos sociais mais justos, mas também na afirmação e compromisso com as verdades absolutas da revelação bíblica".

"Que o Espírito Santo nos dê discernimento e coragem para uma fé e um espírito comprometidos com o Deus da Aliança, preservando a identidade cristã, mesmo que isso nos custe alguns processos".

Ressaltamos as últimas palavras; "...mesmo que isso nos custe alguns processos". Se a onda liberal não for detida, chegaremos a isso. Alguém duvida?

ENTENDA O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DA FÉ

Todo mal tem um início. Não é diferente com as idéias que permeiam atualmente a sociedade ocidental. Que o diga o crítico social Russell Kirk.

Russell Amos Kirk (1918-1994) foi um notório jornalista cultural e cientista político norte-americano, conhecido pelo seu conservadorismo. Ele escreveu mais de 30 livros, tanto de ficção como de não-ficção, além de centenas de ensaios e resenhas. Foi colunista em vários periódicos nos Estados Unidos, fundador da revista de cultura *Modern Age* e editor por 30 anos da revista *The University Bookman*, de resenhas de livros. Mas, sua maior obra só veio a lume em 1953, quando Kirk lançou um livro que se tornou clássico rapidamente nos EUA, sendo considerado hoje a melhor obra para entender tanto a formação e o desenvolvimento do conservadorismo na tradição anglo-americana como as raízes e o desenvolvimento do pensamento liberal no Ocidente. Estou falando de *The Conservative Mind: from Burke to Eliot* (O Conservadorismo: de Burke a Eliot).

Nesse livro, o crítico americano afirma que a onda liberal que hoje vemos no mundo (com a pregação a favor do aborto, da liberação das drogas e da promiscuidade sexual) nasceu no período histórico denominado "Idade da Razão", especialmente no século XVIII. Kirk diz ainda que um dos primeiros a denunciar eloquentemente os efeitos nefastos do liberalismo em sua gênese foi Edmund Burke (1729-1797), pensador e político britânico.

Segundo Kirk, antevendo o futuro, Burke criticou em sua época três escolas que chamou de "radicais" e que estavam tornando-se bastante populares em seus dias: (a) o racionalismo dos filósofos; (b) o nascente utilitarismo do filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham; e (c) o sentimentalismo romântico do filósofo francês Rousseau. Esse último Burke chegou a chamar de "o Sócrates louco". O detalhe é que, em sua análise, o político britânico identificou alguns pontos que caracterizaram a onda liberal daquela época, dando-lhe base. Entre eles estão:

1) A crença de que, se Deus existe, "difere radicalmente em sua natureza da idéia do Deus cristão; ele seria ou o ser remoto e impassível dos deístas ou o brumoso e recém-criado Deus de Rousseau";

2) A idéia de que o homem, diferentemente do que a Bíblia diz, não é tendente ao pecado, mas é naturalmente bom, generoso e benevolente,

sendo corrompido pelas instituições;

3) A convicção de que as tradições da humanidade e o ensino bíblico são mitos, confusos e ilusórios, e nos ensinam muito pouco;

4) A fé no ser humano, como sendo capaz de aprimorar-se sozinho e trazer a paz e a ordem ao mundo sem precisar de alguma ajuda divina;

5) O pensamento de que devemos buscar a "libertação das velhas crenças, dos tabus, dos juramentos e das velhas instituições", e regozijarmo-nos com "a pura liberdade e a auto-satisfação".

Como vemos, foi ali, no século XVIII, que a atual onda liberal teve seu início. Foi Jean Jaeques Rousseau quem "decretou" a morte do pecado, ao pregar a teoria da plena bondade natural do ser humano. Depois dele, veio Augusto Comte, com o seu positivismo, afirmando que a religião é o estado primitivo da sociedade. O iluminismo proclamou que a religião não era mais relevante. Assim, chegamos ao ponto onde estamos hoje.

A SOCIEDADE ESTÁ MORALMENTE A DERIVA

Esses cinco pontos esposados por Edmund Burke e que apresentamos acima explicam, por exemplo, o porquê de a sociedade de hoje viver em um nível moral muito baixo. Já dizia Russell Kirk, em sua obra supracitada, que "problemas políticos e sociais são, no fundo, problemas religiosos e morais". E ele não está errado. As questões sociais são, lá no fundo, uma questão de moral pessoal. Não é necessário um grande exercício mental para perceber isso.

Imagine uma sociedade onde as pessoas são governadas pela crença em uma ordem moral duradoura, por um forte sentido de certo e errado, por convicções pessoais sobre a justiça e a honra. Com certeza será uma sociedade sadia, que fugirá tanto do extremo da tirania quanto do extremo da anarquia.

Agora, imagine uma outra sociedade, onde as pessoas vivem moralmente sem rumo, ignorando o certo e o errado. Seria uma sociedade onde cada um estaria voltado para sua gratificação pessoal, atrás da satisfação de seus próprios apetites. Sem dúvida, seria uma sociedade doentia, tanto na sua versão mais radical (o anarquismo) quanto na sua versão liberal mais leve, que está sendo implementada hoje em nossa sociedade.

Não é à toa que é bastante comum vermos os pensadores pós-modernos identificando a sociedade em que vivemos como inundada de patologias,

crises e profundos vazios existenciais. À medida que o tempo passa, os valores morais vão perdendo seu significado e força, o que resulta em uma sociedade cada vez mais neurótica, hedonista, egoísta e violenta.

Um sintoma da crise em que vive o mundo é a atual produção artística no planeta. Sabemos que a produção artística de uma época diz muito sobre os problemas, angústias, medos, conquistas, sonhos c aspirações de uma geração. Ora, os livros de ficção, filmes, peças teatrais e pinturas de hoje estão repletos de personagens psicóticos ou figuras que não trazem substancialmente nada, só o vazio. Isso é porque a alma humana no século XXI encontra-se assim.

Outro dia um articulista carioca escreveu, em sua coluna em um dos jornais mais influentes do país, sobre sua profunda infelicidade existencial, chegando a afirmar que tinha inveja da lagartixa, que não aspira nada, a não ser a satisfação de seus instintos naturais. E não foram poucos os que se identificaram com ele!

Os perigos de uma sociedade assim é que, por não ter firmeza moral e sentido na existência, está aberta a qualquer bizarria. Está moralmente à deriva. O único conceito que consegue-se assimilar é o que diz: "Não se pode reprimir direitos". Mas onde estão os deveres? Apesar de ainda existirem alguns deveres reconhecidos, até mesmo estes, vez por outra, são questionados por celebrizadas "mentes privilegiadas" de nossos dias. Isso porque, via de regra, o que prevalece no inconsciente coletivo da sociedade de hoje é a idéia de que o dever é visto conto mal, "castrador", destruidor, camisa-de-força. Por isso, os projetos de lei de hoje, em sua maioria, não buscam impor limites; pelo contrário, os retiram.

O cristão genuíno, porém, não sofre essas crises, pois uma vez que reconhece a Palavra de Deus como sua única regra de fé e prática, ele não relativiza, inverte ou esvazia valores. Ele se apóia e orienta-se em valores concretos, claros e absolutos das Sagradas Escrituras. Seu comportamento e pensamentos são pautados por ela, o que, em vez de inibir sua vocação e suas habilidades, as desenvolvem. Ele percebe limites e, por isso, compreende a existência como um todo e, em particular, a sua missão na vida. Isso porque sem limites é impossível andar com segurança ou mesmo entender a existência. Limites são uma necessidade da própria existência. Eles foram criados por Deus para o melhor aproveitamento da vida. Desrespeitá-los é ser infeliz ou infelicitar o próximo.

A sociedade de hoje precisa de valores. Isso significa limites, mas também sentido, caminho. Em outras palavras, o mundo necessita mais do que o

retorno aos valores ou princípios judaico-cristãos. Precisa da Palavra de Deus. O mundo precisa de Cristo.

Identificamo-nos com a luta de todo grupo conservador em favor da preservação dos valores que têm seu apoio nas Sagradas Escrituras, porém nossa luta é muito maior. Não devemos só mourejar pela manutenção dos imprescindíveis valores sociais herdados pela formação judaico-cristã da sociedade ocidental. Precisamos também, e precipuamente, pregar e defender os princípios da Palavra de Deus, da verdade do evangelho. Essa é a nossa missão.

CAPÍTULO 14

Não tenha medo de ser taxado

Estamos em um período da I História em que o termo fundamentalismo está em alta. É comum ouvirmos falar de fundamentalismo cristão, fundamentalismo islâmico, etc. Mas o que significa fundamentalismo?

Fundamentalismo é uma expressão que, como tantas outras palavras, acabou perdendo o seu sentido original. Deixe-me dar um exemplo.

Na introdução de sua obra *Cristianismo puro e simples*, C.S. Lewis conta a história da palavra inglesa *gentleman,* que originalmente tinha um sentido negativo, sendo usada para referir-se ao senhor feudal, mas hoje tem um sentido positivo, referindo-se a alguém educado, altruísta, gentil. Com o termo fundamentalismo aconteceu a mesma coisa, sendo que em sentido inverso.

A expressão "fundamentalismo", que originalmente não representava necessariamente algo negativo, significa hoje todo tipo de posição que é con-

siderada insuportável pela sociedade. Isso se deve a um trabalho de anos dos liberais para tentar colar significações negativas no fundamentalismo cristão e, posteriormente, em qualquer outro tipo de manifestação antiliberal.

O QUE É FUNDAMENTALISMO?

O termo fundamentalismo nasceu no início do século XX nos Estados Unidos para denominar a resposta dos evangélicos norte-americanos ao avanço do liberalismo teológico.

Há cem anos, uma corrente filosófica denominada Modernismo, facilita- dora do ateísmo, atacava as igrejas e a Teologia. Ela era inspirada pelo avanço da teoria darwinista e do movimento denominado *nouveau* racionalismo, isto é, novo racionalismo, advindo da Europa. Esse movimento enfatizava os princípios do iluminismo europeu do século XVIII.

O novo racionalismo produziu o secularismo, que levou à criação da corrente filosófica conhecida hoje como humanismo secular, que, por sua vez, preconiza que todos os dogmas religiosos devem ser evitados.

Cristãos evangélicos norte-americanos, combatendo essas idéias e defendendo o pensamento cristão, reagiram enfatizando os fundamentos bíblicos. Assim, fundamentalismo é, originalmente, o nome que se dá à resposta cristã evangélica às tentativas de desacreditar a Bíblia e de envenenar as doutrinas cristãs com conceitos antibíblicos, como o evolucionismo, o humanismo secular e o relativismo. E não é uma resposta irracional ou apenas emocional. Trata-se de uma resposta que não ignora o uso de argumentos lógicos, históricos e científicos.

USO EQUIVOCADO DO TERMO FUNDAMENTALISMO

Porém, infelizmente, o termo fundamentalismo foi, em nossos dias, estropiado de seu significado real e passou a ser sinônimo de alienação. Essa acepção do termo foi criação dos liberais, que passaram a acusar os cristãos conservadores de serem intolerantes e anticientíficos só porque defendem a inerrância das Escrituras, a divindade de Cristo, Seu nascimento virginal e a Salvação só em Jesus.

Foi assim que o termo fundamentalismo, que nada tinha de negativo em sua proposta inicial, passou a ser equivocadamente sinônimo de qualquer

tipo de radicalismo intolerante, preconceituoso e anticientífico. E para colar ainda mais essa imagem negativa ao termo, este passou a ser atrelado a situações e casos extremamente negativos, para reforçar a idéia de que qualquer fundamentalismo é sinônimo de ignorância c ódio.

Um exemplo desse erro: a visão de que o fundamentalismo cristão e o fundamentalismo islâmico se equivalem. São coisas absolutamente diferentes. Crer no contrário é dizer que o cristianismo é intolerante e anticientífico, o que não é verdade. Se há algum cristão intolerante, que mata pela sua fé, ele não deve ser definido como "fundamentalista cristão", porque o verdadeiro fundamentalista cristão nunca faria isso, justamente pelos princípios (fundamentos) que defende (valores cristãos, bíblicos, que pregam o respeito à vida, às pessoas e o amor). O certo é referir-se ao caso como fanatismo ou, melhor ainda, como falso cristianismo.

Em outras palavras: há espécies de fundamentalismo (religioso ou político) que são intolerantes e anticientíficos, mas daí dizer que todo fundamentalismo é sinônimo disso é um erro crasso. Fundamentalismo, em si, não significa necessariamente ignorância e ódio aos diferentes. Os tipos de fundamentos a que se apegam as manifestações fundamentalistas são o que definem se tal fundamentalismo é negativo ou não.

Uma manifestação fundamentalista só poderá ser considerada sinônimo de intolerância e anticientificismo quando os princípios (fundamentos) religiosos ou políticos que defende pregam a intolerância e a ignorância.

Ora, o verdadeiro fundamentalismo cristão não se enquadra nesse caso.

Primeiro, porque o verdadeiro cristianismo não força as pessoas a aceitarem as doutrinas bíblicas e convive perfeitamente com as diferenças religiosas. Só para citar um exemplo histórico: os Estados Unidos são uma democracia fundada por protestantes que fugiram da perseguição católica romana na Europa. O primeiro país republicano e democrata do mundo, e o primeiro com total liberdade religiosa, é criação protestante, e não do Iluminismo, como alguns liberais afirmam em livros e na mídia, tentando enganar os incautos.

Os Estados Unidos nasceram sob o Pacto dos Pais Peregrinos (que eram protestantes), realizado em 1620 no Navio Mayflower, que estava a caminho da América. Esse evento é bem anterior ao iluminismo, que foi iniciado oficialmente com a repercussão do livro *Discurso do método*, lançado por Descartes em meados do século XVII, e que só foi ganhar corpo de fato como movimento no século XVIII. Além disso, a Independência e a Constituição dos Estados Unidos são anteriores à Revolução Francesa (esta, sim, influenciada pelos conceitos iluministas).

E os casos de intolerância religiosa, atrocidades e discriminação por parte de cristãos protestantes durante a História? Mais uma vez, repito: em nenhum momento a Bíblia, única regra de fé e prática do cristão, defende esse tipo de atitude. Portanto, são simplesmente casos de falso cristianismo. É argumento desonesto dos liberais, ateus raivosos e antiteístas julgar que os erros cometidos em nome da Bíblia e do cristianismo provam que estes são maus. Além de o verdadeiro cristianismo, expresso na Bíblia, condenar esses erros, há muitos cristãos sinceros que andam segundo a Palavra de Deus e, por isso, também condenam esses erros.

Em segundo lugar, diferentemente do que se tem dito há um século, o cristianismo não tem nada de anticientificismo. Além de muitos dos grandes cientistas e filósofos da História terem sido cristãos sinceros, se existe alguma cosmovisão religiosa que nunca propôs a irracionalidade e o anticientificismo, esta é a cosmovisão judaico-cristã, que sempre foi contra, sim, a falsa ciência. Em outras palavras, religião e ciência não são opostas quando a primeira se trata do cristianismo ou do judaísmo.

CRÍTICAS AOS FUNDAMENTALISTAS CRISTÃOS ENTRE OS PRÓPRIOS EVANGÉLICOS

As duas únicas críticas sinceras, sem preconceito, ao fundamentalismo cristão são advindas do próprio meio cristão. Elas dizem respeito (1) à despreocupação com o social no início do movimento e (2) ao receio diante do pentecostalismo em seus primeiros passos. São esses erros que criaram, no meio evangélico, as pechas de que o fundamentalista cristão seria engessado e frio.

O receio diante do pentecostalismo em seu início se deveu ao fato de os primeiros fundamentalistas serem, quase em sua totalidade, ligados a igrejas protestantes históricas e calvinistas, pouco afeitas a analisar qualquer coisa diferente dos seus parâmetros. Assim, quando surgiu o pentecostalismo, que além de pregar a contemporaneidade dos dons espirituais e o batismo no Espírito Santo como uma bênção subsequente à Salvação, era em sua maioria esmagadora arminiano, os primeiros fundamentalistas preferiram rechaçar o pentecostalismo, ao invés de vê-lo como um aliado, um movimento espiritual promovido pelo Espírito Santo de Deus para reavivar a Igreja em meio aos ataques de dois inimigos comuns para ambos: o liberalismo teológico, que esfriara as igrejas; e o avanço da teoria darwinista, que levara muitos cristãos ao agnosticismo.

Os pentecostais, desde sua gênese, sempre foram absolutamente contra o liberalismo teológico, o darwinismo e o humanismo secular. A primeira carta doutrinária oficial do pentecostalismo, escrita em 1914 pelas fundadores das Assembléias de Deus (maior representante do pentecostalismo clássico), começava dizendo: "Essas assembléias opõem-se a toda Alta Crítica radical da Bíblia, a todo o modernismo, a toda incredulidade na igreja e a filiação a ela de pessoas não-salvas, cheias de pecado e de mundanismo. Acreditam em todas as verdades bíblicas genuínas sustentadas por todas as igrejas verdadeiramente evangélicas" (*Teologia sistemática, uma perspectiva pentecostal,* CPAD, p. 21).

Atualmente, ainda há, claro, fundamentalistas evangélicos que mantêm sua raiz tradicional antipentecostal e confundem suas pequenas diferenças teológicas com a espinha dorsal da fé cristã. Porém, um olhar mais amplo mostra que a maioria dos que hoje são chamados de fundamentalistas cristãos (ou neofundamentalistas evangélicos) não é antipentecostal. Eles tão somente mantem sua posição conser- vadora em relação à espinha dorsal da fé cristã, o que, na verdade, é o que define mesmo o que seja realmente fundamentalismo evangélico.

A outra crítica sincera ao fundamentalismo é relativa ao aspecto social, e também já está superada.

Por estar preocupado *apriori* apenas com os ataques às doutrinas bíblicas, o fundamentalismo acabou esquecendo, em seu início, um pouco do compromisso cristão com as grandes questões sociais de nossa época. Não que a doutrina bíblica não fale do social (Mt 25.31-46; Tg 1.27; 2.14-26), mas o problema também é que muitos teólogos liberais, arquiinimigos do fundamentalismo, defendiam a salvação pelo social. Alguns exemplos são o evangelho social e a Teologia da Libertação, que ficou mais conhecida e desenvolvida no meio católico, mas nasceu entre protestantes liberais.

Devido ao excesso de zelo em relação aos liberacionistas, o fundamentalismo acabou descambando para um extremo. Se os liberacionistas pra ticavam obras sem fé, os fundamentalistas acabaram praticando, algumas vezes, uma fé sem obras.

Foi para promover o equilíbrio que nasceu o movimento denominado evangelicalismo. Surgido na década de 70 (seus primeiros lampejos se deram nos anos 40, mas ele só engrenou oficialmente com a famosa Conferência de Laussane, na Suíça, em 1974, tendo como presidente o pastor batista norte-americano Billy Graham e como relator o teólogo britânico anglicano John Stott), o evangelicalismo nada mais era que uma tentativa de estabelecer um equilíbrio, voltar a uma fé com obras, fugir das polarizações dos liberais e liberacionistas de um lado, e dos fundamentalistas do outro. Tentava também estabelecer um maior diálogo com a sociedade,

enquanto muitos fundamentalistas, devido à discriminação que sofriam, preferiam isolar-se.

Hoje, porém, quase não ouvimos mais falar de evangelicalismo e o fundamentalismo cristão voltou a estar em alta. Por quê? Por pelo menos três razões.

Primeiro, porque muitos se desiludiram com o movimento evangelicalista, pois descobriram que alguns dos que defendiam o movimento eram, na verdade, liberacionistas travestidos de evangelicalistas.

Segundo, por entenderem que o evangelicalismo já cumpriu sua missão, uma vez que conseguiu despertar os cristãos evangélicos de forma geral para uma pre- ocupação maior com as questões sociais e fez com que muitos fundamentalistas saíssem de sua "caverna" de isolamento social.

Nos últimos 30 anos, a preocupação com o social aumentou entre os cristãos evangélicos, e isso se deve consideravelmente ao movimento evangelicalista. Hoje, muitos cristãos já falam da Missão Intergral da Igreja, da responsabilidade social na evangelização, etc. Os evangélicos voltaram a ser mais engajados com o social, como eram antes do século XX.

Mas, finalmente, o fundamentalismo cristão voltou a estar em alta (e dessa vez sem o signo de "fé sem obras"), porque a fé cristã está sendo veementemente atacada em nossos dias. Por isso, a ênfase deixou de estar no resgate da função social da igreja (o que em parte já foi resgatado pelo evangelicalismo) para estar na defesa das doutrinas cristãs. Além disso, a insistente proposta de uma cosmovisão cristã para o mundo (o que é chamado pelos críticos anti-religião de "nova estratégia de ataque do fundamentalismo cristão") está dentro da proposta evangelicalista de inserção do evangelho na cultura e na sociedade.

EVANGELICALISTAS SE DESCOBREM FUNDAMENTALISTAS

O reflexo disso é que muitos cristãos que antes se apresentavam como evange- licalistas, e que fugiam de posições tidas como fundamentalistas, hoje se assumem fundamentalistas, porque a atual onda liberal, de perseguição ao cristianismo no Ocidente (às vezes velada, às vezes não), levou-os ao enfrentamento doutrinário e à dedicação à atividade apologética, à intensa defesa da fé cristã.

De vez em quando, por onde viajo, ouço algum colega de ministério dizendo: "Silas, o evangelicalismo foi muito importante para mim. Mas, hoje, descobri-me, por incrível que pareça, fundamentalista, pois vejo que o momento

que a Igreja está vivendo atualmente (com modismos, profusão de heresias e ataque dos liberalismos teológico e secular) exige uma ênfase fundamentalista. Além do mais, descobri que o ***genuíno*** fundamentalismo cristão não é marcado necessariamente pelos radicalismos de que tanto se falava".

O "fundamentalismo cristão xiita", que é apresentado por muitos como sendo a verdadeira versão do fundamentalismo cristão, é, na verdade, defendido por muitíssima pouca gente no meio cristão. É uma caricatura do fundamentalismo criada pelos liberais.

ESPINHA DORSAL DA FÉ CRISTÃ

Qualquer cristão que viva e defenda os pontos cardeais da fé cristã é, por definição, um fundamentalista cristão, ou seja, um defensor dos fundamentos bíblico-cristãos. Que pontos são esses?

1) A Bíblia como única regra de fé e prática, a inerrante, suficiente e infalível Palavra de Deus. Suas histórias são factuais e não mitológicas, e seus textos devem ser interpretados literalmente, exceto em passagens claramente conotativas.

2) Jesus Cristo é o Filho de Deus, Deus feito homem, 100% Deus e 100% homem, Seu nascimento foi virginal e Seus milagres realmente aconteceram, bem como Sua ressurreição, e Ele voltará para buscar a Sua Igreja e julgar a todos.

3) Deus é um só, subsistindo eternamente em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Ele criou o universo. Seus atributos naturais e morais expressos na Bíblia não podem ser ignorados.

4) Não devemos aceitar o ecumenismo religioso (não confundir com diálogo entre denominações verdadeiramente cristãs evangélicas, o que é sadio e necessário). Coexistir com outras religiões sim, mas sem unir-se a elas ideologicamente ou condescender doutrinariamente. Não fazer isso seria vender a consciência cristã.

5) Salvação só em Cristo, conforme ensinado pela Palavra de Deus.

6) O Inferno existe c é literal. E um lugar de tormento para os pecadores não-arrependidos.

7) Devemos rejeitar como opções sadias todo tipo de pecado clarificado nas Sagradas Escrituras.

Se esses pontos são plenamente defendidos e inegociáveis para você, não importa de que denominação seja: você é fundamentalista evangélico. "O quê? Eu?" Sim, e isso, como já deve ter notado, não tem nada a ver com alienação e radicalismos.

QUANDO É UMA HONRA SER CHAMADO DE FUNDAMENTALISTA

Depois de entendermos isso, chega a ser engraçado ver evangelicalistas que, preocupados em não serem taxados de "fundamentalistas", explicam sua atividade apologética dizendo: "Não sou fundamentalista. Sou bíblico" ou "Não sou fundamentalista, mas conservador".

Pergunta-se: O que você conserva? Os fundamentos bíblicos?

"Sim!", responde.

Então, como não é fundamentalista?

"Não, não sou! Ser fundamentalista é..."

E seguem-se definições de fundamentalismo cristão que nada mais são do que uma reprodução da definição que nos foi imposta pelos liberais para zombar da genuína defesa dos princípios bíblicos.

Outro exemplo muito comum: há muitos cristãos que, quando estão em algum fórum evangélico, criticam acidamente o que chamam de "fundamentalismo evangélico", mas, quando são confrontados sobre sua fé em fóruns não-cristãos e por pessoas liberais, entram em crise existencial. Sim, porque, ao tentarem expor a doutrina bíblica, ouvem assustados: "O senhor está sendo fundamentalista!" Então, se desesperam. "Como? Não sou!" E tentam tergiversar. Se estivessem conscientes do que é o verdadeiro e sadio fundamentalismo cristão, responderiam: "Depende em que sentido você está usando o termo fundamentalismo. Se é no sentido de intolerância e anticientificismo, não sou. Mas se é no sentido verdadeiro e original do termo, que é defesa dos fundamentos bíblicos, sou sim, com muito prazer. Todo cristão é fundamentalista, porque os cristãos são homens da Bíblia".

Pensar o contrário é entrar no jogo dos liberais, que querem justamente que tenhamos vergonha dessa definição ("fundamentalistas cristãos") e, ao tentarmos fugir dela, acabemos negociando os princípios inegociáveis da Palavra de Deus. Isso nunca deve acontecer.

O genuíno fundamentalismo cristão é fundamentalismo bíblico, ou seja, é apreço à ortodoxia bíblica, aos fundamentos da fé cristã, e não preconceito, anticientificismo e outros logros mais.

Portanto, não tenha medo de ser fundamentalista cristão. No sentido original e verdadeiro da palavra, claro.

Capitulo 14

Só uma fé engajada e sob o poder do Espírito Santo pode impactar a sociedade

igreja evangélica tem crescido vertiginosamente no Brasil, es-pecialmente o Movimento Pentecostal. Porém, o maior desafio para a igreja do século XXI é a necessidade de crescimento com transformação social. Ser sal e luz do mundo, como diz a Bíblia.

Chama a atenção o fato de que dados e mais dados surgem apontando um crescimento constante dos evangélicos no Brasil, mas estes não estão vindo acompanhados pela transformação da nação. Discussões sobre o assunto têm aumentado no meio evangélico devido à contradição entre os fatos e as expectativas geradas pelos dados. É que, durante muitos anos, quando o número de evangélicos em nosso país era bem menor, era comum ouvirmos o discurso de que o Brasil iria melhorar à medida que a porcentagem de evangélicos brasileiros aumentasse. Mas, isso não é verdade.

Já somos, segundo estimativas, cerca de 25% da população e este cres-cimento não tem sido acompanhado pela melhoria social e moral do nosso

país. Os escândalos, a imoralidade e os casos de corrupção têm aumentado, até em alguns setores da comunidade evangélica. Em outras palavras, os evangélicos estão aumentando em quantidade, mas não em qualidade.

É verdade que há pesquisas que mostram mudanças efetivas em algumas cidades e regiões do Brasil devido à influência do evangelho, mas, de forma geral, o país continua o mesmo ou até pior em alguns sentidos, apesar de termos 1/4 da nação.

Isso se deve, claro, ao tipo de evangelho, distorcido, que tem sido pregado por aí, mas também à falta de engajamento da maioria dos crentes brasileiros com a transformação social do seu país. Como já disse alguém, parafraseando o discurso de posse do ex-presidente norte-americano John Kennedy, os evangélicos devem se perguntar não o que o país pode fazer por eles, mas o que eles podem fazer pelo seu país, ainda mais que possuem a mensagem mais poderosa do mundo: o evangelho de Cristo.

O QUE É UM ENGAJAMENTO SADIO

Alguém pode se perguntar: Mas o que seria esse engajamento?

É importante frisar o que é esse engajamento porque há pessoas que o confundem com dois extremos: a imposição da fé cristão sobre as outras pessoas e o confinamento da fé para trabalhar apenas em prol de causas sociais definidas pela própria sociedade de nosso tempo.

No primeiro caso, refiro-me àqueles cristãos que têm uma visão "constantina" do cristianismo. Sãos os que defendem uma Teologia do Domínio, que prega que os evangélicos devem tomar conta, estrategicamente, de todas as principais áreas de comando da sociedade para, então, empurrar o cristianismo "goela abaixo" das pessoas. Não é isso que ensina a Bíblia. O evangelho deve ser pregado, não imposto. As pessoas são livres para aceitar ou não (Mc 16.15,16). Devemos pregar esperando que o Espírito Santo convença as pessoas. O nosso trabalho é de persuasão, não é uma luta "contra carne ou sangue" (Ef 6.12).

No segundo caso, refiro-me àqueles cristãos que não se preocupam em transmitir os valores do Reino de Deus aos seus familiares e colegas de trabalho e também são passivos diante de temas como a legalização do aborto e os projetos que pretendem minar a liberdade religiosa e de expressão, preferindo mourejar apenas em favor daquelas causas que a própria sociedade elegeu como as únicas dignas de nossa atenção e dedicação. As causas ecológicas, por exemplo. Em outras palavras, são cristãos que têm

sua agenda determinada não pelos valores da Palavra de Deus, mas apenas pelas demandas escolhidas pelo seu tempo, isto é, pela mídia e pensadores secularistas. Mesmo que algumas destas demandas sejam importantes, as outras questões não devem ser desprezadas, mesmo que seja muito impopular atentar para elas.

Para dar um exemplo do tipo de engajamento que precisamos, quero citar uma importante reflexão feita pelo professor Os Guinness, em visita ao Brasil em setembro de 2007, em palestra na Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP). Na ocasião, ele falou sobre diversidade num mundo globalizado. Guinness é um dos grandes pensadores cristãos de nossos dias, sendo considerado sucessor do legado do pastor norte-americano Francis SchaefFer.

Em sua palestra, sintetizada em alguns sites, ele afirmou a necessidade de uma Aliança Cívica Plural. O pastor presbiteriano Solano Portela, no blog www.tempora-mores.blogspot.com, transcreve e comenta a abordagem de Guinness:

"A Aliança Cívica Plural esboça a metáfora de uma praça pública, na qual pessoas de diferentes persuasões, ideologias e opiniões se aproximam para o diálogo e o debate. No entanto, essas interações acontecem debaixo de uma estrutura na qual se reconhecem absolutos mínimos que regem a convivência e que protegem certos direitos básicos e inalienáveis das pessoas. Consequentemente, fica ausente a possibilidade de opressão e coação, enquanto que se garante a mais primária das liberdades: a de consciência, de crença, de exercício da fé".

"Guinness pergunta, de que adianta termos liberdade de ajuntamento, se nada pode ser expresso livremente em tal ajuntamento? E ainda, de que adianta ter liberdade de expressão, se ao expressar você for condenado pelo que expressa, sendo subtraída a sua liberdade de consciência? Assim, ele substancia que o livre pensar é a primeira das liberdades, apesar de segmentos da civilização terem considerado, erroneamente, as de ajuntamento e expressão como sendo mais importantes".

"A nossa luta deve ser, portanto, pelo reconhecimento desses absolutos e pelo estabelecimento dessas regras de convivência, para que subsista harmonia real, ainda que com diferenças profundas de crença e ideologias. Essa Aliança Cívica Plural não significa a adoção de um 'mínimo denominador comum' - onde as crenças e valores são reduzidos àquilo que todos acreditam, porque isso não respeitaria a liberdade de consciência e de pensar, nem seria uma visão realista que levasse em conta a profundidade das convicções de

cada um. Não está sendo advogada a construção de uma sociedade amorfa, sem convicções. É, simplesmente, um reconhecimento que você tem direito de pensar diferentemente de mim, e eu de achar que você está errado, sem a sanção de coagi-lo a pensar como eu. Ao mesmo tempo, aquilo que é realmente bom ('o bem') deve ser tanto bom para você como para mim - deve respeitar uma estrutura mínima de valores universais que se constituem a moldura e estrutura necessária à convivência civilizada. Tudo aquilo que ferir a dignidade da pessoa humana, não pode ser aceito nessa 'praça pública' de debates. As idéias são apresentadas, debatidas e espera-se persuasão, convencimento, mas nunca coação".

"Mentes lúcidas se dedicarão à construção dessa praça pública de debates. O verdadeiro cristianismo, pelo menos, deveria defendê-la e propagá-la na confiança da Soberania de Deus, que nos ensina a transmitir as boas novas e que nos ilustra, na História, como o evangelização foi abençoada onde floresceu a liberdade estruturada de consciência".

Como escreveu o bispo anglicano John Stott em sua obra *Mentalidade cristã* (1989), "melhor que os extremos da imposição e do *laissez-faire* [contração da expressão francesa *laissez faire, laissez aller, laissezpasser*, que significa literalmente "deixai fazer, deixai ir, deixai passar"] é a estratégia da persuasão. Esta é a forma advogada pela mente cristã, pois brota natural-mente da doutrina bíblica de Deus e do ser humano".

INFLUÊNCIA CORRETA E MAIS EFETIVA

Portanto, em vez de nos preocuparmos apenas em aumentar o número de representantes no Congresso Nacional para tentar deter leis anticristãs, devemos, cada um de nós, procurar exercer a influência cristã, como sal e luz, nos lugares onde Deus nos colocou. O que adianta termos 100 representantes no Congresso Nacional se a própria igreja não se engaja pela transformação do país?

Veja o exemplo de muitos evangélicos norte-americanos nos Estados Unidos. Em vez de ficarem parados reclamando da aprovação de leis anticristãs, da escola que só faz ensinar evolucionismo aos filhos, do aumento da degradação moral da sociedade, dos programas de televisão que são péssimos, eles participam de discussões, fazem manifestações públicas, boicotam produtos, etc. Mas também não estou propondo só isso.

Não devemos minimizar a importância de termos representantes políticos no Congresso Nacional, nem demonizar a política ("Política é coisa do

Diabo"), mas também não devemos ficar pensando que ter representantes políticos é tudo. Nem devemos pensar que engajamento é só luta e protesto. O que muda mesmo é a presença ativa da Igreja na sociedade, *é* ser sal e luz, pregar, evangelizar, ganhar vidas para Cristo e discipulá-las, e viver uma vida de santidade, viver uma vida inspiradora e ainda participar, envolver-se, manifestar opinião em toda oportunidade que surgir.

EXEMPLOS DE ENGAJAMENTO SADIO

Ao relermos a história do cristianismo, encontramos vários exemplos de influência marcante, positiva e transformadora da Igreja na sociedade, inclusive no Brasil, e em épocas em que os evangélicos eram uma grande minoria e não tinham representantes políticos. O que havia era avivamento espiritual e engajamento político-social.

Não precisamos ir para longe, citando os casos extraordinários do Avivamento Wesleyano do século XVIII na Inglaterra ou dos movimentos de reforma social nos Estados Unidos no século XIX. Pouca gente sabe, mas muitas das mais importantes transformações sociais que o Brasil experimentou no final do século XIX foram provocadas pelos evangélicos brasileiros. A mídia e os livros escolares de História não falam disso porque não lhes convém, mas qualquer historiador sério confirma isso. Detalhe: na época em que os evangélicos implementaram essas mudanças, eles não representavam nem 1 % da população brasileira e não tinham sequer um representante político.

Vejamos algumas das conquistas do protestantismo brasileiro no século XIX

Os protestantes brasileiros foram os maiores promotores do movimento de abolição da escravatura no Brasil. Os missionários norte-americanos e europeus evangélicos eram ouvidos pelos políticos de então e o Império, por serem considerados homens com ideais avançados. Seus artigos eram lidos com atenção, e o diálogo entre pastores e líderes políticos nacionais era constante. O primeiro missionário presbiteriano, Ashbel Green Simonton, um dos grandes arautos do abolicionismo no Brasil, sintetizou em seu diário, no Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1867, o espírito do movimento abolicionista evangélico: "Se ao menos puder ser removida a mancha da escravidão, esse incubo extirpado do corpo da nação, ainda que em algum dia distante, já será grande vitória".

Também contribuímos muito para a educação do nosso país, o que não era prioridade dos governantes de tempos passados. Uma das gramaticas

brasileiras mais bem sucedidas nos séculos XIX e XX foi a do pastor Eduardo Carlos Pereira, que teve 150 edições. Os evangélicos construíram muitas escolas, hoje centenárias, em todas as regiões do país.

O jornal *Imprensa evangélica*, que circulou durante o Império, era contra a escravidão, contra uma religião do Estado e a favor de um sistema republicano. Naquela época, os evangélicos eram muito perseguidos. Se não, vejamos:

1) A Constituição de 1824 vedava aos evangélicos o direito de suas casas de culto parecerem templos.

2) Os protestantes não podiam propagar sua fé. Robert Kalky, missionário congregacional que inaugurou a Escola Bíblica Dominical no Brasil, sofreu muitas perseguições em Petrópolis (RJ) por causa disso, sendo até ameaçado de ser expulso da cidade.

3) Também não tínhamos garantia de emprego e, como se não bastasse, todos os colonos, fossem católicos ou não, deveriam contribuir com uma soma anual para a construção de uma igreja católica em uma determinada cidade que, muitas vezes, estava a mais de 200 quilômetros deles.

4) Só os católicos poderiam ser sepultados em cemitérios. Por isso os evangélicos construíram seus próprios cemitérios, quando não eram enterrados em qualquer lugar.

5) A Constituição do Império impedia o protestante de se candidatar, pois quem assumisse algum poder político deveria jurar "manter a religião Católica Apostólica Romana". Os não-católicos não podiam participar dos comícios.

6) O casamento protestante era considerado ilegítimo. O casamento era uma instituição religiosa regulada pelo Concílio de Trento e pelas Constituições do Arcebispado da Bahia. Assim, ele só seria válido, tendo todos os benefícios que a lei concedia, se fosse realizado por um padre católico. E mais: o padre só faria o casamento se o cônjuge protestante assinasse o compromisso de educar os filhos segundo os preceitos católicos. Chegou a se instaurar um processo contra duas pessoas que saíram da Igreja Católica para se casarem perante um ministro evangélico.

Muitas das belas conquistas sociais na nossa nação têm sua origem ou inspiração na luta dos primeiros protestantes brasileiros. As grandes contribuições sociais e políticas dos protestantes no Brasil foram o aumento da alfabetização tanto infantil como adulta, a liberdade religiosa, a liberdade de consciência através das escolas, a construção de novas instituições de ensino, a implementação de um regime democrata, o casamento civil (antes da reivindicação protestante, só existia o casamento religioso), a liberdade de expressão, o fim da escravatura, a separação entre igreja e Estado, e diversas atividades humanitárias inspiradoras.

Ainda hoje, muitas igrejas têm feito importantes trabalhos sociais em sua região, transformando vidas e merecendo o reconhecimento das autoridades locais.

Outro destaque, que não poderíamos deixar de citar, é o tremendo trabalho evangelístico desenvolvido pelo pentecostalismo clássico no Brasil na primeira metade do século passado.

OUTROS EXEMPLOS HISTÓRICOS

A Reforma Protestante é outro grande exemplo de transformação da sociedade pela pregação genuína do evangelho acompanhada de engajamento cristão.

O protestantismo foi um dos grandes catalisadores do fim da superstição da Idade Média, que havia sido implementado por um catolicismo romano cada vez mais decadente. É só reexaminarmos a História e veremos que, antes da Reforma, o mundo medieval era cheio de fantasmas, duendes, gnomos, demônios, anjos e santos. O povo era ignorante, extremamente supersticioso e não tinha acesso à leitura. A própria Igreja Católica Romana fomentava e explorava isso.

Foram os evangélicos que combateram tudo isso, e logo receberam o apoio dos humanistas da época. Eles eram minoria, mas exerceram uma influência excepcional na sociedade.

Outra influência marcante e decisiva do protestantismo se deu na área da educação.

O protestantismo sempre esteve ligado à educação. John Wycliffe, pré-reformador, fez a primeira tradução da Bíblia para o inglês, influenciando a sistematização da língua inglesa. Desde seus primeiros passos na Alemanha, a Reforma teve uma singular preocupação com o ensino. Em 1521, Martin Lutero publicou a Bíblia em alemão, o que os historiadores confirmam ter sido fundamental para a sistematização da gramática germânica. O próprio Lutero se encarregou de começar a sistematização da língua alemã. Em poucos anos, novas publicações da Bíblia em vários idiomas europeus foram realizadas, rompendo com o monopólio católico romano da Vulgata (versão latina do 4º século, feita por Jerônimo, e única até aquele período).

Como a maioria dos fiéis era de analfabetos, a Bíblia, de início, era lida apenas pelos pregadores. Entretanto, isso não interessava aos pro-

testantes, que sempre quiseram ver a Bíblia acessível a todos. Logo, os países de influência protestante começaram a investir na alfabetização em massa do povo, o que possibilitou a livre interpretação dos textos sagrados e o crescimento social das pessoas.

O missionário batista William Carey traduziu porções das Escrituras para dezenas de línguas e dialetos, sistematizando muitos deles. Tanto John Wesley como Carey e David Linvingstone deixaram para o mundo várias obras seculares importantes de cunho científico.

Em 1780, em Gloucester, no Centro-Oeste da Inglaterra, o jornalista evangélico Robert Raikes criou a Escola Dominical, uma das maiores iniciativas de que se tem notícia na área de ensino. Aquela região era um pólo industrial com grandes fábricas têxteis. As crianças trabalhavam nas fábricas ao lado de seus pais seis dias por semana. Enquanto seus pais descansavam do trabalho árduo no domingo, as crianças ficavam abandonadas nas ruas e praças esmolando, brigando e, nas palavras de Raikes, "perturbando o silêncio dos vizinhos". Elas eram criadas sem qualquer estudo que pudesse lhes dar um futuro diferente de seus pais. Muitos enveredavam pelo caminho do vício, violência e crimes.

No tempo de Raikes, não havia escolas públicas na Inglaterra, apenas escolas particulares, privilégio das classes mais abastadas. Assim, as crianças pobres ficavam sem estudar, trabalhavam a semana toda e viviam nas ruas aos domingos. Raikes, então, começou a reuni-las nas praças e depois em salões alugados, onde elas aprendiam a ler e escrever, as somas aritméticas e lições de moral, ética e educação religiosa. Em 1785, fundou a primeira Associação da Escola Dominical. No mesmo ano, fundou nos Estados Unidos a União das Escolas Dominicais.

Raikes pagava do seu próprio bolso um pequeno salário para as professo- ras. Com o crescimento da obra, pessoas altruístas começaram a contribuir. É sabido que várias crianças alcançadas por esse trabalho, antes sem perspectivas, se tornaram homens ilustres na Inglaterra e Estados Unidos.

OS EXEMPLOS DE WESLEY E AZUSA

Quem não se lembra do famoso Avivamento da Rua Azusa? Uma das características daquele movimento espiritual foi a luta contra o preconceito racial nos Estados Unidos. O Avivamento Wesleyano, o Avivamento da Rua

Azusa e o Avivamento Evangélico do século XIX nos EUA têm em comum o fato de que, além de serem marcados pela manifestação poderosa do Espírito Santo e pela conversão de milhares de vidas, terem se engajado em reformas sociais.

É significativo o fato de os historiadores afirmarem que a Inglaterra só não experimentou uma revolução sangrenta como a França em 1789 (Revolução Francesa) por causa das mudanças sociais implementadas pelo Avivamento Wesleyano.

O Movimento pelos Direitos Humanos nos EUA nos anos 60 foi liderado por um pastor batista negro, Martin Luther King. Ele pode até ser criticado por excessos em alguns momentos, mas sua luta foi justa. O trabalho social do ***Desafio Jovem,*** fundado pelo pastor assembleiano David Wilkerson nos EUA, é outro exemplo de atividade impactante, que tem sido reproduzida por muitas denominações evangélicas em várias nações do mundo. Quando a mídia secular, até mesmo no Brasil, vai produzir matérias sobre recuperação de drogados, invariavelmente tem que mencionar algum centro de recuperação evangélico.

Os problemas que enfrentamos no Brasil hoje são muitos. A corrupção tem aumentado. A degradação moral também. Leis com objetivo de atacar a Igreja estão surgindo. O que fazer? Apenas ficar parados, de mãos cruzadas, vendo as coisas acontecerem?

"Vós sois o sal da terra; e se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada presta, senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte, nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire,mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa. Assim, resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus", Mt 5.13-16.

O mandato espiritual da Igreja é para ganhar vidas para Cristo e "salgar" a sociedade, ser relevante, provocar transformações sadias. Que por meio da igreja brasileira brilhe a luz de Cristo, dissipando as trevas espirituais em que está imerso o nosso país.

UM EXEMPLO EXTRAORDINÁRIO

A abolição da escravatura é uma das mais belas páginas da história da humanidade, e ela foi escrita não pelo iluminismo, mas pelos cristãos evangélicos dos séculos XVIII e XIX. Poucos sabem, mas foram evangélicos ingleses que conseguiram este feito lutando sozinhos contra todas as forças econômicas e políticas da época.

A Inglaterra foi o primeiro país a abolir a escravatura, e um dos nomes dessa conquista foi um pastor chamado John Newton, autor do hino *Ama zing Grace.* Este hino está ligado à luta pela abolição da escravatura desde sua origem. Antes de converter-se a Cristo, John Newton (1725-1807) gastara parte da sua vida no comércio de escravos, tendo ele próprio sido preso na África e tratado como escravo. Na viagem de regresso à Inglaterra, quando o barco quase naufragava, Newton voltou-se para Deus. Ele chamou o dia de sua conversão de "dia da minha libertação".

Depois disso, Newton passou a ler todos os dias a Bíblia e "devorou" o livro *Imitação de Cristo*, de Thomas de Kempis. Também tornou-se discípulo do evangelista George Whitefield e admirador de John Wesley, fundador da Igreja Metodista. Ordenado pastor, Newton liderou a Olney Parish Church e a Saint Mary, Woolnot, em Londres. Em Olney, tornou-se amigo do poeta William Cowper. Juntos trabalharam nos cultos, em reuniões de oração e na produção de um novo hino para cada culto da comunidade. Newton compôs *Amazing Grace* nesse período, mais precisamente em dezembro de 1772, apresentando-o à sua congregação em 1 de janeiro de 1773.

O hino *Amazing Grace* apresenta o coração de seu autor, que pela graça de Deus deixou de ser um vil comerciante de escravos para ser um servo do Senhor. Até hoje, os cristãos se identificam com o hino não só pelo seu contexto histórico, mas também por ele descrever de forma geral a transformação que a graça de Deus opera na vida das pessoas, tornando o mais vil pecador em um servo de Deus. Com o passar dos anos, *Amazing Grace* também inspirou a composição de muitos outros hinos. A letra do hino e sua tradução estão no boxe desta matéria.

Mas não era só pelos belos hinos que o pastor John Newton era conhecido. Seus sermões também eram ungidos. Várias vezes ele pregou e escreveu contra a escravatura. Foi depois de um de seus sermões que conheceu pessoalmente um jovem recém-convertido a Cristo chamado William Wilberforce (1759-1833), membro da Câmara dos Comuns.

Durante a apresentação da oratória *O Messias,* de Haendel, em Londres, Newton pregou uma série de sermões sobre os temas do libreto da oratória (Nascimento, Paixão, Ressurreição, Glorificação de Cristo e Juízo Final). No final de um desses cultos, Wilberforce procurou conselho pastoral com Newton. Em sua consulta, o jovem externou seu desejo de deixar a política para se dedicar à evangelização de seu país, mas John Newton aconselhou-o a permanecer na política, e afirmou ainda que Deus queria usar Wilberforce ali para extirpar as injustiças sociais na Inglaterra.

O que se seguiu depois disso é um dos maiores exemplos de um político santo da História, algo muitíssimo raro.

William Wilberforce pertencia a uma família nobre da Inglaterra. Ele foi educado nas melhores escolas de sua época. Estudou em Cambridge, onde decidiu dedicar-se à carreira política, que iniciou cedo. Ele foi eleito representante de seu povoado na Câmara dos Comuns aos 21 anos de idade. Para conseguir o apoio popular, repartiu dinheiro que possuía, mandando fazer um grande churrasco para todo o vilarejo, conquistando o afeto de um bom número de votantes. Nessa época, ainda estava afastado de Deus. Aos 24 anos, já era político popular e elogiado em todo o país. Conta-se que, por causa de um inflamado discurso, conseguiu eleger-se representante de Yorkshire, o maior e mais importante condado da Inglaterra.

Wilberforce era visto em Londres corno um jovem com extraordinário futuro político pela frente. Seu amigo de adolescência William Pitt, primeiro-ministro inglês, chegou a dizer-lhe nessa época que considerava Wilberforce um dos maiores oradores que já vira em sua vida e dotado de uma voz inconfundível. Pitt disse-lhe que se seu amigo se dedicasse à política, com certeza impactaria o mundo. Aos olhos humanos, estava no auge, mas não era o que Deus achava.

Em 1784, Deus tocou o coração daquele jovem político. Na infância, Wilberforce fora muito influenciado por sua tia metodista Elannah (uma das grandes apoiadoras do ministério de George Whitefield), mas ele não levou seu fervor inicial em frente. Porém, durante uma viagem, decidiu-se para Cristo. Ainda estava com 24 anos, quando partiu para a França, levando consigo sua mãe Elizabeth, sua irmã Sally, uma amiga dela e seu amigo, o professor Isaac Milner. Na bagagem de Milner, Wilberforce viu uma cópia do livro evangélico *The Rise and Progress of Religion in the Soul,* de Philip Doddridge (mais conhecido por ter escrito o famoso hino *Oh! Happy Day).* Ele perguntou a Milner o que era e ouviu como resposta: "Um dos melhores livros já escritos". Então, concordaram em lê-lo juntos durante a viagem. Foi a leitura desse livro e da Bíblia, e as conversas animadas com Milner, que levaram o jovem político afinalmente entregar sua vida a Jesus.

Em seu diário, Wilberforce escreve no final de outubro de 1784: "Assim que me compenetrei com seriedade, a profunda culpa e a tenebrosa ingratidão de minha vida pregressa vieram sobre mim com toda sua força. Condenei-me por ter perdido tempo precioso, oportunidades e talentos. (...) Não foi tanto o temor da punição que me afetou, mas um senso de minha grande pecaminosidade por ter negligenciado por tanto tempo as

misericórdias indescritíveis de meu Deus e Senhor. Encho-me de tristeza. Duvido que algum ser humano tenha sofrido tanto quanto sofri naqueles meses".

"OS SANTOS"

De volta a Londres, Wilberforce não era mais o mesmo. Desejava agora servir a Deus com todas as forças da sua vida. Foi quando encontrou-se a primeira vez com John Newton, que, como já vimos, o orientou dizendo que Deus queria usá-lo na política. Nessa época, tocado pelas mensagens dos pastores John Wesley, Anthony Benezet e John Newton, Wilberforce resolveu se dedicar a duas causas, que considerava as mais importantes de sua vida: a abolição da escravatura e a reforma moral de seu país. "O Deus Todo-poderoso tem posto sobre mim dois grandes objetivos: a supressão do comércio de escravos e a reforma dos costumes", escreveu em seu diário.

Todos os dias, para fortalecer-se espiritualmente, Wilberforce levantava- se cedo para ler a Bíblia e orar. O pastor John Newton tornou-se seu grande conselheiro e inspiração para a gigantesca luta pró-abolicionismo. Gigantesca porque tinham contra si grandes poderes e interesses. O comércio de escravos era justificado pelo país econômica e politicamente. Basta lembrar que o comércio de escravos era a fonte mais lucrativa do mercantilismo. Os próprios reis lucravam com isso. Mesmo assim, Wilberforce afirmou em discurso no parlamento: "A perversidade do comércio de escravos é tão gigantesca, tão medonha e tão irremediável, que a minha mente está completamente preparada para a abolição. Sejam quais forem as consequências, deste momento em diante, estou resolvido que nunca descansarei até que tenha conseguido a abolição" (extraído do livro *131 Christians Everyone Should Know).*

A abolição do tráfico negreiro custou 18 anos da vida de Wilberforce. Seus projetos de lei abolicionistas foram derrotados oito vezes (em 1791, 1792, 1793, 1797, 1798, 1799, 1804 e 1805). Como intimidação, chegou a ser assaltado e surrado duas vezes. Um amigo lhe escreveu: "Se as coisas continuarem assim, breve ouvirei dizer que foste carbonizado por algum dono de fazenda das índias Ocidentais, feito churrasco por mercadores africanos e comido por capitães da Guiné, mas não desanime — eu escreverei o seu epitáfio".

Nessa guerra, Wilberforce não estava sozinho. Outros companheiros evangélicos uniram-se à causa. Um grupo de crentes e parlamentares metodistas, puritanos e quacres uniram forças com ele, bem como alguns

anglicanos de um bairro do sul de Londres. Formaram um grupo que passou a ser chamado jocosamente pela sociedade inglesa e pelos políticos antiabolicionistas da época de "Os Santos". Foi esse grupo que criou a primeira Sociedade Anti-escravista e ajudou a fundar Serra Leoa, que nasceu em 1787 como uma colônia chamada *Freetown*, para servir de refúgio para escravos libertos do Canadá e do Reino Unido. Para lá "Os Santos" conseguiram enviar, em 60 anos, cerca de 100 mil ex-escravos.

"Os Santos" ainda fundaram escolas cristãs para pobres, reformaram prisões, combateram a pornografia e lutaram pela obra missionária. Eles oravam três horas por dia: de manhã, ao meio-dia e à noite na igreja de Clapham, em Londres. Muitas comunidades metodistas e todas as igrejas quacres também sustentavam o movimento em oração. O grupo não desistiu, apesar da oposição avassaladora que lhes foi feita. "Os Santos" foram acusados de lesar a pátria e de proporem a ruína da economia inglesa devido à sua luta pela abolição. Depois de muita oração e perseverança, em 1807, uma maioria de 283 votos contra 16 aprovou a lei da abolição da escravatura proposta por Wilberforce. Ao ser aprovada, todo o congresso britânico pôs-se de pé, ovacionando o servo de Deus por vários minutos, enquanto ele chorava e louvava a Deus com o rosto entre as mãos. O resultado saiu nove meses antes da morte de John Newton.

Por conta da decisão parlamentar, a Grã-Bretanha, que na época era a maior potência mundial, declarou guerra ao tráfico de escravos no mundo. Nem ela e nem ninguém mais poderia traficar escravos. Acrescentou ainda que seria a "guardiã dos mares". Nenhum barco negreiro poderia mais singrar
os oceanos sem ser vistoriado (o chamado *Aberdeen Act*). Se a embarcação fosse capturada, os escravos deveriam ser devolvidos. Portugal e Bélgica, os dois principais rivais, tiveram que parar imediatamente com a comercialização dos escravos. Alguns países ainda faziam comércio clandestinamente, como o Brasil, mas, aos poucos, o abolicionismo foi sendo imposto em todo o mundo. O Brasil, por exemplo, por pressão inglesa, finalmente concordou em abolir o tráfico pela Lei Eusébio de Queirós, em 1850.

Depois de uma série de leis intermediárias, a abolição completa da escravidão nas colônias inglesas foi conseguida em 1833, poucos dias antes da morte
de Wilberforce. Em decorrência, em agosto de 1834, foi decretado o *Slavery Abolition Act*, que culminou na libertação imediata de 776 mil homens, mulheres e crianças na Inglaterra.

Em suas reuniões, o Grupo de Clapham ou "Os Santos", que tinha à frente
Wilberforce e um humilde pastor chamado John Venn (que cedia sua igreja

em Clapham, a oito quilômetros de Londres, para as reuniões), se reunia para ler a Bíblia, orar e dialogar na biblioteca oval de um banqueiro convertido a Cristo chamado Henry Thornton, que todo ano doava quase metade de seu lucro para obras sociais e evangelísticas. "Os Santos", em sua luta, elaboraram 12 pontos interessantíssimos que nortearam seu esforço pela reforma social na Inglaterra do século XIX. Eram eles: "(1) Estabeleça objetivos claros e específicos. (2) Pesquise cuidadosamente para produzir uma proposta realista e irrefutável. (3) Construa uma comunidade comprometida que apóie uns aos outros. A batalha não pode ser vencida sozinha. (4) Não aceite retiradas como uma derrota final. (5) Comprometa-se a lutar de forma contínua, mesmo que a luta demore décadas. (6) Mantenha o foco nas questões; não permita que os ataques malignos de oponentes o distraiam ou provoquem resposta similar. (7) Demonstre empatia com a posição do oponente, de forma que diálogo significativo aconteça. (8) Aceite ganhos parciais quando tudo o que é desejado não puder ser obtido de uma só vez. (9) Cultive e apóie suas bases populares quando outros, que estiverem no poder, se opuserem a seus projetos. (10) Transcenda à mentalidade simplista e direcione-se às questões maiores, principalmente as que envolvem questões éticas. (11) Trabalhe através de canais reconhecidos, sem lançar mão de táticas sujas ou violentas. (12) Prossiga com senso de missão e convicção de que Deus o guiará providencialmente se estiver verdadeiramente a seu serviço".

Os historiadores Clouse, Pierard e Yamauchi dizem: "Este grupo uniu-se numa intimidade e solidariedade incríveis, quase como uma grande família. Eles se visitavam e moravam um na casa do outro, tanto em Clapham como na própria Londres e no campo. Ficaram conhecidos como 'Os Santos' por causa de seu fervor religioso e desejo de estabelecei' a retidão no país. Vários comentaristas observaram que eles planejavam e trabalhavam como um comitê que estava sempre reunido em conselhos de gabinete' em suas residências para discutir o que precisava ser consertado e estratégias que poderiam usar para alcançar seus objetivos. Discutiam os erros e as injustiças de seu país, e as batalhas que teriam de travar para estabelecer a justiça".

Participavam do grupo Charles Grant, presidente da Companhia das índias Orientais; James Stephens, cujo filho, chefe do Departamento Colonial, auxiliou bastante os missionários nas colônias; John Shore; Lord Teignmouth, governador-geral da índia e primeiro presidente da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira; Zachary Macauley, editor do jornal *Obser- vador Cristão*; Thomas Clarkson, famoso líder abolicionista; a educadora Hannah More, além de outros líderes evangélicos. Que plêiade!

A VERDADEIRA HISTÓRIA

Algo importante a ser dito: Já notou como os livros de História não contam esses detalhes? Já notou que normalmente dizem que foi o "iluminismo" ou "o Século da Luzes" (como o século XVIII é chamado) que aboliu a escravatura? Isso não *é* verdade. É tomar para si uma honra que não é sua.

Dos iluministas, só os chamados fisiocratas franceses, Adam Smith e os filósofos Montesquieu e Rousseau fizeram declarações claras contrárias à escravatura, mas mesmo assim em pequenas notas e sem repercussão. Não é à toa que o cientista francês Condorcet (século XVIII) lamentou que "só uns poucos filósofos atreveram-se, de vez cm quando, a soltar um grito a favor da humanidade". E esses discursos dos iluministas eram, muitas vezes, seguidos de comentários do tipo: "Escravatura é errado, mas fazer o quê? O ideal é que não fosse assim, mas a economia precisa". Nenhum deles levou suas observações (fugazes) à frente, empreendendo alguma luta contra o sistema e a favor da abolição. Só os protestantes o fizeram.

Desde a primeira metade do século XVIII encontramos inúmeros sermões contundentes de pregadores protestantes contra a escravidão. E não ficaram só nas palavras. A primeira reação concreta contra a escravidão na História foi o envio de uma solicitação abolicionista ao Parlamento Britânico em 1768, feita pelos protestantes quacres. Depois de rejeitada a proposta, John Wesley pregou concorrido sermão em 1774 a favor da abolição. Foi o ano em que Wilberforce voltou-se para Cristo.Wilberforce também desempenhou papel fundamental na criação da ***British and Foreign Bible Society*** (Sociedade Bíblica), em 1804, e da Church Missionary Society, em 1799. Nas palavras de Robin Furneaux, "sua mensagem era a de que não bastava professar o cristianismo, levar uma vida decente e ir à igreja aos domingos, já que o cristianismo atravessa cada aspecto, cada canto da vida cristã. A sua abordagem do cristianismo era essencialmente prática".

Wilberforce ainda foi o instrumento usado por Deus para abrir as portas da índia para a evangelização. Quando William Carey, o Pai das Missões Modernas, estava precisando de ajuda em seus esforços missionários, o Parlamento Britânico aprovou, por iniciativa de Wilberforce, a "Ata da índia", um decreto que abriu as portas não só da índia, mas de todos os outros territórios do Império Britânico aos missionários.

No século XX, Winston Churchill ainda diria que "não há na História muitas pessoas que tenham contribuído tanto para o bem da sociedade

como William Wilberforce". Não e à roa que Churchill o chamou de "a consciência da nação". Recentemente, em entrevista à revista *Veja* (24/1/07). o renomado biólogo e cientista norte-americano Francis Collins, diretor do Projeto Genoma e responsável pelo mapeamento do DNA humano, ao combater a afirmação de cientistas antiteístas de que a fé faz mais mal ao mundo do que bem, citou o exemplo de Wilberforce como uma prova de que os valores da fé cristã revolucionam positivamente a sociedade.

Escreveu Wilberforce: "Devo confessar que minhas próprias e sólidas esperanças pelo bem-estar do meu país não dependem de seus navios e exércitos, nem da sabedoria de seus governantes, ou ainda do espírito de seu povo, mas sim da capacidade de persuasão de todos aqueles que amam e obedecem ao evangelho de Cristo".

Pelo bom exemplo de John Newton, Wilberforce, Wesley e de tantos outros crentes que serviram fielmente a Deus, podemos afirmar: "É uma honra ser protestante".

O PODER DO ESPIRITO

O segredo, como vimos, está num engajamento correto, à luz da Bíblia, mas não só nisso. Acima de tudo, está no poder do Espírito Santo de Deus em favor de Sua Igreja.

Sem o poder do Espírito Santo, sem a graça divina, não podemos vencer essa onda ou pelo menos sobreviver a ela. Precisamos de um avivamento genuíno. A perseguição que está para vir sobre a Igreja não se dará como muitos esperavam antes. Virá em forma de mordaças. E, para vencê-las, é preciso o poder do Espírito Santo.

Há muitos exemplos na História do que acontece a uma igreja ou a um país inteiro quando há um avivamento, mas gostaria de citar apenas um. O avivamento galês do início do século XX, quando os males da Modernidade afetavam a Igreja assim como hoje afetam os males do Pós-modernidade.

Simplesmente, de 1904 a 1910, o País de Gales experimentou um dos maiores avivamentos da História, que teve como principal instrumento divino o jovem pregador Evan Roberts (1879-1951). O avivamento foi tão notório que, em 1904, o famoso jornalista William Stead (1849-1912), editor de um dos principais jornais britânicos da época, o ***Pall Mall Gazette,*** publicou uma série de matérias de destaque sobre o acontecimento. Porém,

até 1909, o avivamento ainda seria notícia em jornais britânicos. Foi nesse ano que um jornalista de Londres resolveu visitar Gales para ver se, cinco anos depois, o avivamento ainda estava vivo.

Ao chegar em Gales, o jornalista marcou uma entrevista com pastores de uma das primeiras cidades onde tudo começara. No encontro, um deles afirmou que, dois anos antes do avivamento, o número de crentes fiéis na cidade era quase nenhum, ao ponto de as igrejas estarem prestes a fechar. Quando o jornalista perguntou se o reavivamento já estava em declínio, eles responderam: "Sim, está. É que não existe mais ninguém aqui querendo ser salvo. Todos os habitantes da nossa cidade aceitaram Jesus durante o avivamento".

O País de Gales foi marcado por muitos avivamentos. O primeiro foi no final do século XVIII, com Christmas Evans. O segundo ocorreu em 1859. No início do século XX, porém, não havia mais resquícios do grande avivamento galês. A frieza espiritual e o liberalismo teológico começavam a tomar conta das igrejas. Por isso, muitos crentes daquele país começaram a orar por um reavivamento, que veio no final de 1904.

Tudo começou em 29 de setembro de 1904, quando Evan Roberts, um jovem minerador de carvão de 25 anos que estava se preparando para o ministério, e mais 19 amigos se reuniram em uma manhã para ouvir o evangelista Seth Joshua. Em sua mensagem, Joshua afirmou: "A igreja galesa precisa, acima de tudo, ser dobrada, quebrantada como argila mole nas mãos de Deus". Aquelas palavras tocaram o coração de Evans, que prostrou-se em lágrimas clamando: "Senhor, dobra-me!" E, como escreveu alguém, "dentro de pouco tempo, a igreja galesa estava acertando seus corações com Deus. Os líderes estavam clamando a Deus. E, de repente, Deus chegou!"

Contam-nos os registros da época que o avivamento começou quando Evans deu início a reuniões de oração e passou a ensinar aos cristãos galeses, insistentemente, que eles deveriam pedir perdão a Deus de seus pecados, confessar publicamente Cristo como o Seu Salvador, afastar-se de tudo aquilo que desagrada a Deus e não resistir à ação do Espírito Santo. Os crentes receberam essa palavra, foram restaurados espiritualmente e, através de seus testemunhos de vida, o país foi atraído a Cristo.
Contam os historiadores que "as transações de jogo e álcool perderam a sua atividade e os teatros se fecharam por falta de público (...) Adolescentes, cansados de seus pais alcoólatras batendo nas mães, oravam para que os bares se fechassem. A polícia pranteava e se juntou aos cânticos - e a criminalidade quase cessou".

Em pouco tempo, todas as igrejas ficaram lotadas, de tal forma que multidões ficavam sem poder entrar. As reuniões eram das dez da manha até à meia-noite, com três cultos bem definidos realizados todos os dias. "Os infiéis se convertiam, beberrões, gatunos e jogadores profissionais eram salvos; dívidas antigas eram saldadas e milhares voltavam a ser cidadãos respeitáveis".

E tudo começou com oração e um ensino bíblico direto sobre avivamento!

Engajamento sob o poder do Espírito - é disso que a Igreja no Ocidente precisa urgentemente. E, para isso, Deus conta comigo e com você.

Apêndice 1

A questão dos erros dos reformadores

Há dois tipos de equívocos muito recorrentes em pessoas que entram em contato com a história da Reforma Protestante.

O primeiro equívoco é o de querer ver apenas os acertos dos reformadores, olvidando seus erros. Quem age assim cria uma visão romântica da Reforma, e não uma visão realista. E isso é ruim por duas razões.

Inicialmente, porque olhar para o passado da Igreja é bom não apenas porque aprendemos com os acertos, mas também porque aprendemos com os erros dc grandes homens dc Deus. E em segundo lugar, porque a visão realista não diminui a importância da Reforma, mas, muito pelo contrário, mostra-nos quão terrível seria se a Reforma não tivesse acontecido. Sim, pois, ao analisarmos os erros dos reformadores, logo percebemos que eram frutos da influência do contexto cultural de sua época sobre eles, e a Reforma, como sabemos, propunha exatamente a transcendência dos princípios bíblicos sobre a tradição e a cultura de qualquer época. Ou seja, seus erros realçam ainda mais a importância dos primeiros passos que deram sob a graça de Deus, pois mostram que, apesar de seus esforços, os próprios reformadores (falhos pelo simples fato de serem humanos) não conseguiram vencer e transcender totalmente os vícios de sua cultura. Porém, abriram a porta e estabeleceram as bases precisas para o início da mudança.

Ou seja, os erros dos reformadores, que não devem ser olvidados, só valorizam mais ainda suas conquistas. Quando nos deparamos com seus

erros, percebemos mais claramente o quanto os passos que deram foram hercúleos. Devido ao contexto de sua época, foram conquistas tremendas

A Reforma partiu da redescoberta da Bíblia e, por isso, ela pregou volta às Escrituras, o que fez com que fossem defendidos princípios que se opunham à realidade cultural dos reformadores. Como consequência, em sua volta à Palavra, os reformadores acabaram chocando a sociedade quando encarnaram princípios bíblicos que estavam frontalmente em contraposição ao contexto político, religioso c social de seus dias. Por exemplo: a luta contra a supersticiosidade religiosa; a visão do sexo como uma bênção de Deus e a condenação apenas do sexo ilícito à luz da Bíblia (a Igreja Católica tiniu uma visão do sexo como um mau em si mesmo, uma visão de quanto mais sexo, menos santidade; e quanto menos sexo, mais santidade; a Reforma condenou e combateu essa visão); a preocupação com a educação do povo, a música e a literatura; e o resgate de mulheres da prostituição para a vida familiar. A Igreja Católica medieval "tolerava a prostituição, porque seus valores de gênero denegriam o sexo e também porque supunha que o desejo masculino fosse uma força anárquica e incontrolável, que, sem um meio de descarga, macularia as mulheres respeitáveis da cidade. (...) Foi a Reforma que impeliu o fechamento dos bordéis" (As Reformas na Europa, Carter Lindberg, Sinodal, 2001).

Inúmeros outros exemplos de posicionamentos além de seu tempo, baseados na redescoberta da Bíblia, poderiam ser citados. Isso só foi possível por causa da visão de Sola Scriptura dos reformadores. Porém, como a Reforma foi apenas o começo dessa redescoberta, não poderíamos ser tão ingênuos de pensar que todos os vícios culturais da época dos reformadores foram transcendidos. Ora, os reformadores nasceram e cresceram dentro daquela cultura medieval, tiveram seu pensamento impregnado desde a infância pela mentalidade de sua época, e que não era uma mentalidade formada da noite para o dia. Eles viveram em um período de intensas trevas, em que já fazia mil anos que uma cultura equivocada tinha sido formada e cimentada, mas, seguindo os passos dos pré-reformadores, começariam a rompê-la. Portanto, imaginar que, da noite para o dia, esses homens transcenderiam 100% uma mentalidade cristalizada durante mil anos (mil anos!) é ingenuidade demais.

É irreal querer que os reformadores, que deram os primeiros passos, que estavam começando a descobrir a Bíblia, entendessem 100% do que nós hoje, filhos da Reforma, entendemos. Bem como é desonesto enfatizarmos seus erros cm detrimento de suas conquistas, ainda mais quando foram jus-

tamente eles os instrumentos que Deus usou para abrir a porta e estabelecer as bases (sólidas e bíblicas) para que nós, hoje, cerca de 500 anos depois, pudéssemos ver mais além do que eles.

Em sua trajetória de vida, por serem seres humanos falhos como eu e você, e por terem nascido e crescido dentro daquela cultura, naturalmente não conseguiram transcender todos os aspectos culturais de seu tempo, cometendo erros, mas deram os primeiros (e grandes) passos para a mudança. Por isso, seus erros, resultantes da influência do seu contexto cultural, só reforçam o quanto a Reforma foi importante. Os poucos avanços que os reformadores deram, dentro do e apesar do seu contexto histórico, só devem nos levar a valorizar mais ainda o que fizeram pela graça de Deus. O que seria das gerações seguintes sem a Reforma?

O segundo grande equívoco recorrente é justamente um desdobramento do que acabamos de dizer: estereotipar os reformadores a partir de seus erros, às vezes até diminuindo a importância de seu trabalho e ministério por causa de seus erros.

Ora, a História não deve ser apenas contada, mas também interpretada, e sempre à luz do contexto a partir do qual cada história da História ocorreu. Os que a contam sem analisá-la ou sem mencionar o contexto de cada fato (citando-os apenas isoladamente) o fazem, não poucas vezes, imbuídos de determinados interesses. E isso é extremamente desonesto. É assim que se distorcem histórias. É assim que se distorce a História.

Nessa época de pós-modernidade, a moda, como já falamos, é destruir, desconstruir, fluidificar, relativizar. Quando os emergentes citam os erros dos reformadores e os enfatizam sem atentar para o contexto histórico, sem analisar todas as nuances dos fatos, é porque querem que relativizemos a Reforma e, assim, deixemos de ver os postulados da Reforma como importantes e comecemos, consequentemente, a romper com o cristianismo organizado totalmente e a abraçarmos a proposta emergente de uma nova igreja superior, mais pura, etc.

O argumento desonesto é o que se segue: "Você é tão apegado aos princípios da Reforma? Você admira os reformadores. Então deixa eu te mostrar isso... Viu? Será que, depois disso, você vai admirar tantos os reformadores e a Reforma como antes? Será que gente que chegou a fazer isso e a dizer aquilo também não pode ter errado ao propor todos esses princípios?"

Não é à toa que Brian Mclaren, em seu livro Uma ortodoxia generosa, refere-se com desprezo aos princípios solas da Reforma, e com destaque para o Sola Scriptura ("Somente as Escrituras"), o que chama de "bibliolatria".

Lembremos que o próprio Mclaren não considera a Bíblia autoritativa, como afirma em seu livro A New Kind of Christian. Por isso os emergentes adoram ressaltar os erros dos reformadores e avultá-los omitindo o contexto deles, tentando, assim, por tabela, diminuir a importância dos princípios da Reforma, posto que estes princípios chocam-se frontalmente com a proposta emergente.

Falta honestidade nas análises que os emergentes fazem dos erros dos reformadores. Duas nuances, por exemplo, são completamente ignoradas. Alem, claro, da questão do contexto cultural, de que já falamos.

Lm primeiro lugar, lembremos que os reformadores não eram super-homens espirituais, assim como Abraão, Isaque, Jacó, Elias, Davi, Salomão e outros servos de Deus no passado não eram. Todos estes que citei tiveram falhas, umas maiores, outras menores, mas todos tiveram. E sabe qual é uma das coisas mais lindas na Bíblia? É que ela não esconde as falhas dos heróis da fé. Já imaginou se escondesse? Se ela o fizesse, ao lermos a história dos homens de Deus na Bíblia, diríamos: "Meu Deus, eles eram tão perfeitos! Não há como eu poder ser usado por Ti como eles foram, pois sou tão falho..."

Graças a Deus por não esconder as falhas dos heróis bíblicos! Graças a Deus por ela mostrá-los como eles realmente são! Diferentemente do que faziam os historiadores das nações da Antiguidade. Estes eram funcionários do reino e, por isso, tão tendenciosos que a maioria deles escondia todas as falhas dos reis, exaltava só as virtudes e ainda escondia relatos de derrotas em guerras contra outras nações. Esses funcionários relatavam só as vitórias. Por isso, para saber a verdade sobre determinados povos da Antiguidade, os historiadores modernos tiveram, em muitos casos, de comparar o que historiadores coetâneos de nações inimigas diziam sobre aqueles reis.

A Bíblia, porém, não mente, não camufla. Deus não dá "jeitinho" para ninguém. A Bíblia mostra o ser humano como ele é, falho e extremamente necessitado e dependente da graça, da misericórdia e do perdão de Deus para ser restaurado, abençoado e se tornar uma bênção.

Enfim, ao mostrar os heróis da fé com suas falhas, a Bíblia nos ensina que Deus não faz a obra simplesmente através de nós. Ele faz a Sua obra através de nós e apesar de nós, ou seja, apesar de nossas falhas. Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós e pôde ser usado por Deus como foi (Tg 5.17). Davi foi tremendamente falho, mas se arrependeu e pôde ser usado por Deus como foi. Nós somos falhos, mas podemos ser usados por Deus apesar de nossas fraquezas.

Então, não precisamos olhar para a Reforma para aprender que homens de Deus podem falhar. Basta lermos a Bíblia. Quem lê a Bíblia não se impressiona com a fraqueza humana, mesmo nos filhos de Deus.

Agora, em segundo lugar, devemos aprender a fazer distinção entre os que erram por fraqueza (como os reformadores) e os que erram por falta de conversão mesmo, porque são ímpios travestidos de cristãos (aqueles que demonstravam viver divorciados dos princípios do evangelho e ainda fizeram atrocidades em cima de atrocidades em nome de Deus). No primeiro caso, não devemos ignorar os erros, mas também não devemos comprometer toda a obra de uma vida dedicada ao Senhor por causa desses erros isolados. Lutero e outros foram grandes homens, apesar de suas terríveis falhas. Já no último caso, devemos rechaçar esses falsos irmãos, que dizem que estão no evangelho, mas o evangelho não está realmente neles. Estes podem não se envergonhar do evangelho, mas ele se envergonha deles.

Deixe-me citar um exemplo de erro dos reformadores para ilustrar o que estou falando: as terríveis palavras que Lutero chegou a escrever acerca dos judeus em seu livro Sobre os judeus e suas mentiras. Nesta obra, o reformador chegou a declarar a respeito deles que "as sinagogas deveriam ser queimadas, suas casas destruídas e arrasadas, deveriam ser privados de seus livros de orações e do Talmude, seus rabinos deveriam ser proibidos de ensinar sob pena de serem mortos; se não obedecerem, deveríamos expulsar os preguiçosos velhacos para fora do nosso sistema; portanto, fora com eles. (...) Para acrescentar, caros príncipes e nobres que têm judeus em seus domínios, se meu conselho não lhes serve, encontrem então um melhor, de maneira a que todos nós sejamos libertos desta insuportável carga diabólica — os judeus".

Se alguém lê essas declarações do reformador sem analisar todas as nuan-ces do contexto a partir do qual ele proferiu essas terríveis palavras, vai emitir um julgamento precipitado e equivocado sobre Lutero, vai pensar que nem cristão ele era, mas um falso cristão, e também questionar a integridade e a importância de tudo que pregou e ensinou. Que nuances são essas?

A primeira é que uma das fraquezas de Lutero era justamente seu temperamento instável, sua impulsividade. O mesmo Lutero que escreveu isso sobre os judeus escreveu antes afirmações belas sobre eles. E numa época em que falar bem dos judeus era extremamente impopular! Quem fizesse tal coisa seria taxado de louco. E, aliás, esta é exatamente a segunda nuance sobre o caso: o que os críticos de Lutero muitas vezes esquecem é que hoje soa claramente repugnante essas palavras do reformador, mas na época em

que ele as escreveu, a maioria esmagadora do povo em geral (ou seja, de todas as classes sociais de sua época) aprovou o que ele disse! Por quê? Porque os judeus eram vistos em sua época erroneamente como uma praga paia a sociedade.

A hostilidade aos judeus naquela época não era algo sui generis. Era, infelizmente, o senso comum. A comparação que farei a seguir não é perfeita, mas serve, porque estamos falando de rejeição e impopularidade a uma pessoa ou grupo em uma determinada época. O que Lutero disse no século XVI é como se alguém, nos dias de hoje, tivesse dito: "Destruam a casa do presidente norte-americano George Bush, tirem seus bens, queimem tudo, deixem ele na pobreza!" Com certeza, tal discurso arrancaria hoje o aplauso da maioria esmagadora da população mundial (ou mesmo a maioria da ocidental). Tal era a impopularidade dos judeus na época. Mas, por que essa impopularidade?

Não era só por causa daquela história de "caia o teu sangue sobre nós" (Mt 27.25), que fez com que a Igreja Católica, no passado, os visse como malditos, influenciando a sociedade da época. Isso foi o início, mas não era tudo. Outros fatores fomentaram o preconceito que já existia desde o quarto século d.C.

Os judeus eram vistos erroneamente como problema devido à sua intensa prática da usura, o que fazia com que o povo os visse como exploradores. Os judeus ricos e usurários tinham a fama de serem opressores, maus e mesquinhos, enquanto boa parte dos cristãos ricos eram vistos como "caridosos e bons". Vide o clássico O Mercador de Veneza, de William Shakespeare, que se fosse feito nos dias de hoje, levaria o Bardo à cadeia como anti-semita, mas na época foi visto como normal e aplaudido. Era a visão da época sobre os judeus.

Além disso, havia os supostos casos de assassinatos e de profanação de templos cristãos. Os documentos históricos que os especialistas detêm hoje não provam se realmente esses crimes ocorreram ou (quando real-mente ocorreram) se deveriam ser atribuídos aos judeus, pois tratam-se de documentos muito tendenciosos. Entretanto, sabe-se que, infelizmente, a população da época considerava os judeus culpados por todos esses crimes. Ora, ainda que algumas dessas histórias de crimes de judeus, de repente, fossem confirmadas, seria uma absurda generalização taxar todos os judeus de malditos por causa de crimes cometidos por um ou outro judeu.

Ademais, na época de Lutero, havia poucos anos que o povo italiano e alemão estava traumatizado por um crime célebre e horrível que, sem provas

concretas, foi atribuído aos judeus. Trata-se do caso Simonino. Filho de dois anos c meio de um modesto curtidor cristão, Simonino desapareceu na tarde da Sexta-feira Santa de 23 de março de 1475 e só foi encontrado no domingo seguinte, morto, mutilado e dentro de um canal que passava sob a habitação- sinagoga de um judeu rico chamado Samuel, que era usurário proveniente de Nuremberg, na Alemanha. A comoção e a revolta que tomaram conta da população local de Trento, cidade do garoto, só foi atenuada com a prisão e morte dos supostos responsáveis pelo crime. O detalhe é que não havia provas de quem eram os responsáveis, mas, na ânsia de acalmar a revolta, a acusação acabou caindo prontamente sobre os judeus locais. Ela foi feita formalmente pelo príncipe e bispo alemão Giovanni Hinderbach.

Como resultado, em uma das páginas mais escuras da história européia, foram condenados à morte 14 judeus c a comunidade israelita da região de Trento foi expulsa sumariamente, sofrendo ainda confiscos e multas. E o menino passou a ser venerado como São Simonino de Trento (ou São Simão de Trento), tornando-se, inclusive, um dos patronos da cidade e criando "um longo e duradouro culto popular de crianças cristãs sacrificadas por judeus", lembra Mário Maestri, professor do programa de pós-graduação em História da Universidade de Passo Fundo, em artigo publicado no site www.consciencia.net.

O caso Simonino teve repercussão em toda a Europa. Afirmam historiadores que, inclusive, foi esse acontecimento que influenciou a Inquisição católico romana na Espanha a perseguir judeus. O culto a São Simonino se espalhou principalmente pela Itália e Alemanha, só sendo abolido pela Igreja Católica em 1965, pelo papa Paulo VI.

Só para se ter uma idéia: na época de Lutero, era comum encontrar pinturas degradantes que associavam judeus a excrementos. Em uma delas, do final do século XV, os judeus eram representados se alimentando do esterco que caia do fundo de uma porca. Preconceito mais terrível impossível! Anos depois, ainda eram comuns gravuras falando mal dos judeus e citando o caso Simonino, como uma famosa gravura alemã de 1493.

Pois bem, é nessa conjuntura que Lutero escreve algo que choca o povo de sua época: textos a favor dos judeus. Contra todo o legado antijudaico da Idade Média, e em especial da Itália e da Alemanha, ele escreve enfaticamente em seu livrete intitulado Que Jesus Cristo nasceu como judeu, de 1523, que Deus "honrou os judeus acima de todos os povos" e que, por isso, "os cristãos deveriam tratar os judeus de modo fraterno". Isso foi um escândalo para a época!

Lutero só conseguiu transcender a mentalidade enraizada de sua época afirmando tal coisa porque os reformadores tentavam se ater à Palavra de Deus, e não aos aspectos culturais de sua época.

Mas se isso já era um escândalo, o que dizer do que se segue?

Escrevendo em contraposição à proibição canônica medieval do casamento entre cristãos e judeus (sem estes terem se convertido), Lutero chegou a propor algo que é até liberal demais em relação às Escrituras: ele chegou a considerar normal um cristão protestante casar com um judeu não-convertido (desprezando a questão do jugo desigual). Leia o que ele diz, registrado em obras como As Reformas na Europa, de Carter Lindberg (Sinodal, 2001, pp. 435 e 436): "Assim como posso comer, beber, dormir, passear, cavalgar, negociar, conversar e trabalhar com um gentio, judeu, turco ou herege, também posso casar com ele e continuar casado, e não te importes com as leis loucas que to querem proibir. Pois é fácil encontrai cristãos que por dentro são descrentes piores - e esses são maioria — do que qualquer judeu, gentio, turco ou herege. Um gentio é homem ou mulher criado por Deus tão bem como São Pedro, São Paulo e Santa Luzia, sem falar de [o outro extremo] um cristão imprestável e hipócrita".

Na época que Lutero disse isso, um cristão casar com judeu, turco, herege ou gentio (pagão) era um escândalo. Mas esse foi só um dos muitos rompantes de Lutero, que no final não apoiou o casamento de cristãos com pessoas de outra fé, a não ser que já fossem casados antes de se converterem a Cristo.

Então, o que fez Lutero mudar tão radicalmente de opinião em relação aos judeus, indo de um extremo ao outro, cedendo à mentalidade de sua época? Dois fatores.

Em primeiro lugar, o fato de ter sido instigado pelos de sua época a tomar uma decisão firme quanto à questão dos judeus na Alemanha. Como assim? No século XVI, a grande crítica que se fazia na Alemanha contra os judeus dizia respeito ao seu comportamento usurário, que os levava a serem considerados pelos alemães um "peso" para a nação e até mesmo uma "praga social". Como o clima já lhes era desfavorável por causa do caso Simonino somado ao velho preconceito religioso de séculos (na Idade Média, em momentos negativos para os judeus, sempre era evocado que eles perseguiram os cristãos da Igreja Primitiva e seriam teoricamente "malditos" por terem matado Jesus), o comportamento usurário deflagrou uma forte oposição aos judeus na Alemanha. A opinião pública insistia na tese radical, mas bem própria da época, do banimento. Os judeus, segundo o povo, deveriam ser expulsos da Alemanha. Outros países reclamavam o mesmo. Como um

dos líderes de sua nação (Lutero exercia enorme influência na Alemanha, inclusive entre os líderes políticos), o pai da Reforma foi instigado pelos de sua época a se posicionar firmemente contra os judeus e suas práticas. Foi essa instigação social, somada ao segundo fator (o seu ressentimento com os judeus, de que vamos falar a seguir), que o levou a cometer essa terrível mancha em sua biografia já no final da vida.

Finalmente, em segundo lugar, os historiadores afirmam que essas terríveis palavras de Lutero contra os judeus, escritas no final de sua vida, cedendo nos últimos anos à mentalidade de sua época, foram também fruto de ressentimento. Mesmo Lutero inicialmente apoiando os judeus (diferentemente do catolicismo da época), estes desprezavam Lutero e os protestantes. Então, o reformador, no final da vida, tomado por mais um dos rompantes tresloucados de seu temperamento instável, defendeu, em clima de ressentimento, aposição popular de expulsar os judeus. Aliás, quem ler os escritos do reformador vai perceber como ele era marcantemente impulsivo e instável, e em suas instabilidades usava costumeiramente de palavras fortes. O uso de termos fortes em seu escrito contra os judeus não foi uma peculiaridade daquele livrete. Lutero é bastante famoso pelo uso de expressões e ilustrações fortes em seus escritos. E quando estava irritado, abusava mais ainda. Por exemplo, em acessos de raiva contra seus opositores, chegava a chamá-los em seus escritos de "bobalhões estúpidos" e "ratos guinchando". Este foi, talvez, o maior mau de Lutero: seu temperamento.

Uma outra prova de que seu escrito contra os judeus foi, além de fruto da instigação e pressão social que havia na Alemanha, um rompante de ressentimento é que alguns de seus seguidores e amigos da Reforma luterana defenderam abertamente os judeus, e Lutero não se opôs a nenhum deles por isso. Urbano Rhegius foi um desses nomes. Ele defendeu a tolerância em relação aos judeus como concidadãos que deveriam ter direitos iguais e serem respeitados por todos. E quando ele escreveu isso, Lutero não o rebateu - e o reformador era do tipo que, se alguém de dentro ou de fora dissesse algo que contestasse uma posição que defendia, com certeza prepararia uma tréplica. Mas Lutero não o fez.

Um segundo exemplo é Felipe Melanchton, contemporâneo e sucessor de Lutero à frente do movimento reformador na Alemanha, que mesmo concordando com a opinião pública de sua época quanto aos males do comportamento usurário dos judeus em sua nação, combateu o "libelo de sangue" (superstição absurda inventada contra os judeus e que remontava ao caso Simonino) e outros exageros antijudaicos.

Agora, sobre o fato de os nazistas terem se aproveitado desses textos precipitados de Lutero, nada mais lógico. Os nazistas usaram de tudo à sua mão, até as palavras tolas e impulsivas de Lutero, e o fizeram totalmente fora de contexto. A animosidade tresloucada de Lutero para com os judeus naquele seu livrete não tinha motivos racistas. Por isso, o uso posterior que os nazistas fizeram desse escrito do pai da Reforma é severamente criticado pelos historiadores. "Lutero, bem como outros autores católico romanos, precisam ser vistos em seu contexto histórico", enfatiza Lindberg em As Reformas na Europa. O historiador John Edwards declara: "Lutero identifica um judeu por suas crenças religiosas, e não por sua raça. A identificação de um judeu por sua raça é, em qualquer caso, um conceito estranho ao século XVI. Se um judeu se convertia ao cristianismo, tornava-se um irmão ou irmã em Cristo. Já para o anti-semitismo racial, a crença religiosa é em grande parte irrelevante. Não obstante, as afirmações hostis de figuras do Renascimento e da Reforma muito provavelmente parecerão ainda mais terríveis hoje em dia, vistas sob o pano de fundo de Auschwitz, do que quando foram feitas originalmente" (The Jews in Christian Europe 1400-1700, John Edwards, Routledge, 1988).

Quando os emergentes usam fora de contexto essas palavras impulsivas de Lutero, querendo ligar o racismo antijudaico dos nazistas aos reformadores, uma extrema desonestidade e incongruência histórica, estão simplesmente entrando no jogo dos chamados "ateus raivosos" (como Richard Dawkins), que tentam a todo custo fugir do fato de que o nazismo e o anti-semitismo racial têm suas bases no século XIX, no darwinismo social e em Nietzsche, e não em Lutero. Não é à toa que, quando a irmã de Nietzsche, Elizabeth Voster-Nietzsche, entregou a bengala do filósofo a Hitler em 1932, quando o líder nazista visitou-a em Weimar, Hitler afirmou na ocasião que aquele gesto era o símbolo da "transmissão de uma missão", ou seja, uma passagem da teoria (de Nietzsche) à prática (por Hitler). Isso porque a eugenia tem suas bases no "super-homem" de Nietzsche e no darwinismo social.

Outro detalhe é que além de os nazistas mencionarem as palavras de Lutero fora de contexto, usando-as como tudo o mais que estava à mão deles para justificar ainda mais suas atrocidades, eles salientavam sua crença em uma "raça superior" como o argumento principal de seu discurso anti-semita. Essa foi a base de todas as suas atrocidades.

Agora, dentre os erros dos reformadores, o mais terrível foi, sem dúvida, o que está ligado a Calvino: a morte de Miguel de Serveto.

Apesar de sabermos que Serveto não era nenhum santo, mas, sim, um

obsessivo disseminador de heresias e também um homem de caráter zombador, nada justifica sua morte por heresia. E a participação de Calvino nessa história toda suja sua bela biografia. Porém, é importante frisar, não invalida sua obra. Seu erro deve ser ojerizado, mas não sua vida como um todo nem seu ministério.

E verdade que o comportamento de Serveto, mais cedo ou mais tarde, o levaria à morte pelo sistema usado em toda a Europa, na Idade Média, para lidar com pessoas do perfil dele, que eram classificadas de "hereges blasfemadores". Para Serveto, a Trindade não existia, Jesus era um ser criado, todas as doutrinas de que discordava eram "diabólicas" e ele, Serveto, era, conforme suas próprias palavras, "um novo arcanjo Miguel liderando um exército de anjos contra o Anticristo". Segundo os historiadores, ele odiava a discrição, amava a polêmica e a provocação, e mesmo o único grande feito de sua vida (a descoberta da circulação pulmonar do sangue) não foi por genialidade, mas por acaso, quando estava tentando provar uma de suas teses tresloucadas: a de que "o Espírito Santo entra pelo sistema sanguíneo através das narinas", já que respiração é inspiração e a Escritura afirma que "a alma está no sangue" (Gn 9.4; Lv 17.11).

É verdade também que mesmo que Calvino tivesse defendido a não execução de Serveto, este teria sido executado mesmo assim, por causa das leis adotadas pelo Conselho municipal de Genebra para casos como o de Serveto. Nas leis de Genebra, a pena de morte por heresia existia havia muitos anos. Ela era aplicada de acordo com a Lei Contra *os* Blasfemos contida no artigo 106 do Código Criminal de Carlos V, a chamada Constitutio Criminalis Carolina. Foi com base nessa lei que Serveto foi executado.

Além disso, o Conselho dessa época era totalmente contra Calvino e, com certeza, não acataria qualquer pedido dele. Mas cabia ao reformador não concordar com a execução de Serveto, não ceder à mentalidade de sua época, mas transcendê-la.

Ainda ferido interiormente pelas provocações zombadoras de Serveto por meio de cartas, infelizmente Calvino cedeu à mentalidade de sua época. Quando Serveto veio a Genebra e foi preso, em vez de o reformador transcender, em vez de propor ao intransigente Conselho uma pena mais branda como, por exemplo, o banimento (se bem que Serveto, banido, seria morto em outros países, uma vez que a Inquisição já o havia condenado à morte), Calvino concordou com as leis de Genebra de que casos como o de Serveto mereceriam mesmo a execução, contanto que não fosse por meio de tortura ou fogueira, mas pela chamada "morte honrosa", como se dizia na

Idade Média, conceito que vinha desde o Império Romano (via de regra, o cidadão romano, quando condenado à morte, não sofria uma morte cruenta, mas apenas a "morte honrosa" - rápida e sem sofrimento). A resposta do Conselho genebrino daquele período (dominado pelos Libertinos) a um pedido de Calvino, ainda mais contra a legislação local, obviamente seria "não", mas o reformador deveria ter tentado e, assim, evitaria essa terrível mancha em sua biografia.

Não podemos dizer, por causa desse erro, que Calvino era um falso cristão, mas, sim, que enlameou feio sua biografia em um momento de terrível fraqueza quando concordou com a mentalidade da época. Aliás, é interessante que aqueles que querem invalidar total mente Calvino e sua obra por esse seu erro não invalidam Davi e sua obra, apesar deste ter cometido erros muito maiores do que Calvino. Há uma distância enorme entre Lutero e Calvino e outros personagens da História que se diziam cristãos, mas de cristãos não tinham nada.

É um absurdo enfatizar os erros isolados dos reformadores para generalizar sobre a vida espiritual deles e seus ensinos como um todo. Seus erros não foram a regra, mas exceções em suas vidas brilhantes de dedicação a Deus, e todos esses erros foram frutos de sua natureza humana falha em um contexto histórico, social, político e religioso que tentavam transcender pelo entendimento paulatino dos ensinos da Palavra de Deus, mas que, algumas vezes, pela sua limitação e fraqueza, não conseguiam transcender ou tardaram em consegui-lo. Não podemos tratar os reformadores como se tivessem mentalidade e acúmulo de conhecimentos de pessoas nascidas nos séculos XX ou XXI, mas como pessoas do século XVI.

O doutor Augustus Nicodemos, em artigo sobre o assunto publicado no site thirdmill.org e intitulado Calvino e Serveto, ressalta alguns pontos interessantes. Primeiro, ele lembra que "a pena de morte por heresia era uma prática geral na Idade Média". E, diga-se de passagem, uma prática enraizada, que tinha quatro séculos de existência. Em segundo lugar, lembra que "Serveto chegou a Genebra fugido de Viena e da França, onde havia sido condenado à morte pela Igreja Católica, sob a acusação de heresia contra a Trindade". Além disso, "Serveto veio à Genebra apesar dos avisos de Calvino de que isto poderia lhe custar a vida".

"Chegando a Genebra, [Serveto] se fez conhecido a Calvino em público. Foi preso e, embora Calvino fosse um teólogo e advogado treinado (havia mesmo sido empregado pelo Conselho municipal para traçar a legislação relativa â presidência social e ao planejamento dos serviços de saúde pública),

mesmo assim, não foi o promotor do processo eclesiástico contra Serveto. Lembremo-nos que ele não tinha nem os mesmos direitos de um cidadão comum!", ressalta Nicodemos. Só em 1559, cinco anos antes de sua morte, Calvino se tornou um cidadão de Genebra.

Alister McGrath, professor de Teologia Histórica na Universidade de Oxford, afirma: "A imagem de Calvino como o 'ditador de Genebra' não guarda qualquer relação com os fatos históricos conhecidos. (...) O julgamento, a condenação e a execução de Serveto foram, totalmente, obra do Conselho municipal, em um período de sua história durante o qual este era particularmente hostil em relação a Calvino" (A vida de João Calvino, Editora Cultura Cristã).

Voltemos a Nicodemos: "Calvino havia se correspondido com Serveto e há alguma evidência nessas carias de que ele tinha tentado até mesmo encontrar-se clandestinamente com o anti-trinitário para tentar convencê-lo do seu erro. (...) Há outro lato a ponderar. Quando foi dada a Serveto a escolha da cidade onde seria julgado, ele escolheu Genebra. A outra opção era Viena, de onde viera fugido. Por alguma razão, ele deve ler pensado que suas chances de sobrevivência eram melhores em Genebra. Porém, o Conselho municipal da cidade, conduzido pela facção dos Libertinos, totalmente contrários a Calvino, estava determinado a mostrar que Genebra era uma cidade reformada e comprometida com os credos. E assim, Serveto foi condenado a ser queimado vivo. Calvino suplicou ao Conselho que executasse Serveto de uma maneira mais humanitária do que o ritual tradicional de queima de hereges. Mas, claro, o Conselho municipal recusou o argumento de Calvino".

Nicodemos lembra ainda a tristeza de Calvino pela decisão do Conselho em executar Serveto na fogueira: "Farel visitou Calvino durante a execução. Calvino estava tão transtornado, como foi mais tarde reportado, que Farel partiu sem dizer até mesmo adeus".

Pouco tempo depois da morte de Serveto, encorajado pelo apoio de alguns e preocupado com as críticas de outros, Calvino escreveu um livro tentando justificar que, excepcionalmente, hereges podem ser condenados à morte como ocorreu com Serveto. Ele se baseou exclusivamente no Antigo Testamento, especialmente em Deuteronômio 13. Mesmo assim, houve quem o contestasse: Sebastião Castellio, diretor de escola genebrino, que escreveu um ano depois da morte de Serveto o livro Acerca dos hereges, se devem ser perseguidos. Nele, Castellio assevera: "Queimar um herege não é defender uma doutrina, mas, sim, matar um homem". Entretanto,

muitos esquecem que o próprio Castellio afirmaria posteriormente, depois de admitir que não lera os escritos de Serveto, que se este fosse de fato blasfemador, "mereceria morrer".

Um detalhe importante: além de a execução de Serveto ter sido "a única vez que homens na Igreja Reformada usaram o método da fogueira como um meio para purificar hereges" (Calvino, Genebra e a Reforma, Ronald Wallace, Cultura Cristã), quando o partido reformador, apoiado por Calvino, assumiu o poder de Genebra no lugar dos Libertinos, os hereges passaram a ser apenas expulsos da cidade, e não mais executados. Além de Serveto, ninguém mais foi executado por método algum por causa de heresia em toda Genebra. As poucas execuções que se seguiram depois que o novo Conselho assumiu foram de membros do grupo dos Libertinos que (sem esperança de voltar ao poder devido à maioria de Genebra estar agora apoiando o partido reformador) promoveram levantes públicos e sangrentos nas ruas de Genebra, e por esses crimes foram presos e executados pelo Conselho municipal, e sem envolvimento algum de Calvino na questão. Durante a gestão do Conselho reformador, Calvino recebeu apenas a responsabilidade de cuidar de reformas morais, sociais e culturais.

Outro detalhe em toda essa história é que a consciência de culpa e a discussão sobre a validade de algum tipo de pena capital para hereges só foram possíveis naquele período entre os seguidores da Reforma. Por quê? Porque eles tinham mais luz da Palavra do que os católicos romanos que, justamente por isso, não tinha problemas de consciência com a Inquisição (nessa época, de vento em popa). O arrependimento do catolicismo em relação à Inquisição só viria séculos depois. Enquanto isso, os casos de morte por heresia promovidos pelos protestantes na Europa foram raros, além de terem acontecido apenas entre alguns grupos localizados e durante um período curto de tempo. A pena máxima a hereges foi rapidamente abolida e execrada pelos protestantes.

"Até mesmo os judeus foram convidados pelas cidades-estados reformadas para se abrigarem nelas, fugindo da Inquisição. O puritano Oliver Cromwell, líder do Parlamento inglês por um período, mais tarde tornou a Inglaterra um abrigo seguro para os dissidentes religiosos, e especialmente para os judeus. O mesmo ocorreu nos Países Baixos (atual Holanda). E mesmo hoje, Genebra e Estrasburgo, outrora reformadas, figuram no topo da lista como cidades que se destacam em termos de direitos humanos e relações internacionais", evoca o doutor Augustus Nicodemos.

Moral da História: aprendamos com os erros e acertos dos reformadores.

Seus erros nem devem ser esquecidos nem também devem ser avultados acima da vida deles, na tentativa desonesta de diminuir a importância do que os reformadores fizeram sob a graça e a inspiração divinas.

É preciso sempre sermos honestos em nossas análises sobre os personagens da História, e para isso devemos sempre nos colocar no lugar deles em nossas análises, imaginarmo-nos dentro daquela conjuntura histórica e cultural de sua época, sem o acúmulo de conhecimento que temos hoje.

Nosso contexto cultural e a nossa formação são totalmente outros, Estamos em uma época onde temos uma cultura geral muito mais acumulada do que na época deles, e por isso podemos ver facilmente, independente de sermos cristãos ou não, o quão terrível foram seus erros. Porém, se nos colocarmos no lugar dos reformadores, perceberemos que nós, que os criticamos hoje, se estivéssemos na situação deles, tendo crescido e sido criados naquela geração e naquela cultura, provavelmente teríamos 90% de chances de cometer os mesmos equívocos. Mas, graças a Deus, os erros deles ficaram como exemplos do que não devemos fazer.

Pecado é pecado em qualquer período da História. Erros são erros, mas eles devem ser colocados em seus devidos lugares e entendidos dentro de seus contextos. E mais: erros pontuais nunca devem ser usados com o intuito de invalidar toda a vida e toda a obra de cristãos verdadeiramente sinceros Esses erros devem ser rechaçados, mas não avultados para destruir biografias onde eles nunca foram a tônica.

E uma última reflexão: assim como os erros cometidos no passado por célebres cristãos protestantes lotam quase sempre frutos da influencia do contexto histórico e cultural de suas épocas sobre eles,os emergentes caem no mesmo pecado hoje quando se deixam influenciar pelo contexto histórico e cultural hodierno, e pelos princípios da pós modernidade na formação de sua mentalidade. Aprender com os erros dos reformadores e com o Sola Scriptura nos leva a não cometermos o mesmo erro dos emergentes. Ou seja, nos leva a transcender as influências perniciosas de nossa época, a nos mantermos bíblicos em meio a toda e qualquer fase, onda ou modismo de nossa geração.

Apêndice 2

A questão ambiental: exageros e equilíbrio

Como falamos no primeiro capitulo, o discurso "carregado de tintas" dos ecologistas tem muita verdade em seu cerne, mas, justamente devido aos seus exageros, deve ser equilibrado pelas análises de muitos ecólogos de renome no mundo, que são contrários a esse verdadeiro terrorismo psicológico implementado pelos ambientalistas e suas previsões aterradoras. Nem todas as predições bombásticas dos ecologistas sobre o futuro do planeta devem ser tomadas totalmente como verdadeiras ou precisas. Para exemplificar o que estou dizendo, vejamos o caso mais famoso.

O documentário cinematográfico ***Uma verdade inconveniente (An inconvenient truth,*** EUA, 2006), apresentado pelo ex-vice-presidente dos Estados Unidos, Al Gore, ganhou o Oscar de 2007 na categoria Documentário e fez com que Gore ganhasse o Prêmio Nobel da Paz no mesmo ano pela sua dedicação à causa ambiental. Porém, ele está repleto de equívocos científicos, alguns até grosseiros. Por isso, desde outubro de 2007, a película só poderá ser exibida em escolas britânicas com uma advertência aos alunos quanto aos erros científicos nele contidos. A decisão foi do juiz Michael Burton, da Alta Corte Britânica, que salientou que o filme é cheio de imprecisões científicas e o considerou, portanto, tendencioso e alarmista. Na sentença, emitida no final de 2007, o juiz determinou como obrigatória a advertência ao público de que o filme contem "imprecisões científicas e não representa a única posição sobre o assunto".

Alguns dos erros científicos encontrados no filme e divulgados por vários ecólogos de renome são os de que o aquecimento global poderia, em breve, interromper a Corrente do Golfo, lançando a Europa numa Idade do Gelo, quando as evidências científicas demonstram que isso é impossível de acontecer; que o nível do mar subirá até 20 pés por causa do derretimento do gelo na Antártida e na Groenlândia, quando a Ciência diz que isso só será possível em séculos ou mesmo em milhares de anos; que os ursos polares se afogaram ao tentar nadar longas distâncias em busca do gelo, quando o único estudo científico sobre o assunto informa que apenas quatro ursos foram encontrados afogados e eles morreram por causa de uma tempestade violenta; que a cobertura de gelo da Antártida está em processo de degelo, quando dados recentes provam que ela está aumentando; que a elevação dos níveis do mar forçou a evacuação de algumas ilhas do Pacífico, tendo as populações tomado o rumo da Nova Zelândia,quando isso não aconteceu; e que os níveis do mar poderão aumentar em sete metros nos próximos anos, quando estudos mostram que o aumento dos níveis do mar, nos próximos séculos, não ultrapassará os 40cm.

Sabemos, pela Bíblia, que fenômenos naturais violentos marcarão o final dos tempos (Lc 21.25,26) e também que o cristão deve preservar a Criação de Deus, mas é preciso, como vemos, ter cuidado com muitas das afirmações dos ambientalistas de plantão, pois há muita manipulação de informações com objetivos claramente políticos. Basta lembrar que o paladino Al Gore conclamou o povo americano para conservar a energia reduzindo o consumo elétrico em suas casas, mas foi descoberto que, mesmo depois de proferir sua conclamação,sua mansão em Nashville continuava consumindo por mês mais eletricidade do que o lar médio americano em todo o ano, de acordo com a companhia elétrica Nashville Electric Service. Além disso, os ambientalistas são famosos por proferirem profecias aterradoras que não se cumpriram. Por exemplo: no passado, muitos líderes dos atuais grupos ambientalistas chegaram a predizer que, por causa de problemas climáticos provocados pelo homem, a Inglaterra não existiria mais em 2000. Outros disseram que, em 1985, a população da Terra seria de 1,5 bilhão devido à poluição. Houve ainda quem disse que, devido à contaminação do ar, 200 mil pessoas morreriam em Nova Iorque e Los Angeles em 1973, e que a expectativa de vida do americano seria reduzida para 42 anos em 1980: e que em 1999 só haveria 22,6 milhões de habitantes nos Estados Unidos.portanto , muito cuidado com previsões avassaladoras.

Outro detalhe é o envolvimento doentio que muitos acabam tendo com as causas ecológicas , como se tratasse quase de uma religião. Isso, às vezes, acontece de forma inconsciente. Por isso, repito o que disse no primeiro

capítulo deste livro: devemos, sem dúvida, lutar pela preservação da natureza. Essa é, inclusive, uma inferência bíblica (Ap 11.18). Entretanto, em contraposição a esse senso sadio, o que se vê hoje é a maioria das pessoas que se engajam em causas ecológicas se comportando de uma forma devotada, religiosa (como se estivessem aderindo a uma nova e revolucionária filosofia de vida, a uma "seita ecológica"), e tendo seu modo de vida determinado pelo apelo emocional da pregação ambientalista. Há uma verdadeira ***gla-mourização*** da idéia de ser "verde". Muitas propagandas pró-movimento ecológico exploram a lógica hedonista para atrair mais adeptos e incentivar os que já vestiram a camisa. E mais: cristãos adeptos desse movimento já estão vivendo uma verdadeira relação emocional-religiosa com a natureza, bem no estilo de algumas religiões orientais.

Cristãos devem ter em sua agenda o discurso pró-preservação da natureza. Nada mais lógico. Repito: é bíblico. Porém, não devem fazer desse discurso algo parecido com uma religião nem ser hipnotizados por qualquer discurso apelativo dos ambientalistas de plantão. Em tudo, deve prevalecer o equilíbrio e a coerência.

Apêndice 2

O cristão e o aborto

Um dos assuntos mais evocados nestes últimos anos em nosso país é a descriminalização do aborto. Fala-se até em fazer um plebiscito no Brasil para aprovar ou rechaçar essa hipótese, mantendo apenas o que permite a legislação brasileira: os abortos por causa de estupro e para salvar a vida da
mãe (aborto terapêutico). Mas,o que diz a Palavra de Deus sobre o assunto ? Qual deve ser a posição do cristão, a luz da Bíblia ,em relação ao aborto

O FETO É VIDA, MAS NÃO NO SENTIDO ABORTISTA

A primeira coisa a se observar é que a Bíblia diz a vida foi criada por Deus. Esse ensino é ressaltado tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos (Gn 1.27,28 e At 17.26). Por isso, somente Deus pode tirar a vida.

Em segundo lugar, devemos nos lembrar que o feto já é uma vida, mas não uma vida no mesmo sentido em que uma planta tem vida, como argumentam os abortistas, que não dão importância ao feto como sendo um ser humano. O feto tornar-se-á uma vida consciente em poucas semanas, enquanto a planta ou a árvore, durante toda a sua existência, não tem vida consciente.

É uma falácia dizer que o feto é "parte" do corpo da mãe, e que,

sobre seu corpo. Ora, o feto não é parte do corpo da mãe. É uma pessoa dentro de outra pessoa.

"Na concepção, quando o espermatozóide se une ao óvulo, a molécula de DNA deste desenrola-se e une-se à daquele, formando uma célula inteiramente nova (zigoto). Essa nova célula viva é tão diferente que, depois de se afixar à parede uterina, o corpo da mãe reage, enviando anticorpos para eliminar o intruso não reconhecido. Somente alguns aspectos especiais e inatos do novo organismo o guardam da destruição. Por isso é incorreta a expressão 'meu corpo', empregada pelos defensores do aborto quando falam do embrião ou do feto, em qualquer estágio. O organismo desenvolvido dentro da mãe é, na realidade, um corpo individual, diferente. A partir da concepção, esse corpo distinto produzirá mais células, e todas elas manterão o padrão único dos cromossomos do zigoto original. Está claro, portanto, que o corpo humano tem sua origem no ato da concepção" (Dr. Liley em ***Abortion: questions an danswers***, de J.C.Willke, Hayes Publishing Co., Inc., págs. 51 e 52).

O feto não é uma coisa, nem "apenas uma vida", como um vegetal. Ele é uma pessoa. "A criança não é um ***que***, mas um ***quem***. É ***alguém*** a quem se diz ***tu*** e que dirá, no momento certo, dentro de algum tempo, ***eu***. É um terceiro absolutamente novo, que se soma ao pai e à mãe. E é tão distinto que dois gêmeos univitelinos, biologicamente indiscerníveis e que podemos supor 'idênticos', são absolutamente distintos entre si e a cada um dos demais; são, sem a menor sombra de dúvida, ***eu*** e ***tu***", ressalta o filósofo Julián Marias, falecido cm 2005.

Uma mulher nunca dirá "Meu corpo está grávido", mas sempre "Estou grávida!" Ninguém fala do feto como se fosse um tumor. Ninguém diz "Tenho um feto!" (o que parece com "Tenho um tumor!"). Porém, a lógica dos abortistas vai exatamente em caminho oposto e ilógico.

"Se afirmarmos que o feto não é um ***quem*** porque não tem uma vida ***pessoal***, então teríamos que dizer o mesmo da criança já nascida durante muitos meses, e do homem durante o sono profundo, da anestesia, da arteriosclerose avançada, da extrema senilidade, sem dizer do estado de coma", lembra Julián Marias. Logo, é uma hipocrisia dizer "interrupção da gravidez". A pena de morte seria o quê, então? Interrupção da respiração? A criança não é um objeto ou um tumor, que se pode extirpar como se fosse algo nojento. Os abortistas é que invertem os valores e agem irracional- mente Para eles, o ***quem*** se torna ***que***, as pessoas se tornam (quando lhes é conveniente) "coisas"; e o feto, uma "coisa" dispensável.

A Palavra de Deus valoriza tanto o feto concebido, que define a concepção de um ser humano no ventre da mãe como algo "terrível e maravilhoso" (Sl139.14). Ela declara ainda que Deus escolhe pessoas desde o ventre (Êx Is 49.1; Jr 1.5 e Lc 1.15; 1.31-35). O feto é vida humana para Deus, mesmo que ainda não plena em suas primeiras fases. Por isso, aborto por qualquer outro motivo, que não sejam o natural, o acidental e o terapêutico, é pecado. Até aborto por causa de estupro é pecado. Por meios bons ou maus, voluntários ou involuntários, desejados ou indesejados, seja pelo amor ou pela violência, se uma vida está sendo gerada, fato é que ela deve ser respeitada (a não ser que coloque em risco a vida da mãe). O bebê gerado por causa de um estupro não pediu para nascer. Ele não pode pagar com a vida por um erro que não cometeu. Não se pode culpar o bebê no ventre pelo pecado do pai, um estuprador, fazendo com que o bebê pague por ele com sua vida.

Há testemunhos de mães que foram estupradas e não abortaram seus filhos. Há até um famoso pastor norte-americano que louva constantemente a Deus por sua mãe não ter feito um aborto quando ele foi concebido. Ele era fruto de um estupro, mas sua mãe, que era uma serva de Deus, decidiu levar a gravidez adiante e criar o menino nos caminhos de Deus. Hoje ele é uma bênção, reconhecido cm todos os Estados Unidos e com muitos livros publicados, até mesmo no Brasil.

ABORTOS NATURAL, ACIDENTAL E TERAPÊUTICO

E por que os abortos natural, acidental e terapêutico não são pecados?

Quando a Bíblia ordena "Não matarás", em Êxodo 20.13, não está se referindo ao assassinato involuntário, acidental, mas a algo proposital. O verbo hebraico ***ratsach*** aparece 47 vezes em todo o Velho Testamento, sendo a primeira vez nos Dez Mandamentos (Êx 20.13), e seu significado mais exato é "Não assassinarás" ou "Não cometerás assassinato", subtendendo no original hebraico a necessidade da intenção de matar. O verbo ***ratsach*** refere-se claramente ao homicídio premeditado. Ele ***nunca*** é usado para se referir (1) à pena de morte, isto é, à execução legal de um assassino (Gn 9.6); (2) nem para homicídio culposo (3) e muito menos para defesa própria ou em situações de guerra. Logo, os abortos natural, acidental e terapêutico não são pecados à luz da Bíblia.

Os dois primeiros não são provocados, são involuntários. O aborto natural ocorre por doença ou morte do feto. Já o acidental é resultante

de fatores como susto, queda etc; enfim, acidentes. O aborto terapêutico (também chamado de aborto honroso), por sua vez, também não constitui-
se pecado, porque seu objetivo é salvar a vida da mãe. É quando surge a seguinte situação: ou aborta ou a mãe morre. Ou um ou outro.

Os abortos pecaminosos são todos os demais, que são provocados por razões egoístas ou por razões eugênicas (para evitar nascer um filho com defeito). O aborto provocado ou que não é uma defesa à vida da mãe é um crime perante Deus e uma covardia, pois a vítima não pode defender-se. À luz da Bíblia, o cristão deve ser contra esses tipos de aborto.

Apêndice 4

A autenticidade histórica do Jesus da Bíblia

De vez em quando surgem na mídia secular matérias e documentários tendenciosos e manipuladores tentando provar que Jesus não foi uma personagem da História. O que tais textos e produções fazem é tentar *causar frisson* indo na contramão da maioria esmagadora dos cientistas, que concordam com a historicidade do Filho de Deus.

Apesar de a fé do cristão não estar abalizada em descobertas arqueológicas, é preciso deixar claro que as tentativas de desacreditar o Jesus da Bíblia são pura manipulação dos fatos. Muitas são as provas da autenticidade histórica do Jesus dos Evangelhos, algumas omitidas pelos críticos e outras distorcidas, mas todas formando uma base comprobatória irrefutável.

À primeira vista, para alguém que não conhece o acervo de registros históricos sobre grandes personalidades da História Antiga, talvez pareça pequena a quantidade de informações que temos sobre Jesus. Porém, ao confrontarmos Jesus e o acervo sobre Ele com as inúmeras outras figuras indefinidas da História Antiga e o que ficou registrado sobre elas, veremos que é surpreendente a quantidade de informações que ainda remos sobre Jesus.

Veiamos, portanto, a base científica para a afirmação inquestionável da historicidade de Cristo.

ARQUIVO

FONTES JUDAICAS COMPROVAM JESUS

O historiador judeu Flávio Josefo, que viveu no primeiro século (37 d.C.-98 d.C., tendo participado da guerra dos judeus contra os romanos em 70dC), cita duas vezes Jesus em sua obra ***Antiguidades Judaicas.*** Uma delas é a que se segue: "(O sumo sacerdote) Hanan reúne o Sinedrim em conselho judiciário e faz comparecer perante ele o irmão de Jesus cognominado Cristo (Tiago era o nome dele) com alguns outros" (Flávio Josefo, ***Antiguidades Judaicas,*** XX). Trata-se de uma referência ao apóstolo Tiago, irmão carnal de Jesus, que escreveu a epístola bíblica que leva o seu nome e foi bispo em Jerusalém.

A outra citação é a mais forte de todas: "Foi naquele tempo (por ocasião da sublevação contra Pilatos, que queria servir-se do tesouro do Templo para aduzir a Jerusalém a água de um manancial longínquo), que apareceu Jesus, homem sábio, se é que, falando dele, podemos usar este termo - homem. Pois ele fez coisas maravilhosas e, para os que aceitam a verdade com prazer, foi um mestre. Atraiu a si muitos judeus e também muitos gregos. Foi ele o Messias esperado; e quando Pilatos, por denúncia dos notáveis de nossa nação, o condenou a ser crucificado, os que antes o haviam amado durante a vida persistiram nesse amor, pois Ele lhes apareceu vivo de novo no terceiro dia, tal como haviam predito os divinos profetas, que tinham predito também outras coisas maravilhosas a respeito dele; e a espécie de gente que tira dele o nome de cristãos subsiste ainda em nossos dias" (Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas,* XVIII, III).

Alguns colocam em dúvida esse texto dizendo ser interpolação de um escritor cristão. Alegam que Josefo, na qualidade de judeu, nunca iria se reportar a Jesus dessa maneira. Porém, a maioria dos eruditos de hoje declara que a passagem sobre Jesus em Josefo é fidedigna, exceto duas pequenas interpolações por eles identificadas, que são a referência à veracidade da ressurreição de Jesus e a declaração de que Ele é o Messias. Para chegarem a essa conclusão, os especialistas compararam a versão acima com a em árabe, que, segundo eles, é a que mais se aproxima do original da obra de Josefo.

Diz a versão em árabe: "Por esse tempo apareceu Jesus, um homem sábio, que praticou boas obras e cujas virtudes eram reconhecidas. Muitos judeus e pessoas de outras nações tornaram-se seus discípulos. Pilatos o condenou a ser crucificado e morto. Porém, aqueles que se tornaram seus discípulos pregaram sua doutrina. Eles afirmam que Jesus apareceu a eles três dias após a sua crucificação e que está vivo. ***Talvez ele fosse o Messias***

previsto pelos maravilhosos prognósticos dos profetas". Segundo os estudiosos mais críticos, esse final que grifamos pode ser admitido, sem dúvida, como uma interpolação. Quanto ao trecho que faz referência à ressurreição, muitos deles afirmam que, no caso da versão em árabe, ele pode ser aceito como original, uma vez que nesta versão as palavras de Josefo não aparecem emitindo juízo quanto à veracidade da ressurreição de Cristo. Porém, ainda que fosse também cortado, o que é considerado desnecessário, o que sobra já é uma extraordinária referência ao Filho de Deus.

Os talmudes judaicos são outra fonte histórica sobre Jesus. No Talmude de Jerusalém e no da Babilônia, encontram-se dados que, mesmo procurando contradizer a visão cristã e defendendo o judaísmo (o que só fortalece a autenticidade dessas citações), confirmam a existência histórica de Jesus. A contradição mencionada nos talmudes dizem respeito à acusação dos judeus de Jesus ter usado magia.

O Talmude Babilônico, por exemplo, que data do IV século, alude a *Jeshu há-Nostri* (Jesus de Nazaré), mencionando seus discípulos e até sua morte durante a Páscoa. Na passagem sobre a Páscoa, o Talmude afirma: "Na véspera da Páscoa, eles penduraram Jesus (...) ia ser apedrejado por prática de magia e por enganar Israel e fazê-lo se desviar (...) e eles o penduraram na véspera da Páscoa" *(Talmude Babilônico,* Sanhedrim 43A). Esses relatos da crucificação são corroborados pelos Evangelhos (Ec 22.1 e Jo 19.31).

FONTES PAGÃS COMPROVAM JESUS

Há também muitas citações a Jesus Cristo nas fontes pagãs, a maioria do segundo século.

Na segunda metade do primeiro século, o cristianismo ainda estava começando a repercutir quando surgiu a primeira referência pagã a Jesus que nos é conhecida. Ela é feita por Talo, historiador samaritano, que em 52dC menciona Cristo indiretamente ao tentar dar uma explicação natural para as trevas que ocorreram na crucificação de Jesus. Os escritos originais de Talo não existem mais hoje. Porém, alguns fragmentos deles foram preservados nos escritos de Júlio Africano (220dC). Júlio cita: "O mundo inteiro foi atingido por uma profunda treva; as pedras foram rasgadas por um terremoto, muitos lugares na Judéia e outros distritos foram afetados. Esta escuridão Talo, no terceiro livro de sua *História,* chama, como me parece sem razão, 'um eclipse do Sol".

Ainda no primeiro século, Mara Bar-Serapíão, um sírio escrevendo ao seu filho Serapião sobre a busca da sabedoria, menciona a Jesus em 73dC, referindo-se a Ele como um sábio e "rei dos judeus". Em certo ponto, ele declara: "Que vantagem têm os judeus executaitdo seu sábio rei? O rei sábio não morreu; ele vive nos ensinos que deu".

No segundo século, quando o cristianismo começou a atravessar as fronteiras do Império Romano, os cristãos começaram a chamar mais a atenção dos pagãos. Dessa forma, a primeira e mais clara citação pagã de Jesus conhecida é feita por Plínio, o Jovem, em carta ao imperador Trajano, nos anos 111-113dC. Na carta, uma correspondência de caráter político, Plínio, que era procônsul na Ásia Menor, pede instrução a respeito dos cristãos, que se reuniam de manhã para cantar louvores a Cristo. A missiva trata das torturas que os cristãos são submetidos pelos seus pretensos "crimes". Entre os ditos "crimes" Plínio cita: "...têm como hábito reunir-se em uma dia fixo, antes do nascer do sol, e dirigir palavras a *Cristo* como se este fosse um deus; eles mesmos fazem um juramento, de não cometer qualquer crime, nem cometer roubo ou saque, ou adultério, nem quebrar sua palavra, e nem negar um depósito quando exigido. Após fazerem isto, despedem-se e se encontram novamente para a refeição" (Plínio, Epístola 97).

Nessa carta, Plínio, que relata a expansão da Igreja Primitiva e a adoração dos cristãos "a Cristo como se fosse um deus" *(Christo quase deo)*, em nenhum momento nega ou ironiza a existência histórica de Jesus, mesmo não sendo cristão e odiando os cristãos.

A segunda citação pagã é feita por Cornélio Tácito (55dC-117dC), mais conhecido como Tácito, um dos mais famosos historiadores romanos. Ele foi governador da Ásia em 112dC e genro de Júlio Agrícola, que governou a região da Grã-Bretanha. Ao referir-se à Igreja Primitiva, Tácito cita a crucificação de Cristo como fato histórico, sendo que, ao citar Jesus, o chama de Cresto, em vez de Cristo: "Para destruir o boato (que o acusava do incêndio de Roma), Nero supôs culpados e infligiu tormentos requintados àqueles cujas abominações os faziam detestar, e a quem a multidão chamava cristãos. Este nome lhes vem de Cresto, que, sob o principado de Tibério, o procurador Pôncio Pilatos entregara ao suplício" (Tácito, *Anais*, XV, 44).

Como vemos, o contexto dessa carta de Tácito trata sobre o incêndio criminoso de Roma. Nero mandara incendiar Roma e usou os cristãos como bode expiatório. Mesmo não sendo cristão e antipatizando com o cristianismo, Tácito confirma fatos históricos sobre Cristo.

Suetónio é o terceiro pagão a citar Jesus. Em sua obra *Vida dos Doze Cesares* publicada entre os anos 119-122dC, ele afirma que o imperador

Cláudio "expulsou os judeus de Roma, tornados, sob o impulso de Cristo, uma causa de desordem". E, no tomo *Vida de Nero,* que sucedeu a Cláudio, acrescenta: "Os cristãos, espécie de gente dada a uma superstição nova e perigosa, foram destinados ao suplício" (Suetônio, *Vida dos doze Césares).*

Finalmente, há ainda citações seculares que não temos hoje em mãos, mas que eram bastante conhecidas na época dos Pais da Igreja e por isso são mencionadas por eles. O jurista e teólogo Tertuliano, por exemplo, em sua defesa do cristianismo, cita uma correspondência entre Tibério e Poncio Pilatos sobre Jesus (Tertuliano, *Apologia,* 2). O filósofo cristão Justino, o Mártir, ao escrever ao imperador Antonino Pio, desafiou-o a consultar os arquivos imperiais deixados por Pilatos sobre a morte de Jesus Cristo (Justino, *Apologia,* 1.48). Finalmente, na época de Orígenes, no terceiro século, o filósofo neoplatônico Celso, inimigo do cristianismo, menciona Cristo cm seus escritos.

Estes são os escritos pagãos mais antigos sobre Jesus. Platão, Sócrates e Aristóteles são filósofos gregos que não têm nenhum manuscrito existente hoje que seja tão próximo de suas épocas e que façam referencia a existência deles, mas todos julgam que a historicidade deles é inquestionável. As refe rências a eles têm séculos de distância. Talvez nenhum personagem historico da História Antiga tenha referências tão irrefutáveis quanto Jesus Foque dizer de suas primeiras biografias, os Evangelhos?

A AUTENTICIDADE DOS EVANGELHOS

A fidedignidade dos Evangelhos e outra prova incontestavel da historicidade de Cristo. Antes de Gutenberg inventai a imprensa no século XV, todas as cópias de qualquer obra literária eram feitas a mão, por isso a denominação "manuscritos". O texto do Novo Testamento que temos em mãos hoje é considerado pelos especialistas fidedigno porque os manuscritos neotestamentários existentes em nossos dias são cópias muito antigas, próximas dos manuscritos originais.

Por exemplo, o manuscrito denominado Papiro II de Chesser Beatty (nome do proprietário), contendo quase a totalidade das epístolas do apóstolo Paulo (que mencionam Jesus em abundância) e Hebreus datam do fim do I século, portanto 20 ou 30 anos após a morte de Paulo. É, a título de comparação cronológica, como se tivéssemos em mãos edições de 2005 de obras lançadas em 1975 ou 1985, que falam da vida de Getúlio Vargas!

Há ainda um pedaço de papiro contendo um fragmento do Evangelho de João em grego, proveniente do Egito e conhecido como Papiro de John Rylands. Ele data de 110 a 125dC, de 10 a 35 anos após a morte do apóstolo João, discípulo de Jesus. Outros manuscritos de destaque são os Papiros de Bodmer, contendo quase todo o Evangelho de João datado de 175dC e porções de Lucas 3 a João 15 datadas de 200dC.

Atualmente, há mais de 6 mil cópias de manuscritos gregos do Novo Testamento ou de porções neotestamentárias, indo do primeiro ao nono século. A maioria é do terceiro, quarto e quinto séculos. Isso é impressionante, uma vez que nenhuma outra obra da literatura grega pode ostentar uma abundância tão grande de cópias.

"A *Ilíada* de Homero, a maior de todas as obras clássicas gregas, é subsistente em cerca de 650 manuscritos; e as tragédias de Eurípides existem em aproximadamente 330 manuscritos. O número de cópias de todas as outras obras da literatura grega é bem menor. Além disso, deve-se acrescentar que o espaço de tempo entre a composição original e o manuscrito subsistente mais próximo é muito menor para o Novo Testamento do que para qualquer obra da literatura grega. O lapso de tempo para a maioria das obras clássicas gregas fica entre oitocentos e mil anos, enquanto que o intervalo para muitos dos livros do Novo Testamento é de cerca de 100 anos", frisa o teólogo norte-americano Philip Wesley Comfort (*A Origem da Bíblia*, CPAD, pg. 255).

DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS: CIRÊNIO, HERODES, CAIFÁS E PILATOS.

Além da autenticidade do texto bíblico, muitas são as descobertas arqueológicas que confirmam a historicidade da narrativa dos Evangelhos sobre a vida de Jesus. Vejamos algumas.

O Evangelho de Lucas fala sobre o nascimento de Cristo mencionando um censo decretado por Cirênio, governador da Síria (Lc 2.2). Já faz alguns anos, arqueólogos descobriram um Cirênio com seu nome gravado em uma moeda que o coloca como procônsul da Síria e Cilicia de 1 laC a4aC, época do nascimento de Cristo conforme destaca o arqueólogo John McRay, em sua obra *Archaeology and the New Testament* (Grand Rapids, Baker Book House, 1991, págs. 154 e 385).

Alem disso, o arqueólogo Randall Price lembra que "o censo de Cirenio, tambem mencionado por Lucas em Atos 5.37, tem numerosos

paralelos em formulários de censo de papiro que datam do I século a.C. ao I século dC" *(Pedras que Clamam,* CPAD, pág. 259). Price cita como exemplos o Papiro Oxirrinco 255 (48dC) e o Papiro 904 do Museu Britânico (104dC), que ordenam o retorno compulsório de pessoas ao local em que nasceram para levantamento de censo, da mesma forma como em Lucas 2.3-5.

Herodes é citado como rei da Judeia na época do nascimento de Cristo (Mt 2). Hoje, sabe-se que Herodes, o Grande, reinou na Judéia de 37aC a 4dC. As ruínas de um dos seus palácios, o chamado Heródium, estão sendo escavadas desde 1973 pelo arqueólogo judeu Ehud Netzer, e comprovam o perfil do infame rei. Netzer, inclusive, é famoso por ter encontrado em 1996, em Massada, o nome e título do rei Herodes em um rótulo de vinho datado de 73dC. "A inscrição em latim tem três linhas, forma padrão encontrada em tais inscrições. A primeira linha é uma data e indica o ano em que o vinho foi feito. A segunda linha dá o lugar e o tipo específico do vinho, e na última linha temos o nome 'Herodes, Rei da Judéia ", contou Netzer em entrevista publicada na revista israelense *Eretz,* edição de setembro/outubro de 1996.

Outro personagem da narrativa da vida de Cristo cuja existência foi comprovada é o sumo sacerdote Caifás que, hoje se sabe, foi líder do Sinédrio de 18dC a 36dC. Foi ele que presidiu o julgamento de Jesus e é várias vezes citado (Jo 11.49-53; 18.14 e Mt 26.57-68). Foi no pátio de casa de Caifás que Pedro traiu Jesus (Mt 26.69-75). Essa casa foi encontrada por acidente em novembro de 1990, quando trabalhadores estavam construindo um parque aquático na Floresta da Paz em Jerusalém, ao sul do elevado onde os judeus afirmam ser o monte do Templo.

Crê-se que o local encontrado é a casa de Caifás, porque ali foram encontrados 12 ossuários de calcário e, entre eles, simplesmente o ossuário contendo os restos mortais do sumo sacerdote. Randall Price relata a descoberta: "Um dos ossuários era requintadamente ornamentado e decorado com rosáceas detalhadas. Obviamente pertencera a um patrono rico ou de alta posição que poderia dar-se ao luxo de possuir tal caixa. Na caixa havia uma inscrição. Lê-se em dois lugares *Qafa* e *Yehosef bar Qayafa,* que significa 'Caifás' e 'José, filho de Caifás'. O Novo Testamento refere-se a ele apenas como Caifás, mas Josefo apresenta o nome completo: 'José, que era chamado Caifás, o sumo sacerdote'. Dentro havia os ossos de seis pessoas diferentes, inclusive de um homem de 60 anos, provavelmente Caifás" *(Pedras que Clamam,* CPAD, pág. 267).

Finalmente, outro personagem contemporâneo de Jesus cuja historicidade foi comprovada é Pilatos (Jo 18.36-37 e 19.12-15,21-22). Sabe-se hoje que a residência oficial de Pilatos era em Cesaréia Marítima, cidade litorânea do Mediterrâneo. Em 1961, quando o governo italiano patrocinava escavações no teatro romano de Cesaréia, foi descoberta uma placa de pedra de 60cm por 91cm trazendo o nome de Pilatos. Hoje conhecida como Inscrição de Pilatos, a laje é, segundo especialistas, um autêntico monumento do I século que havia sido remodelado no IV século para a construção do teatro romano. De acordo com eles, trata-se de um monumento para dedicação de Pilatos a um Tibérium — um templo para adoração ao imperador romano Tibério César, que governou durante o mandato de Pilatos na Judéia.

A Inscrição de Pilatos está em quatro linhas, é escrita em latim e apresenta o título "Pôncio Pilatos, governador da Judéia", exatamente o mesmo título encontrado em Lucas 3.1. "Esse foi o primeiro acha do arqueológico que menciona Pilatos e mais uma vez testemunha a precisão dos escritores bíblicos. Esse entendimento de tais mandatos oficiais indica que os autores viveram durante a vigência do seu uso e não um século ou dois depois, quando tais mandatos teriam sido esquecidos", destaca Randall Price.

O DOCUMENTO DE OXFORD E O 7Q5: DEUS FALA AOS CÉTICOS

Novas descobertas de manuscritos do Novo Testamento fortalecem ainda mais a fidedignidade dos quatro Evangelhos, que narram o nascimento, a vida, a morte, a ressurreição e a ascensão de Cristo. São eles o Documento de Oxford e o Documento 7Q5-

O primeiro documento trata-se de fragmentos de papiro que hoje pertencem ao Magdalen College (Faculdade Madalena), da Universidade de Oxford, na Inglaterra. São, ao todo, três fragmentos. O maior deles mede 4 tem por 1,3cm. O texto traz trechos do capítulo 26 do Evangelho de Mateus e está registrado na frente e no verso dos três fragmentos. Mesmo sendo pequenos, os fragmentos trazem conteúdo suficiente para não deixar duvidas de que trata-se da passagem de Jesus na casa de Simão, o leproso, em Betania (Mt 26.6-13), e da traição de Judas (Mt 26.14-16).

O motivo da descoberta foi feito pelo jornal britânico *The Times*, cm

sua primeira página, na edição de 24 de dezembro de 1994: "Um papiro que acredita-se seja o mais antigo fragmento existente do Novo Testamento foi encontrado na biblioteca de Oxford. Ele fornece a primeira prova material de que o Evangelho segundo Mateus é um relato de testemunha ocular, escrito por contemporâneos de Cristo". A reportagem apoiava-se no trabalho de um respeitado estudioso alemão, o paleógrafo e papirólogo Carsten Peter Thiede, de 57 anos, que é diretor do Instituto de Pesquisa Epistemológica de Padeborn, Alemanha.

A revista *Terra Santa*, de Jerusalém, também publicou um artigo sobre a descoberta, intitulado *Mateus, testemunha ocular* (edição de setembro-outubro de 1996). O título é homônimo de um livro de Thiede. Em seu livro, ele afirma que suas pesquisas apontam para a dataçao dos fragmentos do Evangelho de Mateus como sendo antes dos anos 60dC. provavelmente 50dC. Isto é, menos de 30 anos depois da morte de Jesus, quando suas testemunhas oculares ainda estavam vivas.

O papiro estava na Biblioteca do Magdalen College desde o inicio dos anos 50, e havia recebido em 1953 uma datação errada, situando o no fim do segundo século dC. Por isso, não despertava atenção. Porem os novos estudos de Thiede mostraram que o papiro era de 50d<

Observando-os melhor, o especialista constatou que eles possuíam uma escrita que não era de uma data tardia (início do segundo século, como se presumia anteriormente), mas deveriam ter sido escritos no ano 50 dC. Como trata-se de uma cópia do Evangelho de Mateus, isso significa que o original de Mateus era anterior a essa data, portanto escrito enquanto as testemunhas oculares de Jesus ainda eram vivas (pouco mais de dez anos depois de sua ressurreição). E como a cópia em mãos era muito antiga, as testemunhas ainda estariam vivas quando esta começou a circular, podendo questionar o seu conteúdo caso estivesse equivocado.

Depois disso e com base em pesquisas semelhantes, outros erros em datações de papiros do Novo Testamento lotam encontrados. Estes passaram a receber novas datas. O papiro chamado P46, por exemplo, antes datado de 200dC, já é admitido como sendo de 85dC... O papiro P66, de 200dC, sabe-se hoje que é de 125dC. O P32, antes lido como de 200dC, é, na verdade, de 175dC. O P45, antes visto como do terceiro século, é de 150dC. O P77, tido como do final do segundo século ou início do terceiro, é de 150dC. O P87, identificado antes como sendo do terceiro século, é na verdade de 125dC. O P87, antes do 3º século, é dc 125dC. O P90, apontado como do final do segundo século, é de 150 dC.

O outro documento importantíssimo também foi notícia em meados dos anos 90. E o documento 7Q5. Por que esse nome? Porque ele foi o quinto fragmento encontrado na caverna 7 do sítio arqueológico de Qumran, onde foram descobertos os Manuscritos do Mar Morto. Há 50 anos, ele foi datado por paleografia como sendo de 50dC.

A descoberta desse manuscrito como sendo do Novo Testamento foi feita por acaso, por um estudioso católico romano, o jesuíta espanhol José O'Callaghan, da Universidade de Barcelona.

Em 1955, foi descoberta uma gruta em Qumran com características especiais: a caverna 7. Todas as grutas até então encontradas continham material escrito em hebraico e/ou aramaico. Porém, a gruta 7 continha fragmentos e jarros com escrita em grego. No momento dessa descoberta, não se percebeu o seu valor. Na época, o especialista C. H. Roberts, sem saber que um desses fragmentos era um trecho do Evangelho de Marcos, datou alguns desses fragmentos como sendo muito antigos do ano 50dC. Entre eles, o fragmento 7Q5.

Nos anos 90, o jesuíta O'Callaghan estava tentando descobrir o livro do Antigo Testamento ou da literatura judaica ao qual o fragmento pertencia, mas não conseguia identificar nenhuma parte dessa literatura. Foi então que, só por curiosidade, verificou se havia aquela sequência de letras no Novo Testamento e, para sua surpresa, descobriu que o fragmento era exata e literalmente o texto de Marcos 6.52-53. O detalhe é que o que está escrito no versículo 52 parece Deus falando aos céticos de hoje, denunciando a razão pela qual tentam desacreditar a legitimidade dos Evangelhos - a descrença nos milagres neles relatados: "Pois não tinham compreendido o milagre dos pães; antes o seu coração estava endurecido" (Mc 6.52).

Impressionado com a descoberta, ele a contou ao especialista Ignace de la Potterie, que o aconselhou a fazer restes no computador para que não houvessem dúvidas quanto à identificação. Foi então que, usando o programa *Ibycus*, que traz em sua memória toda a literatura greco-romana conhecida cm todos os textos já descobertos da Antiguidade, descobriu que a única identificação que o programa acusava era a passagem do Evangelho de Marcos. Essa passagem não era nem citada em outra obra grega conhecida. Não havia dúvida quanto a identificação: era um fragmento de Marcos 6 datado de 50dC.

Detalhe: alguns estudiosos mais céticos questionam a datação dos três Fragmentos de Oxford feita por Thiede, preferindo o critério anterior, feito precipitadamente e desprezando algumas nuances importantíssimas do

texto dos fragmentos. Mas a datação do documento 7Q5 é considerada inquestionável mesmo para os mais céticos, o que os deixou absolutamente desarmados.

Com essa descoberta, está provado que o Evangelho de Marcos, do qual o documento 7Q5 é apenas uma cópia, foi escrito por volta do ano 40dC, apenas dez anos depois da ressurreição de Jesus.

BETESDA, CAFARNAUM E BETSAIDA

Com o passar dos séculos, muitos lugares e cidades citadas na Bíblia durante o ministério de Jesus foram descobertos, comprovando mais uma vez a autenticidade do relato bíblico. Um desses lugares foi o Tanque de Betesda, lugar do milagre da cura de um paralítico por Jesus (Jo 5.1-15). Ele foi encontrado cm 1903 na Jerusalém Oriental por Fathers White, e é datado do III século aC, o que comprova o relato bíblico de que o tanque já era um tradicional e lendário local de ritual de cura na época de Jesus.

Outro lugar descoberto foi a Sinagoga de Cafarnaum ,antiga cidade natal do profeta Naum *(Cafar* significa aldeia) a lugar onde Jesus. desenvolveu boa parte de seu ministério. Ao lado do mar da Galiléia, onde se encontrava a cidade, foi encontrada em 1983 uma sinagoga do primeiro século, com paredes de basalto preto. A descoberta foi divulgada pela conceituada revista *Biblical Archaeology Review,* edição de novembro /dezembro de 1983. Foi nes-sa sinagoga que Jesus operou muitos milagres (Mt 8.5-13 e Lc 7.1-10).

Em Cafarnaum também foi encontrada uma casa datada do primeiro século. O detalhe é que suas paredes são tão estreitas que não aguentariam um telhado de alvenaria. Descobriu se, em seguida, que os telhados das casas da região eram, na época, de ramos de madeira recobertos com terra batida. Tais telhados encaixam-se perfeitamente com a descrição bíblica do telhado de uma casa em Cafarnaum na época de Jesus, uma vez que a passagem bíblica afirma que foi cavado um buraco no teto rapidamente para descer um paralítico até onde Ele estava (Mc 2.4). A descoberta foi publicada também na *BAR,* edição de setembro/outubro de 1993.

Em 1989, perto de Cafarnaum, foi descoberta Betsaida, cidade natal de Pedro, Felipe e André (Jo 1.44 e 12.21). Ali foram encontradas, em escavações do arqueólogo israelense Rami Arav, evidências de uma indústria pesqueira, com muitas âncoras e anzóis, o que está de acordo com a narrativa bíblica. Tais descobertas foram relatadas por Ariv no livro *A City*

by the North Shore of the Sea of Galilee, publicado em inglês pela Thomas Jefferson University Press em 1995.

Mais recentemente, foram encontradas a cidade de Caná da Galiléia (dezembro de 2004) e o Tanque de Siloé (janeiro de 2005), mencionados no Evangelho de João (Jo 2 e 9).

Mais uma vez, as pedras clamam, apontando para a autenticidade histórica de Cristo.

Apêndice 5

Evangelho de Judas: fraude agnóstica de 1,8 mil

Um papiro de 1,7 mil anos de um livro apócrifo, denominado Evangelho de Judas, ganhou destaque e a simpatia da mídia em 2006, apesar de não ter o respaldo nem da Bíblia nem da maioria esmagadora dos especialistas. A tradução e a publicação desse falso evangelho foram alardeados quase que idolatricamente pelos céticos, como uma suposta prova de que judas não teria traído Jesus, mas agido em acordo com Ele. Na verdade, o que está por trás disso é a tentativa vã de desacreditai as Sagradas Escrituras, já que o badalado manuscrito não tem a importância que se alardeia.

COMO SURGIU O MANUSCRITO

O manuscrito escrito em copta e traduzido por uma equipe de pesquisadores de vários países, apoiada pela *National Geographic Society,* foi encontrado em 1978 em uma caverna no deserto do Egito. Desde então, passou por várias mãos, até chegar aos cofres da fundação *Maecenas foi Ancient Art* (Mecenas para Arte Antiga), de Basiléia, Suíça, atual proprietária da obra em sociedade com a *National Geographic.*

O texto foi mantido sob sigilo, até ser totalmente traduzido para o inglês, o francês e o alemão sob a coordenação de Rudolph Kasser, considerado o maior especialista em língua copta do mundo. Seu conteúdo, traduzido e distribuído em 26 páginas, foi anunciado com alarde em Washington em 6 de abril de 2006 pelo *National Geographic* como sendo uma nova versão da morte de Jesus. A maior parte da mídia, cética em relação à Bíblia, em vez de apresentar os fatos como são, carregou a tinta em discursos absolutamente frágeis com o objetivo de criar polêmica.

Só para citar um exemplo, aqui no Brasil, na matéria da edição de 7 de abril de 2006 do jornal *O Globo* sobre o dito evangelho, encontravam- se afirmações para tentar sustentar uma possível veracidade do conteúdo do manuscrito. Uma delas era que o conteúdo do manuscrito tem "o aval intelectual de renomados especialistas em religião", querendo dizer que o dito evangelho deveria ser levado a sério porque grandes nomes o apoiam. No texto, depoimentos de vários especialistas simpáticos ao conteúdo da obra. Porém, o que não foi dito é que a maioria desses grandes nomes é gente ligada à *National Geographic Society,* a quem interessa, e muito, uma alarde em torno do livro.

Além disso, uma outra informação, ainda mais importante, não é dita: a maioria esmagadora dos especialistas reconhece que o conteúdo do "Evangelho de Judas" é uma completa fraude. Porém, em vez de alguns jornalistas citarem isso, entrevistam apenas especialistas preconceituosos em relação à Bíblia e, para representar o lado contrário, padres católicos romanos, o que faz o telespectador ou o leitor entender que o mundo científico aprova unanimemente as informações do Evangelho de Judas e só quem contesta mesmo são a Igreja Católica Romana e cristãos evangélicos.

O manuscrito denominado Evangelho de Judas é genuíno, remonta mesmo há 1,7 mil anos, mas o seu conteúdo não. A peça, o papiro, é verdadeiro, mas o que está escrito nele, como veremos a seguir, é uma fraude elaborada no segundo século e que, de tão deslavada, foi rejeitada rápida e enfaticamente pelos primeiros cristãos.

QUEM ESCREVEU ESSE FALSO EVANGELHO?

O "Evangelho de Judas" foi escrito por volta de 180dC por uma seita denominada gnosticismo. Antes da descoberta do pergaminho em 1978, os especialistas já sabiam de sua existência, porque o bispo Irineu de Lyon

(130-202dC), um dos Pais da Igreja, cita-o em sua obra *Contra as Heresias*, escrita em 180dC. Ou seja, o livro teria mais de 1,8 mil anos.

Nesse ponto, é importante frisar que em algumas matérias apressadas e mal feitas (principalmente pela internet) foi colocado que o Evangelho de Judas era aceito pela Igreja Primitiva porque Irineu o cita. Depois, tiveram que revisar seus textos, devido ao desconhecimento geral sobre o assunto. Irineu, o único que cita a existência do chamado Evangelho de Judas, o faz para rejeitá-lo. Diz Irineu sobre os gnósticos: "Eles produzem uma dessas histórias fictícias, a qual chamam de 'Evangelho de Judas'". O "Evangelho de Judas", portanto, não foi escrito originalmente em copta (que é a língua da cópia encontrada), mas em grego, pois Irineu, até onde se sabe, não lia copta.

O peso dessa declaração de Irineu é muito forte, uma vez que ele aprendeu aos pés de Policarpo, que por sua vez foi discípulo direto do apóstolo João, um dos doze apóstolos de Cristo.

Os gnósticos eram uma corrente filosófica forte nos primeiros séculos da Era Cristã, mas que não tinha o apoio nem do judaísmo nem dm cristianismo. Suas crenças não têm base bíblica, nem no Antigo nem no Novo Testamento to. Essa seita caracterizava-se por misturar os ensinos cristãos com filosofias pagãs e tradições judaicas. Os apóstolos Paulo e João lutaram contia esse movimento. Escrevendo sobre os gnósticos, Paulo afirma: "Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vas sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo e não segundo Cristo", Cl 2.8. O motivo de sua preocupação, afirma ele, era "para que ninguém vos engane com palavras persuasivas".

Os gnósticos são assim chamados porque seu objetivo, segundo afirmavam, era *gnosis*, isto é, o conhecimento. Eles criam na salvação pelo conhecimento. Os gnósticos adotavam conhecimentos místicos com forte influência da Doutrina Pitagórica, do Platonismo, do Culto de Mitras (mitraísmo) e até mesmo de ensinamentos oriundos do Antigo Egito e da Mesopotâmia (Zoroastrismo e Mazdeísmo).

Os gnósticos criam que o conhecimento, que denominavam de *gnosis*, podia ser adquirido por meio de transes, quando "o espírito fica livre para circular pelas diversas esferas, assim como pelos sonhos". Eles criam que o mundo material e o corpo humano luram criados por espíritos inferiores ou até mesmo diabólicos, por isso só a busca por uma sabedoria esotérica ajudaria alguns a libertar-se da "escravidão do corpo". Por isso, os gnósticos criam que Jesus não era Deus leito carne, mas um espírito possuindo um corpo.

Para sustentar seus ensinos e ganhar apoio entre cristãos, os gnósticos escreveram algumas fraudes, como o Evangelho de Maria, sobre Maria Madalena; e o Evangelho de Pedro, todos rejeitados pela Igreja Primitiva. Eles tentavam vender esses livros como escritos do primeiro século, quando, na verdade, eram obras produzidas no segundo, terceiro e quarto séculos. Na época, quase ninguém caiu nessa história. Porém, alguns céticos acham que sabem mais sobre um fato de quase dois mil anos atrás do que alguém que viveu nessa época e vivenciou o fato.

E, como se não bastasse isso, o "Evangelho de Judas" é tão escancaradamente uma farsa que nem chegou a ter uma pequena aceitação entre os cristãos. Além de só ter sido citado por Irineu, e como exemplo de absurdo, ele nem foi citado no Decreto Gelasiano, que é uma espécie de medidor histórico da popularidade de algum livro apócrifo entre os cristãos.

O bispo Gelásio, falecido em 496dC, publicou um texto pelo qual condenava ao menos 60 textos considerados apócrifos pelos cristãos da época. Esse texto passou a ser conhecido como Decreto Gelasiano. O detalhe é que, na lista de Gelásio,não aparece o Evangelho de Judas, o que se constitui um sinal de que a tal obra era tão rejeitada que chegou ao ponto de ser totalmente ignorada. Era tão falso que não conseguiu se tornar popular.

Vejamos algumas evidencias gritantes de fraude gnostica no texto do "Evangelho de Judas".

EVIDÊNCIAS CLARAS

O "Evangelho de Judas" foi escrito, mais especificamente, por membros da seita gnóstica cainita, um movimento religioso pseudocristão que misturava misticismo e filosofia (como bons gnósticos que eram) e influenciou muitos grupos heréticos. Na visão dos cainitas (que defendiam os vilões da Bíblia, como Caim - daí a designação "cainitas"), Judas Iscariotes teria seguido um desígnio divino e não podia fugir de seu destino. A traição faria parte do plano de Deus, era necessária e sem ela não haveria salvação para os homens.

No livro, encontram-se passagens como as que se seguem, consideradas as mais polêmicas:

"Sabendo que Judas estava refletindo sobre algo elevado, Jesus lhe disse:
'Afasta-te dos outros, e eu te contarei os mistérios

do Reino. É possível para ti alcançá-lo, mas sofrerás muito, pois outra pessoa vai tomar teu lugar para que os doze [apóstolos] possam outra vez chegar à completude com seu deus".

"Jesus respondeu, dizendo: 'Tu te tornarás o décimo-terceiro e serás amaldiçoado pelas outras gerações, e virás a governá-las. Nos úl- timos dias, eles hão de amaldiçoar tua ascensão á geração sagrada".

"Mas a todos excederás, porque tu sacrificarás o homem que me veste".

Nas três passagens consideradas mais polêmicas (outras poderiam ser citadas, mas estas já são suficientes) , fica claro que o "Evangelho de Judas", na verdade, é uma fraude escrita pelos gnósticos. Nos três textos, princípios do gnosticismo são apresentados, princípios estes que nunca tiveram apoio em nenhum dos textos bíblicos.

Por exemplo, na primeira passagem, Jesus fala de os discípulos chegarem "à completude com seu deus", uma referência esotérica ao "deus interior" ou "eu superior" que habitaria cada um de nós. Para os gnósticos, o espírito era divino, um mini-deus, enquanto o corpo era maldito. Tal ensino nunca existiu na Bíblia.

Na segunda passagem, o número 13 é visto como maldito e é dito que Judas governará. Judas, como se sabe, se perdeu, suicidando-se. O denominado Evangelho de Judas diz que ele não se suicidou, mas fugiu. Porém, além do testemunho contrário de Irineu, temos os quatro Evangelhos e o depoimento de Lucas, companheiro de viagem do apóstolo Paulo, que escreve em Atos dos Apóstolos que o suicídio de Judas era sabido por todos em Jerusalém, por isso que o campo, comprado com suas 30 moedas de prata pelas quais vendeu Jesus aos seus algozes, era chamado Campo de Sangue pelos judeus (At 1.16-20). Todos sabiam da história. Diz Lucas no primeiro século: "E foi notório a todos que habitam Jerusalém...", At 1.19.

Os mesmos Evangelhos e Atos dizem que Judas traiu Jesus. Não houve nenhum acordo.

Na terceira passagem, o suposto Jesus diz agora: "...tu sacrificarás o homem que me veste" ou "o homem que encarno". Isso é ensino puramente gnóstico. Jesus era Deus feito homem, não um espírito que possuiu um corpo.

CANONE DOS EVANGELHOS

Diferentemente dos evangelhos apócrifos, confeccionados pelos gnósticos no segundo, terceiro e quarto séculos, os quatro Evangelhos - Mateus, Marcos, Lucas e João - foram aceitos pela Igreja Primitiva como fidedignos. Irineu, de quem já falamos (que aprendeu de Policarpo, que por sua vez aprendeu aos pés de um dos quatro evangelistas — João), cita os quatro como os únicos verdadeiros. Eles os chama, em sua obra *Contra as Heresias*, de Evangelho *Tetramorphon*, ou seja, o Evangelho tetramórfico ou quádruplo.

Orígenes (185-254dC), o mais destacado exegeta bíblico da Igreja Primitiva grega, afirmou que Mateus, Marcos, João e Lucas eram os únicos Evangelhos verdadeiros e escritos "pela inspiração do Espírito Santo". Ele ainda acrescenta que estes eram os únicos Evangelhos que, em sua época (o terceiro século), eram aceitos por todos. Irineu afirmara o mesmo no segundo século.

Apêndice 6

Quatro razões porque O Codigo Da Vinci é um grande logro

Em 2006., estreou nos cinemas de todo o mundo o filme *O Código Da Vinci*, estrelado por Tom Hanks e que levou as telas a história do livro homônimo, lançado em 2003 pelo ficionista Dan Brown. A seguir, quatro razões por que tanto o livro quanto a sua versão cinematográfica são um grande logro para lucrar com a ingenuidade das pessoas.

1) O sucesso do livro se deve não à sua qualidade, mas a um forte trabalho de marketing para lucrar com a ignorância e a ingenuidade das pessoas Dan Brown, autor desse livro de ficção que se pretende sério, já é considerado por muitos especialistas um dos mais bem sucedidos farsantes literários da História. Isso porque os milhões de exemplares vendidos de *O Código Da Vinci* não se devem à sua qualidade, mas às falsas informações que tenta vender como verdades no livro.

O Código Da Vinci é uma obra de ficção, mas o problema é que o autor apresenta nela muitas afirmações mentirosas sobre História, Religião e Arte, e ainda afirma que elas são verdadeiras. No começo do livro, ele declara que a história é ficcional, mas as informações nela contidas não. Brown diz que é fruto de pesquisas que fez em bibliotecas. Essa afirmação levou o autor a ser bombardeado por críticas. Na época, alguns chegaram a dizer que os

especialistas estavam levando a sério demais uma mera e fraca obra ficcional. Por isso, o assunto já estava prestes a morrer, quando a editora do livro viu a possibilidade de lucrar com a polêmica.

Quando os editores viram os depoimentos de líderes católicos romanos e evangélicos criticando a pretensão de Brown em tornar verdadeiras informações falsas, começaram a fazer o seguinte marketing sobre o livro: "Por que eles estão tão preocupados com as informações dessa obra? Não seria porque elas são verdadeiras?" Tal atitude despertou a ira dos especialistas e cristãos, e recomeçou o bombardeio ao livro. Como resultado, as vendas de *O Código Da Vinci* começaram a subir, porque, em meio à polêmica, com a exposição do assunto na mídia, a curiosidade das pessoas foi despertada.

Como consequência, em artigos e livros, os especialistas revelaram aos montes os erros crassos contidos no livro, o que demonstrava que (1) ou a declaração de Brown no início do livro era pura maldade para lucrar com a ingenuidade de muitos (2) ou era um equívoco do próprio Brown que, impressionado com conjecturas em livros que leu ao pesquisar assuntos para seu próximo romance, acabou tomando-as ignorantemente como verdades.

Os especialistas e cristãos pediram uma retratação do próprio Brown sobre o assunto. Porém, para surpresa de todos, em entrevistas, ele resolveu mostrar que era mesmo mal intencionado. Em novembro de 2003, no programa *Good Morning America* da Rede de Televisão ABC, surpreendendo a todos, Brown sustentou pela primeira vez que as "revelações" do livro eram "todas verdadeiras". Isso irritou os especialistas, porque com essa declaração ele estava admitindo perante eles que era um farsante e, por outro lado, impressionou os ingênuos, que passaram a embarcar no que dizia o marketing em torno do livro.

A maldade de Dan Brown ficou ainda mais evidente quando foi processado por plagiar as idéias do livro *The Holy Blood and The Holy Grail* para criar *O Código Da Vinci*. A obra plagiada, que não se propunha séria, mas admitida- mente ficcional em todos os sentidos, passou despercebida anos atrás, quando do seu lançamento nos anos 80. Porém, Brown conseguiu notoriedade com as idéias do livro, porque ele e seus editores resolveram apresentá-las como se fossem verdades e apostar na ingenuidade das pessoas.

O amor acabou não sendo condenado por plágio. Não que Brown não tenha copiado as idéias - a justiça reconheceu a inspiração -, mas é que isso não era suficiente para caracterizar um plágio, já que ele apenas aproveitou- as como base para criar uma história totalmente diferente.

Seja como for, o objetivo de Brown é claro — lucrar com a ignorância das pessoas. Não é à toa que o livro faz tanto sucesso entre pseudointelectuais.

2) *O Código Da Vinci* desonra a Jesus e à Bíblia.

Como se não bastassem as falsas informações e a má intenção, o livro e o filme desonram a Cristo e à Bíblia. O Evangelho de Maria Madalena é uma velha conhecida fraude gnóstica (seita dos primeiros séculos da Era Cristã), mas Brown admite o texto como verdadeiro. Ele diz que Jesus era casado com Maria Madalena e tinha filhos. Afirma ainda tresloucadamente que os evangelistas (Mateus, Marcos, Lucas e João) esconderam a história do casamento de Jesus e a importância de Maria Madalena, e por aí vai. Uma ofensa a Jesus e aos Evangelhos.

3) Os críticos são praticamente unânimes em afirmar que não é uma obra de qualidade

Há um consenso entre os críticos: *O Código Da Vinci* é um livro ruim, tão ruim que é embaraçoso. Com a palavra, os críticos.

"De fato, logo no início o autor enumera uma respeitável série de bibliotecas, museus e outras instituições, onde teria efetuado suas pesquisas, para depois, no corpo do livro, afirmar mediocridades e erros históricos que fariam qualquer membro dessas instituições corar de vergonha" Carlos Al- berto Di Franco, jornalista e professor de Ética da Comunicação, em artigo reproduzido no *site* www.presbiteros.com.br).

"O título *O Código Da Vinci* deveria ser uma advertência, evocando a fórmula infame de Robert Ludlum: um artigo definido, tuna palavra comum, e um epíteto exótico posposto. De *A Herança Scarlatti*, através de *C Círculo Matarese* e até *O Engano Prometheus*, Ludlum teceu uma trama de roteiros extravagantes, protagonizados por personagens estereotipados que têm diálogos ridículos. Temo que Dan Brown seja o seu digno sucessor. Este livro é, sem dúvida, o mais imbecil, inexato, mal informado, estereotipado, e enlatado exemplo de *pulp fiction* que já li. Já seria ruim o suficiente que Brown tivesse entrado num frenesi de *New Age*, tentando unir o Graal, Maria Madalena, os Templários, o Priorado de Sion, os Rosa Cruz, os números de Fibonacci e a Era de Aquário. Mas o pior é que ele o faz com muito pouca habilidade" (Peter Millar, em artigo no *The Times*, de Londres, edição de 21 de junho de 2003).

"Na nossa sociedade correta', uma declaração considerada racista, antisemita, contrária às mulheres ou aos homossexuais desqualificará o seu autor por muitos anos - mas o mesmo não ocorre com relação a insultos a Jesus Cristo e àqueles que seguem os seus ensinamentos. Longe disso:

Aumente as desgastadas histórias de conspiração católica romana até chegar à extensão de um livro, e isso poderá torná-lo rico e famoso, como acabou de acontecer com um tal Dan Brown, autor de *O Código Da Vinci*. Estas excêntricas suposições se misturam com a realidade e com pesquisas mal feitas" (Thomas Roeser, em artigo publicado no *Chicago Sun Times* em 27 de setembro de 2003).

"Ele extrai muitos dados de dois trabalhos anteriores de pesquisa amadora: *The Templar Revelation: Secret Guardians of the True Identity of Christ* e *The Holy Blood and The Holy Grail*, uma especulação sobre a descendência de Cristo. Ambos foram desqualificados pela maioria dos especialistas no assunto. Os seus erros crassos só podem deixar de indignar um leitor muito ingênuo" (Célia McGee em artigo publicado na edição de 4 de setembro de 2003 do *New York Daily News).*

"O Código Da Vinci é inexato mesmo quanto aos detalhes" (Frank Wilson, do *Philadelphia Inquirer,* em 28 de agosto de 2003 no *Pittsburgh Post-Gazette*).

"Se você alguma vez considerou a possibilidade de que o Santo Graal procurado pelos cavaleiros do Rei Artur é na verdade o cálice que contém os ossos de Maria Madalena, então *O Código Da Vinci é* o seu livro. Alguém deveria dar a esse homem e aos seus editores uma história básica do Cristianismo e um mapa. É bastante atrevido por parte do autor e de seus editores querer empurrar-nos essa barafunda de estupidez como se fosse fatos reais simplesmente por terem borrifado nomes e detalhes históricos aqui e ali" (Cynthia Grenier, em 22 de setembro de 2003, no *Weekly Standard).*

"Oportunista e pueril" (Jornal *El Mundo* em 2003). "Um insulto à inteligência" (*The New York Times em* 2003). "Uma mixórdia de narrativas imaginosas" (*Weekly Standart* em 2003).

Di Franco, já citado, conclui: "Na página 181, o autor comenta: 'Todo mundo adora uma conspiração'. Em outras palavras: uma conspiração vende fácil, mesmo sendo inverossímil, mesmo sendo caluniosa. Em outra passagem do livro, o editor do 'herói' o adverte: 'Você é historiador de Harvard [o herói do livro], e não um autor de literatura de consumo procurando um lema polêmico para faturar uma graná. Acredito que a frase, invertida, se aplica exatamente ao livro e a seu autor: 'Você é um autor de literatura de consumo procurando um tema polêmico para faturar uma grana, e não um historiador de Harvard'".

(1) O *Código Da Vinci* não instrui, desinforma.

Dan Brown já é chacota entre os eruditos, que o criticam por enganar e

desinformar seus leitores. É comum ouvir e ler comentários de especialistas dizendo: "Se você quiser passar vergonha, aprenda História e Arte com Dan Brown". Não é à toa que a revista *Galileu*, edição de maio, ao comentar o filme, afirma: "A trama do filme é boa. Mas não se iluda: ali, quase nada é história". Vejamos alguns erros grosseiros de Brown.

Ele confundiu a Ordem ou Abadia de Sião, criada na Idade Média e extinta em 1619 por Luís XIII, com o Priorado de Sião, criado em 1956. Um não tem nada a ver com o outro. O escritor ainda afirmou serem verdadeiros os pergaminhos conhecidos como *Os Dossiês Secretos*, identificando Isaac Newton, Sandro Botticelli, Victor Hugo, Robert Boyle, Claude Debussy, Jean Cocteau e Leonardo Da Vinci como grão-mestres do Priorado. O que o livro não diz, e que qualquer pessoa que leu sobre a história ou acompanhou o caso na televisão já sabe há muito tempo, é que tais pergaminhos são uma fraude. Eles foram criados pelo líder do tal Priorado, Pierre Plantard, conhecido na Europa como um famoso mascate fraudulento e anti-semita.

Plantard criou os falsos dossiês e os colocou na Biblioteca Nacional de Paris nos anos 70. Em 1992, ele confessou a farsa à justiça francesa e revelou ainda que criou todas as peças do tal Priorado. Segundo Plantard, seu objetivo era fazer crer que ele era descendente merovíngeo e de Jesus Cristo para que pudesse "assumir o trono da França". Desmascarado, o caso virou documentário - *The History of a Mistery*, levado ao ar pela *Time Watch BBC* em 1996.

Brown cometeu ainda outros erros primários grosseiros, que mostram o quão fraco de conhecimentos históricos ele e. Ele disse, por exemplo, que os Manuscritos do Mar Morto foram encontrados nos anos 50, quando foram descobertos em 1947. Outro detalhe: além de mentir dizendo que vários evangelhos apócrifos foram estudados para compor o Novo Testamento, ele declara que estes foram, ao todo, mais de 80. O detalhe é que todos os livros gnósticos e filosóficos descobertos até hoje são 52, e destes apenas cinco são evangelhos.

Brown fala em seu livro de um "monge" do *Opus Dei*, quando o *Opus Dei* não tem monges. Diz que os Jogos Olímpicos da Antiguidade eram celebrados em honra a Afrodite, quando na verdade eram a Zeus. As catedrais góticas também não têm qualquer simbolismo feminino, como afirma o desvairado escritor. Sandra Miesel, co-autora de *A Fraude do Código Da Vinci*, ironiza Brown: "Que parte da anatomia feminina representam o cruzeiro ou as gárgulas da nave lateral de Chartres?"

Brown diz em seu livro que a votação no Concílio de Nicéia, em 325dC, sobre a divindade de Jesus, teve resultado apertado. Do concílio de que planeta Brown está falando? Todos que já leram sobre História da Igreja sabem que o resultado do Concílio foi 300 votos a favor da divindade de Cristo, 2 votos a favor da divindade parcial de Cristo, posição defendida por Ario, e 16 abstenções.

Brown diz ainda que "no Renascimento, ciência era sinônimo de heresia", o que não é verdade. O desinformado autor declara que Godofredo de Buillon, um dos líderes da Primeira Cruzada, era "um rei da França", o que constitui um erro histórico grosseiro. Viajando ainda mais em seu delírio, ele afirma que as Cruzadas objetivavam destruir documentos secretos escondidos no Oriente, "comprovando que o Santo Graal é na verdade Maria Madalena, casada com Jesus, e fundadora do autêntico cristianismo", idéia que nem o mais criativo e imaginativo cruzado da época poderia inventar.

Em sua alucinação, Brown diz que, na Idade Média, a Igreja Católica Romana matou "na fogueira a quantidade impressionante de 5 milhões de mulheres" por bruxaria. Segundo os historiadores, na Idade Média, foram mortos pelos romanistas entre 30 a 50 mil pessoas acusadas de bruxaria, sendo 25% homens. Ou seja, 22 mil ou, na pior das hipóteses, 40 mil mulheres. Onde Brown achou cinco milhões?

Brown afirma em sua obra que o quadro *A Madona das Rochas* ou *A Virgem dos Rochedos* tem 1,5m de altura e foi feito por Leonardo da Vinci a pedido das freiras da Confraria da Imaculada Conceição. O problema é que o quadro mede 1,99m e a tal confraria não tinha freiras, só padres, que encomendaram a obra. Ele ainda confunde João Batista com Jesus no quadro e, vendo o invisível, interpreta as imagens erradamente, forçando uma interpretação que faz rir de tão tola. Diz ainda que a Mona Lisa é andrógina e seu nome deriva dos deuses egípcios Amon e Isis, quando ela é, segundo a maioria esmagadora dos especialistas, a figura de Lisa Gherardim, chamada de Mona Lisa por ser Mona a contração de Madona *(mia donna).*

Como se não bastasse, da Vinci não era o sobrenome de Leonardo, como Brown coloca, mas uma referência à cidade do artista. Mas o que é isso diante das afirmações dele de que a *A Ultima Ceia é* um "afresco", quando é uma pintura de óleo e têmpera sobre gesso; e de que o discípulo João, representado na pintura, é na verdade Maria Madalena vestida de homem? Completando seu arroubo sandeu, ele diz que a

língua inglesa é a única língua pura, pois não tem raízes latinas - "a língua do Vaticano" e por isso está "lingüisticamente afastada da máquina de propaganda de Roma"; e declara que o casamento de Jesus com Maria Madalena é "um tema mais que explorado pelos historiadores modernos". Nenhum historiador já afirmou isso.

Mesmo o teólogo liberal Bart D. Eherman, presidente do Departamento de Estudos Religiosos da Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill, escritor e participante frequente dos programas do *History Channel*, da CNN, e de muitas estações de rádio e de televisão nos EUA, teceu os seguintes comentários sobre alguns dos muitos erros do livro:

"É falso que a vida de Jesus tenha sido 'registada por milhares de seguidores em todo o mundo'. Ele não tinha sequer milhares de seguidores e muito menos letrados. Não é verdade que 80 evangelhos 'foram apreciados para o Novo Testamento'. Isso faz parecer que houve um concurso, enviado por correio".

"Não é, de modo algum, verdade que Jesus não fosse considerado divino até ao Concílio de Nicéia e que antes disso fosse apenas considerado um 'profeta mortal'. A maior parte dos cristãos no princípio do 4° século dC reconhecia-o como divino. Alguns achavam que era tão divino que nem sequer era humano!"

"Constantino não encomendou uma 'nova Bíblia' que omitisse as referências às características humanas de Jesus. Para começar, não encomendou absolutamente nenhuma Bíblia. Por outro lado, os livros que foram incluídos estão repletos de referências às suas características humanas. Ele tem fome, cansa-se, irrita-se, aborrece se, sangra, morre

etc .

"Os documentos de Nag Hammadi não comam a história do Graal, nem destacam as características humanas de Jesus. Bem pelo contrário".

"O 'decoro social da época' não proibia de modo algum 'um judeu adulto de não ser casado'. Na verdade, a maior parte da comunidade que está por detrás dos Manuscritos do Mar Morto era de homens celibatários".

"Os Manuscritos do Mar Morto não estavam entre 'os primeiros registros cristãos'. Eram judeus e não continham nada de cristão ".

"Não temos qualquer idéia da linhagem de Maria Madalena. Não há nada que a ligue à 'Casa de Benjamin'. E ainda que estivesse ligada

a ela, isso não a tornava descendente de Davi. Maria Madalena estava grávida na crucificação? Essa é boa!"

"O documento Q não é um documento que se salvou e que está escondido pelo Vaticano, nem é um livro alegadamente escrito pelo próprio Jesus. Trata-se de um documento hipotético que os estudiosos supuseram ter estado ao alcance de Mateus e de Lucas, que seria sobretudo uma série de pensamentos de Jesus. Os eruditos católicos romanos pensam dele o mesmo que os não católicos. Não há nada de secreto
quanto a isso".

Dá para levar a sério uma obra dessas?

A Igreja no Ocidente tem sofrido intensos ataques internos e externos. Do lado de fora, as investidas do fundamentalismo liberal, que impõe a ditadura do politicamente correto e tenta amordaçar a liberdade de expressão religiosa, transformando as igrejas em meras entidades de ação social mortas espiritualmente. E do lado de dentro, além dos modismos neopentecostais, surge uma nova onda de liberalismo teológico, mas muito mais sutil que as anteriores, e que tem seduzido principalmente cristãos frustrados com o cristianismo organizado.

Esse liberalismo vem travestido sob o manto de uma espiritualidade supostamente "mais sensível, honesta e generosa"; propõe que uma espiritualidade sadia só se desenvolverá melhor à margem de tudo que diz respeito ao cristianismo organizado; e defende uma teologia de "metamorfose ambulante", com reformulações teológicas constantes.

Neste livro, você vai perceber como os princípios da pós-modernidade estão invadindo as igrejas e afetando negativamente a Teologia. E crescente a popularização, para além das salas de aula dos seminários, de neologismos como Teologia Narrativa, Teologia Quântica, Teísmo Aberto (ou Teologia Relacional), Ortodoxia Generosa e, para outros gostos, do chamado evangelho da auto-ajuda. Talvez você já tenha até sido abordado ou entrado em contato com algum desses ensinos, mas nem sabia do que se tratavam. Por isso, urge trazer à tona o perigo desses pressupostos para a saúde teológica e espiritual, e também despertar a igreja para a necessidade de uma fé engajada e sob o poder do Espírito para vencer os desafios do nosso tempo.



Silas Daniel é pastor, jornalista, conferencista e articulista; editor do jornal *Mensageiro da Paz*, órgão oficial das Assembléias de Deus no Brasil; comentarista das revistas Adolescentes e Juvenis de Escola Dominical da CPAD; e autor dos livros *Reflexões sobre a alma e o tempo*, *Habacuque – a vitória da fé em meio ao caos*, *Como vencer a frustração espiritual* e *História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*. Conheça o blog do autor:
silasdaniel.blogspot.com

ISBN 852630894-7
9 788526 308947